

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**

**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**RACHEL DE ALMEIDA VIANA**

**ANTROPOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E FAVELAS: A ATUAÇÃO DE  
ANTHONY LEEDS NA DÉCADA DE 1960.**

Rio de Janeiro

2014

**RACHEL DE ALMEIDA VIANA**

**ANTROPOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E FAVELAS: A ATUAÇÃO DE  
ANTHONY LEEDS NA DÉCADA DE 1960.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nísia Trindade Lima

Rio de Janeiro

2014

**RACHEL DE ALMEIDA VIANA**

**ANTROPOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E FAVELAS: A ATUAÇÃO DE  
ANTHONY LEEDS NA DÉCADA DE 1960.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nísia Trindade Lima (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz) – Orientador.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lícia do Prado Valladares (Universidade de Lille)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Maria Fernandes (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

**SUPLENTES:**

---

Dr. Marcos Chor Maio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

---

Dr. João Marcelo Ehlert Maia (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas)

Rio de Janeiro

2014

### Ficha Catalográfica

A447a Viana, Rachel de Almeida  
Antropologia, desenvolvimento e favelas: a atuação de Anthony  
Leeds na década de 1960 / Rachel de Almeida Viana. – Rio de  
Janeiro: s.n., 2014.  
210 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –  
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.  
Bibliografia: f. 185-192

1. Antropologia. 2. Favelas. 3. Guerra Fria. 4. Leeds, Anthony,  
1925-1989.

CDD 301

Para Edvand de Almeida Viana (Cacá), meu irmão,

cuja sensibilidade,

tão leve e fluida,

e cuja inventividade e imaginação,

tão fértil e intensa,

nesse mundo tão ferozmente cão,

não poderia jamais se enquadrar...

Esse mundo era previsível, inquisidor e homogêneo demais pra ele.

Para meu grãozinho de vida, que me deu à luz e a luz.

Nem mil dissertações me trariam tudo o que essa breve vida me trouxe.

## AGRADECIMENTOS E OTRAS MILONGAS MÁS.

Eu estava durinha da silva... pobre de marré de si. Até que um dia, Dani Crise encaminhou meu currículo pra Ana Luce (in the Sky with Diamonds) e fui selecionada para o projeto que organizou o Fundo Anthony Leeds na COC. Foi aí que tudo começou. Danielle e Ana me acompanharam de perto durante todo o percurso e me fortaleceram em todos os sentidos. Por essas e outras milongas, pra elas vão o meu primeiro muito obrigadíssima.

Nesse período de contato intenso com os papéis de Leeds, contei com o apoio de toda a equipe do Departamento de Arquivo e Documentação, dos profissionais da limpeza até a chefia. A todos agradeço.

Agradeço à Fundação Oswaldo Cruz que me concedeu bolsa durante dois intensos anos. Sem isto, talvez não fosse possível ter facilidade de acesso a todos os livros, artigos, xeroxes, entre outros gastos que um mestrado requer. Agradeço também à toda as equipes da Casa de Oswaldo Cruz e do Programa de Pós-graduação. Alguns me aturaram mais de perto: Nelsim, Paulo, Cláudia, Cleber e Tatiana. Ao pessoal da biblioteca da COC, que me salvou na hora derradeira, meu muitíssimo obrigada.

Todo esse período foi uma peregrinação atrás de boas bibliotecas. Exceto o capítulo 2, o primeiro a ser escrito, toda a dissertação teve de ser feita fora de casa, que estava inabitável. Por isso, devo agradecer a todos os profissionais das seguintes bibliotecas onde escrevi: UERJ – quinto e oitavo andares, Biblioteca Parque Estadual e, principalmente, a biblioteca do Instituto de Humanidades da Cândido Mendes. Nesta última, tive o prazer de dar “Bom Dia” quase diariamente ao Seu Zé, Matilde e Eliane, sempre muito solícitos e companheiros. A eles agradeço imensamente.

Agradeço à Nísia Trindade Lima que acompanhou esse trabalho desde o tempo da identificação preliminar do Fundo Anthony Leeds. Sem sua orientação e sem as inspiradoras reuniões, talvez estas páginas não tivessem saído. Falo isso por vários motivos. Mas na hora que o mundo caiu, Nísia foi extremamente compreensiva e inspiradora, me confortou e me deu esperança de dias melhores. Talvez você não saiba, mas foi muito importante a sua força no momento mais difícil. Muito obrigada por tudo.

À Lícia do Prado Valladares e Tânia Fernandes, agradeço a avaliação atenta e valiosa na banca de qualificação e na defesa. Agradeço também à Elizabeth Leeds pela atenção e solicitude.

Sou e serei sempre grata a todos meus professores, desde o jardim de infância até o mestrado, por todos os dias de minha existência. Nesta etapa, agradeço a Magali, Nara, Luiz Otávio, Luiz Antônio, Estelita Lins, Flávio Edler, Marcos Cueto e Robert, meus professores na COC, com quem pude, para usar as palavras de Robert, “pensar junto” durante dois semestres. Devo incluir também Marcos Maio, Gilberto Hochman e,

principalmente, Simone Kropf. Simone, obrigada pela solidariedade num dos momentos mais difíceis que passei.

Thank you so much to the National Anthropological Archives staff, to the archivist Adam Minackowski, to Mrs. Tolson of the NAA security staff, to the cooks of the NAA coffee and the shuttle's driver who took me to NAA every day. Unfortunately, I did not know his name. Because of his hard work, he could not talk with anyone during the trip. But I say thank you to him anyway and to all the black people in the US. My best thanks to my friend from Washington, Rudolph Bell, the Capitol Tea manager. After working, I could appreciate a delicious tea, the Celia Cruz songs and all the fat singers music in this tea store with his precious company.

O grupo de estudos muito me ajudou em vários momentos. A leitura, o debate e a reflexão coletiva com Tamara, Carol, Dênis, Pablo, Goshai, Larissa, Nemu e Antônio foram também muito inspiradoras. Espero que possamos continuar os trabalhos. Precisamos disso e das deliciosas cocadas da mãe do Nemu também. Muito obrigada, gente!

Agradeço imensamente a minha turma de mestrado e a turma do doutorado de 2012, com quem compartilhei a dor e a delícia de ser mestranda. Espero vê-los sempre, seja nos eventos científicos, seja nos etílicos... Cachaça forever, beibe! Palmirete, Daniele, Luciano, Érika e Dênis: sobrevivi, apesar de tudo!!

Aos meus amigos-amores de sempre, sou e serei eternamente grata: Niki, PI (3,14), Janis, Regininha, Julia, Alessandra Nicodemus, Alex Côrtes, Pequeno, Volverine e Marcelóki, Hugo e Isa, Guto, Calado (in memoriam), Patrícia Solar, Ciça Atrasadinha, Alessandrinha, Fabrício (Jece Valadão), Lèna Josse (minha filha grande), Marcinho e Carol Verani, Alex Figueiredo, Tita, Ale, Elisete, Renatinha, Gonzalito, Ana Luisa, Samanthinha, Lídierança, Lourdinha Granada, Bruno Norbert, Marcelo e Bia, Lucimar, Marli, Rebeca, Fabíola, enfim, meus eternos amores... Devo a vocês a minha rabada... e meu bobó de camarão. Quando a gente fizer a revolução, não vai ter arrego!! Rabada forever, beibe!

Aproveito e incluo aqui o coletivo anarco-terrorista "Sobradão 125", que me acolheu. Reginaldo, Kimridão, Ana e Bia do Ninguém, Madame Gargi, Madrugada, Feijão e Seu Rodrigues: obrigada! Devo a vocês mais uma remessa da marvada, já que contribuí bastante pra secar as que já tinham aí. Providenciem os limões e hasta la revolución!

Celina Guimarães, minha analista, muito obrigada! Deve ter sido difícil pra você também, né?

Alexandre e família Przewodovski: serei sempre grata a vocês. JC, meu véi, tamo junto! Agora vou poder te dar aquela surra na sinuca. Me aguarde!!

Ao Grupo de Capoeira Angola N'Golo, seus digníssimos filhas, filhos, companheiras e companheiros, valeu pela força! Agora, sim, poderei voltar a treinar. E mais esperta, depois das rasteiras e chapas tomadas nas rodas da vida. Mestre e Mere, muito obrigada, sempre! Acendam a brasa do N'Golo Grill, que eu tô chegando com as abobrinhas e aquela Decisão que a gente gosta de tomar! Iê!!

Aos meus alunos, aos que ainda são e aos que souberam deixar de ser. Muito obrigada mesmo. Vocês foram e serão sempre muito importantes nessa caminhada. Perdoem a cara de bruxa da tia, as varinhas, as reclamações das malditas maquininhas, das malditas notas, do maldito Risolinha (e seus Coxinhas) e as faltas que tive nesses longos bimestres. Agora serei toda de vocês novamente. Vitrola forever, beibe!!

Aos bravos companheiros de luta da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro – A nossa luta unificou! Isto é, os professores que não se prostituíram para a meritocracia e as bonificações por aprovação automática que o neoliberalismo e a gentalha direitosa (Risolinha e seus Coxinhas) insistem em nos impor. Isto é, os que fizeram e construíram as greves de 2013 e 2014, e não a pelegada que pensa que o sindicato é desfile de capas. Meus lamentos aos que não fazem greve, mas reclamam todos os dias nas salas de professores dos nossos alunos e das nossas condições de trabalho; meus lamentos aos que insistem em não enxergar o verdadeiro inimigo. Devo também agradecer aos garis pela greve desse ano e aos rodoviários, que mostraram aos seus respectivos sindicatos que é a base, é a categoria quem manda! Agradeço também a todas as categorias que se levantaram diante do maior inimigo desse século: a miséria neoliberal. Aos companheiros da ORC, agradeço o companheirismo. Não tem arrego!!!

Mãe, Pai e Luís Clemens, sou grata a vocês por todos os dias da minha vida. Perdoem a ausência. Agora, sim, poderei chorar no colo de vocês. Cacá, já sentia antes e sentirei sempre a tua falta. Você não tem a menor idéia do buraco que você deixou na minha existência... A você também agradeço, por tudo que me ensinastes enquanto estivemos juntos. À Bibi, irmã que o Luís me deu, agradeço a força. Tivemos perdas, mas a vida segue... Mãe, bota água no feijão e a cervinha pra gelar, que eu tô nascendo de novo. Pai, faz aquela caipirinha que só você sabe fazer, que eu preciso de combustível pra minha vassoura voar de novo. Luís, afina a guitarra, que meu violão tá tinindo pra te acompanhar, te impregnar, te sufocar e te encher o saco, como sempre...

Aline Marinho, Aline Torres e Ellen Vogas, minhas irmãs, e seus filhotes. Sem vocês, talvez eu não tivesse sobrevivido. A vocês serei eternamente grata. Clara, minha afilhotinha, você não sabe o quanto me clareastes a vida. Muito obrigada. Devo a vocês, minhas irmãs, cunhados e sobrinhos, um forró na feira nordestina, regado a marimbondo e sanfona do Zé da Onça e do Rato. À Clarilds, devo uma praia, uma papinha e todo amor do mundo. À Aline Marinho, devo outra visita em Sampa. Haveremos de aprontar muito por aí...

Agradeço ao Luis Mario de Brito Jr que fez em mim a maior luz que eu poderia ter ganhado em toda a minha vida. Infelizmente, foram só três meses de libertação, otimismo, energia e força pra viver, sem solidão e sem os pesos do passado. Durante três meses, aconteceu a coisa mais maravilhosa que eu vivi: um coraçãozinho pulsante me ninava pra eu dormir e me paria todos os dias. Nesse curto tempo, aprendi mais do que mil mestrados. Luis, obrigada também pela força, companheirismo e apoio incondicional nos piores dias e nas horas a fio nas bibliotecas acompanhando o meu processo de escrita. Sei que foi difícil pra você também. Muito obrigada mesmo, por tudo, apesar de todos os nossos pesares. Perdoemo-nos nossas rabugices e geleiras. Agora poderemos cantar mais, jogar peteca, aprender a tocar novas músicas, descascar o songbook do Vitor Ramil, dançar forró, ouvir as milongas dos pampas, andar de bicicleta, sonhar com novas viagens, tomar um mate do João Cardoso e prosseguir nas lutas. Minhas mãos ainda esperam o abraço das tuas... Agora só me vem na vitrola interna, que nunca me deixa ouvir os silêncios, a voz de Marengo cantando “Final de Seca”: “são tão parecidas as almas e as plantas”, “a chuva madura traz cheio de terra”, “a seca se acaba e tudo remoça”...

Nunca imaginei que sentiria tanta saudade de um paninho de chão, um X-14, um sabãozinho de côco, uma esponjinha, um bombrilzinho, um tanquezinho cheinho de roupa suja (depois de tanto tanque de guerra...), um fogãozinho, uma vassourinha de piaçava, um lysoformzinho, essas coisinhas delicadas, tão amigas de uma dona de casa... Agora sim, poderei fazer as pazes com minha casa, minhas plantas, meus discos, minha rede, meu violão, meu berimbau e minha cuíca, que também merecem meus agradecimentos. Hasta la faxina, beibe!

## RESUMO

Esta dissertação analisa a atuação do antropólogo Anthony Leeds durante a década de 1960, com ênfase nas pesquisas por ele realizadas em favelas do Rio de Janeiro. Seguindo a metodologia dos círculos concêntricos proposta por Stocking Jr, são abordados o contexto social e político dos EUA entre as décadas de 1940 e 1960, com destaque para as relações entre a antropologia e a Guerra Fria; o debate sobre desenvolvimento econômico nas agências internacionais e na pesquisa em ciências sociais travados nessa época; as discussões acerca das características do trabalho etnográfico que se fazia no período e o contexto histórico, social e político em torno das favelas e da questão habitacional no Rio de Janeiro. A dissertação busca entender as influências teórica e metodológica vindas desde o período da graduação até o doutoramento de Anthony Leeds na Universidade de Columbia, no qual se verifica a importância da perspectiva neoevolucionista, além de outras tradições presentes em sua formação.

Após abordar os trabalhos realizados pelo antropólogo em agências internacionais, bem como sua atuação em instituições de pesquisa e ensino no Brasil, a dissertação enfatiza o caráter dialógico de sua etnografia através da análise das notas de campo registradas pelo antropólogo na favela do Jacarezinho.

## ABSTRACT

This dissertation is about the work of the anthropologist Anthony Leeds during the 1960s. It focuses on his research on squatter settlements (favelas) in Rio de Janeiro. This dissertation contextualizes this man in the social and political contexts of the 1940s and the 1960s, according to the concentric circles methodological propose of Stocking Jr, mentioning USA anthropology and Cold War relations. It also looks at debates about development in social sciences and international agencies' research schedules, the discussion about ethnographic work in this period, the favela's historical social and political contexts and the housing debate in Rio de Janeiro as a whole. It also makes emphasis on his scientific work and pretends to understand his methodological and theoretical influences since his formation in Columbia University that was present in his future working.

In addition to this, this dissertation looks at his working in USA and Brazil international agencies, and his works in Brazil centers of researches and teaching. It also emphasizes the dialogical quality of his ethnography from the point of his notes on Jacarezinho favela.

## LISTA DE SIGLAS

AAA – American Anthropological Association

AAAA – Associação Americana de Antropologia Aplicada

AAAS – American Association for the Advancement of Science

ACB – Ação Comunitária do Brasil

AID – Agency for International Development

APP – Aliança Para o Progresso

BEMDOC – Brasil Estados Unidos Movimento, Desenvolvimento e Organização de Comunidade

BNH – Banco Nacional de Habitação

CAPES – Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBPE – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais

CEDUG – Comissão Executiva para o Desenvolvimento Urbano do Estado da Guanabara

CENPHA – Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais

CHISAM – Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio

CINVA – Centro Interamericano de la Vivienda

CLAPCS – Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COHAB – Companhia de Habitação Popular

CODESCO – Companhia de Desenvolvimento de Comunidade

CPUSA – Communist Party of United States of America

DAD/COC – Departamento de Arquivo e Documentação/Casa de Oswaldo Cruz

DOC – Desenvolvimento e Organização de Comunidade

ELSP – Escola Livre de Sociologia e Política

EUA – Estados Unidos da América

FAFEG – Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara

FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação

FBI – Federal Bureau of Intelligence

FGTS – Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço

FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

FMI – Fundo Monetário Internacional

IAIA – Instituto de Assuntos Inter-Americanos

IAPI – Instituto de Aposentados e Pensionistas da Indústria

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISA – Instituto de Antropologia Social

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

MIT – Massachusetts Institute of Technology

NAA/SI – National Anthropological Archives/Smithsonian Institute

NTM – Bloco Carnavalesco Não Tem Mosquito

OEA/OAS – Organização dos Estados Americanos/Organization of American States

ONU – Organização das Nações Unidas

PAU/UPA – Pan-American Union/União Pan-Americana

PCV – Peace Corps Volunteers

PEI – Política Externa Independente

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SAGMACS – Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas às Ciências Sociais

SCLC – Southern Christian Leadership Conference

SDSS – Students for a Democratic Society

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

USP – Universidade de São Paulo

USAID – United States Agency for International Development

UTF – União dos Trabalhadores Favelados

YPA – Young Progressives of America

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Pg. 1
CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO DO ANTROPÓLOGO E O PRIMEIRO CONTATO COM O BRASIL.....	Pg.25
– O período de formação em Colúmbia – 1947 a 1957.....	Pg. 44
– A tese sobre a Zona do Cacau na cidade de Uruçuca – BA.....	Pg.52
CAPÍTULO 2 – A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE LEEDS NA OEA NOS PRIMEIROS ANOS DA DÉCADA DE 1960.....	Pg.62
– Antropologia e desenvolvimento no contexto da Guerra Fria.....	Pg.63
– Leeds na OEA.....	Pg.78
– O segundo contato com as ciências sociais brasileiras.....	Pg.91
CAPÍTULO 3 – ANTHONY LEEDS NO BRASIL: PESQUISA NAS FAVELAS E DOCÊNCIA.....	Pg. 102
– A década de 1960 no Brasil e a relação com os EUA.....	Pg. 102
– Anthony Leeds e o Peace Corps Volunteers nas favelas do Rio de Janeiro.....	Pg.107
– O padre Lebert e a SAGMACS.....	Pg.111
– As favelas do Rio de Janeiro no período.....	Pg.115
– Leeds no BEMDOC e no CENPHA: relações institucionais e pesquisas nas favelas.....	Pg.118

- Leeds no Museu Nacional: docência no final da década de 1960 .....	Pg. 135
- Leeds e as favelas: notas sobre uma etnografia.....	Pg. 141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Pg.174
REFERÊNCIAS – FONTES PRIMÁRIAS.....	Pg.179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	Pg.185
ANEXO.....	Pg.193

'Renaissance'

The eternal flame of Manguinhos  
a top the cracking tower,  
its stench acrid on our noses  
when the wind was right from the bay  
burned for us  
sitting on the halflog bench  
on the hilltop garbage heap  
among the pigs  
under the water-tower of Tuiuti,  
the rickety church which later died  
shaky over the shacks  
tormented by the winter rains.  
The decades pass  
and still it burns there for us  
for in my dark and somber  
it brought irradiation  
and my renaissance in Rio  
with you. (...).<sup>1</sup>

(Trecho de poema escrito por Anthony Leeds em 15 de outubro de 1980. Dedicado a  
Elizabeth Leeds)

---

<sup>1</sup> *Renaissance*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6, subseries biographical materials, box 33, Poetry.

## **ANTROPOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E FAVELAS: A ATUAÇÃO DE ANTHONY LEEDS NA DÉCADA DE 1960.**

### **INTRODUÇÃO**

Em meados do ano de 2011, fui entrevistada pela Dra. Ana Luce Girão Soares de Lima para fazer a identificação preliminar do Fundo Anthony Leeds, doado por sua viúva, Elizabeth Leeds, para o Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. Apesar de não ter familiaridade com a obra do antropólogo, tinha alguma familiaridade com a geração a qual pertencia, fruto da experiência acumulada na organização do arquivo Darcy e Berta Ribeiro, cuja equipe integrei entre os anos de 2005 e 2009. Darcy e Leeds tinham alguns interlocutores em comum: Anísio Teixeira, Charles Wagley, carinhosamente chamado de Chuck por Darcy, Alfred Metraux, André Gunder Frank, Pablo González Casanova, entre outros. Além destes, Darcy fora aluno de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política, isto é, fora influenciado pela antropologia dos EUA e pela visão neoevolucionista, como se vê no prefácio à quarta edição venezuelana e na introdução de seu livro *O processo civilizatório*<sup>2</sup>, cuja edição para esse país também fora prefaciada pela arqueóloga Betty Meggers, adepta desta corrente teórica.

À medida que ia conhecendo Anthony Leeds através de seus papéis, via muitos pontos em comum. O fato de ser professora de sociologia da rede pública me levou a lecionar no Jacarezinho, onde Leeds morou e fez intensa pesquisa de campo, e no Conjunto Cesarão, fruto de uma remoção. A proximidade com a Bahia, na condição de filha de baiano, estado onde Leeds fez um estudo de comunidade e onde teve seu primeiro contato com o Brasil. O fato de ter morado no Tuiuti, primeira favela onde Leeds morou. A paixão pela música, fotografia e poesia, áreas nas quais me arrisco regularmente. A paixão pela atividade docente. O vívido interesse pelo pensamento e obra de Marx.

Muitos temas de seu arquivo me aguçavam a curiosidade: a questão da habitação popular de baixa renda no Brasil e na América Latina, os movimentos sociais da década de 1980, os conjuntos residenciais frutos de remoções, as remoções da década de 1960,

---

<sup>2</sup> RIBEIRO, Darcy. 2000. *O Processo Civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha. P.ix a xxiii.

entre outros. Mas o que mais me intrigava e me instigava cada dia que ia desvendando aqueles papéis era a relação estabelecida entre Leeds e os moradores das favelas, bem como a maneira extremamente franca e crítica como se dirigia a seus pares.

Ao ler *A Sociologia do Brasil Urbano*<sup>3</sup>, pude entender melhor a lógica de acumulação de seus papéis, isto é, porque aqueles tipos de papéis, e não outros estavam ali, para que fim, etc. Enquanto cientista social interessou-me nesse momento o que me pareciam categorias de análise muito originais para a época: a *panela*, o *cabide* e a *fofoca*<sup>4</sup>. O passeio a pé descrito como técnica no fluxo e transmissão de informação<sup>5</sup> me fez identificar nele outro traço em comum comigo: ser um *flâneur* nato. Isso aguçou mais a minha curiosidade sobre a antropologia de Leeds. Desse modo, o processo de identificação preliminar de seus documentos, feita de forma conjunta com a leitura de sua obra, foi também o momento de identificação das diversas possibilidades de pesquisa em seu riquíssimo arquivo.

Após ingressar no programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, tive a sorte de ser orientada por Nísia Trindade Lima, coordenadora do projeto que trouxe para a COC o arquivo Leeds, que também o conheceu pessoalmente no final da década de 1980. Em um primeiro momento, o objeto de pesquisa seria a atuação do Peace Corps Volunteers sob o ponto de vista de Anthony Leeds e Flávio Romano, morador do Jacarezinho com quem Leeds trocava cartas. Ao longo dos dois semestres fazendo as disciplinas, o projeto inicial foi mudando, sobretudo após a discussão coletiva com os colegas de mestrado e com os colegas do grupo de estudos, antes da qualificação. Essas discussões e, principalmente, as críticas recebidas de ambos os grupos contribuíram muito para o amadurecimento da pesquisa.

Após a qualificação, tive outra sorte: ser avaliada por Lícia Valladares e Tânia Fernandes, pesquisadoras que se dedicam às favelas há bastante tempo. Após reuniões com Nísia Trindade, posteriores à qualificação, definiu-se como objeto de pesquisa a prática científica de Anthony Leeds nas favelas, dando um breve panorama de sua

---

<sup>3</sup> LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. 1978. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar editora.

<sup>4</sup> Em seu artigo sobre carreiras brasileiras, escrito enquanto fazia parte da OEA, Leeds descreve de modo muito interessante como chegou a estas categorias de análise e explica-as nas páginas 59, 66, 74 e 76 (Leeds e Leeds, 1978).

<sup>5</sup> LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. 1978. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar editora. 1978, pp. 69.

formação antes de chegar às favelas. Na ocasião da qualificação, Lícia Valladares ressaltou o fato de um de seus biógrafos, Sanjek e Sieber<sup>6</sup>, não ter mencionado a contento suas várias passagens pelo Brasil, tampouco ter dado a real dimensão de seu trabalho feito aqui durante a década de 1960. Desse modo, assim foi definido o objeto dessa dissertação, qual seja, a atuação de Leeds na década de 1960, enfatizando sua pesquisa nas favelas do Rio de Janeiro.

Nessa dissertação, procuro vincular a trajetória de Leeds na década de 1960 com o pensamento dele, bem como elucidar o encontro de sua experiência intelectual com o Brasil e as ciências sociais no período. Um dos aspectos em que me concentro é a sua etnografia nas favelas, isto é, o tipo de trabalho que desenvolveu nessas localidades, como era sua interlocução e contato com os moradores, a análise da vida cotidiana, que elementos desse contato estavam presentes em sua obra e de que maneira Leeds pôde influenciar alguns de seus moradores.

São poucos os autores que se dedicaram à trajetória de Leeds, entre estes estão Roger Sanjek e R. Timothy Sieber<sup>7</sup> na edição do livro *Cities, Classes and the Social Order*, de autoria de Leeds, Sieber dá um panorama geral de toda a sua trajetória enquanto Sanjek se atém à obra de Leeds, enfatizando o caráter holístico de sua produção científica. Em nenhum destes aparece sua atuação no Brasil, tampouco expõem o real peso que as favelas tiveram em sua agenda de pesquisa, nem os contatos estabelecidos com os intelectuais brasileiros entre as décadas de 1950, quando aqui estive pela primeira vez, e a década de 1980.

Lícia Valladares<sup>8</sup> mostra o quanto Leeds contribuiu para o treinamento dos voluntários do Peace Corps Volunteers (PCV) na observação participante nas favelas, em um momento importante para a história do pensamento sobre as favelas. Enfatiza os motivos e o modo como Leeds levou esses voluntários a realizarem pesquisas nas

---

<sup>6</sup> SANJEK, R. 1994. *The Holistic Anthropology of Anthony Leeds*. SIEBER, R. T. 1994. *The life of Anthony Leeds: Unity in Diversity*. In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek

<sup>7</sup> SANJEK, R. 1994. *The Holistic Anthropology of Anthony Leeds*. In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek.; SIEBER, T. 1994. *The life of Anthony Leeds: unity in diversity*. In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek.

<sup>8</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. 2005. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

favelas, para além dos interesses da agência. Valladares<sup>9</sup> mostra que nesse momento as ciências sociais começavam a tratar as favelas como objeto de estudo, daí o peso desse treinamento na observação participante dentro das favelas.

De modo pontual, Azevedo<sup>10</sup> dedica uma pequena seção de seu livro à atuação de Leeds no Peace Corps Volunteers PCV. Destaca sua atuação polêmica na chamada Conferência de Friburgo realizada pelos membros da agência que atuavam no Brasil, bem como as consequências de seu posicionamento político dentro do PCV.

Com relação a sua contribuição para a conformação da antropologia urbana no Brasil, Velho<sup>11</sup> salienta ter sido regido por Leeds o primeiro curso sobre Antropologia Urbana realizado no Museu Nacional, durante o segundo semestre de 1969. Foi através deste curso que se formou a primeira geração de antropólogos que se dedicariam posteriormente ao fenômeno urbano, inclusive o próprio Gilberto Velho<sup>12</sup>. Além disso, destaca o perfil original e seu modo peculiar de expressar suas opiniões, qualificadas como fortes por Velho<sup>13</sup>.

A proposta dessa dissertação consiste em aprofundar o que Lícia Valladares havia anteriormente exposto: a contribuição de Leeds na pesquisa em favelas nesse período. Também tento mostrar o quanto a análise do antropólogo sobre o desenvolvimento econômico estava articulada com os seus estudos sobre as favelas, em um período em que o desenvolvimento era visto de forma elitista e em que as favelas eram vistas como exemplos de atraso e pobreza. Isto é, apresento suas pesquisas nas favelas relacionadas com uma visão mais atenta aos desdobramentos do desenvolvimento, também mais atenta ao volume de capital e ao melhoramento das condições de vida como fatores de desenvolvimento. Além disso, o trabalho se propõe a situar Leeds dentro de uma tradição da antropologia dos EUA, qual seja o neo-evolucionismo, ou ainda, o evolucionismo cultural. Como será visto no primeiro capítulo desta dissertação, o próprio Leeds se declarava adepto dessa tradição. Ainda

---

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> AZEVEDO, C. 2007. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. SP, Alameda.

<sup>11</sup> VELHO, Gilberto. 2011. "Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento". *Mana* 17(1): 161-185.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Ibidem.

que seja possível aproximar a tradição da Escola de Chicago em sua prática científica<sup>14</sup>, identifiquei outras tradições de pesquisa importantes em sua formação. Leeds pertencia ao grupo que questionava a tradição culturalista herdeira de Boas e que aprofundou seus conhecimentos e reflexões sobre o pensamento marxista para discutir, junto com Marshall Sahlins, Marvin Harris e Morton Fried, o neo-evolucionismo. A ênfase de suas análises e observações recaía sobre o aspecto econômico, as condições de vida material e os aspectos ecológicos, isto é, as condições do meio ambiente que poderiam favorecer ou impedir a produção de determinados bens.

Na elaboração da dissertação, isto é, na construção dos capítulos, foi muito importante a leitura de *Glimpses Into My Own Black Box. An Exercise in Self-Decosntruction*, de George Stocking Jr.<sup>15</sup>. Nessa obra, Stocking Jr.<sup>16</sup> relata os episódios de sua trajetória pessoal e profissional, além de tratar de sua prática historiográfica, mostrando o peso de sua experiência pessoal, política e acadêmica na sua orientação historiográfica. Discute, portanto, o contexto histórico de sua trajetória, a história política de seu país e de que modo os acontecimentos sociais, históricos e econômicos afetaram sua trajetória pessoal e acadêmica.

Em um primeiro momento, destaca o uso da *abordagem microcômica*. Segundo sua explicação, tal abordagem consistiria na análise de um evento ou texto descoberto, no qual grandes processos pareciam estar embebidos e de onde poderia extrair uma gama de significados. Essa análise focada e fechada desse microcosmo permitiria analisar grandes contextos históricos externos através de específicos contextos interativos ou institucional, partindo da biografia intelectual individual<sup>17</sup>.

Após explicitar o que uma biografia feita em um sentido perfeccionista requer - ler tudo que o biografado leu e escreveu, além de entender os contextos de sua escrita e atitude no mundo -, expõe a abordagem que chama de *círculos concêntricos*: aqueles

---

<sup>14</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. 2005. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro, Editora FGV

<sup>15</sup> STOCKING JR, G. W. 2010. *Glimpses into my own black box. An exercise in self-deconstruction*. Series: History of Anthropology v.12. Wisconsin, The University of Wisconsin Press.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

desenhados em torno dos indivíduos antropólogos através de suas interações institucionais, dentro de um domínio do contexto<sup>18</sup>.

Stocking Jr.<sup>19</sup> chama atenção para a importância de se fazer o *Honest Groping* na prática do historiador. Isto é, o registro diário de novas idéias, de problemas de métodos, em suma, um diário metodológico. No entanto, Stocking Jr.<sup>20</sup> trata o próprio *Honest Groping* como algo que se situa dentro do estudo do historiador e acentua aquilo que é essencialmente um processo de escrita, baseado na análise e interpretação de textos disponíveis para o historiador em seu estudo.

Anteriormente pensado como micro-tecnologia em um primeiro momento, esse processo do *Honest Groping* é colocado por Stocking Jr.<sup>21</sup> como gestão de informação. De um lado, composto pela quantidade total de informação disponível para análise histórica e interpretação, atualmente ampliada na nova era cultural da computadorização global. De outro lado, há a experiência pessoal nos anos de acumulação de livros, fotocópias, diários, notas e rascunhos. Seguindo essa linha, distingue quatro componentes da gestão de informação que estão em constante mudança: o material (a informação em seu aspecto físico ou virtual), o conceitual (o sistema de categorias nos quais é a informação organizada ou manipulada), o técnico (o equipamento ou processos dessa manipulação), e o psicossocial (as capacidades física e mental do manipulador humano).

Ao abordar o modo como gerencia as suas informações disponíveis, ou ainda, o seu arquivo pessoal, afirma que seu material cru, isto é, suas notas, manuscritos e rascunhos, entre outros, formam um não-sistema de informação historicamente constituído de gerenciamento de informação. Isso tudo constitui os elementos dos processos de formação de idéias. Esses elementos, em conjunção com outros elementos, tais como a tendência a pensar em termos de motivos alternativos, de fatores múltiplos e de consequências ambíguas, formam o estilo retórico<sup>22</sup>. Essa observação vale não só para o caso específico de Stocking Jr, mas para os arquivos pessoais de um antropólogo, de um modo geral.

---

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Ibidem.

Ao tratar das citações das quais faz uso para elaborar suas biografias e ensaios em História da Antropologia, explica que embora as palavras do texto sejam o ponto de partida da interpretação e a evidência primária de sua adequação, elas não podem ser somente reflexões intencionais do processo de pensamento de um autor. As citações devem refletir atitudes ou sentimentos que os autores não devem considerar relevantes, que não desejam revelar, ou mesmo que não devem estar conscientes. As citações devem ser pensadas como conteúdos de caixas pretas que devem ser sistematicamente examinadas<sup>23</sup>.

No argumento de Stocking Jr<sup>24</sup>, o entendimento histórico do pensamento de um antropólogo deve sempre começar com e retornar para as palavras nas quais aquele pensamento está incorporado e preservado. Para isso, o ideal historiográfico seria escrever com os textos originais à mão, não só para checar a seleção e justaposição de citações ou paráfrases, mas para detectar as distorções que poderiam ter sido introduzidas no processo de escrita. Esse entendimento é melhor pensado como contextual, e não somente causal.

Stocking Jr<sup>25</sup> também considera o quanto o seu *Honest Groping*, isto é, seu processo intelectual de formação de idéias, foi compelido por certas assunções metodológicas presentes na sua historiografia. Esse impulso de conceituar os processos intelectuais se manifestaria na ideia de círculos concêntricos de influência. Inicialmente o modelo era focado nos trabalhos e vidas de antropólogos. Posteriormente, essa abordagem contextual foi articulada de modo a movimentar-se para fora da escrita e da biografia do pensador individual, através das arenas institucionais de interação do pensador com outros no mesmo campo intelectual e através da interação desses com o mundo.

Atualmente, o modelo concêntrico proposto por Stocking Jr<sup>26</sup> se constitui de dois elementos articulados em um só eixo temporal: as influências formativas convergindo sobre o antropólogo como objeto histórico; e a difusão dessas influências em vários canais partindo do antropólogo como ator histórico.

---

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> Ibidem.

De um modo geral, esta dissertação é composta pelos elementos que conformam o processo de formação do pensamento de Leeds, isto é, suas notas de campo manuscritas, rascunhos, relatórios e textos não publicados que forjaram a sua prática científica e seu pensamento sobre as favelas. Partindo desses elementos, bem como daqueles que integram a sua experiência intelectual, foram desenhados os *círculos concêntricos* ou *modelo contextual concêntrico* que circundam a trajetória de Leeds durante a década de 1960, tanto nos EUA quanto no Brasil. Neste sentido, a intenção foi pensar a trajetória e a obra de Leeds sobre as favelas como objeto de pesquisa histórica e, ao mesmo tempo, situar o antropólogo como ator histórico, conforme a proposta de Stocking Jr.<sup>27</sup>

Por este motivo, essa dissertação começa com o período de formação de Leeds para enfim chegar à sua atuação na década de 1960 e à sua etnografia nas favelas. Ainda seguindo essa lógica, cada capítulo aborda o contexto histórico antes da exposição e análise dos documentos. Isto é, tentarei explicar o contexto social e histórico dos EUA e a situação da antropologia desse país no período que vai da década de 1940, quando Leeds começa a estudar em Columbia, e vai até o final da década de 1960, já profissional experiente. Também serão discutidos alguns aspectos da Guerra Fria e suas relações com a antropologia dos EUA, as teorias do desenvolvimento, as tendências da antropologia produzida nesse país e sua discussão em torno do trabalho etnográfico, a situação das favelas e das ciências sociais brasileiras nesse período. Estes temas ajudam a entender quem era esse antropólogo que estava estudando as favelas, até então vistas como celeiros de pobreza e marginalidade, em um momento de ampla discussão sobre o desenvolvimento, as relações centro-periferia e a atitude do antropólogo em relação às pessoas e grupos estudados. Ajudam a entender o que envolvia e o que significava para um antropólogo norte-americano, que já havia passado por um grande órgão internacional, estudar as favelas naquele contexto.

Situada em uma linha de pesquisa sobre História da Antropologia, entendida como um subcampo da História da Ciência, e sobre o pensamento em relação às favelas, a dissertação abrange a discussão de um momento central nos estudos urbanos, no qual a antropologia urbana começa a se desenhar no Brasil e quando as ciências sociais

---

<sup>27</sup> Ibidem.

começam a se apropriar das favelas enquanto objeto de estudo. Ou seja, trata de um momento importante para a constituição do pensamento sobre as favelas nas ciências sociais brasileiras e para a consolidação de uma metodologia de pesquisa centrada no trabalho de campo.

A totalidade do fundo Anthony Leeds está depositada em duas instituições arquivísticas diferentes: a parte relativa a sua pesquisa em favelas, barriadas, tugúrios e outras formas de *squatter settlements*<sup>28</sup>, está depositada no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz – DAD/COC – Fiocruz. O restante de seus documentos, referentes à suas outras pesquisas, à sua vida profissional e pessoal e ao seu período de formação encontram-se no National Anthropological Archives do Smithsonian Institute – NAA/SI, localizado em Washington, DC. A documentação depositada no NAA segue a mesma lógica de organização original deixada por Leeds, sendo observadas poucas interferências na formação de seus dossiês. Já a documentação depositada no DAD/COC obedece a uma metodologia instituída pela casa, específica para arquivos de cientistas.

O período de identificação preliminar do Fundo Anthony Leeds foi importante não só para ter uma visão de conjunto de todo o seu trabalho no Brasil e na América Latina, como também para saber onde se localizavam os documentos, independente do arranjo final que a COC viesse a dar ao conjunto documental. Estas planilhas me mostravam o modo como veio previamente organizado o arquivo, isto é, mostravam a lógica de organização dada pelo próprio titular, os assuntos e temas de interesse acadêmico, uma vez que toda a documentação se refere somente às suas pesquisas, envolvendo as relações institucionais e acadêmicas. Desse modo, as planilhas de identificação preliminar foram as principais ferramentas de trabalho não só para escolher quais documentos seriam analisados na dissertação, como também na hora de refinar os dados coletados na COC e de estabelecer conexões com os dados vindos das fontes bibliográficas.

---

<sup>28</sup> Em seu artigo “*Entrepreneur in Rio’s favelas*”, de 1967, Leeds explica que o termo se refere a aglomerações de casas construídas sem autorização ou caracteristicamente sem planejamento, em áreas cuja posse é desconhecida e que não tem melhorias urbanas como esgoto, água ou eletricidade. BR RJ COC LE DP DR 01.

Feita a coleta de dados na COC e em plena fase de sistematização de uma massa enorme de dados, tive a oportunidade de consultar a parte do Fundo Anthony Leeds depositada no NAA/SI, com o apoio da FAPERJ concedido à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nísia Trindade Lima por meio do edital *Cientista do Nosso Estado*. Seguindo uma lógica de organização mais parecida com aquela encontrada na fase de identificação preliminar, e de posse do inventário do NAA, não foi difícil estabelecer uma escala de prioridades com relação aos documentos a serem coletados. Em uma semana, pude não só coletar os dados referentes à sua atuação na OEA e ao período de sua formação em Columbia, como acessar os documentos de caráter biográfico e aos rascunhos de sua tese de doutoramento sobre a Zona do Cacau. De maior valor emotivo e pessoal, foi o acesso aos poemas de Leeds, reveladores de sua trajetória pessoal e profissional, bastante esclarecedores de seu jeito de se colocar para o mundo, no sentido mais subjetivo da expressão. Enfim, poemas são inspiradores.

Conforme o inventário<sup>29</sup>, os documentos custodiados pelo NAA foram doados pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia e encontram-se agrupados nas seguintes séries: 1- *Correspondence.1950-89*, 2- *Research*, 3- *Field Work*, 4-*University*, 5- *Professional Activities.1951-88*; 6- *Personal*; 7- *Photo Album. Circa 1952. Restricted*. Já os documentos depositados no DAD/COC foram doados por Elizabeth Leeds e foram organizados nos seguintes grupos: *Vida Pessoal, Docência e Pesquisa, Relações Interinstitucionais e Intergrupos*. Cada um desses grupos têm subgrupos temáticos formados por dossiês tipológicos.

Para os fins dessa dissertação, foram consultados os seguintes dossiês do fundo depositados no NAA: Series 2, subseries cacao zone, box 17, Relatories; Series 4, teaching materials, box 25, Brazil and Latin American Courses; Series 5, subseries general, box 30, Ethics; Series 5, subseries general, box 30, Ford Foundation; Series 5, subseries general box 31, OAS; Series 5, subseries general, box 30, AID; Series 6, subseries biographical files, box 33, Curriculum Vitae; Series 6, subseries biographical materials, box 33, Poetry; Series 4, subseries student materials, box 23, Graduate Non Anthropological Notes 1 of 2; Series 4, subseries student materials, box 23, Graduate Anthropological Notes 4 of 4; Series 4, subseries student materials, box 22,

---

<sup>29</sup> *Register to the Papers of Anthony Leeds. 1947-89*. Jacqueline Saavedra. 2011. NAA/SI. Disponível em: <http://www.nmnh.si.edu/naa/fa/leeds.pdf> Último acesso: 3 de abril de 2013.

Undergraduate Notes; Series 4, subseries student materials, box 22, Graduate Notes 2 of 4; Series 4, subseries student materials, box 22, Anthropological Notes 2 of 2.

Do fundo depositado na COC, foram consultados os seguintes dossiês do grupo Docência e Pesquisa: Subgrupo Divulgação de Resultados, dossiê 01; Subgrupo Divulgação de Resultados, dossiê 02; Subgrupo Divulgação de Resultados, dossiê 03; Subgrupo Intercâmbio Científico e Cultural, dossiê 01; Subgrupo Programação da Pesquisa, dossiê 03 Volume 4; Subgrupo Programação da Pesquisa, dossiê 26; Subgrupo Realização de Aulas e Cursos, dossiê 01; Subgrupo Realização de Aulas e Cursos, dossiê 06.

No primeiro capítulo será apresentada a formação de Anthony Leeds desde 1947 a 1957 na Universidade de Columbia. Isto é, o que envolvia a formação de um antropólogo na época; quais experiências intelectuais tinha Leeds ao ter o seu primeiro contato com o Brasil no período de seu doutoramento. Para tanto, será mostrado um breve panorama da antropologia americana no período Pós Segunda Guerra Mundial, os principais temas pesquisados pelos antropólogos, as tendências teóricas e as relações institucionais no exercício da profissão. Será enfatizada a formação na Universidade de Columbia, bem como serão vistas brevemente as principais características da Escola de Chicago, vista como emblema da antropologia produzida nos EUA. No que tange especificamente à formação de Anthony Leeds em seus anos em Columbia, serão vistos seus exames, ementas e bibliografias em antropologia, apesar de sua formação envolver outras disciplinas correlatas tais como psicologia, biologia humana, zoologia, economia e filosofia. Desse modo, os documentos consultados nesse capítulo fazem parte do Fundo depositado no NAA, referentes à série 4, subsérie student materials.

Tendo como objetivo dar o contexto da antropologia produzida nos EUA entre o período de 1940 a 1960 e suas principais tendências teóricas e metodológicas, foram escolhidos os seguintes autores: Thomas Patterson<sup>30</sup>, Marvin Harris<sup>31</sup>, George Stocking

---

<sup>30</sup> PATTERSON, Thomas C. 2001. *A social history of anthropology in the United States*. Oxford, Berg/Oxford International Publishers Ltd.

<sup>31</sup> HARRIS, Marvin. 1985. "Entrevista concedida a Antonio Colaganni". Tradução: Juan Antônio Matesanz e Mario Merlino. *Nueva Sociedad*. Número 79. Setembro/Outubro. Disponível em: [http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados\\_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9](http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9). Acesso em: 3/6/2013. Também integra capítulo do livro: En: *Leviatan: Revista de pensamiento socialista*. - [Madrid: Fundación Pablo Iglesias, 1934-2001] = ISSN 0210-6337. - II Época, n. 20 (Verano 1985), p. 65-78

Jr<sup>32</sup>, Elisa Guaraná de Castro<sup>33</sup>, Marcos Maio e Nemuel de Oliveira<sup>34</sup>. Apresentando cronologicamente a história da antropologia norte-americana, Patterson consegue dar um panorama sucinto do período sem deixar de contextualizar social e politicamente a antropologia dos EUA. Destaca as principais linhas de pesquisa, os antropólogos mais proeminentes e revela as posições destes antropólogos em relação às políticas interna e externa do país, como também em relação à política entre os pares, dentro de suas associações profissionais e agências que absorviam esses profissionais.

Também tendo como foco a antropologia dos EUA, George Stocking Jr<sup>35</sup> também aborda o contexto social e político da antropologia de seu país desde sua formação até o fim de sua carreira. Em obra específica sobre a formação da antropologia estadunidense, Stocking Jr<sup>36</sup> considera como marco teórico fundador desta o culturalismo inaugurado por Franz Boas. Através de uma compilação de documentos coletados no arquivo de Boas, Stocking Jr<sup>37</sup> consegue dar esse panorama sobre a formação da antropologia de seu país. No entanto, antes da apresentação dos conjuntos de documentos, introduz o culturalismo boasiano ao leitor e faz uma análise de cada bloco de documentos antes de apresentá-los<sup>38</sup>.

A entrevista de Marvin Harris<sup>39</sup> aborda algumas tendências teóricas e metodológicas da antropologia dos EUA, tais como o ecletismo e, sobretudo, o

---

<sup>32</sup>STOCKING Jr., G. W. 2004. *Franz Boas. A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto; UFRJ.; STOCKING JR, G. W. 2010. *Glimpses into my own black box. An exercise in self-deconstruction*. Series: History of Anthropology v.12. Wisconsin, The University of Wisconsin Press.

<sup>33</sup> CASTRO, E. G. de. 2001. “‘Estudos de Comunidade’: reflexividade e etnografia em Marvin Harris”. *Revista da Universidade Rural. Série Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, V.23, n.2. p195-210, jul/dez.

<sup>34</sup> MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. 2011a. “Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil”. *Revista Sociedade e Estado*, vol.26, n°3, setembro/dezembro, p.521 a 550. ; MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. 2011b. “Ciências Sociais e saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1950)”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo.

<sup>35</sup> STOCKING Jr., G. W. 2004. *Franz Boas. A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto; UFRJ.; STOCKING JR, G. W. 2010. *Glimpses into my own black box. An exercise in self-deconstruction*. Series: History of Anthropology v.12. Wisconsin, The University of Wisconsin Press.

<sup>36</sup> STOCKING Jr., G. W. 2004. *Franz Boas. A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto; UFRJ.

<sup>37</sup> Stocking Jr, 2004. Op. Cit.

<sup>38</sup> Stocking Jr, 2004. Op. Cit.

<sup>39</sup> HARRIS, Marvin. 1985. “Entrevista concedida a Antonio Colaganni”. Tradução: Juan Antônio Matesanz e Mario Merlino. *Nueva Sociedad*. Número 79. Setembro/Outubro. Disponível em: [http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados\\_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9](http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9). Acesso em: 3/6/2013. Também integra capítulo do livro: En: *Leviatan: Revista de pensamiento*

evolucionismo cultural, do qual Harris se diz adepto. Ao destrinchar os princípios dessa linha teórica, Harris também discute a influência marxista e a sua formação em Columbia, realizada no mesmo período em que Leeds estudara. Ressalte-se que Harris e Leeds foram colegas de doutorado, ambos orientados por Charles Wagley.

Com relação aos Estudos de Comunidade, método de pesquisa amplamente utilizado pela antropologia norte-americana, e da qual Leeds lançou mão para fazer sua pesquisa de doutoramento, estes são aqui apresentada através dos artigos de Maio e Oliveira<sup>40</sup> e Castro<sup>41</sup>. Enquanto Maio e Oliveira<sup>42</sup> se atém aos Estudos de Comunidade realizados no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960, com ênfase no caso do Vale do São Francisco, Castro<sup>43</sup> consegue delinear traços em comum nos estudos feitos tanto no projeto do Vale do São Francisco quanto naqueles realizados no projeto Bahia-Columbia na primeira parte do artigo para depois tratar da etnografia de Marvin Harris.

Como o capítulo também aborda o que envolvia a formação do antropólogo estadunidense no período, foi feita uma breve explanação acerca da formação em Columbia e da Escola de Chicago, vista aqui no Brasil como o grande emblema da antropologia dos EUA. Stocking Jr<sup>44</sup>, ao tratar da formação da antropologia deste país através dos documentos de Boas, mostra como ele pensou a formação a ser dada na Universidade de Columbia, quais departamentos e linhas de pesquisa seriam privilegiados. Para dar conta das principais diretrizes da Escola de Chicago, foi utilizada obra organizada por Lícia Valladares<sup>45</sup> voltada exclusivamente para esta tradição da antropologia dos EUA. Reunindo artigos de antropólogos cujos contatos com esta

---

[socialista. - \[Madrid: Fundación Pablo Iglesias, 1934-2001\] = ISSN 0210-6337. - II Época, n. 20 \(Verano 1985\), p. 65-78](#)

<sup>40</sup> MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. 2011a. “Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil”. *Revista Sociedade e Estado*, vol.26, n°3, setembro/dezembro, p.521 a 550. MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. 2011b. “Ciências Sociais e saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1950)”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo.

<sup>41</sup> CASTRO, E. G. de. 2001. “ ‘Estudos de Comunidade’: reflexividade e etnografia em Marvin Harris”. *Revista da Universidade Rural. Série Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, V.23, n.2. p195-210, jul/dez.

<sup>42</sup> MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. 2011a. “Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil”. *Revista Sociedade e Estado*, vol.26, n°3, setembro/dezembro, p.521 a 550. MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. 2011b. “Ciências Sociais e saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1950)”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo.

<sup>43</sup> CASTRO, 2001. Op. Cit.

<sup>44</sup> STOCKING Jr., 2004. Op. Cit.

<sup>45</sup> VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

escola foram estreitos, a obra abarca as principais características da escola e também demonstra a sua influência na antropologia brasileira.

Os dois capítulos seguintes tratam da atuação profissional de Anthony Leeds durante a década de 1960 sob o ponto de vista institucional e da prática científica. Para que o antropólogo pudesse efetivar suas pesquisas, a relação institucional se tornava fundamental na medida em que este vínculo permitia a aquisição de recursos financeiros e humanos. Afinal, é com este vínculo que o profissional é pago, podendo manter-se. No caso de Leeds, que já no início de 1960 tinha três filhos de seu primeiro casamento e, ao final, mais dois de seu segundo casamento, tal vinculação era imprescindível.

As relações institucionais envolvem tarefas burocráticas, contatos, ruídos de comunicação, desentendimentos, prazos, captação de recursos financeiros, entre outros elementos que timidamente costumam aparecer no produto final de uma pesquisa. Tudo isso constitui, por um lado, uma parte espinhosa do ofício, que gera consequências em relação não só à subsistência do próprio profissional, mas às suas condições de trabalho. Por outro lado, é essa face da atuação profissional que permite a realização da pesquisa fiel ao seu planejamento, bem como também pode levar ao seu fracasso. Nesse sentido, serão vistos nesses capítulos a atuação de Leeds em dois lados do exercício profissional: aquele que arbitra, trabalhando em uma agência internacional, para quais pesquisas e centros de formação profissional irão os recursos; e aquele que faz a pesquisa propriamente dita em todas as etapas, desde a elaboração do projeto inicial até a entrega do produto final.

Estes capítulos tentam elucidar as relações institucionais que Leeds teve com esses órgãos, não só para estreitar o seu contato com o Brasil, já iniciado no período de seu doutoramento, como também para empreender suas pesquisas nas favelas. Tem como objetivo mostrar as tarefas delegadas ao antropólogo e as condições de trabalho impostas nessas relações institucionais. Por outro lado, essas relações institucionais explicam a experiência que Leeds tinha antes mesmo de começar o estudo sistemático das favelas do Rio de Janeiro em 1965. Ajudam a entender quem era o antropólogo que estava nas favelas, que lá chegou com uma carreira consolidada.

O segundo capítulo aborda a atuação de Leeds na OEA nos primeiros anos da década de 1960. Já o terceiro, a sua atuação no Brasil, enfatizando suas pesquisas nas

favelas através de sua vinculação a órgãos internacionais e nacionais. São estes: o projeto Brasil Estados Unidos Movimento, Desenvolvimento e Organização de Comunidade – BEMDOC da Agency for International Development – AID; o Peace Corps Volunteers – PCV; e o Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais – CENPHA. Além desta atuação, também abordará a sua atividade docente no Museu Nacional.

O segundo capítulo, referente à sua atuação na União Pan-Americana/OEA, tem como base os documentos que compõem o dossiê OEA, alocado na Série 5 – Atividades Profissionais, Subsérie Geral, Caixa 31, custodiados no NAA/SI. Os tipos documentais que compõem este dossiê são relatórios de viagens, programas de pesquisa, cartas, memorandos, boletins informativos, relatórios de reuniões, acordos, programas de trabalho, propostas orçamentárias, projetos de seminários, relatório anual de atividades, registro de conversas, resolução de seminário, sugestões para relatórios anuais, delineamento demográfico da América Latina, tentativa de plano para estudo e informe anual. De um modo geral, o conjunto documental deste dossiê trata da atuação da União Pan-Americana na América Latina, sobretudo no que diz respeito às pesquisas empreendidas na região e na formação de cientistas sociais latino-americanos.

Para dar conta do contexto e das articulações da Guerra Fria com os ideais de desenvolvimento, foram escolhidas as seguintes autoras: Figueiredo<sup>46</sup> e Azevedo<sup>47</sup>. Com uma abordagem que articula a antropologia médica norte-americana com o contexto histórico da Guerra Fria, Figueiredo<sup>48</sup> aponta o quanto a antropologia contribuiu para o relacionamento dos EUA com os países latino-americanos e como consolidou a assistência técnica a estes. De outro modo, Figueiredo<sup>49</sup> também situa o contexto do desenvolvimento para explicar essa cooperação técnica em conformidade com o Ponto IV de Truman. Por outro lado, mostra a captação da mão de obra qualificada dos antropólogos nas agências internacionais surgidas por conta da Guerra Fria e da política externa norte-americana.

---

<sup>46</sup> FIGUEIREDO, R. E. D. 2009. *Histórias de uma Antropologia da “Boa Vizinhança”*: Um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas interamericanos de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960). Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>47</sup> AZEVEDO, C. 2007. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. SP, Alameda.

<sup>48</sup> FIGUEIREDO, 2009. Op. Cit.

<sup>49</sup> FIGUEIREDO, 2009. Op. Cit

Em obra tratando exclusivamente do Peace Corps Volunteers – PCV, Azevedo<sup>50</sup> também fala a respeito do peso do Ponto IV de Truman na criação de programas e agências internacionais, no caso, a Aliança Para o Progresso e o próprio PCV. Tal como Figueiredo, Azevedo também mostra o quanto os princípios do desenvolvimento exerceram um papel considerável na elaboração desse programa e na atuação dessa agência.

Com a intenção de dar um panorama da discussão em torno do desenvolvimento na década de 1960, foram escolhidos os autores que refletiram sobre a questão na época. São estes Jacques Lambert, Francois Perroux, Everett Hagen e Bert Hoselitz, reunidos em obra organizada por Durand<sup>51</sup>. De um modo geral, abordam a questão do desenvolvimento seguindo a linha dualista, diferenciando-se pela proposta de ruptura ou de continuidade entre uma etapa e outra do desenvolvimento. Também é comum nestes autores o protagonismo atribuído ora às elites, ora às classes médias, na promoção do desenvolvimento, bem como a equação entre desenvolvimento e industrialização, também vistos como empreendimento ou ainda progresso técnico.

No que tange ao caso específico da América Latina, foram escolhidos autores que estavam, de algum modo, inseridos no Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS. São eles Jorge Graciarena, Gino Germani e, novamente, Bert Hoselitz, reunidos em obra organizada por Bazzanella e Costa Pinto<sup>52</sup>. Além destes, também serão expostas as colocações de Stavenhagen, presentes na obra organizada por Durand<sup>53</sup>. Como será visto, o CLAPCS teve um papel importante não só na ponte entre intelectuais norte-americanos e latino-americanos, como também no esforço de consolidar uma agenda de pesquisa voltada para pensar os problemas da região de modo integrado. Apesar de tratarem do mesmo tema, estes autores trazem para a discussão novos elementos, tais como a configuração política dos países da região, a dicotomia racial e de estilo de vida advindos da colonização, as críticas às noções de atraso ou subdesenvolvimento, o peso das lutas pela descolonização e pela

---

<sup>50</sup> AZEVEDO, 2007. Op. Cit.

<sup>51</sup> DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>52</sup> PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. 1969. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>53</sup> DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

independência política, o colonialismo interno dos países da região e a noção de interdependência entre as regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas.

Para dar um panorama geral do cenário das ciências sociais no período foram evocadas as seguintes autoras reunidas na obra organizada por Miceli<sup>54</sup> sobre a história das ciências sociais no Brasil: Marisa Corrêa, Lúcia Lippi de Oliveira e Maria Arminda Arruda. A inclusão dessas reflexões foi importante na medida em que tratam de personagens e centros de pesquisa importantes que aparecem nos comentários de Leeds sobre as ciências sociais no Brasil e na documentação da OEA. Assim, foi através dessas autoras que se pôde contextualizar o CLAPCS, a escola paulista de sociologia, a produção intelectual de Florestan Fernandes e de seus assistentes.

O terceiro capítulo foi elaborado por documentos oriundos das duas instituições arquivísticas que custodiam a totalidade do acervo de Anthony Leeds. A seção sobre a sua atuação na AID/BEMDOC se baseia na documentação sob a guarda do NAA-SI, Série 5, subserie geral, caixa 30, dossiê AID. Este dossiê tem os contratos de trabalho firmados entre o antropólogo e o órgão. Através destes, foi possível observar as principais tarefas delegadas ao antropólogo, seus prazos e condições de trabalho. Logo a seguir, a seção que trata de sua atuação no projeto *CENPHA-Columbia* baseia-se na documentação sob a guarda da COC, especificamente o dossiê BR RJ COC LE DP IC 01. Com relação à sua atividade docente no Museu Nacional, foram analisados os documentos pertencentes ao dossiê Ford Foundation, alocado na série 5, subsérie geral, caixa 30, depositados no NAA.

A seção do terceiro capítulo referente à etnografia de Leeds nas favelas fundamenta-se na documentação sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz, cujos conjuntos documentais sobre favelas abrangem mais de 200 localidades. O dossiê Jacarezinho, BR RJ COC LE DP PP 03 V4, foi escolhido por reunir maior volume e diversidade de documentos. Além disso, foi nessa favela que Leeds fez um trabalho de campo mais longo, chegando inclusive a ser contribuinte da associação de moradores<sup>55</sup>. Sua prática etnográfica será vista e analisada através do contraste de suas notas de campo com seu texto escrito em 1968, intitulado *Quanto vale uma favela*, alocado no

---

<sup>54</sup> MICELI, S. 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol.2. São Paulo, Ed Sumaré: FAPESP.

<sup>55</sup> Recibo de pagamento da associação de moradores. BR RJ COC LE DP PP 03 V.4

dossiê BR RJ COC LE DP DR 02. Este texto é uma palestra proferida por Leeds no Museu de Arte Moderna em 20 de agosto de 1968. Apesar do texto não ter sido publicado na íntegra, uma parte de seu conteúdo foi divulgado no jornal *Última Hora* nos dias 22 e 23 de agosto desse mesmo ano. Não há informações precisas sobre a publicação desse texto em outro veículo de comunicação de massa ou em algum livro.

De um modo geral, os volumes que compõem o dossiê Localidades dispõem dos seguintes tipos de documentos: mapas, questionários, relatórios de visitas e orçamento de obras produzidas pela Fundação Leão XIII; recortes de jornal; atas de reuniões de moradores; jornais e outros informativos produzidos pelos moradores. Fato curioso é a maior presença de documentos produzidos por órgãos do poder público nos conjuntos cujos documentos foram coletados na década de 1960 e a maior presença de documentos produzidos por moradores e recortes de jornais da grande imprensa nos conjuntos cujos documentos foram coletados na década de 1980. Relembre-se que nesta última década, Leeds retornara ao Brasil para refazer sua pesquisa sobre carreiras brasileiras, levada a cabo entre 1961 e 1962, quando ainda trabalhava na OEA.

De todo o seu material de campo, foram escolhidas as notas manuscritas elaboradas no momento imediato da observação, isto é, o material bruto propriamente dito. Essa documentação produzida e coletada em campo encontra-se na parte de seu arquivo custodiado na Casa de Oswaldo Cruz. Um volume considerável desse conjunto depositado no DAD/COC, como já dito anteriormente, é constituído preponderantemente por documentos destinados a sua pesquisa sobre favelas. Dentre os tipos documentais mais recorrentes estão as leituras que subsidiam a pesquisa, abarcando temas não só sobre as favelas em si, mas sobre temas correlatos, tais como menores, política brasileira e seus personagens, movimentos sociais, programas de habitação, associações de moradores, entre outros.

No entanto, como se sabe, o que consubstancia de fato o trabalho do antropólogo é a etnografia, mormente corporificada pelas notas de campo. Estas, por sua vez, atuam em uma relação de interdependência com outros documentos para dar sentido e, de certa forma, reconstruir o sistema. Dentre estes documentos, que devem ser vistos, analisados e entendidos juntos com as notas de campo, estão presentes em seu arquivo desde os comprovantes de pagamentos de redes de água e luz, até os convites para eventos e

festas que o antropólogo recebera para participar junto aos moradores, bem como letras de samba de associações recreativas.

Como já dito anteriormente, Leeds empreendeu trabalho de campo em mais de 200 favelas cariocas, ou localidades, na década de 1960. Nos dossiês relativos a estas, é possível classificar os documentos em três grupos, conforme a natureza da entidade produtora: aqueles produzidos pelo antropólogo, aqueles produzidos pelos moradores e aqueles produzidos pelo poder público. Nem todos os dossiês apresentam necessariamente esses três conjuntos, mas contém dados que dão informações quantitativas - como é o caso dos documentos de órgãos públicos, tais como IBGE e Fundação Leão XIII - bem como informações qualitativas - as notas de campo do antropólogo e os documentos produzidos pelos moradores. Cada um desses conjuntos são narrativas construídas por diferentes grupos de vozes sobre uma mesma realidade, ou mesmo sistema, para usar o termo de Leeds empregado no texto *Quanto vale uma favela*. O poder público e os moradores, interagindo em um mesmo espaço com interesses diversos e consolidando um sistema, corporificam suas vozes e narrativas através dos documentos para que, enfim, o antropólogo possa construir a sua narrativa acerca desse sistema; ou ainda, para que o antropólogo dê o retrato fidedigno do sistema.

Com relação ao tema das favelas na década de 1960, foram incluídas as reflexões dos seguintes autores: Valladares<sup>56</sup>, Lima<sup>57</sup>, além de Machado da Silva, Rios e Valladares, reunidos em obra organizada por Mello, Machado da Silva, Freire e Simões<sup>58</sup>. Esta seção mostra a injeção de verbas vindas dos EUA, via USAID, no governo Carlos Lacerda, as principais políticas habitacionais adotadas no período em relação às favelas, a inserção das favelas como objeto de estudo nas ciências sociais brasileiras, a importância do movimento *Economie et Humanisme* e do estudo *Aspectos Humanos das Favelas Cariocas* feito pela Sociedade de Análises Mecanográficas Aplicadas às Ciências Sociais - SAGMACS na produção acadêmica sobre as favelas.

---

<sup>56</sup> VALLADARES, L. do P. 1979. *Introdução*. In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>57</sup> LIMA, Nísia V. T. 1989. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro - políticas de estado e lutas sociais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

<sup>58</sup> MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond. 2012.

Na esteira da inserção das favelas nas ciências sociais brasileiras, após a publicação do estudo da SAGMACS, serão abordadas no capítulo a atuação do PCV no Brasil e a inserção de Leeds na agência através das seguintes autoras: Ammann<sup>59</sup>, Valladares<sup>60</sup>, Azevedo<sup>61</sup>, Figueiredo<sup>62</sup>. As obras de Azevedo e Figueiredo, já anteriormente apresentadas nessa introdução, dão uma visão completa não só da agência em si, mas também do contexto sócio-político que levou à sua criação e pautou sua atuação nos países latino-americanos. Valladares, cuja obra também já fora apresentada, aborda a inserção dos voluntários do PCV na observação participante e a influência de Leeds nesse processo. A obra de Ammann aqui aparece para explicitar o sentido de Desenvolvimento de Comunidade, um dos pilares da atuação do PCV no Brasil.

A análise sobre a prática científica de Anthony Leeds terá como base bibliográfica os autores norte-americanos que discutiram a prática etnográfica na época, isto é, entre as décadas de 1940 e 1960. São eles: Foote-Whyte, Cicourel, Berreman e Bohannan reunidos em obra organizada por Zaluar<sup>63</sup>. O ponto comum entre estes autores é a reflexão acerca da postura do antropólogo em campo, bem como os meandros da interação entre o profissional e os membros dos grupos a serem estudados, ora vistos como informantes, nativos ou interlocutores. Apesar de representar um ponto de vista mais atual acerca do tema, também foi inserido o autor James Clifford<sup>64</sup>, uma vez que apresenta uma visão dialógica da prática etnográfica, mais presente em autores recentes.

Uma vez apresentada a estrutura da dissertação, convém agora apresentar ao leitor o principal personagem dessas páginas: o antropólogo Anthony Leeds. A trajetória de Leeds abaixo está embasada nas informações do site do Smithsonian Institute<sup>65</sup> e de Sieber<sup>66</sup>.

---

<sup>59</sup> AMMAN, S. B. 2009. *Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil*. São Paulo, Cortez Editora, 11<sup>a</sup> edição.

<sup>60</sup> VALLADARES, 2005. Op. Cit.

<sup>61</sup> AZEVEDO, 2007. Op. Cit.

<sup>62</sup> FIGUEIREDO, 2009. Op. Cit.

<sup>63</sup> ZALUAR, A. (org.) 1980. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

<sup>64</sup> CLIFFORD, James. 2011. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, editora UFRJ. 4<sup>a</sup> edição.

<sup>65</sup> <http://siris-archives.si.edu/ipac20/ipac.jsp?&profile=all&source=~!siarchives&uri=full=3100001~!87935~!0> . Ver

Filho de judeus imigrantes, Anthony Leeds nasceu em 26 de janeiro de 1925 na cidade de Nova York. Sua mãe, Polly Leeds era tradutora, de origem alemã, e seu pai, Arthur Leeds era advogado, de origem inglesa. Em 1928, Arthur Leeds falece e entre 1929 e 1933 a família vive em Viena, onde sua mãe estudava psicanálise. Provavelmente nesse ínterim, Polly Leeds casa-se com Edmund Weil. Em 1933, a família retorna a Nova York e Anthony Leeds ingressa na Walden School, em Manhattan's Upper West Side e em 1935 vão para Clinton Corners, onde Leeds trabalha em uma fazenda, a mesma que sua mãe gerencia até 1954. Em 1942, Leeds completa a high school<sup>67</sup> e, desde esse ano até 1944, sustenta a fazenda. Nesse período, plantou árvores em Bay Flats e foi atendeu pacientes do Pennhurst State School for Mental Defectives in Spring Cities<sup>68</sup>.

O período entre 1947 e 1957 foi marcado pela sua formação acadêmica. Gradua-se na Universidade de Columbia em 1949, onde também obtém seu doutoramento, concluído em 1957, e onde também integrou dois grupos de estudos marxistas. Sua tese de doutoramento, intitulada *Economic cycles in Brazil: the persistence of a total cultural patter: cacao and other cases*, foi resultado de sua pesquisa orientada por Charles Wagley e Thales de Azevedo, cujo trabalho de campo foi feito entre 1951 e 1952 e integrava o Projeto Bahia-Columbia. Além de sua tese, o projeto incluía outras três pesquisas feitas por seus colegas de doutorado Benjamin Zimmerman, Marvin Harris e Harry Hutchinson. A tese de Leeds não foi publicada e Zimmerman não chegou a concluir o doutorado<sup>69</sup>. É através da realização dessa pesquisa que Leeds vem pela primeira vez ao Brasil. Ainda nesse período, em 1948, Leeds casa-se com Jo Alice Lowrey, com quem teve três dos seus cinco filhos e com quem viveu até 1966<sup>70</sup>.

Entre 1956 e 1959, leciona na Universidade Hofstra, em Nova York, o curso interdisciplinar *Introdução às Ciências Sociais*, criado por seu mentor na instituição, Benjamin N. Nelson. Em 1958, fez um estudo etnográfico sobre os índios Yaruro da

---

também *Register to the papers of Anthony Leeds, 1947-89* <http://www.nmnh.si.edu/naa/fa/leeds.pdf>. Último acesso em 3/4/2013.

<sup>66</sup> SIEBER, T. 1994. "The life of Anthony Leeds: unity in diversity". In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek.

<sup>67</sup> Corresponde ao nosso Ensino Médio.

<sup>68</sup> SIEBER, 1994. Op. Cit.

<sup>69</sup> Informação retirada de Consorte, 1999.

<sup>70</sup> Os filhos de Leeds com Jo Alice são Madeleine, John e Ann. Os dois filhos mais novos, de seu segundo casamento, com Elizabeth Leeds, chamam-se Jeremy e Jared.

região de Los Llanos da Venezuela. Entre 1959 e 1961, leciona a mesma disciplina no City College<sup>71</sup>.

Em 1961, Leeds torna-se chefe do Programa de Desenvolvimento Urbano da União Pan-Americana, que atuava no âmbito da Organização dos Estados Americanos. É nesse período que retorna ao Brasil. Na ocasião, o antropólogo pesquisava carreiras e estrutura social; estava terminando outro trabalho sobre classe e estrutura de classes; foi contratado para trabalhar com o antropólogo marxista mexicano Angel Palerm; e monitorou a pesquisa supervisionada por Luis Costa Pinto, intitulada *Four Cities Study* (Rio de Janeiro, Montevidéu, Santiago do Chile e Buenos Aires)<sup>72</sup>.

O período entre 1963 e 1972 é marcado pela intensificação de seus estudos em antropologia urbana. Lecionando a disciplina *Principles of Urban Analysis* na Universidade do Texas, Leeds empreendeu cinco viagens de campo ao Brasil e iniciou sua pesquisa sobre favelas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Posteriormente, incluiu as cidades de Lima, Bogotá e Santiago do Chile em suas pesquisas para traçar um quadro comparativo. Ainda nessa época, Leeds dirigiu trainees do Peace Corps Volunteers<sup>73</sup> - PCV no estudo sobre estratificação étnica no Texas; concluiu sua pesquisa sobre aspectos ecológicos, sociais e urbanos do Texas e exerceu o cargo de secretário da American Association for the Advancement of Science, organizando encontros e simpósio<sup>74</sup>.

Entre os anos de 1965 e 1966, Leeds intensificou sua pesquisa sobre as favelas brasileiras e sua organização social e econômica. Durante esse trabalho de campo, torna-se consultor do Peace Corps Volunteers, acompanhando as atividades dos voluntários nas favelas do Rio de Janeiro. Em 1966, Leeds muda-se para a favela do Jacarezinho e recebe a colaboração de Elizabeth Plotkin, cientista política e especialista em movimentos sociais urbanos, como pesquisadora associada no planejamento e execução da pesquisa. Um ano depois, casam-se.

---

<sup>71</sup> SIEBER, 1994. Op. Cit.

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Mais adiante, será feita uma explanação mais detalhada sobre esta agência estadunidense de cooperação e assistência técnica.

<sup>74</sup> SIEBER, 1994. Op. Cit.

Desse ano de 1967 até o ano de 1969, Leeds realizou seminários de pesquisa e reuniões do Peace Corps Volunteers e seus demais colaboradores em seu apartamento em Copacabana. Entre 1968 e 1969, Leeds ministrou os cursos de Antropologia Urbana e Ecologia Urbana no Museu Nacional – UFRJ. Cabe ressaltar que no ano de 1968 foi criado nessa instituição o primeiro curso de pós-graduação strito sensu em Antropologia Social<sup>75</sup>. Foi a partir desse curso ministrado por Leeds que saiu a primeira geração de antropólogos urbanos do Rio de Janeiro. Entre seus alunos estavam Gilberto Velho e Ivone Maggie<sup>76</sup>.

Do ano de 1972 a 1989, Leeds assume o cargo de professor assistente na Universidade de Boston. Durante esse tempo, o antropólogo lança a obra *Sociologia do Brasil Urbano*, através da iniciativa de seu ex-aluno, Gilberto Velho. O livro reúne artigos de Leeds em colaboração com Elizabeth Leeds e, ainda, um capítulo da dissertação de sua esposa. Juntos, também empreenderam uma pesquisa sobre trabalho migrante em Portugal e na Europa; e retornam ao Rio de Janeiro para coletar mais dados em trabalho de campo sobre profissões brasileiras e política nas favelas. Ainda nesse período, Anthony Leeds lecionou antropologia aos prisioneiros das instituições correcionais de Massachusetts; integrou e organizou a união do corpo docente da Universidade de Boston; afiliou-se ao Centro de Pesquisas Habitacionais do Rio de Janeiro; fundou a Society for Urban Anthropology, a qual presidiu entre 1982 e 1983; e integrou o Massachusetts Food and Agricultural Coalition<sup>77</sup>.

Dentre os temas de pesquisa que levou a cabo estão a pesquisa sobre habitação em Boston; história e economia política de Mill Towns da Nova Inglaterra; movimentos populares e comunitários; migração haitiana e adaptação familiar; arquitetura urbana em Botswana; economia informal na Indonésia Urbana; produtores de café na Colômbia; economia política da venda de peças para caminhões na Nigéria<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> MENDOZA, E. S. G. 2000. *Sociologia da antropologia urbana no Brasil. A década de 1970*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>76</sup> Velho, 2011. Op. Cit.

<sup>77</sup> SIEBER, 1994. Op. Cit.

<sup>78</sup> Ibidem.

Ainda em 1980, Leeds sofre um ataque do coração. No ano de 1989, seis meses após ter chegado de seu trabalho de campo no Brasil, morreu em sua fazenda em Vermont, com trabalhos em andamento<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> Ibidem.

## **CAPÍTULO 1. A FORMAÇÃO DO ANTROPÓLOGO E O PRIMEIRO CONTATO COM O BRASIL.**

Este primeiro capítulo busca dar conta daquilo que estrutura toda e qualquer profissão ou ofício: a formação. Para entender as experiências intelectuais de Leeds e o contexto histórico em que ocorreu, será abordado o período em que estudava na Universidade de Colúmbia desde 1947 até o seu doutoramento, concluído em 1957. Inclui também uma breve explanação de sua pesquisa de campo sobre a Zona do Cacau realizada entre junho de 1951 e 1952. É nesse período que Leeds tem seu primeiro contato com o Brasil. Anteriormente, será feita um panorama do contexto histórico da antropologia dos EUA durante o período de 1940 a 1960.

As ligações da antropologia norte-americana com as guerras influíram diretamente na agenda de pesquisa destes profissionais. Com a aproximação da Segunda Guerra, estes antropólogos mudaram suas preocupações dos interesses nacionais para os internacionais. Durante os anos 1940, alguns estudaram temas como educação, hábitos alimentares e a moral nacional, enquanto outros trataram de temas como os estudos de área e língua estrangeiras. Com a declaração da guerra, os antropólogos assumiram cargos em diversas agências internacionais, algumas voltadas para a antropologia aplicada, outras voltadas para a guerra, tais como o War Relocation Authority, o Office of Strategic Services, precursor da CIA que atuava na Europa e na África, o Community Analysis Section, o Japanese American Evacuation and Resettlement Study, o Office of War Information, bem como para o FBI ou agências militares na América Latina. Outros antropólogos serviram como cidadãos médios, sendo alistados ou mesmo recrutados para a guerra<sup>80</sup>. Três semanas antes da declaração de guerra, em seu quarto encontro anual, a American Anthropological Association resolveu colocar seus recursos à disposição do país para a execução e sucesso da guerra<sup>81</sup>.

A antropologia dos EUA, durante as décadas de 40 e 50, período de formação de Anthony Leeds, foi influenciada por outros acontecimentos históricos do país, além da Segunda Guerra Mundial e do início da Guerra Fria. Entre eles, destacam-se o ativismo

---

<sup>80</sup> Figueiredo, 2009. Op. Cit.; Harris, 1985. Op. Cit.; PATTERSON, Thomas C. 2001. *A social history of anthropology in the United States*. Oxford, Berg/Oxford International Publishers Ltd.

<sup>81</sup> PATTERSON, Thomas C. 2001. *A social history of anthropology in the United States*. Oxford, Berg/Oxford International Publishers Ltd.

de esquerda, que contou com a atuação do Partido Comunista dos Estados Unidos da América - CPUSA, do Young Progressives of America - YPA e do Partido Progressista. Nesse período também houve o movimento pelos direitos civis e a dessegregação racial na década de 1950<sup>82</sup>.

Acompanhando as consequências do Pós-Guerra, através do *GI Bill of Rights* de 1944, permitiu-se a educação de veteranos retornados da guerra e implementou-se o *Employment Act* de 1946, cuja finalidade era garantir trabalho para todos. Ainda neste ano de 1946, o país viu mais de 600 greves. Em 1947, viu a quinta coluna comunista dentro de seu território e, em 1949, a explosão de uma bomba soviética fez o governo dos EUA sentir a necessidade de conter as ameaças internas, limitando a livre discussão política e investindo nos lucros corporativos e no estoque de armas militares<sup>83</sup>.

Além da Guerra-Fria, o período Pós-Segunda Guerra também trouxe a descolonização de diversos países da África, Ásia e das Ilhas do Pacífico. Diante disso, não só o internacionalismo tomou conta da antropologia dos EUA, como também cresceu o número de estudantes, levando a abertura de novos colleges e universidades para acolher estes milhares de novos estudantes egressos da guerra durante as décadas de 1950 e 1960. Estas novas escolas foram o primeiro mercado de trabalho para os antropólogos, dando mais uma opção de trabalho acadêmico, além do trabalho para o governo. O crescimento da atividade acadêmica trouxe algumas consequências: o surgimento de novos campos de conhecimento, como a ciência da computação e a paleoantropologia; o suporte financeiro do governo federal e de organizações privadas filantrópicas para estudantes de graduação; a limitação à discussão de alguns temas, tal como as contribuições do marxismo para a antropologia ou para o pensamento social, uma vez que havia o medo de represálias políticas<sup>84</sup>.

Já na década de 1960, destacam-se a marcha contra a Guerra do Vietnã; o Free Speech Movement, manifestação ocorrida na Universidade da Califórnia, com a participação de estudantes e professores que reivindicavam o direito de livre manifestação e a liberdade acadêmica limitada pela burocracia universitária<sup>85</sup>; a atuação

---

<sup>82</sup> Stocking Jr, 2010. Op. Cit.

<sup>83</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>84</sup> Ibidem.

<sup>85</sup> Stocking Jr, 2010. Op. Cit.

tanto de movimentos de extrema direita, como a Ku Klux Klan, como o movimento da New Left, consolidada pela atuação de organizações como a SDSS - Students for a Democratic Society, a SNCC – Student Nonviolent Coordinating Committee e a SCLC – Southern Christian Leadership Conference, de Martin Luther King<sup>86</sup>; a petição contra a invasão a Cuba, empreendida por Kennedy em 1961; a atuação dos Panteras Negras em defesa da população negra estadunidense; e, em termos de comportamento, a euforia dos anos de “sexo, drogas e rock and roll”, além da liberação feminina<sup>87</sup>.

Além desses acontecimentos, entre as décadas de 1940 e 1950 alguns antropólogos perderam seus empregos na academia por causa de suas convicções e atividades políticas. Desse modo, entre os 1960 e 1970, vários estudantes que se posicionaram contra a guerra foram alijados de posições acadêmicas. No período entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1950, os antropólogos tiveram posturas variadas. Alguns agiram como informantes do FBI, denunciando colegas e estudantes, enquanto outros evitavam conflitos, usavam pseudônimos e escreviam de forma a não deixar claras as suas posições políticas e teóricas. Já a postura da AAA foi não assistir aos antropólogos que perderam seus empregos por perseguição política, além de entregar para oficiais do governo uma listagem daqueles que acreditavam ser comunistas ou simpatizantes do comunismo<sup>88</sup>.

Nesses anos pós-guerra, até o final da década de 1960, houve um crescimento do número de antropólogos, decorrentes da *GI Bill of Rights* que possibilitou e promoveu a educação de egressos da guerra<sup>89</sup>. Além de acolher estudantes que haviam servido na guerra, tais como Sidney Mintz e Eric Wolf, era a primeira vez que as universidades dos EUA e, mais ainda, os estudos antropológicos se abriram para jovens que não vinham das classes altas. Os fundos governamentais permitiam a estes estudantes dedicarem-se integralmente à vida acadêmica, sem ter a necessidade de trabalhar para garantir o sustento<sup>90</sup>.

Desde os anos 1930, a antropologia estadunidense fora redefinida conforme a visão boasiana, isto é, como uma disciplina dividida em quatro campos: etnologia ou

---

<sup>86</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

<sup>87</sup> Stocking Jr, 2010. Op. Cit.

<sup>88</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Harris, 1985. Op. Cit.

antropologia cultural, linguística, arqueologia e antropologia física<sup>91</sup>. No entanto, alguns antropólogos, como Sol Tax, ressaltaram o caráter integrado destes quatro campos da antropologia. No final dos anos 1930, a antropologia dos EUA já operava com a separação de departamentos<sup>92</sup>.

Apesar de já ter forte presença na antropologia dos EUA desde a década de 30, os estudos de área foram intensificados a partir dos 40, sobretudo nas agências ligadas à guerra. Entre os estudos de área mais emblemáticos do período destacam-se *O crisântemo e a espada*, de Ruth Benedict, feito para o Office of War Information; o estudo sobre relações raciais, levado a cabo por Gunnar Myrdal para esta mesma agência; os estudos em cultura soviética e os estudos em culturas contemporâneas coordenados por Margaret Mead para a RAND Corporation e para o Office of Naval Research respectivamente; o estudo de Julian Steward sobre Porto Rico financiado pela Fundação Rockefeller; e o estudo sobre a Micronésia empreendido por Murdock e financiado pela marinha estadunidense<sup>93</sup>.

Além dos estudos de área, a antropologia dos EUA também viu no período entre o final dos anos 40 e início dos 50 a “*action anthropology*”, termo cunhado por Sol Tax e seus alunos para designar o estudo entre os índios Fox de Iowa, com o objetivo de entender e intervir no processo de aculturação desses indígenas para ajudá-los a melhorar a qualidade de vida. A “*action anthropology*” teria como objetivo ajudar as comunidades a criar possibilidades de escolha, treinar líderes, desenvolver habilidades para a tomada de decisões, entre outros<sup>94</sup>.

Ao lado destes tipos de estudos, as relações raciais, que sempre estiveram na agenda de pesquisa norte-americana, foram estudadas pela UNESCO nesse período. Em outubro de 1949, a UNESCO convocou o *Committee of Experts on Race Problems* para coletar materiais sobre os problemas em torno da questão da raça, disseminar as informações e preparar uma campanha educacional baseada nesses dados<sup>95</sup>. Cabe colocar que, antes dessa iniciativa, algumas associações científicas dos EUA já haviam declarado a falta de fundamentação científica da ideologia racialista. Na verdade, esse

---

<sup>91</sup> Harris, 1985. Op. Cit; Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>92</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>93</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>94</sup> Ibidem.

<sup>95</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

documento já estava sendo gestado desde 1947 pela UNESCO como reação aos conteúdos racialistas usados como ideologia pelo nazismo<sup>96</sup>.

O texto elaborado nesse ano foi submetido à análise de diversos cientistas ligados às ciências naturais, obtendo diversas críticas. Dentre as críticas apresentadas por cientistas ligados às ciências naturais estão a presença de afirmações consideradas precipitadas e sem comprovação científica, sobretudo no que tange à influência dos caracteres biológicos das raças e os respectivos patrimônios culturais. Argumentavam que deveriam rever alguns enunciados e suprimir outros para preservar a cientificidade do documento. Outro argumento foi a necessidade de se diferenciar raça vista como fenômeno biológico e como classificação ideológica<sup>97</sup>.

O *Statement on Race* da UNESCO fora publicado em 18 de julho de 1950 na 5ª sessão da Conferência Geral da entidade. Dentre as conclusões desse documento estão a semelhança da capacidade mental das raças, a negação de que a miscigenação gerasse qualquer degeneração biológica, a afirmação de que a raça é menos um fato biológico do que um mito social. Foi nesse momento que o Brasil tornou-se lugar de estudos sobre relações raciais da UNESCO, envolvendo pesquisadores norte-americanos e estrangeiros em projetos de pesquisa, entre os quais o Projeto Bahia-Columbia<sup>98</sup> do qual Leeds fizera parte<sup>99</sup>.

O documento causou grande impacto entre os vários cientistas, forçando uma reformulação que fora monopolizada pelos antropólogos físicos e geneticistas. Em resposta crítica a esta conclusão do relatório, essa nova comissão fez, em 1951, uma nova declaração focada nos aspectos genéticos da noção de raça, retirando os aspectos filosóficos e culturalistas da primeira versão<sup>100</sup>.

---

<sup>96</sup> MAIO, Marcos Chor. 1997. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

<sup>97</sup> Maio, 1997. Op. Cit.

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> CONSORTE, J. G. 1999. “Lembrando Costa Pinto: memória das ciências sociais no Brasil”. In: MAIO, M. C. e VILLAS-BÔAS, G. (org.) *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS.

<sup>100</sup> Maio, 1997. Op. Cit.

Na década de 1960, a questão racial continuou a ser amplamente debatida na antropologia dos EUA, sobretudo após o mandato de integração escolar expedido por decisão da suprema corte americana em 1954 no *Brown v. Board of Education*<sup>101</sup>. Os temas raça e racismo foram discutidos em todos os números da *Current Anthropology* publicados entre outubro de 1961 e outubro de 1963<sup>102</sup>.

Entre 1965 e 1973, a polarização da sociedade estadunidense em relação à Guerra do Vietnã, a política externa dos EUA de intervenção nos problemas internos de outros países, a mudança nas políticas urbanas e raciais após o *Brown v. Board of Education* e a interrupção do crescimento econômico nos anos Pós-Guerra levaram os antropólogos norte-americanos a refletirem sobre si mesmos e a admitir que tanto eles mesmos quanto as populações estudadas eram objetos da contemporaneidade e da civilização imperial. Desse modo, viam que o antropólogo também deveria ser visto como relativamente livre e integrado, de tal maneira que pudesse ele mesmo se tornar objeto de estudo<sup>103</sup>.

Além disso, novos campos de estudos antropológicos apareceram: os problemas encontrados pelos imigrantes rurais nas cidades africanas e latino-americanas, os pobres e a classe trabalhadora imigrante, as comunidades racializadas e as subculturas urbanas. Em suma, examinaram como esses grupos se inseriam em grandes estruturas através da estrutura de classes, instituições políticas e econômicas e processos nos quais participavam<sup>104</sup>.

Os estudos de modernização e desenvolvimento também se apresentavam como recorrentes na antropologia estadunidense do período entre 1950 e 1960, seguindo o contexto dos programas norte-americanos de ajuda a países subdesenvolvidos e da crescente descolonização dos países afro-asiáticos. Na visão dos teóricos da modernização e desenvolvimento, esses programas deveriam combinar as agendas política e econômica para desenvolver as infraestruturas dos países subdesenvolvidos e dar suporte aos setores de exportação das elites locais para promover a modernidade

---

<sup>101</sup> Decisão judicial que declara a inconstitucionalidade da segregação racial nas escolas públicas estadunidenses. Fonte: <http://www.uscourts.gov/educacional-resources/get-involved/federal-court-activities/brown-board-education-re-enactment/history.aspx>. Acesso em 1 de abril de 2014.

<sup>102</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>103</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>104</sup> Ibidem.

capitalista. As questões tratadas por estes teóricos eram como identificar e dar suporte às classes ou grupos que poderiam promover o desenvolvimento econômico capitalista em países subdesenvolvidos, bem como analisar a transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade dinâmica e moderna, cujos valores culturais promoveriam o crescimento da economia e do consumo<sup>105</sup>.

Na esteira destes teóricos, também vieram os teóricos da dependência a partir da década de 1960. Com enfoque na América Latina, viam o subdesenvolvimento desses países como uma consequência das relações de exploração impostas pelas metrópoles capitalistas norte-americanas e europeias. A perspectiva de que o subdesenvolvimento era inerente às contradições do capitalismo desafiava a visão preponderante do caráter igualmente benéfico do capitalismo e da modernização para todas as nações<sup>106</sup>.

Baseada no trabalho em San Juan, Porto Rico e México, foi construída a teoria da “cultura da pobreza” de Oscar Lewis, na qual inter-relacionava classe, cultura e desigualdade. Segundo Lewis, a cultura da pobreza se originava nas sociedades cujo desenvolvimento para o capitalismo se dera rapidamente e em sociedades coloniais com relações sociais imperialistas. Mais ainda, a pobreza se perpetuaria uma vez que as crianças de áreas pobres absorveriam os valores e atitudes de suas subculturas e não estariam psicologicamente preparadas para tirar vantagens das condições de mudança ou das oportunidades que poderiam ocorrer em suas vidas<sup>107</sup>. Posteriormente, vieram alguns críticos a essa perspectiva, dentre estes, Anthony Leeds e Eleanor Leacock.

Tais fatores acima mencionados também levaram os antropólogos a reconhecer as inadequações e limites das perspectivas teóricas então vigentes e a explorar outras. Desse modo, questionaram as teorias da modernização, o estrutural-funcionalismo, o evolucionismo cultural e o estruturalismo e tomaram emprestadas as idéias dos teóricos da dependência latino-americanos, além de incorporar as idéias feministas e marxistas<sup>108</sup>.

Com relação às perspectivas teóricas da antropologia dos EUA do período, cabe destacar o culturalismo boasiano e o neo-evolucionismo. A escolha dessas linhas da

---

<sup>105</sup> Ibidem.

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> Ibidem.

<sup>108</sup> Ibidem.

antropologia estadunidense se deu pelos seguintes motivos: o culturalismo boasiano era predominante na Universidade de Columbia, onde Leeds se formara. Ainda estudante nesta universidade, Leeds fazia parte de grupos de estudos marxistas, através do qual se enveredou pelo neo-evolucionismo, por influência de Julian Steward e Alfred Kroeber<sup>109</sup>.

A antropologia de Boas tem como características e pressupostos básicos as questões da semelhança e da classificação; a relação entre elementos e conjuntos; a questão do gênio dos povos; a integração dos conjuntos; os métodos físico e histórico; a abordagem histórica e a importância atribuída à linguística<sup>110</sup>.

O primeiro pressuposto apresentado, isto é, a questão entre a relação de causa e efeito, fora formulado por Boas em contraposição à colocação de Mason, que partia da noção evolucionista de invenção independente. Mason considerava que, na cultura humana, causas semelhantes produzem efeitos semelhantes, enquanto Boas o criticava argumentando que a omissão de uma das causas, quando se as enumerava, derrubava todo o sistema. Desse modo, Boas afirmava que efeitos semelhantes não tinham, necessariamente, causas semelhantes<sup>111</sup>.

Essas questões da pluralidade das causas e da semelhança dos efeitos são identificadas como elementos centrais do problema da classificação. Para Boas, o conceito de classificação apresentado por Mason trazia implícita a afirmação da semelhança dos efeitos, uma vez que sua classificação não partia da definição conceitual, mas da distribuição real dos fenômenos. Isso vinha da convicção de Mason de que a definição de famílias, gêneros e espécies dos fenômenos etnológicos possibilitariam o tratamento comparativo, remetendo à definição prévia do que eram efeitos semelhantes. Na ocasião de seu estudo sobre as características físicas dos índios americanos, Boas admitiu que fazia uma tabulação geográfica de fatos observados quanto às características físicas dos índios americanos, e não uma classificação racial, uma vez que o objeto de estudo era o indivíduo e não abstrações feitas partindo do indivíduo sob observação. Ou seja, tentava evitar qualquer abstração partindo das unidades. Da mesma maneira, em sua antropologia física, o tipo de qualquer

---

<sup>109</sup> Sieber, 1994. Op. Cit.

<sup>110</sup> Stocking Jr, 2004. Op. Cit.

<sup>111</sup> Ibidem.

distribuição não se definia pelo seu valor médio, mas na distribuição total das variantes. Para ele, uma classificação ou distribuição baseada em efeitos aparentemente semelhantes poderia resultar na mistura de dois grupos diferentes<sup>112</sup>.

Quando discute os sons alternantes, Boas chega à conclusão de que a classificação teria também que considerar o ponto de vista do observador. Em seu argumento, o ouvinte, ou observador, poderia classificar como dois sons diferentes um terceiro som que não existia em sua língua. Para Boas, as similaridades aparentes não podiam embasar as classificações. O fato de haver pontos em comum entre os hábitos do observador e os processos históricos condicionantes dos fenômenos observados poderia criar semelhanças aparentes nos efeitos cujas causas estavam em observação. Em suma, a semelhança e a classificação dos efeitos não deveriam ser o ponto de partida, mas o ponto de chegada da investigação, uma vez que se apresentavam como um problema mais histórico do que lógico<sup>113</sup>.

A questão da relação entre elementos e conjuntos atrelava-se ao problema prático do arranjo de um museu. Boas via como abstrações rígidas os arranjos de amostras que agrupavam artefatos de diversos níveis de cultura destinados a satisfazer necessidades humanas genéricas. No seu argumento, e seguindo a questão da semelhança dos efeitos, um chocalho poderia ser não só um meio de produzir sons, mas também ser o resultado de concepções religiosas. Ou seja, um mesmo artefato poderia ter vários significados e o que era visto como efeito similar pelo observador, na verdade não o era, quando se consideravam os significados internos. Se o conceito de significado mediava as relações entre os elementos e a totalidade, o movimento, portanto, partia do conjunto para o elemento, sem perder de vista a integração entre estes<sup>114</sup>.

A questão do gênio dos povos e a linguagem se mostram intimamente ligadas no pensamento de Boas. Muitos aspectos do comportamento primitivo e civilizado eram tratados em termos de explicações secundárias, isto é, em termos de racionalizações do comportamento habitual enraizado na tradição. Tais explicações secundárias também seriam portadoras de grande carga emocional. Além disso, poderiam ser arbitrárias em

---

<sup>112</sup> Ibidem.

<sup>113</sup> Ibidem.

<sup>114</sup> Ibidem.

relação ao costume individual, mas não o eram em relação à cultura em geral. Essa possível arbitrariedade dependia do contexto cultural geral e dos conjuntos de idéias associadas nesse contexto. Logo, o nível consciente da explicação secundária fazia parte da integração de elementos em conjuntos culturais, que por sua vez também ocorria no nível da linguagem<sup>115</sup>.

Havia uma tendência universal para classificar os fenômenos – todas as línguas classificavam as ações em termos de tempo e espaço. Porém, essa tendência à categorização se expressava mais na diversidade do que na uniformidade. As classificações diferentes seriam um reflexo histórico inconsciente dos interesses culturais de um povo, de modo que o caráter inconsciente dos processos linguísticos revelava os processos da cultura em geral, caracterizando-se pelo agrupamento de várias atividades sob a forma de uma única idéia. Por este motivo, a linguagem constituía um campo de pesquisa sobre a formação das ideias étnicas fundamentais, pois suas operações não se obscureciam pela explicação secundária. A integração dos elementos culturais em conjuntos se dava no gênio de um povo. Essa integração era psicológica, pois era fundada em ideias e não em condições externas, baseadas nos processos de socialização e imitação<sup>116</sup>. Estes pressupostos explicam a importância que Boas atribuía à linguística e à psicologia na formação do antropólogo, bem como na pesquisa de campo, como será visto mais adiante.

Dada a sua formação intelectual, influenciada pela física e pela geografia, ciências às quais se dedicou antes da antropologia, Boas via a natureza da pesquisa científica conforme a relação estabelecida com os fatos e a abordagem da verdade, deste ponto distinguindo os métodos físico e histórico. De um modo bem resumido, o físico se preocupa com o isolamento do fenômeno geral, conseguido após a comparação dos fatos similares. Assim, tendia a decompor o fenômeno inteiro em elementos os quais se investigava separadamente. Já o historiador negava como única abordagem a dedução das leis partindo dos fenômenos, tendo seu interesse pela lei somente com o intuito de explicar a história real destes. Este método era outra maneira da ciência ver os fenômenos da natureza. A história era, para a antropologia, a base para derivar as leis e

---

<sup>115</sup> Ibidem.

<sup>116</sup> Ibidem.

a história fisiológica e psicológica da humanidade, de tal modo que as leis culturais só se estabeleciam pela história<sup>117</sup>.

Como se sabe, Boas deixou seu legado em Columbia e difundiu suas idéias através de seus estudantes, entre os quais figuram Margareth Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir e Alfred Kroeber. Suas conexões com a psicologia datam desde os anos 1920, cuja contribuição para a antropologia foi a possibilidade de retratar as formas de integração entre vários comportamentos em uma sociedade, bem como as atitudes e crenças de seus membros. O culturalismo boasiano via a cultura como uma totalidade cujos elementos estavam interconectados, integrados e padronizados. Segundo a perspectiva culturalista, a cultura de uma sociedade se diferenciava de estilos de vida de outros grupos por causa dos diferentes modos nos quais seus membros aprenderam a lidar com suas emoções e a regular suas condutas. Viam a cultura, as formas de consciência social e suas manifestações no idioma e em objetos materiais como a força que modelava as relações humanas sociais e interpessoais<sup>118</sup>.

Desde a década de 50, uma das heranças do legado boasiano foi a reformulação do conceito de cultura, visto em termos de códigos e regras, estruturas simbólicas e sistemas de significado<sup>119</sup>. Outra herança é a importância atribuída aos estudos linguísticos, de modo a terem intensificado, desde as décadas de 20 e 30, o treinamento de estudantes em linguística e em línguas nativas, bem como a coleta e o registro desses idiomas<sup>120</sup>.

A partir de 1940 e 1950, o legado de Boas foi contestado pela corrente neo-evolucionista, que ganhou espaço dentro da instituição através da formação de grupos de estudos<sup>121</sup>. Na década de 1950, havia um grupo de jovens em Columbia, liderados por Morton Fried que se dedicava a discutir o neo evolucionismo, de modo contrário ao culturalismo, com ênfase no aspecto econômico. O grupo era formado por Marshall

---

<sup>117</sup> Ibidem.

<sup>118</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>119</sup> Stocking Jr, 2004. Op. Cit.

<sup>120</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>121</sup> Sieber, 1994. Op. Cit.

Sahlins, Marvin Harris e Anthony Leeds, que também contava com a orientação de Karl Polanyi<sup>122</sup>.

Dentro da antropologia dos EUA, a corrente neo-evolucionista, ou evolucionismo cultural, cuja força se deu durante as décadas de 1940 e 1950, tem suas bases teóricas no pensamento marxista<sup>123</sup>. Já entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940, as análises marxistas sobre classes sociais e com ênfase econômica já eram feitas por antropólogos norte-americanos, tais como Walter Goldschmidt, St Clair Drake e Horace Cayton<sup>124</sup>.

Na perspectiva neo-evolucionista, cujos autores emblemáticos são Leslie White e Julian Steward, destacam-se as regularidades multiculturais e a base na superestrutura, ou ainda, a imagem da sociedade em camadas, cuja base era vista como estritamente econômica e como determinantes das camadas sociais e culturais. Seus estudos eram elaborados em termos das perspectivas do determinismo econômico e do evolucionismo, onde a concepção de história se apresentava como uma série de estágios culturais<sup>125</sup>.

Durante a década de 1950, essa linha teórica se fez presente não só entre os antropólogos, mas também entre os arqueólogos. No entanto, por conta da perseguição e repressão anticomunista, alguns arqueólogos e antropólogos tentaram camuflar a influência marxista<sup>126</sup>. Para isso, usaram o termo evolucionismo cultural ou evolução social, muito embora alguns acadêmicos identificassem o pensamento evolucionista com o pensamento social marxista.

Os arqueólogos elaboraram duas linhas do pensamento evolucionista entre os anos 1950: uma enraizada no determinismo econômico de Steward e White, e outra construída sobre as noções de diferenciação social de Durkheim e Spencer. Partindo dessa perspectiva, afirmavam que a civilização era um resultado natural da evolução social humana. Esta, por sua vez, era alcançada em algumas áreas e bloqueada em

---

<sup>122</sup> CONSORTE, Josildeth Gomes; PEREIRA, João Baptista Borges. 2010. *Entrevista com Josildeth Gomes Consorte e João Batista Borges Pereira*. In: TORRES, Lílian de Lucca. *Revista Ponto Urbe* 6. São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana/USP. Ano 4.

<sup>123</sup> Harris, 1985. Op. Cit.

<sup>124</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>125</sup> Ibidem.

<sup>126</sup> Ibidem. Figueiredo, 2009. Op. Cit.

outras, por causa do meio ambiente natural que limitava ou impedia a produção agrícola. A perspectiva evolucionista comparativa adotada explicava mais as similaridades de desenvolvimento em tradições culturais diferentes do que as suas características divergentes ou únicas. Procuravam as regularidades culturais e, ao mesmo tempo, as especificidades históricas de cada tradição<sup>127</sup>.

No final da década de 1950, os antropólogos usavam os argumentos do evolucionismo cultural para explorar questões postas por Marx e Engels. Nesse sentido, buscavam refinar a teoria evolucionista cultural através do pensamento social marxista. Não só reconheciam as conexões entre o pensamento contemporâneo evolucionista cultural e a análise de Marx sobre a ascensão do capitalismo, como também apresentavam como características da evolução cultural o potencial de desenvolvimento dentro de uma dada forma de sociedade e as discontinuidades locais no desenvolvimento cultural<sup>128</sup>.

Entre os antropólogos físicos, a teoria evolucionista cultural também fora evocada. Em suas discussões sobre a evolução do comportamento humano, conceituaram novamente a noção biológica de uma população como um grupo social integrado funcionalmente, redefiniram a chave do problema da ciência comportamental evolucionista como a origem do comportamento adaptável em um grupo social funcional, com adaptação vista mais em termos de interação de grupos que em termos de sucesso reprodutivo diferencial. Desse modo, concluíam que a cultura era uma adaptação humana, manifestado em comportamentos repetitivos que poderiam ser inferidos da estrutura pélvica, cerebral e anatômica<sup>129</sup>.

O legado marxista para o neo-evolucionismo, ou evolucionismo cultural, foi o uso da noção de infra estrutura como ponto de partida para o entendimento de diversos problemas teóricos da antropologia. No entanto, a ênfase não recaía somente sobre a economia, mas também sobre a demografia e a ecologia, isto é, sobre a vida material. As circunstâncias materiais da vida humana são, portanto, uma chave para compreender as variações dos esquemas culturais, criando-se modelos explicativos baseados nas infraestruturas – as variações demográficas, tecnológicas, econômicas, ambientais,

---

<sup>127</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>128</sup> Ibidem.

<sup>129</sup> Ibidem.

etc.<sup>130</sup>. Por este motivo, autores como Marvin Harris, identificado como adepto desta abordagem teórica, também nomeia esta linha como materialismo cultural, ou ainda, materialismo ecológico<sup>131</sup>. Assim como Harris, Leeds também se inseria nessa linha, conforme Harris apresenta em entrevista<sup>132</sup>. A adesão a esta tradição também é destacada por Leeds em carta enviada a Eric Wolf em 7 de outubro de 1965. Neste documento, o antropólogo se declara um dos poucos que fazem estudos teórico-empíricos de evolução cultural<sup>133</sup>.

Outra instância metodológica presente em Marx que fora aproveitada por esta linha de pensamento foi a diferença entre ética e êmica. Isto é, o estudo de uma cultura, ou a percepção de um sistema social desde o ponto de vista de seus membros – êmica - e desde o ponto de vista do observador, exterior ao sistema - ética. Assim, sustenta-se que não pode haver uma ciência social ou uma ciência que trate da cultura que não seja ao mesmo tempo ética e êmica. Desse modo, a relação entre as ideias de uma cultura e sua infraestrutura pode ser o método que permite maior objetividade no estudo e que permite traduzir os aspectos êmicos de outras culturas em uma estrutura que as faça inteligíveis a pessoas de outras culturas<sup>134</sup>.

Como métodos e técnicas de estudo, podem-se destacar os Estudos de Comunidade, cujo início remonta à década de 1920, quando os primeiros trabalhos, de autoria de Robert e Helen Lynd – *Middletown: a study of contemporary american culture* – e de Robert Redfield – *Tepoztlan: a mexican village*, foram publicados<sup>135</sup>. Os Estudos de Comunidade se constituem como método de observação e exploração de caráter descritivo e abrangente, com a finalidade de compreender a configuração da estrutura social, sobretudo seus aspectos culturais, e de possibilitar a intervenção social<sup>136</sup>. Destaca-se a presença do tema do desenvolvimento e da concepção de mudança social que impregnaram esses estudos. Adotada pelos intelectuais da Universidade de Chicago, os estudos de comunidade foram importantes para a inauguração da Antropologia Social, consistindo em um método de observação e

---

<sup>130</sup> Harris, 1985. Op. Cit.

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> Ibidem.

<sup>133</sup> Carta enviada a Eric Wolf. 7 de outubro de 1965. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general – Ethics.

<sup>134</sup> Harris, 1985. Op. Cit.

<sup>135</sup> Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>136</sup> Maio e Oliveira, 2011a. Op. Cit; Maio e Oliveira, 2011b. Op. Cit.

exploração, comparação e verificação. Estes estudos de comunidade tinham o objetivo de usar a comunidade como um contexto para a exploração, descoberta ou verificação de interconexões entre fatos e pesquisadores. A coleta de dados se destinava à compreensão da configuração da estrutura social como um todo e tinham o propósito de oferecer subsídios ao trabalho de técnicos para a implementação de programas de desenvolvimento e mudança social<sup>137</sup>.

Vista por antropólogos como Steward como “*a maior contribuição da antropologia social aos programas de cooperação interdisciplinar para a resolução de problemas mundiais de desenvolvimento*”, os Estudos de Comunidade definiam a comunidade a partir do seu tamanho, isto é, do número de habitantes, seu grau de isolamento e desenvolvimento. Também tinha na descrição geral do contexto sócio cultural o seu elemento definidor, pretendendo, portanto, dar conta de uma totalidade, em vez de uma questão central específica<sup>138</sup>.

Os Estudos de Comunidade realizados no Brasil nas décadas de 1940 e 1950 por pesquisadores dos EUA tinham algumas características em comum. Além de serem pesquisas de levantamento e análise de longo alcance, visavam a intervenções futuras, uma vez que forneciam informações para traçar o desenvolvimento das regiões estudadas. As análises dessas pesquisas partiam da comparação de diferentes localidades, que colocava a noção de representatividade destas. A noção de desenvolvimento se dava através de definições como densidade demográfica, atividades produtivas, infra-estrutura local - eletricidade, estradas, transporte, assistência médica, escolas, etc., grau de isolamento - estradas, ferrovias, etc. e intercâmbio com outras localidades. As principais perspectivas desses estudos eram não só as dicotomias modernidade vs tradição, progresso vs desenvolvimento, rural vs urbano, como também a relação do homem com o meio ambiente<sup>139</sup>.

Estas foram as principais tendências teóricas e metodológicas que conformaram a antropologia dos EUA durante o período em questão. Convém agora apresentar brevemente que elementos envolviam a formação de um antropólogo nesses mesmos país e período.

---

<sup>137</sup> Ibidem; Ibidem.

<sup>138</sup> Castro, 2001. Op. Cit.

<sup>139</sup> Ibidem.

Dentre as universidades estadunidenses que interessam a esta dissertação, incluem-se as de Chicago, pela influência que teve nos EUA e no Brasil, e a de Columbia, onde Boas<sup>140</sup> deixou seu legado e onde Leeds se formou. Em ambas as universidades os Estudos de Comunidade estiveram presentes como uma tendência marcante nas pesquisas antropológicas entre as décadas de 1940 e 1950. Também foram estas que empreenderam dois grandes projetos de estudos de comunidade no Brasil, ambas no estado da Bahia: o Projeto Bahia/Columbia, coordenado por Charles Wagley, e o Projeto do Vale do São Francisco, coordenado por Donald Pierson<sup>141</sup>.

A formação em Columbia, seguindo a orientação de Boas, se dava de modo interativo com os museus, como mostra a carta de Boas a Zelia Nuttal em 16 de maio de 1901. Boas pretendia construir uma escola onde a antropologia estivesse representada nos seus aspectos físico, psicológico e comparativo, bem como desenvolver trabalhos em arqueologia e etnologia americana, asiática e africana. Além de adotar linhas de estudos voltados para a realização de trabalho de campo, planejava dar ênfase a uma formação em linguística, etnologia geral e em métodos de campo da antropologia física. Buscando apoio financeiro do Bureau de Etnologia e de outras instituições privadas, Boas desejava expandir os estudos linguísticos e a etnologia comparativa para fora da esfera dos museus<sup>142</sup>.

Como se vê em outra carta enviada a Nicholas Murray Butler em 15 de novembro de 1902, antes de Boas, a instrução antropológica da Universidade de Columbia ficava a cargo do Dr. Farrand, que integrava os quadros do Departamento de Psicologia. Até então, a antropologia era ministrada nas faculdades de filosofia, ciências sociais e ciência pura. Somente em 1899 a antropologia estabeleceu-se na faculdade de filosofia, onde a formação abrangia a etnologia comparativa, um curso sobre raças européias, um curso de antropologia física e outro de línguas americanas. Além dos cursos, a formação também contava com a parceria estabelecida entre a universidade e o Museu Americano de História Natural nos trabalhos de pesquisa<sup>143</sup>.

---

<sup>140</sup> Sobre a trajetória de Boas e seus textos sobre métodos e técnicas de pesquisa, ver: BOAS, F. *Antropologia Cultural*. Organização, apresentação e tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

<sup>141</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit; Castro, 2001. Op. Cit; Valladares, 2005b. Op. Cit.

<sup>142</sup> Stocking Jr, 2010. Op. Cit.

<sup>143</sup> Stocking Jr, 2004. Op. Cit.

Vê-se também que a antropologia só era estudada após a graduação, uma vez que Boas se revelou desejoso de abrir um curso introdutório de antropologia para os estudantes do penúltimo ano da graduação, no qual também queria incluir o ensino de cultura asiática, bem como cursos sobre as tribos do Nordeste da Ásia, os malaios, os polinésios e os africanos. Para tanto, previa a cooperação com os departamentos de chinês e de línguas orientais<sup>144</sup>.

A pós-graduação, por sua vez, era constituída por três partes: a antropologia física, na qual incluía um curso sobre estudo estatístico da variação e a cooperação com o departamento de zoologia e a escola de medicina; a preparação linguística, incluindo cursos de línguas indígenas; e a etnologia comparativa e específica, que previa o uso das coleções do Museu Americano de História Natural. Além disso, o próprio Boas também dava cursos sobre administração de museus para estudantes avançados. Via também a necessidade de desenvolver a arqueologia americana para treinar estudantes capacitados em todos os ramos da pesquisa antropológica. Para tal fim, Boas pretendia um profissional treinado em geologia, engenharia civil e arquitetura<sup>145</sup>.

A ênfase dada à e o seu interesse pelos estudos da cultura asiática se explica pelo seguinte trecho da carta enviada a Morris K. Jesupp em 1903:

Nas atuais condições, um conhecimento mais extenso das culturas do leste asiático parece ser uma questão de grande importância nacional. O comércio e o intercâmbio político com a Ásia Oriental estão em rápida expansão. Para tratar inteligentemente dos problemas que surgem nessa área, precisamos conhecer melhor o povo e os países com que lidamos. (...).<sup>146</sup>

Boas desejava, a partir da montagem de coleções sobre o Leste Asiático, estabelecer um departamento destinado a essa região. Até porque já havia um departamento de chinês na universidade cuja concretização se dera partindo de uma coleção museológica doada à instituição. Boas queria partir de uma coleção sobre as Ilhas Filipinas para desenvolver a instrução sobre o Leste Asiático<sup>147</sup>. Cabe lembrar que,

---

<sup>144</sup> Ibidem.

<sup>145</sup> Stocking Jr, 2004. Op. Cit.

<sup>146</sup> Ibidem. Pg.354.

<sup>147</sup> Ibidem.

nesta época, as Ilhas Filipinas tinham declarado sua independência recentemente (1898) e, apesar disso, só fora reconhecida em 1946<sup>148</sup>.

Uma vez apresentada a formação em antropologia na Universidade de Columbia, cabe também abordar o modo como se dava essa formação na Universidade de Chicago. A Universidade de Chicago conseguiu consolidar uma tradição nas ciências sociais dos EUA, mais conhecida como Escola de Chicago. Essa tradição influenciou a pesquisa de campo dos EUA.

Sofrendo influência da antropologia social inglesa, através da presença de Radcliffe-Brown, e situada próxima a uma comunidade negra ao Sul de Chicago, esta universidade contava com uma escola de estudos urbanos e marcou fortemente as ciências sociais dos EUA de modo a ter se consolidado como uma escola, inaugurada por Robert Redfield<sup>149</sup>. Além desta, também se destaca como influência europeia na Escola de Chicago autores como Simmel, Durkheim e Weber, bem como se destaca a base empírica como sua principal característica<sup>150</sup>. Apesar de ter a princípio operado com um só departamento que incluía a sociologia e a antropologia até o ano de 1929, sendo posteriormente separadas, essas duas disciplinas encontram-se em constante interação no que se denomina Escola de Chicago<sup>151</sup>. O fato de não apresentar uma unidade de doutrina, esta escola se caracteriza pela importância dada ao trabalho de campo e à observação participante. Ligada em diversas linhas, tais como o interacionismo, o pragmatismo ou mesmo o marxismo, tinham também uma variedade de objetos de estudo, porém todos relacionados ao meio urbano<sup>152</sup>.

Influenciada pelo contexto urbano da própria cidade de Chicago, marcada pelo crescimento veloz e intenso; pela presença de imigrantes europeus, negros e brancos vindos do Sul dos EUA; pela presença de guetos, bairros e áreas diferenciadas, a

---

<sup>148</sup> Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipinas> . Acesso em 10 de abril de 2014.

<sup>149</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit. ; Patterson, 2001. Op. Cit.

<sup>150</sup> LOPES, Juarez R. B. 2005. “A Escola de Chicago ontem e hoje. Um depoimento pessoal”. In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.; VELHO, Gilberto. 2009. Antropologia urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, problemas e práticas*, n 59, p 11-18.

<sup>151</sup> VELHO, Gilberto. 2005. “Reflexões sobre a Escola de Chicago”. In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.; Velho, 2009. Op. Cit.

<sup>152</sup> Velho, 2009. Op. Cit

Universidade de Chicago fora criada em 1892 com recursos da Fundação Rockefeller como reflexo de uma preocupação dos empresários em investir em uma instituição diferenciada, que pudesse encaminhar soluções aos problemas da cidade. Entre os expoentes da instituição estão Robert Park, Robert Redfield, Howard Becker, Erving Goffmann, Lloyd Warner, entre outros<sup>153</sup>.

Um dos marcos da Escola de Chicago é o tratamento do fenômeno urbano pela ecologia urbana, difundida por Robert Park já em 1924. Segundo essa linha, a ênfase se dava não só no estudo da relação de uma população com seu território, mas também da relação entre duas populações em um mesmo território. Além de ser pensada como um mosaico de território, a cidade também é vista como um arranjo de populações de origens diferentes em um mesmo sistema de atividades. Desse modo, o espaço urbano também é pensado como um espaço de disputas e de contestação, como um meio onde se encontram recursos para as atividades de adaptação e de cooperação dos indivíduos e grupos. Justamente por assumir que toda atividade encontra pontos de apoio em seu ambiente, o tratamento qualitativo aos espaços urbanos garante o sentido do modo como seus habitantes o utilizarão<sup>154</sup>.

Tendo como linha mestra a observação participante, isto é, a ênfase no trabalho empírico, a Escola de Chicago prevê nesta prática a conjunção de distanciamento prático e implicação empírica, onde o pesquisador concebe sua atividade de pesquisa como leitura de indícios e inferências. Outro método característico é a produção de mapas, seja da pobreza, seja de nacionalidades, constituindo-se como produto das grandes enquetes. Essas pesquisas contavam com voluntários locais e previam a coleta de dados institucionais e a observação das condições de vida, tendo como objetivo os problemas sociais e operando como incitadores de uma consciência comunitária. Daí vem a importância dos *social surveys* amplamente utilizados pela Escola de Chicago,

---

<sup>153</sup> Velho, 2005. Op. Cit.

<sup>154</sup> JOSEPH, 2005. "A Escola de Chicago". Entrevista concedida a Licia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima. In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

construindo um espaço de saber em escala local. Os métodos dos relatos de vida e a análise de documentos pessoais também marcam esta escola<sup>155</sup>.

#### - O PERÍODO DE FORMAÇÃO EM COLUMBIA – 1947 A 1957.

Os documentos escolhidos para dar um parâmetro geral da formação de Leeds em Columbia foram os exames e ementas de curso, do período que vai desde o undergraduate até o PhD. Nos dossiês referentes a todo esse período, vêm-se anotações de aulas de outras disciplinas, além da antropologia, tais como zoologia, belas artes, filosofia, linguística, biologia, psicologia, economia, arqueologia, anotações sobre museus, história da África, história da Ásia e pré-história<sup>156</sup>.

Como primeira observação, cabe explicar brevemente o que se pedia como competências e habilidades mínimas para um estudante em seus anos iniciais de formação em antropologia na Universidade de Columbia no final da década de 1940. Por este motivo, serão analisados somente as ementas e exames de antropologia, o que, no caso estadunidense, inclui antropologia física, arqueologia, linguística e antropologia cultural ou etnologia.

Na bibliografia do curso intitulado Anthropology I, datada de setembro de 1947, prevalece o tema da origem da humanidade, antropologia física, a questão das raças, psicologia racial, as raças da África, o negro nos EUA, idiomas, arqueologia pré-histórica e pré-história. Entre os autores mais proeminentes estão Boas, Linton, Sapir, Shapiro, Ashley Montagu, Gunnar Myrdal, Ruth Benedict, Gordon Childe, entre outros autores, cujas produções datam do período entre 1925 a 1945. Mesmo os textos de Boas, incluíam-se os mais recentes, produzidos dentro desse período.

Curiosamente, no verso da folha, uma anotação manuscrita indica como leitura dois livros sobre a União Soviética: um deles intitulado *Women in Soviet Russia*, de Fanina W. Halle, e outro intitulado *Soviet Communism – a new civilization?*, de Sidney e Beatrice Webb. Uma vez se apresentando como anotação manuscrita no verso da

---

<sup>155</sup> JOSEPH, Isaac. 1998. “A respeito do bom uso da Escola de Chicago”. In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

<sup>156</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files.

bibliografia do curso, não há como saber se era leitura obrigatória ou se fazia parte de um interesse à parte do jovem Leeds. O fato é que o tema destoa completamente do perfil bibliográfico do curso de antropologia I, bem como do contexto de perseguição anticomunista em que viviam os norte-americanos na década de 1940.

Os dois exames dessa mesma disciplina são uma série de assertivas nas quais o aluno deveria saber se estas eram verdadeiras ou falsas, sendo uma prova apresentando 25 assertivas e outra, 15. No entanto, no segundo exame, pede-se que o aluno disserte sobre duas questões, que não estão datilografadas na folha. Ambas as provas referem-se à arqueologia, à pré-história, à antropologia física e à questão racial. São questões como a distinção entre o sistema neuro-muscular humano e o dos peixes, sobre o conceito de cultura, as teorias lamarckiana e mendeliana, sobre a suscetibilidade dos primatas antropóides à doenças, a validade dos testes de inteligência na fundamentação da psicologia racial, a diferença entre genótipo e fenótipo, entre outros. Quanto à questão escolhida pelo jovem Leeds, está a especificação dos quatro campos da antropologia – antropologia física, arqueologia, lingüística e etnologia ou antropologia cultural. Ou seja, Leeds explica o que é e o que estuda cada um desses campos<sup>157</sup>.

Com relação ao curso Anthropology II, a bibliografia tem um perfil mais voltado para a antropologia cultural ou etnologia. Apresenta, além de textos de caráter mais geral, tais como *General Anthropology* de Boas, monografias recomendadas nas seguintes seções específicas: Austrália, onde se vê Radcliff Brown e Lloyd Warner; África, com texto de Melville Herskovits; América do Norte, com textos de Robert Lowie e Clyde Kluckhohn; América Central, com texto de Robert Redfield; América do Sul representado por Curt Nimuendajú e Jules Henry; Ásia, com Radcliff Brown e Rivers; Melanésia com quatro textos de Malinowski, entre outros; Polinésia com dois textos de Margareth Mead e de Raymond Firth; Ilhas Filipinas, somente com quatro textos de R. F. Barton<sup>158</sup>. Como se vê, bem ao gosto de Boas e seu projeto de ensino de antropologia em Columbia, pensado décadas antes.

---

<sup>157</sup> Ementa e bibliografia. Anthropology 1. Winter Semester. September, 1947; Exam. Anthropology 1. 20/10/1947; Midterm examination. Anthropology 1, 12/11/1947. NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, student files, undergraduate notes.

<sup>158</sup> Ementa e bibliografia. Anthropology II. NAA/series 4, subseries student files, undergraduate notes.

Nessa segunda bibliografia é possível encontrar como data mais antiga dos textos produzidos, o ano de 1904, e como mais recente, texto de 1947. Os exames também apresentam um perfil diferente. Se antes a prova era objetiva, agora é inteiramente dissertativa. Dividida em duas partes, na primeira, o aluno deve escolher duas de quatro questões a serem respondidas. Todas as questões se referem à relação entre economia e cultura – ora pede a descrição da vida econômica da cultura a qual pertence o aluno e para correlacionar a economia com as formas sociais e religiosas; ora pede para discutir o uso dos excedentes econômicos na cultura do aluno em comparação com os Haida ou Kwakiutl; ora para discutir uma assertiva de Ruth Bunzel sobre a organização econômica dos povos primitivos. Na segunda parte, o aluno deve responder com uma frase ou um parágrafo, no máximo, as definições de Kula, Potlach, “affinal exchange”, entre outros. Vê-se já nesta prova a alusão aos Tapirapé, grupo estudado por Charles Wagley, quem orientou Leeds em seu doutoramento<sup>159</sup>.

No segundo exame, que segue a mesma organização das questões, vê-se uma prova mais voltada para a organização social e as relações sociais. Dentre as questões dissertativas, pede-se: para discutir a diferença entre família consanguínea e família conjugal, solicitando ao aluno que identifique qual das duas a sua cultura enfatiza; para discutir a função do parentesco nas relações interpessoais de grupo local em uma sociedade primitiva, citando exemplos de grupos primitivos; pergunta quais são as unidades básicas de organização social da cultura do aluno, se há clãs e gens, e se há alguma organização tribal. Na segunda parte, pede-se para definir brevemente termos que designam tipos de organização social e de parentesco, tais como poliandria, sib, residência matrilocal, entre outros<sup>160</sup>.

Em 19 de janeiro de 1950, Leeds estaria respondendo a uma prova de História da Teoria Antropológica, regida pelo Prof. Greenberg, contando com 4 questões, das quais deveria responder a três. Deveria discutir as principais doutrinas de uma escola ou escritor proeminente em antropologia; nomear os autores de uma lista de 15 obras, entre as quais *As Regras do Método Sociológico*, *As Fronteiras Psicológicas da Sociedade* e

---

<sup>159</sup> Ementa e bibliografia. Anthropology 2; Midterm Exam Anthropology 2. 19/3/1948. NAA-Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files, undergraduate notes.

<sup>160</sup> Ementa e bibliografia. Anthropology 2; Midterm Exam Anthropology 2. 19/3/1948; Quiz Anthropology 2, 19/4/1948. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 4, subseries student files, undergraduate notes.

*A Mente do Homem Primitivo*; descrever o tipo de assunções psicológicas feitas por dois escritores representativos em antropologia; esboçar a história de um dos conceitos listados, entre os quais evolução, função, difusão e personalidade<sup>161</sup>.

Quatro dias depois, em 23 de janeiro de 1950, Leeds responderia à primeira parte de uma prova de qualificação dividida em 5 partes, cada uma com um tempo determinado para ser respondida e elaborada por um professor diferente. Ao total, tinha quatro horas para responder todas as questões, cada uma com um tempo determinado para ser respondida e uma pontuação específica<sup>162</sup>.

A primeira parte, elaborada pelo Dr. Duncan Strong, valia 25 pontos e deveria ser respondida em uma hora, sendo meia hora para cada questão. A primeira pedia para definir a ciência da antropologia nos EUA, listar suas subdivisões e discutir suas inter-relações. A segunda, pedia para discutir dois dos seguintes temas: a origem e antiguidade do homem e cultura no novo mundo, a natureza e a idade da agricultura nativa no novo mundo, fazer uma comparação entre as manifestações das épocas da agricultura incipiente, formativa, florescente e imperial no México e Peru<sup>163</sup>.

A segunda parte, elaborada por Shapiro, valendo 19 pontos e tendo 45 minutos para ser respondida, continha duas questões: contrastar a posição de Hooton com a de Weidenreich; o que eram os australopithecinae e onde se situavam no esquema das coisas. A parte feita por Dr. Greenberg, com a mesma pontuação e tempo para resposta, apresentava três questões: citar as razões prática e teórica para, ou contra, a inclusão da linguística no campo da antropologia cultural; identificar brevemente palavras cognatas, fonética, analogia, idioma polissintético, malaio-polinesiano; responder sobre a possibilidade de distinguir “línguas primitivas” de “línguas civilizadas”<sup>164</sup> ou comparar as perspectivas linguística e de tempo arqueológico em termos do tipo de informação

---

<sup>161</sup> Final examination. 19/1/1950. Anthropology 103. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files, graduate notes 2 of 2.

<sup>162</sup> History of Anthropological Theory; Qualifying examination. 23 /1/1950. Anthropology 101. General Anthropology. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files, graduate notes 2 of 2.

<sup>163</sup> Qualifying examination. 23/1/1950. Anthropology 101 – General Anthropology. NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files, graduate notes 2 of 2.

<sup>164</sup> Aspas no original.

revelado por cada um, profundidade do tempo cronológico e outros fatores que o aluno pudesse considerar importante<sup>165</sup>.

As duas outras partes restantes também continham a mesma pontuação e tempo de resposta. O exame de Gene Weltfish continha duas questões, uma sobre a velha idade da pedra e outra sobre a nova idade da pedra, ambas com dois itens, dos quais o aluno deveria escolher um. As questões eram: nomear e descrever os principais métodos de estabelecimento de sucessão temporal para os homens remanescentes e seus trabalhos na Europa paleolítica; descrever as principais inovações técnicas que se desenvolveram nas técnicas de fabricação de ferramenta no curso do período paleolítico na França; quais eram as principais diferenças entre os períodos mesolítico e paleolítico na Europa; quais as novas artes de vida que os homens dominaram no período neolítico na Europa, dando exemplos de tipos de evidência sobre as quais as inferências estão baseadas. Dr. Alfred Kroeber elaborou duas questões, uma sobre a natureza da cultura e outra sobre meio ambiente. O primeiro item da primeira questão perguntava quais eram algumas das características da cultura como um mecanismo ou processo; o segundo pedia para discutir os fatores que levaram ao reconhecimento científico tardio de cultura. Quanto à segunda questão, os itens pediam para discutir brevemente o meio ambiente como um determinante da cultura, as culturas selecionadas pelo meio ambiente e a posição geográfica como uma influência sobre a cultura<sup>166</sup>.

Há, no dossiê *Graduate Notes 4 of 4*<sup>167</sup>, um documento no qual se apresentam vários exames escritos de PhD. Datados de 10 e 11 de dezembro de 1953, nada comprova se estes exames eram para o ingresso no doutorado ou se eram para aqueles que já estavam cursando o PhD. No entanto, como há no mesmo dossiê um exame de PhD datado de 18 a 20 de dezembro de 1950, possivelmente estas provas devem ser do período em que Leeds estava no doutorado. Além disso, soma-se o fato de que seu

---

<sup>165</sup> Qualifying examination. 23/1/1950. Anthropology 101 – General Anthropology. NAA/ Anthony Leeds Papers/series 4 subseries student files, graduate notes 2 of 2.

<sup>166</sup> Qualifying examination. 23/1/1950. Anthropology 101 – General Anthropology. NAA/ Anthony Leeds Papers/series 4 subseries student files, graduate notes 2 of 2

<sup>167</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files.

trabalho de campo na Zona do Cacau baiana foi feito entre junho de 1951 e agosto de 1952<sup>168</sup>.

Estas provas referem-se às seguintes disciplinas: arqueologia, antropologia física, teoria e conceitos de antropologia, etnografia, etnologia e linguística. Para cada disciplina havia dois tipos de provas diferentes, um tipo denominado *General*, a qual se destinava a todos os estudantes, devendo ser respondida em uma hora e meia, e o outro tipo denominava-se *Majors*, a qual o aluno deveria responder em três horas. Para os fins dessa dissertação, foram escolhidas as provas específicas pelo fato de mostrarem o grau de profundidade que se requeria dos estudantes em cada uma das disciplinas, ainda que Leeds, provavelmente, não tenha respondido a todas as provas específicas, mas certamente a todas as provas gerais.

Estas provas apresentam as competências e habilidades que os estudantes de doutorado da Universidade de Columbia deveriam ter desenvolvido ao longo do curso. Assim, serão analisadas aqui somente as provas específicas de arqueologia, etnografia e linguística. As provas gerais que serão analisadas são as de teoria e conceitos em antropologia e antropologia física, uma vez que não foram encontradas as provas específicas destas disciplinas. A prova de etnologia não será analisada por fazer parte da prova de etnografia geral e pelo fato de já ter sido verificada a prova específica de etnografia

No dia 10 de dezembro de 1953, as provas aplicadas foram de Teoria e Conceitos em Antropologia, Antropologia Física e a prova geral de Arqueologia. Apesar de se destinar a todos os estudantes, a prova de Teoria e Conceitos em Antropologia tinha três horas de duração, enquanto as outras tinham uma hora e meia. Os alunos deveriam responder a três das seis questões apresentadas: avaliar criticamente o conceito de aculturação e ilustrar o uso do conceito em contraste com a história recente da América Latina ou da África Subsaariana; discutir os possíveis critérios etnográficos, linguísticos e arqueológicos para o delineamento de uma área cultural e para a determinação de suas fronteiras e clímax; contrastar os pontos de vista teóricos e os métodos de pesquisa de cinco dos seguintes autores – Chapple e Coon, Lowie,

---

<sup>168</sup> Report for History. NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files, Graduate non anthropology notes 1 of 2.

Malinowski, Mead, Morgan, Radcliff Brown, Julian Steward, Tylor e Leslie White; discutir o conceito de “*universals in culture*” referindo-se às contribuições de Malinowski, Wissler e Freud, mas enfatizando os desenvolvimentos teóricos e metodológicos recentes; discutir as hipóteses de Redfield e outros no avanço de um “folk-urban” contínuo e compará-los com outras tipologias de cultura<sup>169</sup>.

A prova geral de antropologia física apresentava duas questões. A primeira tratava da então recente declaração do Museu Britânico sobre a fraudulência dos homens de Piltdown<sup>170</sup>. Perguntava quais as questões controversas que tinham caracterizado esse achado desde sua descoberta e quais os efeitos o aluno sugeria que esta exposição como engano pudesse ter sobre várias hipóteses acerca da evolução humana. Na segunda questão, o aluno deveria escolher entre avaliar os argumentos baseados na antropologia física usada por Heyerdal para dar suporte a sua tese de que os polinésios eram migrantes da América, ou discutir a função do sistema endócrino no crescimento e desenvolvimento humano<sup>171</sup>.

No dia 11 de dezembro de 1953, foram aplicadas as provas específicas de arqueologia, etnografia e linguística, além das provas gerais de etnografia, linguística e etnografia/etnologia. Na prova específica de etnografia o aluno deveria escolher três das seguintes questões: identificar quais os critérios de diferenciação entre as sociedades de parentesco igualitário e o parentesco estratificado, usando dados concretos de uma específica cultura de uma área, indicando as possibilidades de estabelecê-los em uma sequência evolucionária e as dificuldades que pertencem a este lugar; discutir as interconexões entre uso da terra, ou modelo de assentamento, e organização sócio-religiosa em culturas de dois povos como revelado pelos estudos de comunidade; discutir as estruturas de sexo e idade em organizações sociais em culturas de adaptação tecnológicas variadas, dando ao menos dois exemplos; identificar provisões diferentes

---

<sup>169</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files, Graduate Notes 4 of 4

<sup>170</sup> Fragmentos de uma mandíbula e de um crânio achados em uma mina de cascalho em Piltdown, condado de Sussex – Inglaterra, nos primeiros anos do século XX por Charles Dawson. Em 1953, foi declarada como uma fraude, sendo na verdade a mandíbula inferior de um símio e o crânio de um homem moderno. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem\\_de\\_Piltdown](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_de_Piltdown). Acesso: 7 de abril de 2014.

<sup>171</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files, Graduate Notes 4 of 4

para idades avançadas em culturas do mundo e discutir as razões para estas diferenças; discutir os movimentos nativistas no mundo e comparar seus processos de realização<sup>172</sup>.

Tendo que escolher duas de três questões, a primeira parte da prova de Arqueologia pedia as seguintes habilidades: traçar o passado pré-histórico de uma tribo indígena norte americana enfatizando evidências arqueológicas e usando a abordagem denominada “*direct-historical*”; saber como ou quanto se conhece o desenvolvimento cultural pré-histórico andino e meso-americano, paralelo uma ao outro, e como eles divergem; discutir os princípios envolvidos na estratigrafia arqueológica e esboçar um ou mais estudos estratigráficos no velho ou novo mundo. Na segunda parte, o aluno deveria escolher uma das seguintes questões: discutir e contrastar as contribuições arqueológicas e abordagens de três dos seguintes autores – H. Schliemann, F. Petrie, Arthur Evans, A. V. Kidder, J. G. D. Clarke, G. Vaillant, C. Fox e G. de Mortillet; avaliar a importância teórica e metodológica de um dos seguintes autores: Perkins, Bennett, Rouse, Gladwin, Ritchie e Brew<sup>173</sup>.

O exame de linguística foi dividido em três grupos, cada um destes com um tempo específico recomendado para ser respondido – o primeiro em uma hora, o segundo em uma hora e quinze minutos e o terceiro em quarenta e cinco minutos. No primeiro grupo, o aluno deveria responder a três das seguintes questões: qual compreensão da geografia dialética<sup>174</sup> teria contribuído para a linguística histórica; por que o problema da origem da língua é excluído da linguística; comparar as dificuldades de um adulto na aprendizagem de uma língua estrangeira com as dificuldades de aprendizado de uma criança nativa; qual a importância da patologia para a linguística; criticar a classificação de línguas como isoladas, aglutinativas, inflexional e polissintética. No segundo grupo, deveria escolher duas das seguintes: qual a diferença entre a abordagem fonética e fonêmica para a sílaba, vogais e consoantes e o acento; quais as dificuldades na definição de palavra, indicando o procedimento geral que deveria ser usado na chegada a uma definição pela referência a outro idioma além do inglês. A última questão desse bloco pergunta se o aluno acredita no fato de, se em duas

---

<sup>172</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files, Graduate Notes 4 of 4.

<sup>173</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/ series 4, subseries student files, Graduate antropological notes 4 of 4

<sup>174</sup> Método de pesquisa da geografia que reflete o espaço geográfico sob umaperspectiva política, atentando para a realidade atual e propondo transformações dessa realidade com o objetivo de melhorá-la para a coletividade. Fonte: <http://www.cchla.ufrn.br/revset/index.php/revset/article/view/40/73>. Acesso em: 30/7/2014.

descrições de um idioma diferente, ao menos uma estava errada e outra certa. Porém, pedia que se referisse a exemplos concretos, explicando suas visões sobre o problema de soluções únicas para problemas descritivos. No terceiro bloco, havia apenas uma questão: quais as causas estruturais e funcionais na mudança de som, referindo-se à dados em idiomas específicos<sup>175</sup>.

#### - A TESE SOBRE A ZONA DO CACAU NA CIDADE DE URUÇUCA – BA.

Como última observação acerca da formação de Leeds nos tempos de Columbia, cabe explicar brevemente sobre sua pesquisa na Zona do Cacau na Bahia. Sendo parte do projeto de pesquisa inserido no convênio entre o Estado da Bahia (Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia) e a Universidade de Columbia, sua tese de doutoramento consistiu em um Estudo de Comunidade feito a pedido do então secretário de educação e saúde da Bahia, Anísio Teixeira, e orientado por Charles Wagley. Junto com Leeds, também fizeram parte destes estudos Harry Hutchinson, Marvin Harris e Benjamin Zimmerman. Cada um deles pesquisou uma área do estado da Bahia. Além da Região do Cacau - Sul do estado, pesquisaram a Região do Gado - Nordeste do estado, do Açúcar – Recôncavo, e das Lavras - Chapada Diamantina<sup>176</sup>.

Quando Leeds chegou, em junho de 1951, seus colegas de doutorado já haviam concluído suas observações de campo, iniciadas em 1950. O projeto Bahia-Columbia tinha três diretores: Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luis Costa Pinto. A orientação dada por Costa Pinto a estes estudos de comunidade era o destaque à dimensão econômica, dada as diferenças históricas e econômicas em cada uma dessas regiões. Estes estudos contribuíram para o estudo das relações raciais feitas a pedido da UNESCO, para a formação de estudantes brasileiros que integraram o projeto e para as ciências sociais na Bahia<sup>177</sup>.

---

<sup>175</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries student files, Graduate anthropological notes 4 of 4

<sup>176</sup> *Research and problems in the Cacao Zone*. Pg 1. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 2, cacao zone, box 17, relatories. ; Maio, 1997. Op. Cit.

<sup>177</sup> Consorte, 1999. Op. Cit; Maio, 1997. Op. Cit.

Em outro depoimento mais recente, Josildeth Gomes Consorte<sup>178</sup>, que fora assistente de pesquisa de Marvin Harris e, posteriormente, de Anthony Leeds no projeto Bahia-Columbia durante o primeiro trimestre de 1952, relata ter sido o projeto encomendado por Anísio Teixeira em 1949, quando Charles Wagley tinha voltado da Amzônia. Apesar de não ter havido trocas de experiências entre os pesquisadores deste projeto e os do Projeto do Vale do São Francisco, feito na mesma época pela Escola Livre de Sociologia e Política sob a coordenação de Donald Pierson, Consorte afirma ter pontos em comum: a preocupação de estudar o tradicional e o moderno, a escolha de duas comunidades em cada lugar para fazer comparação e o fato de nem todos os trabalhos terem sido publicados. O de Leeds, por exemplo, só está disponível em microfilme<sup>179</sup>.

A realização deste projeto envolveu um período de intensa preparação antes da chegada dos doutorandos de Columbia. Entre junho de 1949 e junho de 1950, os assistentes deveriam reunir todos os dados disponíveis vindas dos órgãos públicos, tais como o Instituto do Cacau, o IBGE e o Moinho da Bahia. Alugaram um prédio em frente à secretaria de educação e saúde e matricularam os assistentes em um curso de inglês intensivo. Além da coleta de dados e da criação de uma infra-estrutura, fizeram viagens preparatórias e elaboraram cartas de apresentação dos pesquisadores para as autoridades das comunidades onde fariam trabalho de campo. As comunidades, por sua vez, foram escolhidas por Thales de Azevedo, Costa Pinto e Eduardo Galvão, cujo critério foi a importância econômica da região. Constantemente, os pesquisadores enviavam relatórios de campo, cujo conjunto se perdera com o Golpe Militar de 64<sup>180</sup>.

Havia uma preferência em se contratar mulheres para serem assistentes de pesquisa pelo fato de ficarem encarregadas de pesquisar o comportamento reprodutivo e o processo de socialização das crianças. Entre as assistentes de pesquisa, estavam Carmelita Junqueira Ayres, que assessorou Harry Hutchinson; Maria Raimunda e Josildeth Gomes Consorte assessoraram Marvin Harris; Nilda Guerra de Macedo e Gisela Valladares assessoraram Benjamim Zimmerman. Segundo a metodologia, os

---

<sup>178</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit.

<sup>179</sup> Ibidem.

<sup>180</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit; Maio, 1997, Op. Cit.

pesquisadores deveriam ficar um ano fazendo trabalho de campo, embora as assistentes ficassem apenas três meses<sup>181</sup>.

O direcionamento sobre as relações raciais se deu no projeto com a inclusão de Wagley como coordenador do estudo da UNESCO sobre as relações raciais em 1951. Desse modo, cada pesquisador escreveu um texto sobre o tema. Apesar das três teses darem esta ênfase, a tese de Leeds priorizou o aspecto econômico e as mudanças tecnológicas em Uruçuca<sup>182</sup>.

Apesar de Consorte<sup>183</sup> datar a entrada das relações raciais no projeto em 1951, Maio aponta outro momento para a inclusão deste tema no Projeto Bahia-Columbia<sup>184</sup>. Segundo este autor, foi em junho de 1950 a data em que se deu o encontro de Wagley com Alfred Mettraux, então diretor da divisão de problemas raciais do departamento de ciências sociais da UNESCO. Nesta ocasião, Charles Wagley se colocou à disposição da UNESCO para realizar um trabalho conjunto. Em julho, Wagley então envia a proposta da pesquisa a ser adicionada ao projeto Bahia-Columbia, inserindo, ainda, o estudo da cidade de Salvador sob a responsabilidade de Thales de Azevedo<sup>185</sup>.

Antes de verificar especificamente a pesquisa de Leeds, cabe colocar alguns aspectos de um seminário regido por Charles Wagley e do qual Leeds provavelmente participara. O seminário era um programa para estudo de comunidades folk, ou ainda, estudos de comunidade no Brasil, com especial referência ao Nordeste<sup>186</sup>. Ainda que o documento não tenha data especificada, este se torna importante por indicar a concepção geral e o teor da orientação de Wagley no estudo de Leeds.

Wagley então define os métodos e o escopo de um estudo de comunidade, ou qualquer estudo etnográfico, como determinados pelo problema e pelo conteúdo da cultura estudada. Como problema, inclui não só o teste de hipóteses, mas também os focos implícitos de um estudo, tais como os resultados de uma aculturação, ou ainda, a ênfase na economia, cultura e personalidade. Assim, o problema é o foco, mesmo que este seja a hipótese ou o campo de interesse. Já o conteúdo cultural seria determinado

---

<sup>181</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit; Maio, 1997, Op. Cit.

<sup>182</sup> Ibidem; Ibidem.

<sup>183</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit.

<sup>184</sup> Maio, 1997. Op. Cit.

<sup>185</sup> Maio, 1997. Op. Cit.

<sup>186</sup> *Seminar*. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 4, subseries student files, anthropology notes 2 of 2.

pela área de cultura e ou o tipo de cultura do qual a sociedade estudada é representativa. Para Wagley, diferentes métodos e escopos serão dados a um estudo com problemas similares, pois apesar das sociedades de folk terem características semelhantes por todo o mundo, tem diferentes conteúdos em termos de área cultural<sup>187</sup>.

Seguindo esse parâmetro, caracteriza como sociedades de folk no Brasil aquelas que têm população pequena, isto é, entre 500 e 3000 pessoas; que são racialmente misturadas; que apresentam distinções sociais mais fortes que distinções raciais, agricultura de queima e corte, pastagem, plantas da floresta tropical; que têm ênfase da família patriarcal sobre afiliações de parentesco; que apresentam laços cerimoniais ou sistema de compadrio, baixo padrão de vida, religião católica com procissão e culto de santos, irmandade religiosa, crenças arcaicas de origem ibérica, africana ou indígena; que têm ênfase na vizinhança além da comunidade; que apresentam nacionalidade brasileira, aqui entendida em termos de comemorações nacionais, tais como futebol, carnaval e independência; que possuem sistema comercial.

Como problema, Wagley enumera as potencialidades de mudança; as direções da mudança cultural e as reações à mudança a serem esperadas sob a influência progressiva da ciência moderna, tecnologia e ideologia; e se esta influência é direcionada ou espontânea. O problema envolveria a aceitação de que certas mudanças virão ou deverão vir para estas comunidades folk. Tais mudanças incluiriam a introdução de métodos de subsistência mais eficientes, medicina moderna e saúde pública, educação formal adequada, melhores técnicas de transporte e comunicação, habitação adequada etc. Uma vez que uma característica de uma cultura folk são seus padrões inter-relacionados e padrões homogêneos de comportamento, o estudo deveria indicar as potencialidades para a mudança e as direções da mudança<sup>188</sup>.

O Estudo de Comunidade de Leeds sobre a Zona do Cacau é uma obra volumosa e tem sua primeira versão da obra, ainda com as anotações manuscritas de Wagley e Leeds, depositada nos arquivos do NAA, nos quatro volumes do dossiê *dissertation*

---

<sup>187</sup> *Seminar*. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 4, subseries student files, anthropology notes 2 of 2.

<sup>188</sup> *Seminar*. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 4, subseries student files, anthropology notes 2 of 2.

*draft* cujas páginas, por sua vez, estão desordenadas<sup>189</sup>. A versão final da tese encontra-se disponível em microfilme na Universidade de Ann Arbor<sup>190</sup>.

Além do trabalho escrito, acompanham a pesquisa os gráficos, mapas e fotografias que dinamizam as análises de campo. Justamente por ser digna de um estudo exclusivo e intenso, não será possível analisar a obra em si aqui nessa dissertação. No entanto, será apresentada uma visão geral do conteúdo de seu estudo através de um relatório intitulado *Research and Problems in the Cacao Zone*, elaborado em 7 de agosto de 1952, quando Leeds finalizou seu trabalho de campo, iniciado em junho do ano anterior. O relatório teve como finalidade descrever as condições da região como um todo, bem como os aspectos de adaptação variada do homem à terra e as relações entre essas adaptações. Desse modo, Leeds afirma a necessidade de coletar dados adicionais a estes, então recém-coletados após um ano de trabalho de campo<sup>191</sup>.

Tentando responder à questão dos tipos de localidades para o estudo da zona do cacau, e considerando que suas localidades se encontravam em todos os estágios de crescimento, Leeds identifica os seguintes: a fazenda, operando como ponto de troca de bens, lugar de encontro e socialização e de atividades religiosas; um grupo de casas, ou arraial, no conjunto de várias fazendas servindo como centro de intercâmbio para estas fazendas e como centro de serviços, tais como fundição, carpintaria, etc; uma grande cidade, caracterizada pelo crescimento de serviços e de mecanismos de troca, por serem centros de serviços de comunicação, por possuir escolas e por serem unidades políticas e burocráticas mínimas; grande cidade, com milhares de pessoas, operando como centro de transporte e sede burocrática, tendo numerosas e grandes lojas com maior variedade de bens, além do desenvolvimento de funções e serviços especializados, tais como posto médico, jornais, dentistas, rádios, bancos, seguro, etc; finalmente, as sedes de municípios, onde se encontrariam as unidades básicas de atividades políticas e administrativas, bem como toda a estrutura legal, cartórios, tabelionatos, etc.

A sequência de tipos corresponderia a uma sequência de aumento de complexidade de necessidades que, por sua vez, estariam em uma ordem histórica de

---

<sup>189</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, dissertation draft

<sup>190</sup> Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit; Leeds e Leeds, 1978. Op. Cit.

<sup>191</sup> *Research and Problems in the Cacao Zone*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, relatories

desenvolvimento. Assim, o suprimento de bens e a venda de produtos, os serviços mínimos de educação e administração, as demandas por assistência médica, entretenimento e outras demandas acompanhariam o desenvolvimento da zona em sua capacidade de produção, na sua difusão para o interior e na difusão dos meios de transporte<sup>192</sup>.

Uma vez tendo determinadas funções, o aumento da complexidade destas traria dois efeitos: o aumento da área geográfica de atividade governada pela localidade e a crescente formalidade de delimitação destes tipos de área, sendo os dois primeiros tipos centros de áreas sem definição formal, mas flexível e definível, e os três últimos sendo municípios e distritos. Justamente por causa da natureza de suas funções, uma localidade só pode ser entendida em termos de área total que ela comanda e também em relação a outras localidades com que ela tem relações. A estrutura da cidade, por sua vez, deveria ser entendida em termos de estrutura econômica e administrativa das fazendas do entorno e de modelos sociais de outras vilas. Este ponto serviu para explicitar a sua crítica à validade do conceito de “estudos de comunidade”. Segundo seu raciocínio, estes estudos tendiam a delimitar artificialmente um grupo de casas como a unidade de estudo sem considerar sua ligação com o ambiente<sup>193</sup>.

Após traçar dez tipos de posse e uso de terra, ou seja, os tipos de fazendas, ressalta a interdependência entre estas e também as relações que elas mantêm com a localidade, uma vez que são poucas as que têm uma estrutura independente, geralmente restritas a grandes companhias e proprietários. A interdependência em relação a transporte, venda, suprimento e eventos sociais e religiosos tende a formar vizinhanças ou sub-comunidades, que se torna um centro para um grande número de pessoas e atividades. Assim, aponta itens a serem enfatizados em sua pesquisa, quais sejam as inter-relações entre as fazendas e as relações com as localidades, justamente por terem

---

<sup>192</sup> *Research and Problems in the Cacao Zone*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, relatories

<sup>193</sup> *Research and Problems in the Cacao Zone*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, relatories. Posteriormente, em *Sociologia do Brasil Urbano*, Leeds voltou a criticar os Estudos de Comunidade (Leeds e Leeds, 1978: 27, 81).

importantes aspectos históricos e implicações que mostram como as condições então vigentes surgiram e como poderiam mudar<sup>194</sup>.

Outro aspecto salientado em seu relatório é a relação entre a adaptação interna do homem à terra e as condições externas. Afirmando que a adaptação à terra também é uma adaptação a outras esferas, pois o cacau precisava de um mercado estrangeiro, coloca que a zona, por sua vez, deveria se adaptar às condições existentes no mundo, tais como guerra, condições de mercado, ciclos de negócios, etc. Ou seja, questionava a situação de isolamento da Zona do Cacau. Assim, afirmava que a adaptação interna à terra estava, nos aspectos sócio-econômico e tecnológico, diretamente conectada com o mundo<sup>195</sup>.

Aponta como problemas da Zona do Cacau aqueles de ordem tecnológica, tais como o tratamento botânico e agrônômico do cacau em si e da lavoura, a negligência na pesquisa sobre a técnica de produção do cacau, a falta de educação agrícola entre os fazendeiros, a falta de tecnologia em arboricultura, além de problemas no próprio processamento do cacau – colheita, fermentação e secagem. Para ele, essas seriam as maiores necessidades para a Zona do Cacau, devendo, portanto, ser a função básica do Instituto de Cacau suprir esta lacuna. Assim, indica duas tarefas de pesquisa: saber as variações nas atitudes dos fazendeiros em direção à tecnologia e sua mudança através de um survey, combinado com dados do recenseamento; analisar o custo da produção dos vários tipos de fazendas, incluindo a questão dos pequenos fazendeiros que não contam com as mesmas vantagens dos grandes fazendeiros, tais como linhas de crédito e disponibilidade de capital para reinvestimento e crescimento de propriedade. Em seu argumento, os pequenos produtores sempre teriam o mesmo nível de produtividade e estariam continuamente em desvantagem quanto à acumulação de capital para investir. Conclui que seu estudo deve estar relacionado ao sistema de estrutura de classes, mobilidade social e cultural<sup>196</sup>.

---

<sup>194</sup> *Research and Problems in the Cacao Zone*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, relatories

<sup>195</sup> *Research and Problems in the Cacao Zone*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, relatories

<sup>196</sup> *Research and Problems in the Cacao Zone*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 2, subseries cacao zone, relatories

Tendo em vista o contexto histórico e as marcas características da antropologia dos EUA, não há como negar essa influência em Leeds. Se for considerado o currículo escolar do ensino de antropologia da Universidade de Columbia, e o fato de alguns de seus mestres terem sido discípulos de Boas, é possível afirmar a presença, em algum grau, do legado boasiano em Leeds. Minimamente sabia dos traços fundamentais da tradição culturalista da antropologia dos EUA. No entanto, talvez por influência de sua participação em um grupo de estudos voltado para a discussão da corrente neoevolucionista, é possível identificar em sua tese de doutoramento mais o peso da vida material do que da vida cultural. Além disso, o fato de tecer crítica à validade do conceito de estudo de comunidade, que então desconsiderava o caráter relacional das unidades de estudo com o ambiente, pode ser entendida como um ponto de ruptura. Em seu argumento, além de ter uma perspectiva isolacionista dos locais a serem estudados, os estudos de comunidade não buscavam as diversas complexidades de necessidades desses lugares que conformavam, na verdade, os diversos tipos de localidades, e não uma comunidade uniforme e isolada. Desse modo, para Leeds só era possível entender uma localidade a partir dessa complexidade de demandas e a partir das relações estabelecidas com as outras localidades.

Se compararmos essa formulação de Leeds com o seminário de Wagley vê-se uma diferença central entre essas duas perspectivas. Wagley prevê o esforço de buscar as semelhanças que conformariam o que chama de comunidade ou sociedade de folk, bem como o esforço em enquadrar os lugares dentro de um padrão de uniformidade, além de tratá-los isoladamente. Leeds opera com outra lógica, que não se ocupa em saber se aquele local atende aos critérios de uma sociedade de folk. Em primeiro lugar, identifica os diversos tipos de localidade para depois buscar as relações entre elas. Em sua linha de raciocínio, para se entender uma localidade, é preciso ver suas relações com as outras, e não estudá-las isoladamente.

Outro ponto a ser observado em sua tese, que reforça a ruptura com o culturalismo e o enlace com o evolucionismo cultural, é o modo como situa historicamente os tipos de localidades. Para Leeds, as localidades estão inseridas em estágios de desenvolvimento, conforme as complexidades de suas necessidades de bens e serviços. Desse modo, essa seqüência de tipos constituiria uma ordem histórica de desenvolvimento.

Chama atenção o fato de sua formação incluir estudos tão diversos, tais como biologia, zoologia, belas artes em seu currículo para a formação em antropologia. Condizente com os planos de Boas para a Universidade de Columbia, sem dúvida a geração de antropólogos formados entre as décadas de 1940 e 1960 dispunham de muitas ferramentas de análise e de conexão com outros campos do saber para suas futuras pesquisas. Caso o antropólogo quisesse seguir qualquer um dos campos da disciplina, teria um conhecimento aprofundado e especificado. Também se destaca o papel pedagógico dos museus nos cursos superiores e de pós-graduação, ensejando uma política museológica que ultrapassava a função de entretenimento das massas. Além disso, o fato da formação prever cursos de administração de museus reforçava essa política de patrimônio atrelada à prática antropológica.

Segundo Sanjek<sup>197</sup>, a antropologia de Leeds é identificada como uma antropologia holística. No texto *Process, structures and differentiation in cities and society*, Leeds apresenta o holismo como a consideração de todas as variáveis significantes em um sistema, bem como suas interações. Desse modo, para Leeds, todo trabalho científico deveria começar com a assunção da complexidade inerente, embora assumida que nem todas as linhas de complexidade teriam a mesma importância ou centralidade. Nessa linha de raciocínio sobre a concepção holística da antropologia, o isolamento de qualquer conjunto de variáveis aumentaria a possibilidade de distorções e enfraqueceria as hipóteses e interpretações<sup>198</sup>.

Talvez possa ser identificada nessa concepção de holismo, provavelmente elaborada já na década de 1970, a presença de suas análises sobre a Zona do Cacau, na qual enumera a complexidade dos tipos de localidades e das relações entre as localidades e entre os diversos tipos de posse de terra. Desse modo, Leeds envolve outras variáveis que se inserem nas relações entre as localidades. Além disso, em sua análise, a complexidade de necessidades de um local era proporcional ao seu desenvolvimento – quanto maior essa complexidade, maior o desenvolvimento. Ou seja, essas demandas de uma localidade envolveriam também variáveis em maior número e mais complexas para dar conta de entender um determinado local ou sistema.

---

<sup>197</sup> Sanjek, 1994. Op. Cit.

<sup>198</sup> *Process, structures and differentiation in cities and society*. Pg.6. BR RJ COC LE DP.DR.01. Data provável: década de 1970.

Guardadas as devidas proporções, o termo holístico, no caso de Leeds, poderia assumir outro significado, qual seja a antropologia conectada e em constante interação com os mais diversos campos do saber. Ou ainda, retomar o seu sentido filosófico, no qual as partes só podem ser compreendidas partindo do todo; que considera a totalidade na explicação de uma realidade<sup>199</sup>. Considerando as disciplinas presentes na estrutura curricular da Universidade de Columbia, pode-se vislumbrar essa interação operando desde a sua formação e se apresentando em sua trajetória e em suas pesquisas. O fato de ter apontado como um dos problemas do cacau questões referentes ao manejo da terra, a arboricultura, a lavoura, entre outros, remete a essa conexão de conhecimentos diversos que pôde capacitá-lo a perceber tais necessidades tão específicas.

---

<sup>199</sup> Dicionário de filosofia – Hilton Japiassu e Danilo Marcondes. Fonte: [http://dutracarlito.com/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf). Acesso em 9 de abril de 2014.

## **CAPÍTULO 2 – A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE LEEDS NA OEA NOS PRIMEIROS ANOS DA DÉCADA DE 1960.**

Nos primeiros anos da década, entre 1961 e 1963, Leeds exerceu o cargo de Chefe do Programa de Desenvolvimento Urbano do Departamento de Assuntos Sociais da União Pan-Americana. A chefia deste departamento, por sua vez, cabia a Angel Palerm, e a União Pan-Americana vinculava-se à Organização dos Estados Americanos. Segundo o memorando enviado por Palerm aos membros de sua equipe, datado de 4 de maio de 62, além do Programa de Desenvolvimento Urbano, o Departamento de Assuntos Sociais era constituído pelas seguintes seções: Programa de Estudos e Informes Gerais, Planejamento e Programação, Programa de Planejamento de Habitação e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Assistência Técnica em Habitação e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Treinamento em Habitação e Planejamento Regional, Programa de Desenvolvimento Rural, Programa de Cooperativas, Programa de Desenvolvimento de Comunidade e Bem-Estar Social, Programa de Seguridade Social, Programa de Relações de Trabalho<sup>200</sup>.

Além da atuação do antropólogo nessa agência internacional, o capítulo também mostrará a atuação dessa agência na América Latina, sobretudo no Brasil. Neste período, Leeds vem ao Brasil pela segunda vez atuando em nome da União Pan Americana, e não mais como estudante. Vem, portanto, como profissional das ciências sociais e a serviço de uma instituição voltada para a promoção do desenvolvimento dos países periféricos. Como se verá adiante, a atenção de Leeds e da PAU estava voltada para a formação de novos quadros das ciências sociais e para a execução de estudos e pesquisas que pudessem orientar a implementação de políticas públicas. Cabe destacar a observação e as considerações de Leeds quanto aos cientistas sociais brasileiros e à situação das ciências sociais no Brasil daquele período, quando manteve contato com o Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais - CLAPCS<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> *Memorandum No. 20*. May 4, 1962. NAA/Series 5, subseries general, Box 31, OAS.

<sup>201</sup> Apesar de optar pelo uso da sigla CLAPCS, igualmente adotada entre os autores estudiosos deste centro de pesquisa, a sigla CENTRO é a que aparece na documentação para se referir ao órgão.

- ANTROPOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO CONTEXTO DA GUERRA-FRIA.

Atendendo às demandas do período Pós-Segunda Guerra e da Guerra Fria, os Estados Unidos da América, antes mesmo da década de 1960, já havia traçado estratégias para a sua política externa, orientadas para a conquista de áreas de influência no globo. Uma delas, e talvez o maior estopim para as outras estratégias que viriam a ser feitas posteriormente no período estudado, foi o lançamento do Ponto IV, em 20 de janeiro de 1949 pelo então recém-empossado presidente Harry S. Truman. Nesse discurso, Truman afirmava:

We must embark on a bold new program for making the benefits of our scientific advantages and industrial progress available for the improvement and growth of underdeveloped areas. (...). For the first time in history, humanity possesses the knowledge and skill to relieve suffering of these people. (...) The material resources which we can afford to use for assistance of other peoples are limited. But our imponderable resources in technical knowledge are constantly growing and are inexhaustible<sup>202</sup>.

O lançamento deste programa impulsionou não só a criação de agências internacionais no período como também a criação de outros programas com o mesmo objetivo nas décadas seguintes. Como exemplos, estão o Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA), a Aliança Para o Progresso (APP) e o Peace Corps Volunteers (PCV). Uma vez que o Ponto IV previa a assistência técnica para as áreas menos desenvolvidas, é possível analisar a atuação da PAU/OEA nesse contexto, sobretudo se considerarmos os esforços desse órgão na formação de quadros técnicos das ciências sociais na América Latina, como será mostrado mais adiante.

Em sua tese sobre a consolidação do campo da antropologia médica aplicada, Regina Érica Figueiredo<sup>203</sup> aponta, entre outros aspectos, a incorporação de antropólogos do Instituto de Antropologia Social - ISA do Smithsonian Institute nos quadros do Instituto de Assuntos Interamericanos - IAIA no início dos anos 1950 para a realização de surveys, estudos etnográficos e avaliações sobre o andamento de serviços bilaterais de saúde e sobre os efeitos das políticas sanitárias implementadas nos países da América Latina. Adotando uma abordagem que considera a antropologia aplicada como uma

---

<sup>202</sup> <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Point+Four+Program> – Acesso em 12/11/2013.

<sup>203</sup> Figueiredo, 2009. Op. Cit.

ciência à serviço da colonização, ou mesmo de uma ação imperial ou metropolitana, afirma que tais antropólogos, desse modo, engajaram-se na assistência técnica internacional em saúde e produziram trabalhos voltados para a intervenção<sup>204</sup>.

Ao enumerar os ingredientes básicos que impulsionaram a antropologia médica aplicada nos anos 50, Regina Érica destaca o desenvolvimento de uma antropologia cultural bem sucedida desde os anos 30, a disposição dos EUA para engendrar novas formas de relacionamento com os países do continente e o crescimento da assistência técnica ao Terceiro Mundo. No entanto, esses elementos foram efetivamente colocados a partir da implementação do Ponto IV como uma das principais estratégias da política externa norte-americana no período Pós-Segunda Guerra e como parte da ofensiva anticomunista na Guerra Fria<sup>205</sup>.

Ainda segundo a autora, o Ponto IV colocou a América Latina em lugar importante na política externa norte-americana, até então centrada na Europa, bem como associou a antropologia à assistência internacional e ao desenvolvimento do Terceiro Mundo. Sob a égide do Ponto IV, implementaram-se programas de desenvolvimento e de cooperação técnica internacional para a região com o intuito de combater movimentos subversivos. No entanto, o desenvolvimento e as teorias da modernização passaram a ser a motivação manifestada nos discursos governamentais, os quais seriam alcançados através da assistência técnica, da transferência de tecnologia e da disseminação do saber científico produzido nos EUA<sup>206</sup>.

No caso específico do IAIA, a autora menciona o fato de que a imposição do Ponto IV fez com que os integrantes do Instituto de Antropologia Social fossem impelidos a abrir mão do pouco controle que tinham sobre a influência das necessidades da política externa em seus trabalhos. Tal condição tinha como objetivo vincular a investigação sociológica à promessa de benefícios práticos para os programas interamericanos de desenvolvimento<sup>207</sup>.

---

<sup>204</sup> Ibidem.

<sup>205</sup> Ibidem.

<sup>206</sup> Ibidem.

<sup>207</sup> Ibidem.

No entanto, mesmo elucidando o quanto a antropologia dos EUA serviu aos seus interesses da política externa, Figueiredo<sup>208</sup> também identifica em muitos antropólogos a presença de tendências liberais e a defesa de atividades progressistas. Uma vez que eram identificados como uma ameaça ao status-quo, encaravam com reservas os trabalhos de antropologia aplicada dentro do aparato e da perspectiva desenvolvimentista. Por outro lado, outros antropólogos conseguiram demonstrar o valor prático do saber antropológico, enfatizando que a disciplina fornecia subsídios para intervenções mais eficazes e ainda poderia ser usada na avaliação dos programas. Além de servir aos gestores, seus relatórios também foram apresentados à comunidade acadêmica<sup>209</sup>.

Sob outra perspectiva e tendo como foco a atuação do Peace Corps Volunteers, Cecília Azevedo<sup>210</sup> nos mostra o quanto o Ponto IV influenciou o que seria posteriormente a Aliança Para o Progresso. A autora parte do imaginário político-religioso do pensamento social norte-americano para analisar a trajetória institucional da agência em seu pendore e objetivo missionário. Apesar de situar a conjuntura e as demandas da Guerra Fria na trajetória da agência, entende que a análise da linguagem moral que compõe esse imaginário não deve ser tomada como um disfarce para intenções imperialistas. Seguindo essa linha de raciocínio, Azevedo<sup>211</sup> identifica na Aliança Para o Progresso uma proposta de mudança de paradigma na política exterior para a América Latina, ancorada na idéia de uma identidade histórica e espiritual entre os EUA e a região.

Ao avaliar retrospectivamente a política externa dos EUA, Azevedo<sup>212</sup> enumera algumas propostas anteriores que alimentaram a Aliança Para o Progresso: os “Quatorze Pontos” de Woodrow Wilson; a política de boa vizinhança de Roosevelt, concretizada na criação do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs em 1940; e, finalmente, os quatro pontos de Harry S. Truman. Conduzido pelo discurso da promoção da democracia no mundo, seus quatro pontos foram:

i) apoio à ONU;

---

<sup>208</sup> Ibidem.

<sup>209</sup> Ibidem.

<sup>210</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

<sup>211</sup> Ibidem.

<sup>212</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

- ii) recuperação da economia mundial;
- iii) fortalecimento das nações ‘livres’;
- iv) tornar o conhecimento técnico norte-americano disponível para as regiões subdesenvolvidas.<sup>213</sup>

Desse modo, constata-se que o Ponto IV, concebido como diretriz de política externa dos EUA e direcionado à assistência técnica, inspirou e deixou seu legado em agências internacionais como o Peace Corps Volunteers, a Aliança Para o Progresso e o Instituto de Assuntos Inter-Americanos. Além disso, também trouxe como enfoque a América Latina não só para a agenda da política externa, mas também para a agenda de pesquisa da antropologia dos EUA. Mesmo as agências internacionais da década de 1960, igualmente imbuídas pelo discurso ou motivação de cunho desenvolvimentista e modernizador, podem ser entendidas como herdeiras dessa orientação colocada pelo Ponto IV. Na esteira do discurso de desenvolvimento, da promoção de modernização, industrialização e difusão de tecnologia, será mostrada como a atuação da OEA no Brasil e na América Latina também seguiu essa linha.

Como se vê, a questão do desenvolvimento é um elemento importante para se pensar e entender a atuação de Leeds na PAU/OEA e o próprio órgão nesse período, uma vez que a urbanização, a industrialização e a reforma agrária, entre outros temas, são recorrentes tanto na literatura sobre sociologia do desenvolvimento do período, quanto na atuação desse órgão.

Na tentativa de elucidar em linhas gerais o que se produzia nas ciências sociais acerca do desenvolvimento, enquanto elemento importante para o contexto histórico e sociológico do período, cabe fazer uma breve explanação de alguns de seus pensadores. Dentre estes, Perroux<sup>214</sup>, Hagen<sup>215</sup>, Lambert<sup>216</sup> e Hoselitz<sup>217</sup>.

---

<sup>213</sup> Ibidem. Pg. 134

<sup>214</sup> PERROUX, F. 1962. *O desenvolvimento*. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>215</sup> HAGEN, Everett. 1957. *O processo de mudança*. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>216</sup> LAMBERT, Jacques. 1960. *Obstáculos ao desenvolvimento decorrentes da formação de uma sociedade dualista*. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>217</sup> HOSELITZ, Bert. 1963. *Os principais conceitos da análise das repercussões sociais da evolução técnica*. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

François Perroux<sup>218</sup>, seguindo uma linha que propõe a ruptura entre uma cultura antiga e uma nova cultura, bem como a formação de uma nova elite, baseia-se no processo de desenvolvimento dos países africanos. Perroux afirma que o desenvolvimento econômico é sustentado pela mudança de hábitos sociais, das estruturas mentais e pelas transformações sociais. Considerando que estes países estariam passando por um processo de formação de nação, sustenta haver a necessidade de se formar homens economicamente eficientes nessas sociedades emergentes.

Considerando três tipos de conflitos sociais dos países africanos – pré-industriais, industriais e políticos – Perroux afirma que tais contradições e lutas sociais se solucionariam quando surgisse um plano coletivo que captasse a adesão dos integrantes dos grupos em conflito. Dito de outro modo, para este autor, os homens colonizados deveriam aderir à empresa colonial, entendidos como veículos de serviços prestados pelo colonizador e pelo neocolonizador.

Na visão de Perroux<sup>219</sup>, a empresa colonial seria o plano coletivo que aliaria a expansão da liberdade e da dignidade ao incremento do consumo e da melhoria das condições de vida. Para o autor, um novo sistema institucional implicaria a emergência de uma nova classe dominante com autoridade legítima que aliasse interesses utilitários a valores correntes como liberdade, independência e justiça. As condições que garantiriam o início da industrialização desses países seriam: a aliança entre a elite do governo com as classes médias (ou burguesias) e os militantes somente do partido dominante, pois os elementos proletarizados não seriam capazes de construir uma nova cultura e sociedade industriais; um aparelho institucional (bancos de desenvolvimento, escritórios de comercialização e serviços públicos) voltado para a classe dominante autóctone, e não para a massa rural enquadrada na economia tradicional; e a ideologia do socialismo africano preconizada por líderes senegaleses, cuja reivindicação principal é um caráter social para a industrialização em curso e cuja proposta é a promoção de uma cultura nova e sintética que assimile, ou ainda, para usar um termo de Perroux, que “negrifique” o universalismo ocidental<sup>220</sup>.

---

<sup>218</sup> Perroux, 1962. Op. Cit.

<sup>219</sup> Ibidem.

<sup>220</sup> Ibidem.

Everett Hagen<sup>221</sup>, seguindo uma perspectiva de transição contínua entre uma sociedade tradicional e uma sociedade moderna, discorre sobre circunstâncias que favorecem mudanças econômicas e sociais. Sob esse eixo, destaca a importância da insubordinação às forças psico-sociais, traduzida pelo dinamismo e empreendedorismo individual, como fator necessário ao desenvolvimento. Logo, para o autor, a reação à subordinação é uma força central para cada etapa da mudança de uma sociedade tradicional.

Seguindo essa linha de raciocínio, destaca quatro circunstâncias necessárias para que um grupo subordinado seja motivado a ter ímpeto econômico e conduzir o processo de avanço tecnológico: que a sociedade tenha um distanciamento da situação tradicional junto com o acúmulo de conhecimentos científicos para o contínuo avanço científico e tecnológico; que a reação à subordinação se manifeste como revolta, e não como submissão; que a libertação da subordinação não se dê por atividades tradicionais; que haja ascensão através de empreendimentos econômicos<sup>222</sup>.

Por fim, discute a hipótese de Weber e Merton, segundo a qual a ocorrência do desenvolvimento depende do temperamento religioso da sociedade. Em vez de considerar que a ética protestante causou o desenvolvimento econômico, propõe que esta pode ser o resultado de um esforço de grupos subordinados para obter realização através da atividade econômica. Para Hagen, a ética protestante deve ser considerada como um mecanismo por meio do qual se operou a reação à subordinação<sup>223</sup>.

Bert Hoselitz<sup>224</sup>, tal como Hagen, adota uma linha de continuidade na análise do desenvolvimento. Também destaca a elite política enquanto protagonista do processo de desenvolvimento, no momento em que esta consegue prover a sociedade de instituições que prestigiem novas empresas e o comportamento inovador. Na visão de Hoselitz, as características tradicionais, a pequena comunidade e a sociedade tribal são empecilhos ao desenvolvimento na medida em que resistem à sua absorção na grande sociedade. Desse modo, considera que elementos como o nacionalismo, enquanto fundamento ideológico do processo de mudança social, e outros processos associados à

---

<sup>221</sup> Hagen, 1957. Op. Cit.

<sup>222</sup> Ibidem.

<sup>223</sup> Ibidem.

<sup>224</sup> Hoselitz, 1963. Op. Cit.

industrialização, tais como a urbanização e a burocratização dos mecanismos de governo e de produção, conseguem bloquear a ação tradicional e/ou tradicionalista (no sentido weberiano) dessas sociedades. Em concordância com a perspectiva Weberiana, Hoselitz considera que as ações tradicionais e tradicionalistas constituem obstáculos à mudança econômica uma vez que reduzem a industrialização e a evolução técnica<sup>225</sup>.

Na medida em que a comunidade tradicional se decompõe, acompanhada pela diferenciação dos papéis econômicos e pelo enfraquecimento das regras que permitem sua atribuição a atores ainda ligados ao tradicionalismo, aparecem novas instituições. Seria justamente essa mudança institucional que estimularia o desenvolvimento econômico. Desse modo, a mentalidade capitalista, seja a personificação de virtudes puritanas, seja a do empreendedorismo visionário, é estimulada pela existência de determinadas instituições, tais como a justificação da taxa de juro e a aprovação social do lucro máximo. Para o autor, portanto, assim foram estimuladas a industrialização e o uso das inovações técnicas com finalidades econômicas<sup>226</sup>.

Jacques Lambert<sup>227</sup>, tratando do impacto das sociedades dualistas no processo de desenvolvimento, tem como eixo de sua análise a difusão do progresso técnico e a difusão de novos traços culturais. Em primeiro lugar, considera que a formação da sociedade dualista é antes o modo pelo qual se luta pelo desenvolvimento do que um fenômeno do desenvolvimento. Ao analisar a incorporação desigual das transformações em uma mesma sociedade já desenvolvida, isto é, industrializada, conclui que o isolamento de algumas regiões não levou, necessariamente, ao dualismo. Assim, o aparecimento de uma sociedade dualista é consequência das condições particulares nas quais o desenvolvimento se processa.

Por outro lado, afirma que, nas nações ainda não desenvolvidas, a difusão de novos traços culturais se limita às áreas onde há desenvolvimento econômico, uma vez que o progresso técnico não é introduzido gradualmente. Desse modo, afirma que esses atrasos culturais regionais são afetados por determinados estilos de povoamento, ou por

---

<sup>225</sup> Hoselitz, 1963. Op. Cit.

<sup>226</sup> Ibidem.

<sup>227</sup> Lambert, 1960. Op. Cit. Jaques Lambert foi professor da Faculdade Nacional de Filosofia (Oliveira, 1995). Em entrevista concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso, José Arthur Rios, um dos principais interlocutores de Leeds no Brasil, identifica Jacques Lambert como um de seus professores.

condições estruturais que dificultam a difusão dos efeitos do progresso técnico. Seguindo essa linha, conclui que os estados em vias de desenvolvimento são nações desigualmente desenvolvidas, não subdesenvolvidas<sup>228</sup>.

Os autores escolhidos para apresentar o que se pensava sobre desenvolvimento da América Latina na época serão aqueles apresentados nos documentos do Programa de Estudos do Departamento de Assuntos Sociais, ora como personagens sobre os quais Leeds comentava em relatórios e cartas, ora como seus interlocutores: os argentinos Jorge Graciarena<sup>229</sup>, Gino Germani<sup>230</sup> e o mexicano Rodolfo Stavenhagen<sup>231</sup>. Estes autores também foram diretores do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS, órgão com o qual Leeds manteve estreito contato durante sua atuação na OEA. Além destes autores, será incluído novamente Bert Hoselitz<sup>232</sup>, uma vez que também contribuiu para os trabalhos da OEA em 61, além de ter escrito sobre o desenvolvimento da América Latina. Nestes autores, o desenvolvimento ora apresentado não se restringe ao aspecto econômico, mas abrange os seus aspectos e implicações sociais.

Bert F. Hoselitz<sup>233</sup>, atendo-se à estrutura social para explicar o subdesenvolvimento da América Latina, inicia sua análise considerando a influência que teve a dicotomia racial e de estilo de vida entre colonizadores e nativos para a caracterização das sociedades latino-americanas e, conseqüentemente, do sistema social que se configurou desde então e cujas características permanecem intactas. Tal estrutura social teria conformado a mentalidade de lucro e a tradição de adquirir riquezas por atos de violência ou heroísmo por parte das classes altas no período colonial. No entanto, afirma que, a partir do século XX, a evolução das classes médias, caracterizadas pelo

---

<sup>228</sup> Lambert, 1960. Op. Cit.

<sup>229</sup> GRACIARENA, Jorge. 1964. “Pressões internas, instabilidade política e desenvolvimento econômico na América Latina”. In: PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. 1969. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar editores.

<sup>230</sup> GERMANI, Gino. 1963. “Classes Populares e democracia representativa na América Latina”. In: PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. 1969. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>231</sup> STAVENHAGEN, Rodolfo. 1965. “Sete teses equivocadas sobre a América Latina”. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>232</sup> HOSELITZ, Bert. 1962. “O desenvolvimento econômico na América Latina”. In: PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. 1969. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>233</sup> Hoselitz, 1962. Op. Cit.

autor como nacionalistas, foi um elemento importante para as mudanças de objetivos econômicos dos países, qual seja, a industrialização e o desenvolvimento econômico.

Apesar de atrelar o desenvolvimento econômico dos países latino-americanos ao aumento da renda per capita e das mudanças nas atividades econômicas desenvolvidas pelos seus países, também evidencia a dificuldade de análise desse processo devido à insuficiência de dados estatísticos, bem como ao peso de outros fatores de ordem política e social, tais como a emigração e os distúrbios sociais. Assim, conclui que a explicação para a maior proporção do desenvolvimento econômico de alguns países da região não podem ser explicados por critérios tais como a mobilidade na distribuição industrial das forças de trabalho. Para o autor, a chave da explicação está nas relações sociais<sup>234</sup>.

Desse modo, retorna sua análise à composição e ao papel da classe média, distinguindo a classe média velha, representada por pequenos e médios agricultores e industriais, e a classe média nova, representada por funcionários públicos e burocratas. Segundo a reflexão do autor, essas classes médias teriam aspirações e comportamentos diferentes que influenciariam o desenvolvimento. Enquanto a velha classe média teria por objetivo aumentar a produção nacional, a nova almejaria a distribuição de renda e consumiria grande parte de sua renda, inibindo o comportamento de poupar e inverter lucros por parte da classe alta. Em seu argumento, afirma que o desenvolvimento econômico será mais rápido se der vantagens àqueles que pouparam e invertem seus lucros ou que exploram as oportunidades oferecidas pelas inovações. Para o autor, não se pode esperar um desenvolvimento máximo em uma economia onde as decisões privadas das classes alta e média conduzem o desenvolvimento, uma vez que consomem suas rendas em vez de poupar e inverter seus lucros<sup>235</sup>.

Jorge Graciarena<sup>236</sup>, também seguindo uma perspectiva continuísta, tece uma relação entre sistemas políticos e o desenvolvimento econômico, entendendo a influência do primeiro para o bom andamento do segundo. Partindo da reflexão de Aldo Solari acerca das condições de adaptação de um sistema político às transformações trazidas pelo desenvolvimento econômico, destaca a política de compromisso entre

---

<sup>234</sup> Hoselitz, 1962. Op. Cit.

<sup>235</sup> Ibidem.

<sup>236</sup> Graciarena, 1968. Op. Cit.

setores modernizantes e arcaicos como elemento importante tanto no retardamento quanto na aceleração do ritmo de desenvolvimento. De um modo geral, defende que a política de compromisso com grupos oligárquicos significa renunciar ao desenvolvimento. Sob a perspectiva do desajuste nas relações entre sistema político e desenvolvimento, busca identificar os pontos estratégicos a fim de prever a possibilidade de uma ruptura violenta, de modo a vê-la como algo indesejado.

Seguindo a tipologia de Apter, apresenta tipos ideais de estratégias usadas para fomentar mudanças tecnológicas e o desenvolvimento: sistemas de mobilização, que se refere à criação de um novo sistema de lealdade e idéias cujo eixo é o progresso econômico enquanto base da sociedade moderna e cujas fórmulas políticas são o socialismo leninista e o nacionalismo subdesenvolvido; sistemas de conciliação, caracterizado pela valoração dos setores representantes das políticas dominantes, cujo regime político se traduz na democracia parlamentar; sistemas de autocracia modernizante, caracterizados pela assimilação de mudanças, sem afetar o sistema de autoridades, e pela solidariedade de raça ou religiosa. Este último é apresentado como um tipo de transição para um dos outros dois sistemas citados anteriormente. Graciarena conclui, partindo dessa tipologia de Apter, ser os sistemas de mobilização e conciliação os mais indicados para o bom andamento do processo de desenvolvimento econômico<sup>237</sup>.

Em sua formulação típico-ideal das condições de ruptura da estabilidade dos sistemas políticos, o autor defende que a continuidade dos sistemas políticos voltados para o desenvolvimento, de partido único e ideologia nacionalista, dependem do custo que o alto grau de desenvolvimento exige dos indivíduos e grupos, bem como da intensidade com que a coletividade deseja o desenvolvimento, incluindo sua capacidade para suportar os custos deste. Já nos sistemas políticos voltados para o compromisso, sua estabilidade se relaciona com a dinâmica da política de compromisso, sua inclusão e seu custo para o desenvolvimento e com a harmonia entre o ritmo de mobilização e de integração da sociedade marginal. Ao fim, conclui que o desequilíbrio entre a política

---

<sup>237</sup> Graciarena, 1968. Op. Cit.

de compromisso e a integração da sociedade marginal é a principal causa da instabilidade do sistema político<sup>238</sup>.

Gino Germani<sup>239</sup> destaca a assincronia tecnológica e geográfica como manifestações da coexistência do “não-contemporâneo”, apresentado por ele como traço universal dos países latino-americanos. Tais assincronias consistem na utilização concomitante de aparato tecnológico recente e ultrapassado, ou no contraste entre áreas desenvolvidas e atrasadas em um mesmo país. A seguir, traça uma crítica interessante à noção do que se costuma definir por atraso ou subdesenvolvimento. Nas palavras de Germani:

(...) Um país, uma área, um grupo social, ou um elemento de cultura passa a ser ‘atrasado’ no momento em que existe um primeiro país, outra área, outro grupo social, outra instituição que experimenta uma modificação percebida como ‘avanço’, ‘progresso’, ‘desenvolvimento’, mas não apenas pelos sujeitos de mudança, mas também pelos portadores dos traços não-desenvolvidos. Uma sociedade tradicional ilhada e sem comunicação não é ‘subdesenvolvida’ para os seus próprios membros. Mas seguramente transforma-se em tal no momento em que esses membros se encontrem em condição de dependência – política, econômica ou cultural – do mundo ‘desenvolvido’, e nesse momento, ainda que subsistam todos os aspectos do ‘padrão tradicional’, não se pode afirmar que tais aspectos sejam os mesmos que antes da percepção do fato do subdesenvolvimento<sup>240</sup>.

Dando sequência a essa perspectiva, considera que toda estrutura “arcaica” sempre modifica minimamente o seu “padrão tradicional” e que há um continuum entre a “sociedade tradicional” e a “sociedade industrial”, não uma dualidade propriamente dita. Descreve, então, a evolução dos países latino-americanos em seis etapas dentro de um processo contínuo de transição ao desenvolvimento. São elas: guerras de libertação e proclamação da independência; guerras civis, caudilhismo, anarquia; autocracias unificadoras; democracias representativas de participação limitada ou oligarquia;

---

<sup>238</sup> Ibidem.

<sup>239</sup> Germani, 1963. Op. Cit.

<sup>240</sup> Germani, 1963. Op. Cit. Pg. 208.

democracias representativas de participação ampliada; democracias representativas de participação total<sup>241</sup>.

O ponto interessante nessa análise que relaciona desenvolvimento e regimes democráticos é como o autor coloca e discute a participação política ao longo das três últimas etapas, de modo que não chega até a última etapa, mas descreve os mecanismos pelos quais se ampliaria a participação popular até que se alcançasse essa etapa. Assim, ao evocar as categorias “mobilização” e “integração”, dá-lhes um sentido mais ampliado, definindo-os como, respectivamente, o processo de aquisição de capacidade deliberativa e formas de intervenção política dos grupos mobilizados. Entre esses mecanismos de integração, o autor identifica os sindicatos, a educação, a legislação social, o partido político, entre outros, bem como coloca a difusão da consciência nacional entre os estratos populares como um efeito, e não causa, da integração. É por meio dessas categorias que o autor pensa a ampliação da participação política dos estratos populares. Dentro do contexto da democracia representativa de participação ampliada, constata que, no caso latino-americano, os países em tal situação são os mais desenvolvidos economicamente<sup>242</sup>.

Fazendo um balanço de teses gerais já produzidas nas ciências sociais sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento na América Latina, Rodolfo Stavenhagen<sup>243</sup> tece críticas à sete principais linhas apresentadas pelos autores da época. Com relação à tese da sociedade dualista, afirma a não aplicabilidade do termo uma vez que os dois polos resultam de um mesmo processo histórico e que as relações destes representam o funcionamento de uma mesma sociedade na qual ambos integram. Nas palavras do autor, tratando especificamente do caso brasileiro, onde afirma haver um colonialismo interno, diz:

A economia colonial estava sujeita a fortes variações cíclicas. No Brasil, desenvolveram-se e decaíram, uma após outra, a economia primitiva de extração de madeiras, a produção de açúcar nas grandes plantações escravistas do Nordeste, a mineração no centro do país, a extração de especiarias na floresta amazônica e, finalmente, neste século, a produção de café no Sul e Sudeste do Brasil. Cada um desses ciclos conduziu a uma época de auge e de prosperidade na zona em que se desenvolveu. Cada qual respondia, em certo momento, à

---

<sup>241</sup> Germani, 1963. Op. Cit.

<sup>242</sup> Ibidem.

<sup>243</sup> Stavenhagen, 1965. Op. Cit.

procura estrangeira. E cada um deixou, ao terminar, uma economia estagnada, atrasada, subdesenvolvida, e uma estrutura social arcaica. Em grande parte do Brasil, pois, o subdesenvolvimento seguiu-se, e não precedeu, ao desenvolvimento. Em grande parte o subdesenvolvimento dessas zonas na atualidade não é mais que o resultado de um desenvolvimento anterior, de curta duração, e do desenvolvimento de novas atividades em outras zonas do país<sup>244</sup>.

Sobre a tese difusionista, segundo a qual o progresso na região virá pela difusão dos produtos do industrialismo às zonas atrasadas, o autor primeiramente atenta que a tese traz implícitas as seguintes idéias: que o desenvolvimento do setor moderno trará o desenvolvimento do setor arcaico; que a transição para o modernismo é inevitável e envolverá toda a sociedade; que as áreas modernizadas são resultado da difusão de traços modernistas. Os principais equívocos apontados, entre outros, são: 1-uma vez entendendo por desenvolvimento o incremento de bens e serviços por habitante, o surgimento de artigos de bens de consumo não implica necessariamente o desenvolvimento das zonas subdesenvolvidas. 2- Esta difusão faz surgir uma classe que concentra grande parte da renda regional, tornando-se obstáculo para o uso produtivo do capital e para o desenvolvimento, além de estender monopólios às áreas rurais. 3- A difusão de capital real e de população economicamente ativa partiu das zonas atrasadas para as desenvolvidas, condenando as zonas abastecedoras ao subdesenvolvimento. Logo, conclui que são as zonas arcaicas que provê o progresso das zonas modernas<sup>245</sup>.

A tese que afirma a tradição como obstáculo ao desenvolvimento pode ser entendida como uma afirmação de que o capitalismo nacional progressista estaria interessado na reforma agrária e na elevação do salário mínimo, entre outros. O autor responde que não só não existe um capitalismo nacional e progressista como também as regiões industrializadas podem crescer economicamente sem que isto implique necessariamente mudanças estruturais nas zonas rurais. Desse modo, reforça a idéia de que o crescimento das regiões modernas se faz à custa da estrutura socioeconômica das regiões atrasadas<sup>246</sup>.

---

<sup>244</sup> Stavenhagen, 1965. Op. Cit. Pg. 125.

<sup>245</sup> Stavenhagen, 1965. Op. Cit.

<sup>246</sup> Ibidem.

No que tange às três teses de caráter classista apresentadas no texto, temos as que colocam a burguesia e a classe média nacionalista como protagonistas na ruptura com o domínio da oligarquia latifundiária e na promoção do desenvolvimento, respectivamente, e a que vê a aliança entre operários e camponeses como causa do progresso<sup>247</sup>.

Stavenhagen argumenta, no primeiro caso, que há, na verdade, uma conjugação de interesses entre a burguesia e a oligarquia latifundiária na América Latina. Na medida em que muitos capitais advindos dos latifúndios são investidos no setor financeiro e industrial, estes estratos se complementam. Se porventura houver conflitos de interesse, sempre haverá a conciliação do estado<sup>248</sup>.

No segundo caso, o autor aponta ambiguidade do conceito de classe média, cujos problemas vão desde as suas várias definições possíveis (por vezes conveniente ao ocultamento dos conflitos de classe) até o seu uso como eufemismo para “classe dominante”. Alerta que a classe média não só depende economicamente da classe dominante, como também compartilham dos mesmos ideais políticos, caracterizados pelo conservadorismo, individualismo e defesa do status-quo. Além disso, ambas beneficiam-se da situação de colonialismo interno<sup>249</sup>.

No que concerne ao terceiro caso, o autor afirma ocorrer um processo semelhante de identificação de interesses entre camponeses e proprietários de terra, na medida em que o acesso à terra torna os camponeses proprietários. Além disso, uma vez que a reforma agrária encarece os alimentos nas cidades, a classe operária tende a não apoiar os interesses de camponeses. Outra reflexão levantada pelo autor é o fato dos operários urbanos se beneficiarem do colonialismo interno. Os benefícios obtidos pela classe operária, tais como controle de preços e melhores serviços sociais públicos, são alcançados à custa da agricultura<sup>250</sup>.

Como último ponto, questiona a tese da integração como produto da miscigenação, ou seja, que o mestiço, ladino ou cholo traz a essência da nacionalidade, evocando virtudes importantes para o progresso dos países latino-americanos. No

---

<sup>247</sup> Ibidem.

<sup>248</sup> Ibidem.

<sup>249</sup> Ibidem.

<sup>250</sup> Ibidem.

argumento de Stavenhagen, a integração nacional não depende de fatores biológicos ou culturais, mas de fatores estruturais, oriundos das relações entre homens e grupos sociais. Desse modo, a integração, entendida como a participação dos cidadãos na igualdade de oportunidades econômicas e sociais, só seria conseguida com o fim do colonialismo interno. Para além deste argumento, o autor afirma que os mestiços, no interior do colonialismo interno, representam a classe dominante local e oprimem a população indígena, não compartilhando, portanto, do ideal de integração nacional. Outra questão interessante levantada é o fato da mestiçagem, enquanto ideologia, significar efetivamente o branqueamento das populações indígenas, encerrando e ao mesmo tempo escondendo, assim, um preceito racista<sup>251</sup>.

Ao ver estas análises acerca das diversas concepções e reflexões sobre o que vem a ser o desenvolvimento, há de se verificar que a noção de desenvolvimento acha-se amiúde atrelada à formação de uma elite, colocando-a como protagonista desse processo e excluindo os demais setores da sociedade, sobretudo as classes populares. A industrialização, urbanização e tecnologia também são vistas como elementos definidores do desenvolvimento de um país, em detrimento da melhoria das condições de vida e de trabalho desses estratos populares. Logo, tendem a discutir não necessariamente quais políticas públicas imprescindíveis para a promoção de tais condições, mas o modo como se conforma uma elite promotora do progresso tecnológico, industrial e urbano. Poucas vezes mencionam classes populares como agentes históricos, nem o papel da educação na conformação desse processo de desenvolvimento, sobretudo se considerar o peso da tecnologia. Afinal, como haverão tecnólogos sem investimento em uma política pública de educação ampliada, isto é, dirigida a todos os estratos sociais?

Percebe-se, igualmente, certo maniqueísmo ou mesmo etnocentrismo nas visões duais, dicotômicas e, por vezes, antagônicas entre sociedades arcaicas e modernas, ou entre tradição e modernidade. Tais representações tomam como parâmetro a produção tecnológica, como se esta fosse a redentora das condições de vida da grande massa de pessoas que compõem seus países e que, na maior parte das vezes, encontram-se fora

---

<sup>251</sup>Ibidem. Sobre a discussão acerca da miscigenação enquanto ideologia de branqueamento das populações negras, ver também: NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro, OR/Fundação Cultural Palmares, 2002. MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

dos ciclos econômicos, seja como produtores, distribuidores ou mesmo consumidores. Além disso, ao tomar os padrões tradicionais, ou arcaicos, como os grandes culpados pelo atraso, se oculta a real questão: a quem caberia a responsabilidade pelo atendimento às demandas das populações inseridas nesse contexto ou nesses lugares tachados de “atrasados”? Nesse sentido, vale o argumento de Stavenhagen<sup>252</sup> sobre o fato de que o subdesenvolvimento é consequência do desenvolvimento e que essas regiões subdesenvolvidas são, de fato, abastecedoras, seja de capital humano, seja de capital real, das regiões desenvolvidas. Cabe aqui, igualmente, a sua solução metodológica apresentada acerca do dualismo, no qual a verdadeira questão não é constatar a existência de duas sociedades distintas, mas as relações entre estas.

Desse modo, é possível questionar se o desenvolvimento constituiu um discurso, retórica ou projeto político de longo prazo para as ciências sociais e para os órgãos que se incumbiram de promovê-lo nas regiões ditas atrasadas ou periféricas. Na seção a seguir, serão expostos elementos para se pensar, através da atuação de Leeds na PAU na década de 60, que formas reais tomaram estas reflexões do desenvolvimento, uma vez que a urbanização e, conseqüentemente, os estudos urbanos, haverão de ter um peso especial nesse contexto do desenvolvimento, tal como fora apresentado.

#### – LEEDS NA OEA.

Uma vez rapidamente exposto o contexto da Guerra-Fria durante a década de 1960 nos EUA, não é de se espantar que o documento que abre o dossiê OEA do Fundo Anthony Leeds, depositado no NAA, seja nada menos que um atestado de lealdade de Leeds ao governo dos EUA para poder ser admitido na entidade, datado de agosto de 1961<sup>253</sup>. O que pode parecer um tanto surpreendente ao olhar do pesquisador latino-americano do século XXI constituiu algo normal e corriqueiro para o período em questão<sup>254</sup>. Ou seja, a simples admissão de um funcionário mobilizava todo um corpo de funcionários e aparelho burocrático para atestar que o profissional não representava perigo para o governo, tampouco para os interesses em jogo, sobretudo se

---

<sup>252</sup> Stavenhagen, 1965. Op. Cit.

<sup>253</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/ series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>254</sup> George Stocking Jr. também relata ter sido obrigado a assinar uma declaração de lealdade ao governo americano para exercer seu cargo de professor universitário (Stocking Jr, 2010. Op. Cit.).

considerarmos o peso político da OEA na condução de projetos voltados para a promoção de desenvolvimento, tal como preconizava o Ponto IV<sup>255</sup>.

Dentre as atividades desenvolvidas por Leeds durante sua permanência na chefia do programa de desenvolvimento urbano, que podem ser inferidos através da documentação, estão a busca por profissionais qualificados para desenvolver pesquisas diversas e para serem professores visitantes em universidades das Américas Central e do Sul, a prestação de assistência técnica e financeira a centros de formação profissional em ciências sociais na região e a elaboração e execução de projetos de pesquisa com a finalidade de dar suporte a possíveis políticas públicas de desenvolvimento urbano recomendadas pela OEA/PAU.

Será feita uma breve explanação sobre as atividades desenvolvidas pela OEA/PAU em um sentido geral e receberão destaque aquelas referentes ao Brasil: a parceria com o Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS; o Seminário sobre Estrutura Social, Estratificação e Mobilidade, realizado em junho de 1962 e publicado em 1967<sup>256</sup>. É nesse período que Leeds consolida um contato mais estreito com as ciências sociais brasileiras e seus profissionais mais destacados, tais como José Arthur Rios, Florestan Fernandes e Otavio Ianni, além daqueles que já conhecia desde os tempos da pesquisa na Zona do Cacau, Anísio Teixeira e Thales de Azevedo.

Através dos relatórios de atividades, memorandos, cartas e propostas orçamentárias referentes ao período que vai de agosto de 1961 a 1963, é possível verificar as principais atividades desenvolvidas pelo Programa de Estudos Urbanos, vinculado ao Departamento de Assuntos Sociais. Como mostra a introdução ao relatório anual de atividades do Programa de Estudos Urbanos de 1962, o programa era encarregado de realizar pesquisas sobre a estrutura social urbana e questões correlatas, bem como promover tais pesquisas entre acadêmicos nos países latino-americanos através do levantamento de fontes, da complementação bibliográfica, da troca de informação sobre literatura e pessoal, da organização de encontros, das discussões

---

<sup>255</sup> Vide seção 2.1 dessa dissertação.

<sup>256</sup> Houve também uma reunião em que se discutiu a criação de uma Escola Latino-Americana de Administração Pública, em parceria com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO. *Report on the meeting of the comité director of the CENTRO and FLACSO*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 5, subseries general, box 31, OAS.

científicas de planos de pesquisa e da busca de pessoal para instituições de pesquisa e ensino latino-americanos<sup>257</sup>.

Com relação ao ano de 1961, quando Leeds ingressa no órgão, o documento datado de 21 de setembro deste ano<sup>258</sup> indica que a OEA dava prosseguimento a diversos projetos já iniciados na América Latina. Como será visto mais adiante, é intensa a correspondência entre a equipe da OEA e o diretor do CLAPCS, Manuel Diegues Junior, desde agosto de 1961, quando ocorrem reuniões entre estes. Antes de discorrer sobre o documento, cabe um parêntese sobre o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS.

Respondendo a uma demanda apresentada em diversas reuniões da UNESCO e da ONU, a criação do CLAPCS se deu ao mesmo tempo em que se criava a FLACSO – Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais. Tinha como objetivo fomentar a ampliação da rede de organismos internacionais de pesquisa em ciências sociais, atender a necessidade de se fazer pesquisas na região sobre seus problemas sociais, integrando dados e recursos humanos. Obedecendo a um plano preestabelecido, o CLAPCS deveria estudar as consequências sociais da mudança de técnicas da região, de modo a produzir um rol de seus problemas. Tinha como prioridade estudar na América Latina o processo de urbanização, as migrações, o analfabetismo, a educação primária, entre outros. As pesquisas deveriam ter uma metodologia comum, considerando a escala continental e as particularidades locais. Buscando seguir estas orientações, foi criado o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais em 1957, durante a Conferência Latino-Americana de Ciências Sociais, realizada da Universidade do Brasil e patrocinada pela UNESCO. Segundo depoimento de Luis Costa Pinto, primeiro diretor do CLAPCS, o órgão visava estudar a estrutura agrária na América Central e um projeto sobre mobilidade e estratificação social no Brasil, Chile, Uruguai e Argentina<sup>259</sup>.

---

<sup>257</sup> *Program of Urban development. Annual Report for 1962.* NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 5, subseries general/ box 31/ OAS.

<sup>258</sup> *Informe sobre diversos asuntos tratados por Palerm en Montevideo, Río de Janeiro, Lima, México, Bogotá y San Juan de Puerto Rico; por Crevenna en Buenos Aires, Santiago y Bogotá.* NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 5, subseries general/ box 31/ OAS.

<sup>259</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. 1995. “As Ciências Sociais no Rio de Janeiro”. In: MICELI, S. (org.) 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP.

Na perspectiva de Oliveira<sup>260</sup>, o CLAPCS pôs a América Latina na agenda de pesquisa das ciências sociais brasileiras e integrou os estudos sobre a região, uma vez que até então só havia centros brasileiros e institutos nacionais. Além de ter publicado livros resultantes das pesquisas ali realizadas, o CLAPCS tinha como principal publicação o periódico intitulado *América Latina*, onde participavam diversos colaboradores de grande peso nas ciências sociais e onde se divulgavam artigos, livros, revistas, conferências, documentos e balanços sobre a situação da região. Dentre os planos do CLAPCS estavam: análise dos fatores sócio-culturais do desenvolvimento e suas implicações; realização de análises comparativas; observação das tendências da pesquisa social na América Latina; realização de inventários e registros de documentação sobre aspectos sociais de desenvolvimento; coordenação entre instituições de pesquisa voltadas para projetos semelhantes; cooperação com organismos internacionais e intergovernamentais para execução de programas comuns de pesquisa e documentação; publicação de livros, estudos e revistas bibliográficas; realização de e participação em reuniões científicas. O tema do desenvolvimento é aquele que mais recebeu atenção do CLAPCS, na medida em que é o tema mais frequente em sua principal publicação, apresentando-se de modo atrelado aos processos de urbanização, industrialização e de mobilidade social, bem como à estrutura ocupacional, educação, padrão comportamental, organização política e estrutura agrária<sup>261</sup>.

A seguir, serão enumerados os assuntos presente no documento anteriormente mencionado para uma melhor visualização da atuação geral da OEA/PAU na região. Como primeiro assunto, aparece o Projeto de Treinamento em Sociologia Urbana, em Montevideu, consistindo em um programa de formação de profissionais na área, em parceria com a Universidade de Montevideu. No Rio de Janeiro, tratou-se da cooperação técnica da OEA com o CLAPCS. Em Lima, definiu-se a cooperação com o Instituto de Planificação de Lima para a formação de novos profissionais na área e aperfeiçoamento de professores e o treinamento em técnicas de investigação social, no sentido de reforçar os cursos de técnicas sociais no Instituto de Planificação.

---

<sup>260</sup> Oliveira, 1995. Op. Cit.

<sup>261</sup> Ibidem.

No México, foi feita a supervisão do Projeto Interamericano de Ciências Sociais Aplicadas e da situação do Instituto Indigenista Interamericano, bem como a discussão sobre a política habitacional do país, fixada na Ata de Bogotá<sup>262</sup> e na Reunião de Punta Del Este<sup>263</sup>, com o Instituto Nacional de la Vivienda. Em Bogotá, houve uma reunião técnica sobre moradia, também tendo em vista as indicações da Ata de Bogotá e da Reunião de Punta Del Este para iniciar o programa nacional de moradia. Além disso, houve a revisão do Centro Interamericano de la Vivienda – CINVA, com programa de estudos, treinamento e pesquisa voltados para a questão habitacional urbana e rural. Na cidade de San Juan, em Porto Rico, houve a inauguração do Programa de Estudos do Caribe, feita pela secretaria geral da OEA e a Universidade de San Juan.

Em Buenos Aires, foram feitas negociações com o governo da Argentina para a continuação do Projeto de Administração de Bem Estar Social, cuja ajuda da secretaria geral da OEA estaria condicionada à avaliação e revisão da orientação técnica por parte deste órgão internacional. Além desta negociação, adiantaram-se as conversas já iniciadas sobre a possibilidade de se desenvolver um projeto de treinamento em sociologia rural no país, em um molde semelhante ao projeto de sociologia urbana de Montevideú. Em Santiago, fizeram a supervisão do projeto de fotografia aérea, voltado para o levantamento fotográfico de áreas atingidas por terremotos e para a realização de surveys aeromagnéticos com a finalidade de localizar mantos petrolíferos. Os projetos eram financiados e coordenados pela OEA e por instituições chilenas<sup>264</sup>.

No momento da discussão sobre o projeto de sociologia urbana em Montevideú, trataram da possibilidade de obter a parceria com o Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS, o que seria decidido pelo Programa de Cooperação Técnica da OEA. Ainda que mencionando a necessidade de uma

---

<sup>262</sup> Documento elaborado pelo Conselho dos Estados Americanos em 12 de setembro de 1960. Fonte: [http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/7006/1/DOCT2064807\\_ARTICULO\\_9.PDF](http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/7006/1/DOCT2064807_ARTICULO_9.PDF). Acesso em 28/11/2013. O texto desse documento foi publicado em *El Trimestre Económico* vol.28, n 109 (1), janeiro-março de 1961, PP 168-173.

<sup>263</sup> Trata dos objetivos da Aliança Para o Progresso e para o desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos (Rocha, 2005). Nesta reunião, os delegados aprovaram a Declaração aos Povos da América, com os princípios fundamentais do programa: apoio aos regimes democráticos, aceleração do crescimento econômico e do desenvolvimento social, estímulo às reformas estruturais, melhoria das condições educacionais e de saúde, aplicação de políticas monetária e fiscal para impedir os efeitos negativos da inflação e incentivo às empresas privadas (Loureiro, 2011a). Mais adiante, será visto o quanto esse programa influenciou a política brasileira na década de 1960.

<sup>264</sup> *Program of Urban Development. Annual Report for 1962*. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

formalização de termos e tipos de cooperação entre a OEA e o CLAPCS, a entidade brasileira se dispôs a cooperar ativamente com a primeira em sua missão de cooperação técnica no projeto de treinamento em Sociologia Urbana no sentido de formular e avaliar o projeto. Em contrapartida, a OEA se dispôs a cooperar com o CLAPCS no desenvolvimento e ampliação dos estudos de mobilidade social na América Latina, já em andamento em quatro cidades latino-americanas: Montevideú, Buenos Aires, Santiago e Rio de Janeiro<sup>265</sup>. Conforme o documento, a OEA deixaria disponível um especialista para revisar os planos de trabalho, examinar os avanços da pesquisa e discutir os resultados e planos imediatos. A princípio, pretendiam completar o quadro de todos os países latino-americanos até os anos de 62 e 63.

O relatório anual de 1962 do Programa de Desenvolvimento Urbano, chefiado por Leeds, apresenta a realização dos seguintes estudos<sup>266</sup>: rascunho de um capítulo sobre as condições urbanas e crescimento; pesquisa, levada a cabo pelo chefe do programa, sobre estrutura social em 6 cidades brasileiras em cooperação com colegas brasileiros; um relatório e um estudo sobre o trabalho de campo, focado na programação e política de interesse da secretaria geral. São estes, o estudo “*Carreiras brasileiras e estrutura social, com implicações para programas de planejamento e ação*”<sup>267</sup>; o relatório do encontro do comitê diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais preparado pelo chefe do programa; um estudo de relações entre elites urbanas e rurais, escoamento de mercadorias, política metropolitana e instituições administrativas e revoluções, em interconexão com o estudo em andamento sobre as funções sociais da cidade<sup>268</sup>; um relatório detalhado e crítico sobre o Informe Oficial da OEA Honduras – Missão 105 sobre reforma agrária; esboços de projetos para serem executados em 1963.

Além destas atividades, fizeram programas de treinamento em universidades e institutos de pesquisa latino-americanos em sociologia urbana, sociologia política, economia política, entre outros. Incluem-se nestes treinamentos os esforços para enviar acadêmicos europeus e norte-americanos para pesquisar, ensinar e dar suporte técnico

---

<sup>265</sup> Muito provavelmente, este deve ter sido o *Four Cities Studies* mencionado por Sieber (1994).

<sup>266</sup> *Program of Urban Development. Annual Report for 1962*. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>267</sup> Este estudo foi publicado em *Sociologia do Brasil Urbano* (Leeds e Leeds, 1978).

<sup>268</sup> Deste trabalho resultou o estudo preliminar *Borderlands and Élite Circulation – the Latin American Case*.

nos países da região, para que estes pudessem identificar, em conjunto com os latino-americanos, a natureza de seus problemas de pesquisa, problemas de campo e recursos.

Destaca-se neste relatório as preparações para o seminário sobre estrutura social, mobilidade e estratificação, realizado no Rio de Janeiro entre 6 e 15 de junho deste ano<sup>269</sup> em parceria com o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências sociais – CLAPCS. Neste seminário, o programa assumiu a responsabilidade pela organização da programação e pela seleção de pessoal, enquanto o CLAPCS se responsabilizou pela administração do encontro. Segundo o relatório, os resultados desejados e alcançados foram: a exposição do pensamento moderno sobre estrutura social e estratificação para cientistas sociais mais jovens ou parcialmente treinados; o crescimento de um diálogo internacional e do trabalho cooperativo na pesquisa social; a reunião de papers explorando várias questões e sugestões para pesquisa<sup>270</sup>.

De acordo com uma proposta orçamentária, cuja única referência de data é o orçamento feito para o ano de 62/63, provavelmente continuaram a pesquisa sobre estratificação social e estrutura urbana, com referência especial às relações mutuais e causais entre a transformação da estratificação social e as instituições sociais envolvidas. Esta pesquisa já estava sendo feita pelo CLAPCS em parceria com a União Pan Americana e incluía quatro grandes cidades da América Latina: Rio de Janeiro, Montevideú, Buenos Aires e Santiago. De acordo com o documento, estas cidades foram escolhidas por serem as mais avançadas em termos de urbanismo absoluto e relativo, razões de industrialização, produto interno bruto, etc. Mais ainda, essas quatro cidades apresentavam similaridades regionais quando contrastadas com países caribenhos menores, com países montanhosos da América do Sul e com o México. A proposta orçamentária previa ampliar o quadro e a amostra de países da região<sup>271</sup>.

Conforme o relatório parcial de 1963, as principais atividades desenvolvidas pelo programa foram<sup>272</sup>: a formulação de princípios e problemas para o projeto de pesquisa urbana, com avanços na coleta de material bibliográfico sobre as classes baixas

---

<sup>269</sup> O livro publicado em 1967, intitulado *Social structure, stratification, and mobility*, integrante da série *Studies and Monographs*, organizado por Leeds e editado pela OEA é o resultado desse seminário.

<sup>270</sup> *Program of Urban Development. Annual Report for 1962*. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>271</sup> *Draft Budget Proposal*. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>272</sup> *June 30, 1963. Theo Crevenna. Anthony Leeds. Quarterly Report, April-June, 1963*. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

e sua estrutura social; a pesquisa especial sobre a violência na Colômbia; avisos e informes a pesquisadores da América Latina, dentre estes, sobre estrutura social urbana na Guatemala, sobre o programa de treinamento intercultural sócio-médico na área de psiquiatria, envio de itens de bibliografia etnográfica sobre América do Sul para um pesquisador da Universidade de Yale; fornecimento de bibliografia a uma pesquisadora que estava fazendo estudo de comunidade de um grupo Quéchuas no Equador com bolsa da OEA; prestação de assistência a economista contratado pela AID que não tinha bibliografia sobre relações de trabalho-gerenciamento na América Latina; fornecimento de sugestões à pesquisadora da Guatemala sobre estudos interculturais de adaptação de imigrantes mexicanos e porto-riquenhos a novos ambientes. Por último, constam os encontros no Congresso Mundial da FAO e na Associação Americana de Antropologia Aplicada – AAAA, com a incumbência de organizar o simpósio sobre política, poder e planejamento para o encontro do ano seguinte.

Além destas atividades descritas nos relatórios de atividades do Programa de Desenvolvimento Urbano, outros documentos mostram que Leeds também atuava no fomento ao ensino e formação profissional nas diversas universidades, centros e institutos de ensino nos EUA, bem como ministrava aulas e pequenas palestras nesses lugares. Nessas ocasiões, Leeds avaliava os cursos, a infraestrutura e, principalmente, as condições do ensino e pesquisa em antropologia nesses locais<sup>273</sup>. Note-se que Leeds visitava esses lugares enquanto membro da AAAA, sendo mantido pela National Science Foundation. Como mostram os documentos, havia não só resistência desses institutos privados de ensino em aceitar suporte financeiro federal como também um desconhecimento do que era a antropologia ou mesmo um desconhecimento do próprio país e de seus órgãos oficiais, incluindo a OEA.

No que se refere ao Brasil, o programa finalizou um paper sobre organização política brasileira, o planejamento de pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil, além de ter prestado assistência aos estudos sobre os japoneses no Brasil levado a cabo por John Carrol, da Universidade do Texas, através do fornecimento de uma lista de cientistas sociais de São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse período, Leeds pediu consultoria

---

<sup>273</sup> *Report on trip to Hillsdale and Alma Colleges. March 10-15, 1962; April 1, 1963. Theo Crevenna. Anthony Leeds. Talks to Middlewestern Colleges. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS*

a Anísio Teixeira na discussão entre o chefe do programa com pesquisador do MIT e do departamento sobre a proposta de criação de um Centro Nacional de Pesquisa de Planejamento. Com Paes de Barros, Leeds esteve no encontro anual da Sociedade para o Desenvolvimento Internacional e no encontro com estudantes brasileiros de direito que participavam do *Experiment in International Living* para tratar da Aliança Para o Progresso, da União Pan Americana e outras atividades interamericanas. Leeds também prestou consultoria aos especialistas da Organização de Operações Especiais de Pesquisa que trabalhavam na versão brasileira do *Handbook of North American Indians*<sup>274</sup>. Na Universidade do Texas, fez comunicações cujos temas foram Francisco Julião e o Nordeste e o gerenciamento de crises como instrumento político no Brasil<sup>275</sup>.

Na documentação sobre a atuação de Leeds na PAU/OEA, evidencia-se a relação travada entre este órgão internacional e o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais – CLAPCS. Neste conjunto, veem-se os esforços do CLAPCS para obter, junto a este e outros órgãos, o suporte financeiro e técnico a duas pesquisas: uma sobre estratificação e mobilidade social, que já estava sendo feita, e outra sobre estrutura agrária e suas implicações sociais e econômicas quanto ao processo de urbanização e industrialização<sup>276</sup>.

Para tratar dos assuntos referentes ao acordo entre os dois órgãos, Leeds veio ao Brasil em novembro de 1961. Nesse período, pôde não só delinear estas pesquisas como também tecer contatos com cientistas sociais brasileiros, dentre estes, José Arthur Rios, um dos coordenadores da pesquisa sobre estratificação e mobilidade social. Nos documentos referentes às pesquisas e ao seminário é possível ver o modo como Leeds preparava e conduzia as pesquisas em conjunto com pesquisadores brasileiros.

Leeds teria chegado ao Rio de Janeiro no dia 22 de novembro para reunir-se com Diegues Junior e discutir a expansão das pesquisas que o CLAPCS já fazia sobre

---

<sup>274</sup> A versão brasileira da obra *Handbook of South American Indians*, originalmente editada por Julian Steward em 7 volumes, recebeu o nome de *Suma Etnológica Brasileira*. Foi editada por Darcy Ribeiro e coordenada por Berta Gleizer Ribeiro. Dos 7 volumes previstos, só saíram três: Etnobiologia Brasileira, Tecnologia Indígena e Arte Índia, contando com artigos de vários antropólogos brasileiros e estrangeiros, dentre estes Betty Meggers e Clifford Evans, pesquisadores do Smithsonian Institution. Ambos os volumes saíram pela FINEP/Editora Vozes, tendo sua primeira edição no ano de 1986.

<sup>275</sup> *June 30, 1963. Theo Crevenna. Anthony Leeds. Quarterly Report, April-June, 1963.* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>276</sup> *Carta de Manuel Diegues Junior a Felipe Herrera, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento. 9/11/1961.* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

estrutura social e mobilidade e sobre o seminário. Dentre os problemas iniciais da pesquisa destacados por Leeds, estavam a escolha dos países, o pessoal para fazer os levantamentos e possíveis modificações no desenho da pesquisa<sup>277</sup>.

O fruto desta conversa foi apresentado em um relatório de viagem feito por Leeds, no qual trata, entre outros assuntos, do trabalho com o CLAPCS e de seus primeiros contatos com os cientistas sociais brasileiros<sup>278</sup>. De um modo geral, Leeds comenta que o CLAPCS teria a ganhar com a PAU uma vez que tinham poucas publicações e pesquisas em andamento em seus anos de existência. Destaca o mau aconselhamento feito pelos cientistas sociais da UNESCO na pesquisa sobre estratificação e outros estudos. Ao comentar sobre o envio de experts franceses da UNESCO a FLACSO, Leeds diz:

In general, french influence in South American social science appears to be unfortunate, and I believe Diegues, though eminently discreet about it, senses this and is glad of the opportunity to make connections with US scholarship, with all its limitations. The PAU connection offers several advantages: 1) Money for research; 2) interest in similar research projects as the Centro; 3) influence and connections with sources of money in the USA, e.g. BID, NIH, NSP, AID, etc.; 4) recourse to personnel resources; 5) its own specialized technical personnel.

In view 1) of the state of the stratification researches as gleaned from documents prior to my trip and observed in Rio, and 2) the competence of local personnel, specially with respect to designing research, on one hand, or with regard to fundamental epistemological empirical questions of the social sciences, on the other, I felt it important that certain points or principles be injected into the agreements reached between the Centro and the PAU<sup>279</sup>.

Neste relatório, Leeds tece comentários e recomendações para o seminário e para as pesquisas de estratificação e estrutura agrária. Com relação ao seminário, e como última observação ao mesmo, note-se que Leeds não só defendia a presença de

---

<sup>277</sup> *Carta de Leeds para Diegues. 3 de novembro de 1961.* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>278</sup> *Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>279</sup> *Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962)* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS. . Pg1.

profissionais europeus e norte-americanos, pois nesses lugares os problemas das ciências sociais foram tradicionalmente formulados, discutidos e entendidos, como também expressa interesse em incluir um profissional cubano no seminário<sup>280</sup>.

Ainda nesse mesmo documento, Leeds apresenta como recomendação ao estudo sobre estrutura agrária a prioridade na descrição da vida agrária, enquanto o interesse na reforma deveria ser secundário até que se completasse a pesquisa básica. Leeds considera também que um estudo agrário adequado deveria dar atenção à estrutura institucional nacional nos quais a especialização agrária funcionava, bem como considerar as inte-relações funcionais com as cidades próximas às áreas agrárias, localizadas nos interiores.

Além disso, recomenda a ligação entre estudos agrários e os estudos de estratificação urbana tanto quanto possível. Sobre esta perspectiva metodológica, Leeds argumenta que os estudos de estratificação urbana poderiam dar dados significativos para comparar e contrastar com o interior agrário. Os aspectos sociais e históricos da estrutura agrária deveriam ser ligados com o trabalho bibliográfico e de campo não só substancialmente, mas teoricamente. Desse modo, Leeds recomenda o caráter comparativo do estudo, explicitando o critério de similaridade, com o objetivo de mediar a variação ou similaridade com outras instituições.

Ao discutir os critérios para escolha dos países a serem estudados, primeiro estabelece categorias de países definidos conforme a origem da sua estrutura social agrária. São estes: aqueles com origens em sociedades indígenas em larga escala confrontadas com uma aculturação de conquista, tais como Equador, Guatemala, Peru, entre outros; aqueles cuja ordem social agrária é derivada de origem europeia, exemplificados por Brasil, Chile, Uruguai, Cuba e outros; tipos intermediários, ilustrados por Venezuela, Colômbia, México, que seriam caracterizados pela destruição parcial da ordem social agrária original através da aculturação social indígena, com substituição por novas formas ou sistemas agrários cuja ordem social já havia sido afetada pela reforma agrária.

---

<sup>280</sup> *Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

Sugere a escolha de dois países de cada uma dessas categorias e a realização de um survey preliminar com estudos qualitativos e quantitativos em cada um destes. Dentro de cada país, deveriam ser selecionadas localidades típicas, uma para cada região geo-social, para que se fizesse um trabalho de campo qualitativo, mais especificamente, um Estudo de Comunidade na fase final com o objetivo de traçar características de organização social e comportamento sócio cultural. Além disso, propõe elaborar categorias para amostras de survey estatístico de larga escala para serem aplicadas em outras localidades em cada região. Este survey serviria para testar e confirmar generalizações e registrar variações<sup>281</sup>.

Com relação ao estudo sobre estratificação e mobilidade em quatro capitais latino-americanas - Rio de Janeiro, Montevidéu, Santiago e Buenos Aires, Leeds traça algumas orientações neste mesmo documento. Em primeiro lugar, detecta como questão teórica a semelhança entre a abordagem usada na pesquisa sobre estratificação e mobilidade social e aquela proposta por Lloyd Warner. Segundo Leeds, o problema desta abordagem residiria no fato de que a lista e contagem de ocupações e a complexa coleta estatística sobre dados tais como membro associativo, padrões de vida, entre outros, serem vistos como dados objetivos. No seu argumento, estes dados em si mesmos eram vistos como contínuos, ou como listas sem organização interna intrínseca. Na operação social, estes dados não eram contínuos, mas estruturados.

Leeds aponta como mérito de Warner, no que tange à pesquisa em organização social na América, colocar em valores o *locus* e a estrutura de organização. Assim, esses valores tornaram-se determinantes centrais da ordem social, mas não foram explicados. No entanto, Leeds aponta que esses valores constatavam as fronteiras sociais, mas não refletiam as linhas reais de organização no todo. Leeds afirma que Warner não relacionava a massa inteira de dados a estruturas institucionais maiores da ordem social, incluindo instituições nacionais poderosas, por causa dessas concepções. Além disso, considera que tais orientações metodológicas o fizeram produzir uma visão localcêntrica da sociedade dos EUA.

---

<sup>281</sup> *Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* Pag. 7 e 8. NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

Ao analisar a orientação teórica do estudo sobre estratificação e mobilidade social nas quatro capitais latino-americanas, Leeds defende que, apesar de não parecerem reproduzir as concepções de Warner acerca dos valores, não compensam a perda de dinâmica com os valores fornecidos. Em sua crítica, diz que estavam lidando com dados “objetivos”, mas não esclareciam os critérios usados para selecionarem estes dados. Ou seja, não apresentavam nenhuma razão teórica para o uso destes. Para ele, a principal implicação que isso trazia era a não discussão de questões básicas da estruturação de unidades sociais. Desse modo, aponta como falha na elaboração do estudo, a separação entre a questão da estratificação social, a questão do poder e a história de classe. Segundo seu argumento, uma vez que o poder e a história de classe, enquanto elementos estruturantes da estratificação social, não estavam sendo estudados, também não seriam estudados nem a estratificação, nem a mobilidade social. Logo, Leeds propôs redesenhar a pesquisa de modo a unificar estes três elementos.

A outra falha do estudo apontada por Leeds seria a abordagem localcêntrica, nos moldes teóricos de Warner. Para Leeds, constituiria um erro teórico e empírico estudar somente uma cidade e, mais ainda, uma só capital, sobretudo na América Latina, onde a intensidade da migração rural para as cidades trazia mudanças profundas na estrutura social. Segundo Leeds, a organização social seria diferente em cada local, conforme a sua atividade econômica principal. Ou seja, haveria uma organização social nos locais de agricultura, nos locais de mineração ou nas cidades, caracterizadas pela produção e distribuição de bens e serviços. Considerando tal fato, considera que estratificação e mobilidade não poderiam ser entendidos sem atenção à estruturação interna destes locais, denominados como setores de unidade sócio-cultural, tampouco sem verificar a relação entre eles.

Leeds também critica, ainda considerando a abordagem de Warner, o peso dado aos dados estatísticos e à concepção de que os números serviriam para confirmar resultados previamente apontados pela análise qualitativa. Para Leeds, ainda que os números revelassem algo novo, ainda assim seria necessária a análise qualitativa. Mais ainda, argumenta que nem sempre grandes números de amostras revelam a estrutura social. Independente do tamanho da amostra, só se revelará algo estrutural quando houver prioridade ou subsequente análise qualitativa.

Em documento anexo a este relatório<sup>282</sup>, Leeds e Diegues dão orientações gerais aos diretores da pesquisa. A primeira delas é incluir nas observações teóricas e metodológicas os elementos que permitem delinear os grupos estruturais dentro da população estudada. Isto envolveria a relação entre o continuum de ocupações e as barreiras estruturais entre categorias de ocupações nas ordens sociais. Ou seja, seria necessário examinar elementos estruturais que estão implicitamente assumidos na pesquisa, tais como a análise de barreiras entre grupos de ocupações. Para Leeds, o esclarecimento dessas barreiras permitiria delinear a estrutura diferenciada da ordem social, a mobilidade vertical, a transformação de classe e outros tópicos relacionados.

Já os estudos de história de classe deveriam ter como foco a grande estrutura diferenciada da ordem social. As descrições históricas e os materiais de estudo de campo deveriam ser analisados de forma conjunta, encerrando uma abordagem unificada com o objetivo de não reduzir as descrições individuais e os estudos comparativos previstos pelo programa de pesquisa. Desse modo, orienta os diretores a preparar os dados apropriados para as sínteses dos estudos de campo e históricos e do estudo comparativo, bem como identificar os dados insuficientes para obter dados adicionais. Esses dados seriam mais qualitativos que quantitativos<sup>283</sup>.

#### – O SEGUNDO CONTATO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS.

As considerações de Leeds a respeito das ciências sociais no Brasil feitas no início da década de 1960, que estavam nesse documento, tinham como pano de fundo um contexto institucional. Até o final da década de 1960, o Brasil tinha pouca experiência e pouco pessoal formado a nível de pós-graduação em antropologia no Brasil. Até o ano de 1960, somente a Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP e a Faculdade Nacional de Filosofia da USP contavam com programas de mestrado e doutorado. Nessas universidades, já se faziam trabalhos de campo, contando, inclusive, com a presença de professores estrangeiros, entre eles Donald Pierson, Herbert Baldus,

---

<sup>282</sup> APPENDIX C. *Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS

<sup>283</sup> APPENDIX C. *Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS

Roger Bastide, entre outros<sup>284</sup>. Fora, inclusive, no âmbito dessas universidades que se deram os mais emblemáticos Estudos de Comunidade aqui realizados, o Projeto Vale de São Francisco e o Projeto Bahia Columbia<sup>285</sup>. Além dessas universidades, os locais de pesquisa da época eram o CBPE, o Museu do Índio e o Serviço de Proteção aos Índios, além do Museu Paraense Emilio Goeldi. A cadeira de antropologia surgiu na USP em 1935 e somente em 1949 teve seu primeiro doutor, Egon Schaden. No período entre 1945 e 1970, a USP formou apenas 6 doutores e 8 mestres<sup>286</sup>.

Durante as décadas de 1950 e 1960, as ciências sociais e seus pesquisadores só puderam contar com o apoio financeiro da CAPES e, mesmo assim, somente em âmbito universitário. O CNPq e o Finep, por sua vez, só aparecem em cena a partir da década de 1970, dando novo impulso às pesquisas na área e desatrelando-as paulatinamente do sistema universitário<sup>287</sup>.

Nesse período, surgiu no cenário das ciências sociais brasileiras a chamada “Escola Paulista” de sociologia, grupo de estudantes e pesquisadores assistentes da cadeira de Sociologia I da USP, orientados por Florestan Fernandes. Em artigo sobre a sociologia produzida por essa escola, Arruda<sup>288</sup> analisa as características da produção acadêmica de Florestan Fernandes e seu grupo nos anos 1960. A autora<sup>289</sup> apresenta como primeira característica de Fernandes a sua linguagem fechada, justamente pelo fato de priorizar um rigor teórico, usando noções e conceitos com significados precisos. Explica a obsessão teórico-metodológica do autor pela sua intenção de atribuir legitimidade acadêmica à sociologia, em um momento de consolidação da disciplina no país<sup>290</sup>.

Como marcas da produção acadêmica de Fernandes, a autora<sup>291</sup> destaca o uso do método comparativo, a investigação empírico-indutivista e a escolha do objeto ligada à

---

<sup>284</sup> CORREA, M. 1995. “A Antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: MICELI, S. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol.2. São Paulo, Ed Sumaré: FAPESP.

<sup>285</sup> Maio, 1997. Op. Cit.

<sup>286</sup> Corrêa, 1995. Op. Cit.

<sup>287</sup> MICELI, S. 1995. “O cenário institucional das ciências sociais no Brasil”. In: MICELI, S. (org.) 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP.

<sup>288</sup> ARRUDA, M. A. do N. 1995. “A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”. In: MICELI, Sérgio (org.). 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Volume 2. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP.

<sup>289</sup> Arruda, 1995. Op. Cit.

<sup>290</sup> Ibidem.

<sup>291</sup> Ibidem.

teoria, sendo esta entendida como uma condição ao recorte da realidade. Em proximidade com o pensamento de Durkheim, considerava o método a matéria prima da ciência, além de enfatizar a teoria e os quadros temáticos. Nas teses de doutoramento e de livre docência de Florestan Fernandes, são identificadas questões teóricas, sobretudo no que concerne ao método de interpretação funcionalista na sociologia. Nelas, analisa não só a contribuição de Durkheim como de funcionalistas modernos tais como Malinowski, Parsons, Radcliff-Brown, Merton e Firth. Seu texto teórico parte de preocupações práticas para refletir sobre problemas da investigação<sup>292</sup>.

Outra característica apontada na obra de Fernandes é o apoio em autores com filiações teóricas díspares, sendo por isto considerado um autor eclético. Talvez isso se explique pela sua formação intelectual, marcada tanto pela influência de seus professores dos EUA, vinda através de seu mestrado feito na ELSP e perceptível pela ênfase na pesquisa empírica, quanto pela presença francesa, através de seu doutoramento defendido na USP. Segundo Arruda<sup>293</sup>, o que confere a originalidade de Florestan Fernandes é a combinação de diferentes tradições teórico-metodológicas, resultando em uma interpretação densa e em uma síntese que traz conclusões originais. Desse modo, sua produção científica influenciou toda uma geração de cientistas sociais brasileiros, sobretudo Fernando Henrique Cardoso e Otavio Ianni, seus assistentes de pesquisa<sup>294</sup>. Outro fato importante salientado por Arruda foi Fernandes ter orientado, entre 1953 e 1964, quase 50 por cento das teses de mestrado e doutorado na instituição<sup>295</sup>.

Por iniciativa dos assistentes de pesquisa de Fernandes, formou-se em 1958 um grupo de estudos voltados exclusivamente para a leitura e debate de *O capital* de Karl Marx. Com ênfase metodológica, o grupo buscava dialogar a obra com outros textos de Marx e de outros autores marxistas. Esse grupo interdisciplinar, integrado pelo filósofo José Arthur Giannotti, pelos sociólogos Ianni e Cardoso, pela antropóloga Ruth

---

<sup>292</sup> Ibidem.

<sup>293</sup> Ibidem.

<sup>294</sup> Ibidem.

<sup>295</sup> Ibidem.

Cardoso, pelo historiador Fernando Novais e pelo economista Paul Singer, se reuniu quinzenalmente durante cerca de sete anos<sup>296</sup>.

Apesar de se afirmarem marxistas, suas leituras eram feitas sistematicamente por motivações intelectuais e profissionais, além de não serem orientadas pelo tema da revolução. Também tinham como objetivo afastarem-se da influência de Talcott Parsons e Robert Merton, bem como contrabalançar a influência estruturalista francesa. Buscavam exercitar o raciocínio dialético, focados na sua totalidade, nas múltiplas determinações e nas mediações. Desse modo, essa iniciativa é vista como uma afirmação de autonomia teórico-metodológica em relação a Florestan Fernandes, bem como uma ruptura com o ecletismo metodológico<sup>297</sup>.

A primeira impressão de Leeds referente ao Brasil foi a afirmação de que aqui parecia ser o país latino-americano onde as ciências sociais estavam mais avançadas. Os aspectos que mais chamaram sua atenção foram: as lacunas no trabalho estatístico; o balanço entre a conceituação teórica e a pesquisa empírica; a independência em descobrir a verdade sobre a própria sociedade; e a qualidade da literatura em ciências sociais. No entanto, destaca também o não alcance de uma consciência teórica refinada, o não desenvolvimento de uma filosofia das ciências sociais e a pouca consciência de questões epistemológicas.

Como outro ponto importante, salienta que o Brasil ainda não havia chegado ao refinamento da substancialidade teórica, oriunda de uma abordagem comparativa e do trabalho de campo. Leeds explica este aspecto pelo fato dos pesquisadores verem os problemas brasileiros como únicos, enquanto que muitos destes problemas, em sua argumentação, seriam problemas gerais de países “subdesenvolvidos” ou “semicoloniais”<sup>298</sup>, caracterizados pelo confronto com os poderes de exploração financeira, o que só poderia ser entendido genericamente.

Em seu relato, ressalta o alcance das ciências sociais no Brasil, a despeito das dificuldades enfrentadas pelo país no que tange aos poucos centros de pesquisa, à

---

<sup>296</sup> LAHUERTA, Milton. 2008. “Marxismo e vida acadêmica: os pressupostos intelectuais da crítica uspiana ao nacional-desenvolvimentismo”. In: BOTELHO, A. BASTOS, E.R., VILLAS BÔAS, G. 2008. *O moderno em questão. A década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks.

<sup>297</sup> Lahuerta, 2008. Op. Cit.

<sup>298</sup> Aspas usadas nos termos pelo próprio Leeds no original.

escolaridade e ao entrave na comunicação de um modo geral. Considerando os problemas referentes à comunicação, que não permitia às pessoas sequer saberem o que estava acontecendo, afirma que a literatura em ciências sociais no Brasil teria conseguido superar este obstáculo. Tal feito se explicaria, segundo Leeds, pelos estudos fora do país, pelas bibliotecas pessoais e pela produção em literatura indígena brasileira. Destaca o culto à tradição da literatura brasileira e o fato desta ser levada para as ciências sociais<sup>299</sup>.

Em uma parte específica, relata as publicações em ciências sociais no Brasil. Dentre as publicações apontadas com as quais teve contato e nas quais ressalta a boa qualidade, estavam as revistas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, trazendo boa estatística e material descritivo sobre economia e geografia do Brasil. Também destaca as publicações da CAPES, IBPE<sup>300</sup> e ISEB. Quanto a este último instituto, note-se que o aspecto ressaltado por Leeds é justamente o fato de não só ter os melhores cientistas sociais do país em seus quadros, mas principalmente de terem uma orientação neo-marxista e o socialismo de bem estar. No entanto, aponta um pendor maior para as ciências sociais aplicadas nestas publicações do que um esforço para a elaboração teórica<sup>301</sup>.

Leeds representa a lacuna de unificação em torno da universidade como um sintoma de pouco trabalho teórico sendo feito no Rio de Janeiro. Como exceção a esta incipiência de trabalho teórico, aponta a produção dos antropólogos do Museu Nacional, qualificados por Leeds nesse relatório como esotéricos. Apontou também que o Brasil havia criado vasta literatura em ciências sociais, mas teria como principal obstáculo a difusão destas obras. Segundo seu relato, tais obras seriam difíceis de serem achadas ou mesmo de se tomar conhecimento. Para ele, mesmo o Instituto Brasileiro de Documentação não seria um órgão adequado para esta tarefa. Afirma que existiria uma

---

<sup>299</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>300</sup> No documento está IBPE. No entanto, provavelmente deveria estar se referindo ao CBPE.

<sup>301</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

falta de trabalho político nesse sentido, o que dispersaria esforços e não contribuiria para o desenvolvimento das ciências sociais<sup>302</sup>.

Ao relatar a situação das ciências sociais em São Paulo, destacou a centralização em duas instituições: a Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP e a Universidade de São Paulo – USP. Mencionou também como centro de ciências sociais, o Instituto de Administração, onde se encontravam Juarez Brandão e Oracy Nogueira, descritos como membros competentes. Fala do interesse dessa instituição na estrutura da administração em negócios e indústria e o fato de ser solicitada a fazer trabalhos aplicados e direcionados à racionalização da organização para os negócios ou produção<sup>303</sup>.

Como indica o documento, essa visita de Leeds teria o objetivo de identificar os centros de pesquisas, os projetos a serem financiados e alguns bons quadros entre os cientistas sociais brasileiros para trabalhar com a PAU e a OEA. Ao visitar a USP e seu departamento de sociologia, dirigido por Florestan Fernandes, Leeds frisou que o projeto da PAU oferecia oportunidade de financiamento para realizar trabalho comparativo em novos tipos de estudos, nos quais os estudantes de graduação poderiam ganhar experiência. No entanto, os melhores estudantes deste departamento já haviam sido captados para as pesquisas orientadas por Fernandes<sup>304</sup>.

Neste relatório, Leeds afirma ter ficado impressionado com Fernando Henrique Cardoso e, especialmente, com Octavio Ianni. Na sua percepção, ambos pareciam iniciar uma nova fase de importância crítica e teórica das ciências sociais. Recém-doutores na ocasião, Leeds reconheceu em seus estudos um embasamento feito nos trabalhos de campo no Sudeste do Brasil combinados com o estudo histórico, lidando com a transformação da sociedade escravocrata para uma sociedade de classe com uma população negra desprivilegiada. Para Leeds, a orientação marxista destes trabalhos parecia dar uma unidade e solidez frequentemente em falta em outras obras da literatura das ciências sociais brasileiras. Destaca não haver maiores objeções a orientação

---

<sup>302</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>303</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>304</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

marxista aqui no Brasil, e incluindo em sua observação a permissão e a estima que esses estudos tinham<sup>305</sup>.

Menciona um trabalho de Ianni criticando o livro de Wagley, intitulado *Amazon Town*, através de importantes questões metodológicas e substantivas. Ao final, apesar de reconhecer em Cardoso a qualidade de prestar um serviço útil às ciências sociais publicando monografias, afirma ser Ianni a melhor pessoa para a PAU<sup>306</sup>.

Além de Ianni, indica outros profissionais como bons quadros para a PAU. Como primeiro nome está Juarez Brandão Lopes, indicado por seu trabalho em sociologia industrial. Segundo Leeds, a qualidade dessa pesquisa estava na habilidade em abarcar características especiais, processos e estruturas das situações brasileiras, apesar de não abordar questões de mudança sócio-cultural. Carolina Bori, treinada em Columbia por Klinenberg, aparece em seguida nesse rol, justamente por não limitar seus interesses à metodologia e chegar a questões reais de substância, além de ver a relevância da psicologia social para os problemas sociológicos. Além destes, Thales de Azevedo e sua filha, Maria de Azevedo Brandão também são apresentados no relatório como bons quadros para a PAU.

Com relação às escolas e aos centros de pesquisa que visitou, Leeds argumentou que a existência da Escola de Administração era, por si só, um fenômeno significativo, ligado ao padrão de vida em São Paulo. Do mesmo modo, a ausência de escolas equivalentes em outras partes do país era igualmente significativa em termos de dinâmica de mudança no Brasil<sup>307</sup>. Ao comentar sobre a Universidade da Bahia e seu Instituto de Antropologia, Leeds destaca que a ajuda da PAU seria bem vinda no instituto, cujos problemas eram a desorganização, a falta de pessoal e de biblioteca. Também pensava que este instituto deveria se unir ao Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO. Apesar de considerar que a parte de estudos africanos do instituto fazia mais sentido por haver um resíduo africano local na Bahia, além de contatos estreitos com o

---

<sup>305</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>306</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

<sup>307</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

Oeste Africano, Leeds pensava que os estudos deveriam ser mais voltados para a economia e sociologia de organizações de larga escala do que para os idiomas e as culturas africanas. Para Leeds, esta recomendação traria estudos genéricos comparativos de problemas em subdesenvolvimento, paralelos aos problemas brasileiros<sup>308</sup>.

O primeiro ponto a ser considerado é o visível peso dado nesse relatório à pouca discussão teórico-epistemológica nas ciências sociais brasileiras de um modo geral. São visíveis os elementos de sua formação em filosofia obtidos em Columbia, bem como de outras disciplinas que estavam fora do âmbito das ciências sociais propriamente ditas, tais como psicologia, artes plásticas, música, biologia e teatro ainda na graduação. Esta amplitude de informação, além do fato de já ter feito trabalho de campo no Brasil anteriormente, talvez explique o teor filosófico e técnico de suas ponderações sobre o país e as suas ciências sociais. No entanto, essa observação contradiz as características da chamada Escola Paulista, chefiada por Florestan Fernandes na época.

No que tange especificamente à sua concepção de pesquisa científica, ressalta a preferência que dá aos estudos comparativos e aos dados qualitativos sem, no entanto, prescindir dos dados quantitativos. Note-se que os Estudos de Comunidade, tipo de pesquisa para o qual fora intensamente treinado em seu doutorado, só aparece uma única vez como recomendação metodológica de pesquisa. Por outro lado, há que se considerar o fato de ter criticado os Estudos de Comunidade já na ocasião de seu doutorado. Além disto, ressalte-se a elaboração teórica e epistemológica anterior à discussão dos métodos e técnicas de pesquisa, isto é, toda a trajetória que se faz acerca da construção e uso de categorias, da elaboração e explicação de dados quantitativos e qualitativos antes da aplicação dos surveys propriamente ditos, a problematização acerca dos métodos quantitativos e das possibilidades de uma pesquisa desembocar no localcentrismo.

Considerando toda a atuação de Leeds mostrada pelos documentos referentes à OEA, vê-se claramente a relação centro-periferia, uma vez que na condição de chefe do Programa de Desenvolvimento Urbano, dava o direcionamento a diversas pesquisas realizadas nos países latino-americanos como condição para o fornecimento de suporte

---

<sup>308</sup> *Appendix C. Report on Trips (Latin America, November 17 – december 22, 1961, Denver, Tucson december 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA, Anthony Leeds Papers, series 5, subseries general, box 31, OAS.

financeiro. Pode-se verificar também essa relação na ocasião da realização do seminário, quando defende a presença de profissionais dos EUA e da Europa sob o argumento de que seria nesses lugares que as ciências sociais teriam elaborado e entendido seus temas tradicionais. Uma vez que o seminário tinha como foco a América Latina, pode-se questionar esta postura em vez de se reforçar a produção local justamente para encorajar o desenvolvimento das ciências sociais na região. Talvez essa relação centro-periferia pudesse ser relativizada se o argumento utilizado para justificar a presença de europeus e norte-americanos fosse a tentativa de se evitar um olhar provinciano, ou mesmo localcêntrico, sobre a estratificação e mobilidade social na América Latina. Por outro lado, também é notável o fato de ter defendido a presença de um profissional cubano no âmbito de um órgão dos EUA, do qual o primeiro país não fazia parte por razões da política externa do segundo.

Também se evidencia a relação centro-periferia nestas análises quando identifica em nossas ciências sociais o fato de não tratarmos os problemas brasileiros de modo genérico, isto é, como problemas gerais de países subdesenvolvidos. Isto se repete quando fala a respeito dos estudos africanos na Bahia, argumentando que os estudos deveriam priorizar o aspecto econômico e os problemas em subdesenvolvimento em vez dos aspectos culturais. Fica nítida a pretensão de ver nas nossas ciências sociais uma homogeneidade, direcionada para o tema do subdesenvolvimento, como se fosse uma obrigação científica dos países latino-americanos tratar prioritariamente deste fenômeno. Soa como se todos os países subdesenvolvidos devessem ter suas ciências sociais moldadas conforme as necessidades da metrópole ou das organizações internacionais. Por outro lado, em alguns momentos coloca entre aspas os termos *subdesenvolvidos* ou *semicoloniais* para se referir aos países latino-americanos, dando a entender não estar de acordo com os termos ou suas definições correntes.

Como última observação, cabe relacionar esta atuação de Leeds no Programa de Desenvolvimento Urbano com as visões de desenvolvimento construídas pelas ciências sociais na época. No momento em que Leeds menciona a relação entre os setores de unidade sócio-cultural, bem como entre os locais urbanos e agrários, entre a cidade e o interior nos estudos de estrutura agrária ou mesmo de estratificação, é possível identificar pontos de convergência na visão exposta por Stavenhagen acerca da falsa dualidade entre sociedades tradicionais e modernas, subdesenvolvidas e desenvolvidas.

Fica claro que Leeds percebe e prioriza as relações entre essas áreas, em vez de tratá-las de maneira isolada. Essa perspectiva metodológica também aparece na sua pesquisa sobre a Zona do Cacau baiana.

Outro elemento importante nesse sentido é o fato de pensar em estudos agrários dentro de um programa de desenvolvimento urbano e, além disso, deixar explícitas essas relações nas próprias orientações teóricas e metodológicas não só na pesquisa sobre estrutura agrária, como também na pesquisa sobre estratificação social nas capitais latino-americanas. Vale lembrar a crítica que fez em relação ao recorte dado aos locais de pesquisa, isto é, restrito às capitais. Para ele, tal restrição encerrava uma atitude localcêntrica, não considerando as relações dinâmicas entre as capitais e o interior, entre o ambiente urbano e o agrário.

Embora não tenha explicitado em nenhum documento aqui trabalhado, provavelmente a visão de desenvolvimento que Leeds revelava em sua atuação não convergia nem para a visão elitista, no sentido de dar o protagonismo do desenvolvimento às elites ou às classes médias, tampouco com a visão que equacionava o desenvolvimento com urbanização e industrialização. Nesse sentido, parece estar mais preocupado com as implicações deste do que com os fatores que o impulsionam; mais preocupado com as migrações para as áreas urbanas e com a distribuição de bens e serviços, por exemplo, do que com as ações necessárias para levar à industrialização e à urbanização.

Há de se questionar também o protagonismo dos EUA na cooperação técnica, se for tomada como exemplo a atuação do CLAPCS e seus esforços para empreender pesquisas de grande envergadura na América Latina. Deve-se pensar mais sobre o fato de haver a presença considerável de profissionais latino-americanos nas pesquisas financiadas pela OEA, apesar de estar previsto o fornecimento de pessoal estadunidense para tal finalidade.

Por fim, é inegável o poder da OEA ao arbitrar para quais centros ou projetos de pesquisa destinaria seus recursos. Mais ainda se for considerada a situação das ciências sociais brasileiras na década de 1960, completamente carentes de recursos para suas pesquisas fora das universidades. Considerando que Leeds fazia o elo entre os centros de pesquisa latino-americanos e a OEA; e que, por meio de seus relatórios, a agência

decidia quem receberia recursos para pesquisar, pode-se imaginar o peso de sua atuação. Logo, é possível vislumbrar o que significava esse poder conferido a ele para as ciências sociais brasileiras, latino-americanas e para os seus respectivos profissionais.

### **CAPÍTULO 3 – ANTHONY LEEDS NO BRASIL: PESQUISA NAS FAVELAS E DOCÊNCIA**

A partir de 1963, Leeds desvinculou-se da OEA e passou a integrar efetivamente os quadros da Universidade do Texas. Desde então, passou a contar também com outras instituições para realizar suas pesquisas de campo e coletar dados para análise, bem como para exercer sua atividade docente no Brasil. Somente a partir de 1965 começou a estudar sistematicamente as favelas do Rio de Janeiro, retornando diversas vezes ao longo da segunda metade dessa década. Dentre as instituições e órgãos nos quais atuou realizando projetos de pesquisa e seus trabalhos de campo nas favelas estão o CENPHA, o PCV e a AID. No Museu Nacional, Leeds atuou como professor visitante no último semestre de 1969. É ao final da década de 1960, quando finalizou sua atividade docente no Museu Nacional, que Leeds expõe mais considerações a respeito das ciências sociais no Brasil, especificamente o caso dessa instituição.

Além de tratar da pesquisa sob um ponto de vista institucional, o capítulo também se debruça sobre a etnografia de Leeds na favela do Jacarezinho, partindo de uma breve explanação sobre a obra *Sociologia do Brasil Urbano*. Foi nesta localidade que Anthony Leeds, junto com Elizabeth Leeds, morou mais tempo e coletou um volume maior e mais diverso de material de campo. Neste sentido, ressalta-se a imersão do antropólogo em campo, o contato estabelecido com os moradores, bem como as situações vividas em campo por seus assistentes de pesquisa.

Após a contextualização histórica do Brasil e das favelas no período, o capítulo mostrará a atuação de Leeds no Brasil em três grandes eixos: a pesquisa nas favelas sob o ponto de vista insitucional, a atividade docente e a etnografia nas favelas.

#### **- A DÉCADA DE 1960 NO BRASIL E A RELAÇÃO COM OS EUA.**

Os eventos que marcaram a década de 1960 no Brasil e seus desdobramentos têm como pano de fundo o cenário internacional desenhado pela Guerra-Fria e a conseqüente busca pelo desenvolvimento, seja ele uma política sócio-econômica adotada pelos países ou pretexto para os interesses relativos às disputas por áreas de influência. O início da década de 1960 no Brasil foi marcada pela realização do Plano

de Metas de Juscelino Kubitschek, representada pelo slogan “cinquenta anos em cinco”<sup>309</sup>.

Dentre os objetivos do seu Plano de Metas, JK definiu como sua meta-síntese a construção da nova capital federal, Brasília, cuja construção havia consumido entre 2,5 a 3% do PIB na época<sup>310</sup>. Apesar do Planalto Central já ter sido definido como o local que abrigaria a nova capital desde 1891 pela constituição do país, a construção de Brasília esteve longe de ser um projeto com aprovação unânime. Tomando como perspectiva a geopolítica nacional e a integração do território, um dos argumentos utilizados a favor da construção da nova capital nos altiplanos de Goiás foi exatamente a necessidade da interiorização da capital. Os argumentos contrários questionavam não só a mudança em si, como também a forma que o projeto era conduzido. Além disso, também desqualificavam a região, levantando como pontos negativos a insalubridade, a secura do clima e a infertilidade das terras<sup>311</sup>. Apesar de todo o debate, a nova capital fora inaugurada em 21 de abril de 1960, simbolizando o desenvolvimento e a modernização do país<sup>312</sup>.

No entanto, apesar do sucesso de sua meta-síntese, o governo JK, para implantar seu Plano de Metas e de modernização acelerada, optou pelos recursos externos e pelas emissões inflacionárias. Ao acreditar que uma inflação administrada viabilizaria a industrialização de economias subdesenvolvidas, desconsiderava as consequências negativas da inflação: o baixo poder aquisitivo dos salários, o aguçamento das tensões sociais, o desestímulo à poupança privada, entre outros. Apesar do salto econômico, o governo JK agravou a concentração econômica nas grandes capitais em detrimento de outras regiões, acentuando os desequilíbrios regionais, bem como aumentou a dependência externa de capital e tecnologia. Também não realizou a reforma agrária para conter o êxodo e ampliar a classe média rural, a reforma fiscal e tributária, a

---

<sup>309</sup> BRUM, Argemiro J. 1997. *Desenvolvimento Econômico Brasileiro*. Petrópolis, Vozes; Ijuí, Editora Unijuí. 25ª edição.

<sup>310</sup> Brum, 1997. Opus Cit. ; RANGEL, Tamara e LIMA, Nísia Trindade. 2011. A capital federal nos altiplanos de Goiás – medicina, geografia e política nas comissões de estudos e localização das décadas de 1940 e 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 47, janeiro-junho, p.29-48.

<sup>311</sup> Rangel e Lima, 2011. Op. Cit. ; VIEIRA, Tamara Rangel. 2009. No coração do Brasil, uma capital saudável – a participação dos médicos e sanitaristas na construção de Brasília (1956-1960). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.16, supl.1, julho, p.289-312.

<sup>312</sup> Vieira, 2009. Op. Cit.

reforma cambial e a reforma administrativa. Desse modo, a década de 1960 começou com uma aceleração inflacionária e uma crise cambial<sup>313</sup>.

Em 1961, Jânio Quadros, e seu vice-presidente, João Goulart, foram eleitos para suceder JK. Na esteira da formação da Aliança para o Progresso entre os EUA e a América Latina, anunciada pelo governo Kennedy em 13 de março de 1961, e do Conselho Interamericano Econômico e Social da OEA, realizado em agosto de 1961 em Punta Del Este, que definiu os princípios do programa<sup>314</sup>, o governo Jânio Quadros fez negociações financeiras com os EUA nesse mesmo ano para conter a crise econômica.

Apesar da fragilidade da situação financeira e da relação do país com Fundo Monetário Internacional – FMI, cujos laços haviam sido desatados por JK em 1959, os EUA concederam empréstimo ao Brasil sob a égide da Aliança Para o Progresso, sem a condicionalidade de um acordo com o FMI, tal como o impusera a comunidade financeira internacional. Além disso, o governo Kennedy pressionou o FMI pra que fosse mais maleável em suas regras com o Brasil, bem como pressionou europeus e japoneses a concluir acordos financeiros com o país. O objetivo de Kennedy era transformar Quadros em aliado dos EUA na América Latina e em símbolo da Aliança Para o Progresso.

Porém, havia outro elemento que explica tamanha ajuda ao Brasil, mesmo após a condecoração de Che Guevara em Brasília nesse mesmo ano. Kennedy havia aceitado a justificativa de Quadros de que a sua Política Externa Independente – PEI seria um recurso tático para obter apoio interno. Conforme o argumento de Jânio, a estratégia não abalaria as bases cristãs da sociedade brasileira, nem implicaria uma aliança com os comunistas no plano interno<sup>315</sup>.

---

<sup>313</sup> Brum, 1997. Op. Cit.

<sup>314</sup> Entre os princípios aprovados em Punta Del Este estão: o apoio aos regimes democráticos, a aceleração do crescimento econômico e do desenvolvimento social, o estímulo às reformas estruturais, a melhoria das condições educacionais e de saúde, a aplicação de políticas monetária e fiscal para impedir os efeitos negativos da inflação e o incentivo às empresas privadas (Loureiro, 2013a).

<sup>315</sup> LOUREIRO, Felipe P. 2013a. Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). *Economia e Sociedade*, Campinas, v.22, n.2 (48), agosto, p.547-576.; LOUREIRO, Felipe P. 2013b. O Plano Trienal no contexto das relações entre Brasil e Estados Unidos (1962-1963). *Revista de Economia Política*, vol.33, n.4 (133), outubro/dezembro, p.671-691.

Após a renúncia de Jânio, o país viu a não aceitação pelos militares de seu vice-presidente, João Goulart, antigo ministro do trabalho do governo Vargas que tinha bom trânsito no meio sindical e de esquerda. Não obstante, houve nova crise financeira, uma vez que a atitude dos EUA em relação ao Brasil mudou radicalmente diante da possibilidade da posse de Goulart, visto com desconfiança pelo governo Kennedy por conta de seu histórico no meio sindical, seu apoio a alianças entre trabalhistas e comunistas e a indicação de comunistas e simpatizantes para postos governamentais<sup>316</sup>. Como mostram os artigos de Loureiro<sup>317</sup>, ainda que Goulart tenha se disposto a fazer todas as exigências dos EUA e do FMI para obter recursos financeiros e levar a cabo o seu Plano Trienal, suas relações com os setores de esquerda foram o principal motivo para que o financiamento fosse recusado, agravando a crise econômica e as oposições internas que enfrentava.

Em um primeiro momento, Kennedy não só congelou seus recursos para o Brasil como também os condicionou à retomada das relações com o FMI. Após a reintrodução de controles cambiais, os EUA liberou uma parte do recurso, mas com a condição de convidar uma missão do FMI para visitar o país, que ocorreu já em janeiro de 1962. Três meses depois da missão, após apresentação de um novo programa de estabilização, prevendo corte de gastos públicos e aumento de impostos, o governo Goulart mais uma vez se mostrava disposto a aplicar as recomendações feitas pelo FMI para reatar a situação do Brasil com o órgão e com os demais credores. Apesar disso, só conseguiu duas concessões: a prorrogação de uma dívida de US\$ 20 milhões junto ao FMI e a sugestão aos credores europeus que liberassem uma parte de seus créditos de maio de 1961, condicionado ao reatamento das relações entre o FMI e o governo Jango<sup>318</sup>.

Em uma reunião realizada em dezembro de 1962 com Goulart e lideranças sindicais dos EUA, o governo Kennedy tentou convencer Jango dos perigos da penetração comunista nos sindicatos. No entanto, Goulart não poderia dispensar o apoio dos comunistas e de outros membros da esquerda, pois mobilizavam segmentos populares e trabalhadores de setores importantes da economia, como marítimos, ferroviários e portuários. Além disso, fora este setor que o apoiara desde a renúncia de

---

<sup>316</sup> Loureiro, 2013a. Op. Cit; Loureiro, 2013b. Op. Cit.

<sup>317</sup> Ibidem. Ibidem.

<sup>318</sup> Ibidem. Ibidem.

Jânio Quadros, na campanha pela legalidade, até a retomada do presidencialismo no país<sup>319</sup>.

Ainda em dezembro de 1962, o Comitê Executivo do Conselho de Segurança Nacional dos EUA cogitou as seguintes ações sobre o Brasil: observar a evolução dos acontecimentos políticos, colaborar para a queda de Goulart e buscar a mudança na orientação política e econômica do governo. Para isso, enviaram Robert Kennedy, irmão do presidente dos EUA e procurador-geral de justiça, para expressar junto a Jango a preocupação do presidente Kennedy em relação à infiltração comunista ou de nacionalistas de extrema esquerda no governo brasileiro, nas forças armadas e nos sindicatos. Assim, toda a pressão feita pelo governo Kennedy para a aplicação de um programa de estabilização econômica tinha como objetivo romper a aliança de Goulart com os comunistas<sup>320</sup>.

Como persistia a rigidez dos EUA em relação ao Plano Trienal, que só seria viável com a disponibilidade destes recursos, Goulart então abandonou o plano já em agosto de 1963 e retomou sua atuação no movimento sindical, junto aos chamados comunistas e nacionalistas<sup>321</sup>. Nestas condições, estava preparado o terreno para o golpe de 1964.

Em artigo analisando a produção historiográfica sobre o golpe e a ditadura militar de 1964, Fico<sup>322</sup> enumera como acontecimentos característicos do período a proibição de atividades políticas estudantis; o decreto de atos institucionais; a implementação da Lei de Segurança Nacional, que instituiu a noção de guerra interna, e do sistema Doi-Codi; a prática da tortura contra militantes de esquerda; enfim, a tentativa de eliminação de qualquer forma de oposição ao regime<sup>323</sup>.

Em que pesem todos os acontecimentos do período, cabe ressaltar o fato do projeto repressivo instaurado ter se fundamentado na “utopia autoritária”, cujo objetivo era eliminar o comunismo e a subversão, entre outras práticas que, conforme a ideologia do período, impediriam a caminhada do Brasil para o desenvolvimento. O regime era

---

<sup>319</sup> Ibidem. Ibidem.

<sup>320</sup> Ibidem. Ibidem.

<sup>321</sup> Ibidem. Ibidem.

<sup>322</sup> FICO, C. 2004. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p 29-60.

<sup>323</sup> Fico, 2004. Op. Cit.

amplamente difundido através da propaganda de viés desenvolvimentista, na qual o Brasil era visto como uma potência do futuro. A própria política de segurança nacional tinha como objetivo tornar o país uma potência através do combate interno ao comunismo<sup>324</sup>.

Foi esse o contexto político que Leeds encontrou ao chegar aqui pela terceira vez, como consultor do Peace Corps Volunteers e como professor e pesquisador da Universidade do Texas, para pesquisar as favelas do Rio de Janeiro.

#### – ANTHONY LEEDS E O PEACE CORPS VOLUNTEERS NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO.

A partir de seu trabalho no Peace Corps Volunteers – PCV, iniciado em 1965, que Leeds intensificou seu trabalho sobre as favelas no Rio de Janeiro. Foi com o apoio desses voluntários que Leeds fez uma observação participante de grande envergadura nas favelas<sup>325</sup>. No entanto, antes mesmo de vir ao Brasil, Leeds já contribuía para a agência fazendo o treinamento dos voluntários com a finalidade de ajudá-los a consolidar contatos nas favelas<sup>326</sup>.

O Peace Corps Volunteers, criado nos Estados Unidos da América durante o governo Kennndy em 1961, é uma organização que leva os universitários a praticarem trabalho voluntário nos países mais pobres do mundo. Na época, a condição primordial para que esses países recebessem ajuda humanitária era ser signatário da Aliança Para o Progresso – APP. Ambos representavam os esforços da política externa dos EUA na Guerra Fria para buscar suas áreas de influência<sup>327</sup>.

Baseada na idéia de identidade histórica e espiritual entre EUA e América Latina, a APP tinha como objetivo transferir tecnologia e assistência financeira aos países da América Latina para evitar revoluções e instabilidade política<sup>328</sup>. Representando uma reação à Revolução Cubana e à infiltração do comunismo no

---

<sup>324</sup> Ibidem.

<sup>325</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit.

<sup>326</sup> Entrevista de Elizabeth Leeds concedida a Nísia Trindade Lima.

<sup>327</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit.; Azevedo, 2007. Op. Cit.; Figueiredo, 2009. Op. Cit.

<sup>328</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

continente, o lançamento da APP no Brasil, em 1961, trouxe acordos de cooperação e assistência com os EUA, em conformidade com o Ponto IV, dentro dos quais autorizava a atuação do PCV. Estabeleceu-se que os governos podiam solicitar a participação dos voluntários para conduzir projetos, os quais eram financiados pela Agência Internacional de Desenvolvimento-AID e por entidades nacionais<sup>329</sup>. Mesmo atuando de forma conjunta com a APP, o Peace Corps Volunteers se diferenciava desta por envolver a sociedade civil norte-americana em suas ações, projetando sentidos políticos variados em sua atuação<sup>330</sup>.

Dentre as finalidades do PCV nas favelas estava a promoção do Desenvolvimento de Comunidade ou, ainda, o que eles chamavam de DOC – Desenvolvimento e Organização de Comunidade. O Desenvolvimento de Comunidade foi um método instituído pela ONU como um dos veículos da Guerra Fria logo após a II Guerra Mundial. Trata-se de um programa de assistência técnica aos países pobres com a intenção de conter a adesão desses países ao projeto socialista<sup>331</sup>.

A prática desse desenvolvimento comunitário consistia em incentivar líderes da comunidade a estabelecerem as necessidades e os objetivos a serem alcançados. Entendiam que a saúde era o principal veículo para se chegar ao desenvolvimento de comunidade e também para se estabelecer o envolvimento com a população moradora, por isso atuavam preponderantemente em postos de saúde<sup>332</sup>.

Em 1963, através de um convênio com o Serviço Especial de Saúde Pública e a Secretaria de Saúde do Estado da Guanabara, o PCV começou a atuar nas favelas, desenvolvendo um programa de saúde pública que incluía ações educativas. Nos postos de saúde das favelas e hospitais da rede estadual, os voluntários deveriam fazer atividades como criação e gerenciamento de subpostos de saúde, além da alfabetização, do ensino de inglês, recreação para crianças, desenvolvimento de clubes de mães e jovens e participação em conselhos comunitários. No entendimento da agência, essas ações trariam o desenvolvimento comunitário<sup>333</sup>. No entanto, a concepção de

---

<sup>329</sup> Figueiredo, 2004. Op. Cit.

<sup>330</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

<sup>331</sup> Amman, 2009. Op. Cit.

<sup>332</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

<sup>333</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

desenvolvimento de comunidade veiculado era mais ligada à questão rural, não abarcando a complexidade da questão urbana<sup>334</sup>.

No que tange à sua atuação dentro da agência, Azevedo<sup>335</sup> relata uma passagem sobre a participação de Leeds em uma conferência do PCV em Nova Friburgo, na qual sua posição se destacou por ter sido polêmica. Na ocasião em que se discutia o contraste e o choque entre os voluntários e a atitude dos brasileiros, Leeds defendeu o trabalho de desenvolvimento comunitário e a possibilidade de rompimento da vinculação com a Secretaria de Saúde, bem como criticou o “papel de funcionário” que o “veículo” saúde estaria impondo aos voluntários. Para ele, isso prejudicava a esfera de atuação dos voluntários e limitava a relação com a comunidade. Foi a partir desse posicionamento de Leeds que os voluntários passaram a reivindicar sua autonomia na decisão sobre a permanência nos postos de saúde e poder optar por outros veículos e funções. Também sugeriram vincular-se a outros organismos fora da esfera governamental, isto é, da sociedade civil, tais como associações de moradores, escolas de samba, entre outros.

No final desse encontro, estabeleceram-se, entre outras, as seguintes propostas voltadas especificamente para as favelas: ajudar a integrar a favela no âmbito político e econômico local e nacional e integrar a favela no plano urbano.

Tal acontecimento mostra a capacidade crítica com relação a uma instituição que representava o governo dos EUA em plena Guerra Fria e que primava pela aliança com a esfera governamental; que traçava seu plano de ação com base nas solicitações governamentais, e não nas demandas reais da população para a qual pretendia prestar assistência. Pode-se pensar no que representava, para o governo norte-americano, para o governo brasileiro em plena ditadura e para os executivos dessa agência, o teor dessa crítica em tempos de caça às bruxas e suas possíveis consequências. Ou ainda, como se processava, no raciocínio do antropólogo, o fato de verificar este desencontro entre os sentidos da atuação da agência e as reais demandas dos moradores das favelas na época. Estaria a agência disposta a se colocar contra as remoções, por exemplo? A visão de desenvolvimento da agência acompanhava o que os moradores queriam para si? Tais indagações mereceriam uma pesquisa mais acurada.

---

<sup>334</sup> Entrevista de Elizabeth Leeds concedida a Nísia Trindade Lima.

<sup>335</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

O desligamento de Leeds do PCV se deu após desentendimentos com a direção da agência. Leeds teria liderado uma campanha para a correção da ajuda de custo que os voluntários do Brasil recebiam, o mais baixo de toda a América Latina. Alertava quanto ao alto custo de vida nas grandes cidades e quanto à crescente inflação. Além disso, Leeds expunha claramente seu repúdio ao que chamava de “imagem ascética” da agência<sup>336</sup>.

Nesse período em que prestava consultoria para o PCV, Leeds estava vinculado à Universidade do Texas e, na qualidade de pesquisador dessa universidade, empreendeu sua pesquisa sobre as favelas cariocas. Aproveitando o trabalho desses voluntários, que atuavam em diversas favelas da cidade, Leeds pôde não só ampliar seu trabalho de campo, como imprimir um sentido pedagógico à pesquisa, na medida em que treinou e orientou esses voluntários para o trabalho etnográfico<sup>337</sup>.

Partindo dessa experiência etnográfica nas favelas, esses voluntários puderam iniciar suas carreiras acadêmicas. Nessa época, Leeds fez diversos seminários informais com os voluntários não só do Peace Corps, como também com pesquisadores brasileiros e profissionais que atuavam na United States Agency for International Development – USAID, agência para a qual também prestou consultoria nesse mesmo período. As questões discutidas nesses seminários foram apresentadas pelos grupos de voluntários no Congresso Internacional de Americanistas, realizado em 1966 na Argentina<sup>338</sup>.

A partir dessa atuação, Leeds dedicou-se durante 30 anos de sua vida ao estudo das favelas, localidades ou, ainda, assentamentos não controlados<sup>339</sup>, como ele mesmo preferia denominar.

---

<sup>336</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

<sup>337</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit.

<sup>338</sup> Entrevista de Elizabeth Leeds concedida a Nísia Trindade Lima.

<sup>339</sup> *Squatter Settlement* no original. Leeds usava esse termo por entender ser esta a melhor tradução em inglês para designar o fenômeno dos aglomerados urbanos. O termo era usado como uma categoria sociológica que abrangia também tugúrios, barriadas, vilas miséria, bidonvilles, entre outros tipos de aglomerações de habitações de baixa renda. Em seu texto “*Entrepreneur in Rio’s favelas*”, destinado ao AAAS Annual Meeting - Entrepreneurship Symposium, de 29 de dezembro de 1967, Leeds explica que o termo se refere a aglomerações de casas construídas sem autorização ou caracteristicamente sem planejamento, em áreas cuja posse é desconhecida e que não tem melhorias urbanas como esgoto, água ou eletricidade. BR RJ COC LE DP DR 01.

– O PADRE LEBRET E A SAGMACS.

Engenheiro naval de formação e integrante da ordem dominicana da igreja católica, o Padre Louis-Joseph Lebreton ministrou aulas de *Introdução Geral à Economia Política* na Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP em São Paulo, em 1947. Desse modo, contribuiu para a difusão do pensamento do *Economie et Humanisme* no Brasil<sup>340</sup>.

Este movimento, surgido na França na década de 1940 e visto com reserva por parte da Igreja Católica, visava promover uma economia que comportasse as reivindicações das populações desprivilegiadas do pós-guerra<sup>341</sup>. O movimento propunha a elaboração de um conhecimento científico da economia humana partindo da cidade e das associações locais; construir instrumentos de pesquisa monográficos e estatísticos; afirmar uma ética enraizada na comunidade de base; e mediar as relações entre o estado e a população sem representação política. A comunidade é, nessa perspectiva, vista como meio para desenvolver a democracia participativa<sup>342</sup>.

A presença do Padre Lebreton no Brasil foi importante para as ciências sociais e para o estudo das favelas na medida em que ele foi o principal inspirador e membro da equipe da Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais – SAGMACS. Este escritório de planejamento foi criado no Brasil em 1947 e seguia o modelo da Société pour l'Application du Graphisme et de la Mécanographie à l'Analyse des Complexes Sociaux – SAGMA, criada na França no ano anterior<sup>343</sup>. A SAGMACS empreendeu o primeiro grande estudo sobre as favelas, intitulado *Aspectos Humanos das Favelas Cariocas*. Esta pesquisa serviu de apoio para diversas pesquisas e pesquisadores estrangeiros e brasileiros, entre os quais a própria autora e Anthony Leeds<sup>344</sup>.

---

<sup>340</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. 2012. “A descoberta do trabalho de campo em ‘Aspectos Humanos da Favela Carioca’”. IN: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

<sup>341</sup> RIOS, José Arthur. 2012. “Aspectos Humanos das Favelas Cariocas – 50 anos: uma avaliação”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

<sup>342</sup> Valladares, 2012. Op. Cit.

<sup>343</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit.

<sup>344</sup> Ibidem.

Encomendado pelo jornal *Estado de São Paulo*, a pesquisa *Aspectos Humanos das Favelas Cariocas* foi iniciada em 1957 e publicada em abril de 1960 no mesmo jornal em dois suplementos. O pioneirismo desse estudo se dá não só por ter sido a primeira vez que as ciências sociais trataram das favelas enquanto objeto de estudo, como também por seu caráter teórico-metodológico, combinando análise quantitativa, qualitativa e interdisciplinar, além de contar com a participação de profissionais de urbanismo, serviço social e geografia. Sob a orientação do Padre Leuret, o núcleo técnico da equipe de pesquisa era composto pelo coordenador, o sociólogo José Arthur Rios; seu assistente, o sociólogo Carlos Alberto de Medina; os arquitetos Hélio Modesto e Maria Cândida Pedrosa de Campos<sup>345</sup>.

São diversas as dimensões políticas presentes na própria solicitação da pesquisa, feita por um jornal paulista de oposição ao governo JK. Segundo José Arthur Rios<sup>346</sup>, coordenador da equipe da pesquisa, os interesses políticos em torno do estudo envolviam a construção da nova capital federal, Brasília, sob o comando do então presidente Juscelino Kubitschek. A principal resistência à empreitada era justamente o jornal paulista. O objetivo de seu presidente, Sr. Júlio Mesquita, seria contrastar o projeto de JK com a realidade do Rio de Janeiro, então capital federal, expressa nas favelas<sup>347</sup>. Tal aspecto também é apontado por Valladares<sup>348</sup>:

Este órgão da imprensa buscava desestabilizar Juscelino publicamente, atacando em especial a construção da nova capital, considerada desastrosa do ponto de vista econômico. Os editoriais e os artigos defendiam a idéia de que seria preferível investir os milhões lutando contra a pobreza no Rio de Janeiro<sup>349</sup>.

---

<sup>345</sup> Valladares, 2012, Op. Cit; Valladares, 2005a. Op. Cit; Rios, 2012. Op. Cit; MACHADO DA SILVA, L. A. 2012. “A partir do relatório da SAGMACS: as favelas, ontem e hoje”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

<sup>346</sup> Rios, 2012. Op. Cit.

<sup>347</sup> Ibidem.

<sup>348</sup> Valladares, 2012. Op. Cit.

<sup>349</sup> Valladares, 2012: 74. Esta hipótese foi defendida por José Arthur Rios e aparece no estudo de Lima (1989). Ver: LIMA, Nísia V. T. 1989. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro – políticas de estado e lutas sociais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Machado da Silva<sup>350</sup> também indica a possibilidade de a pesquisa ser usada como um instrumento político pelo jornal, uma vez que qualquer pesquisa sobre as favelas necessariamente adquiririam tons críticos, completamente avessos aos interesses políticos dos grupos dominantes do Rio de Janeiro.

Mesmo depois de concluída, outras dimensões políticas se apresentaram no estudo. Ao frisar a condenação ao esquecimento dado pela academia, Machado<sup>351</sup> menciona como principais fatores a política eleitoral, que levou Rios para o Governo Lacerda com a finalidade de neutralizar a oposição das organizações dos moradores, e a transformação da favela e do relatório em “categoria de luta”<sup>352</sup>, uma vez que a pesquisa tinha um tom crítico devido ao contexto histórico em que foi produzida. Além disso, a tão falada “demagogia” era evidenciada pelo relatório, entendida na época como as relações clientelistas e populistas<sup>353</sup>.

Luiz Antônio Machado da Silva<sup>354</sup> frisa que o relatório da SAGMACS não estava voltado para a indicação de implementação de algum plano urbanístico ou uma política pública específica. Para ele, era justamente essa característica que conferia ao relatório seu caráter de conhecimento autônomo. Machado da Silva afirma a natureza propositiva da pesquisa, bem como explica que a diretriz das sugestões práticas do relatório era que os dados empíricos deveriam indicar os caminhos da intervenção. Isto é, a análise empírica desembocava em sugestões de mudança social.

José Arthur Rios<sup>355</sup>, coordenador da pesquisa, também apresenta as linhas que regiam o estudo. Partindo da relação entre favela, pobreza e marginalidade, as propostas do estudo da SAGMACS continham duas orientações: 1- evitar a proliferação das favelas através de um controle urbanístico e do combate à “demagogia”; 2- a defesa da urbanização e a recusa da remoção. Assim, ressalta o caráter incluyente da pesquisa,

---

<sup>350</sup> MACHADO DA SILVA, L. A. 2012. “A partir do relatório da SAGMACS: as favelas, ontem e hoje”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

<sup>351</sup> Machado da Silva, 2012. Op. Cit.

<sup>352</sup> Termo cunhado por Marcelo Burgos, que Machado toma emprestado. Em artigo sobre o estudo da SAGMACS, Burgos (2012) afirma que a favela é símbolo de resistência; que se impõe como um instrumento de luta pela cidade. Para ele, a favela é uma forma de luta urbana, um modo de se alcançar a democratização do acesso à cidade.

<sup>353</sup> Machado da Silva, 2012. Op. Cit.

<sup>354</sup> Ibidem.

<sup>355</sup> Rios, 2012. Op. Cit.

reforçando a injustiça de seu esquecimento. Tal característica impressa na pesquisa reflete a presença de Lebert que, influenciado por Le Play, priorizava a intervenção nas estruturas sociais e sua mudança<sup>356</sup>.

De um modo geral, a pesquisa em si representou uma inovação sob o ponto de vista metodológico, se for considerado o que se produziu anteriormente sobre o tema no âmbito das ciências sociais. Assim, o ponto de destaque do estudo, no sentido metodológico, é o peso atribuído à pesquisa de campo como elemento obrigatório da teoria e a interdisciplinaridade, uma vez que a atuação no campo ainda era incipiente na época<sup>357</sup>. Se for considerado que, à época, as pesquisas quantitativa e qualitativa eram vistas como antagônicas, a opção metodológica de combiná-las representava uma inovação. Tal escolha deveu-se à exigüidade do tempo e à lacuna de conhecimento sobre os processos internos às favelas. Apesar da tendência de se confiar no poder explicativo e na objetividade das técnicas quantitativas, a pesquisa deu maior peso à dimensão subjetiva das práticas sociais<sup>358</sup>.

Conforme já indicado acima, Lícia Valladares<sup>359</sup> identificou as principais aproximações teórico-metodológicas entre a Escola de Chicago e o movimento *Economie et Humanisme* no estudo da SAGMACS. São elas: a valorização da pesquisa empírica; a importância atribuída à observação na apreensão dos processos sociais e o uso de estudos de caso; a utilização simultânea de dados qualitativos e quantitativos, isto é, de dados coletados em campo e de dados provenientes de fontes secundárias, tais como recenseamentos e estatísticas; o uso de diagramas, quadros e mapas para dinamizar os números; o interesse para a pesquisa engajada, isto é, orientada para a ação social; a valorização do bairro e da relação entre bairro e intervenção social; a abordagem multidisciplinar, uma vez que se reconhecia a complementaridade entre as disciplinas<sup>360</sup>.

Para além da importância metodológica, o estudo da SAGMACS também mudou a imagem das favelas para a sociedade em geral. Se antes era preconcebida como um amontoado de casas precárias abrigando delinquentes, após a divulgação dos

---

<sup>356</sup> Rios, 2012. Op. Cit.

<sup>357</sup> Ibidem.

<sup>358</sup> Machado da Silva, 2012. Op. Cit.

<sup>359</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit; Valladares, 2012. Op. Cit.

<sup>360</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit; Valladares, 2012. Op. Cit.

resultados da pesquisa, passou a ser entendida como um tipo próprio de integração na cidade, cumprindo a função de reprodução da mão de obra<sup>361</sup>.

Acerca da importância do relatório da SAGMACS, valem as palavras do próprio Leeds:

O estudo da SAGMACS é ainda hoje o melhor e mais precioso relatório publicado sobre favelas no Rio. Nele baseamos em muito para certos aspectos da história administrativa, uma vez que seu material factual parece digno de confiança. Consideramos que ele também pode ser analisado como uma declaração política no contexto brasileiro, já que (a) pressupõe uma certa visão de qual deveria ser a relação entre estado e povo, especialmente o proletário, implícita em várias críticas feitas a ações e políticas anteriores, que permeiam o documento; (b) foi elaborado numa época em que a participação política mais ampla das massas urbanas estava, de um modo geral, sendo encorajada e teve paralelo na criação e atividade de órgãos tais como o SERFHAU e instrumentos legais como a Portaria nº2 de 1965 do Distrito Federal, que abria caminho para a eletricidade oficial nas favelas; (c) ele é subjacente à nova abordagem das favelas, realizada nos anos 1960-1962 por José Arthur Rios (ver discussão do texto), que também tinha nela os meios de controle e cooptação (ver Apêndice I – a subordinação das favelas, através de suas associações a um organismo estatal, e o controle deste sobre finanças e programas)<sup>362</sup>.

#### - AS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO

Ainda neste período, vimos também a política de remoção das favelas no Rio de Janeiro, que culminou na mudança de sua população residente para conjuntos habitacionais, como aponta Valladares<sup>363</sup>. Em obra que analisa especificamente a política de remoções sob a perspectiva da favela e de seus moradores, bem como dos conjuntos habitacionais e seus residentes, Valladares mostra como essa política resultou no aumento do número de favelas ao final do período compreendido pelo seu estudo – 1962 a 1974.

Durante a gestão de Carlos Lacerda (1960-1965) no governo do Estado da Guanabara, o programa de remoções recebeu verbas da USAID para a urbanização de algumas favelas e para a construção, através da Companhia de Habitação Popular -

---

<sup>361</sup> Rios, 2012. Op. Cit.

<sup>362</sup> Leeds e Leeds, 1978: 199.

<sup>363</sup> VALLADARES, L. do P. 1979. “Introdução”. In: VALLADARES, L. do P. (org.). 1979. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

COHAB, das Vilas Aliança e Kennedy, com a finalidade de abrigar a população removida. Estas construções eram financiadas pelo Banco Nacional de Habitação – BNH, então recém-criado e atuando a nível nacional<sup>364</sup>.

Na administração de Negrão de Lima (1966-1971), a COHAB construiu mais conjuntos habitacionais, incluindo a Cidade de Deus. Paradoxalmente, criou-se também a Companhia de Desenvolvimento de Comunidade – CODESCO, mas com a finalidade de urbanizar as favelas, e não de reforçar as remoções. Com a intensificação da ditadura vigente no país desde 1964, o governo federal criou a CHISAM – Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio – com o objetivo de desenvolver uma política de remoção das favelas no Rio de Janeiro, em conjunto com o Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro, contando com o apoio de Negrão de Lima<sup>365</sup>.

Os argumentos apresentados no período para a implementação da política de remoção das favelas e seus residentes para áreas mais afastadas, era o “perigo” que estas representariam, não só para a “moral e os bons costumes”, mas também para a saúde pública. As favelas carregavam o estigma de serem celeiros de marginais e suas habitações precárias. Classificadas como anti-higiênicas, poderiam oferecer riscos à saúde pública. No entanto, como aponta Valladares (1979), as favelas não só tinham um potencial eleitoral que favorecia políticos e residentes, como também tinham um potencial de resistência e mobilização. As favelas dispunham da presença de militantes comunistas, de associações de moradores, da União dos Trabalhadores Favelados – UTF e de uma federação: a FAFEG - Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara<sup>366</sup>.

Para além dos argumentos oficiais, Valladares mostra que os interesses mais motivadores das remoções no período foram aqueles da especulação imobiliária e da construção civil. Para a especulação imobiliária, a liberação dos terrenos ocupados pelas favelas favoreceria a construção, urbanização e valorização futura dessas áreas. Já a construção civil se beneficiaria com a necessidade de construção de unidades

---

<sup>364</sup> Valladares, 1979. Op. Cit.

<sup>365</sup> Valladares, 1979. Op. Cit.

<sup>366</sup> O principal estudo sobre a União dos Trabalhadores Favelados – UTF é a seguinte obra: LIMA, Nísia V. T. 1989. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro – políticas de estado e lutas sociais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

habitacionais para a população removida, aquecendo o mercado, até então em fase de estagnação. Como mostra a autora, o mercado da construção civil foi intensificado a partir de 1966, quando o BNH obteve recursos do FGTS – Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço – e assim pôde financiar a construção de habitações populares. Por serem construções em série e de baixo custo, empregavam-se materiais de baixa qualidade, trazendo como consequência habitações igualmente precárias<sup>367</sup>.

O aspecto mais importante colocado por Valladares acerca da política habitacional voltada para as favelas no período, cujo objetivo era a eliminação sumária destas, é a perspectiva reducionista com as quais as intervenções governamentais trataram o assunto: como uma questão meramente habitacional e de uso do solo. Para a autora:

(...) A favela resulta, sobretudo, da exploração da força de trabalho em uma sociedade estratificada, onde as desigualdades tendem a se perpetuar e o processo de acumulação de capital é cada vez maior. Resulta ainda de uma situação onde o uso do solo é cada vez mais determinado pelo seu valor e onde o controle do espaço urbano é exercido pelas ou em nome das camadas dominantes<sup>368</sup>.

Vista como problema urbano e alvo de inúmeras políticas habitacionais, as favelas foram objeto de estudo das ciências sociais nesse período. Como mostra Valladares<sup>369</sup> em obra sobre as representações da favela na sociedade, o período se caracterizou pela valorização da favela nas ciências sociais e pela efetivação de um trabalho de pesquisa de campo conforme os métodos das ciências sociais.

Sob a égide do desenvolvimentismo e da cooperação internacional para o combate à pobreza no período, continuaram as colaborações entre especialistas brasileiros e estrangeiros. Dentre estes, o Padre Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento *Economie et Humanisme*, os integrantes do Peace Corps Volunteers e o antropólogo Anthony Leeds. No âmbito das ciências sociais, o período também marca um encontro metodológico da Escola de Chicago com a Escola Francesa, pois ambas

---

<sup>367</sup> Valladares, 1979. Op. Cit.

<sup>368</sup> Valladares, 1979: 44.

<sup>369</sup> Valladares, 2005a. Op. Cit.

relacionavam pesquisa e intervenção, atuavam com as universidades brasileiras e valorizavam a pesquisa de campo<sup>370</sup>.

#### – LEEDS NO BEMDOC E NO CENPHA: RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E PESQUISAS NAS FAVELAS

Em conformidade com os esforços de oferecer cooperação técnica e assistencial para os países chamados subdesenvolvidos, a AID promoveu um projeto intitulado BEMDOC – Brasil Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade. O BEMDOC atuava em quatro favelas e buscavam construir centros de treinamento profissional para formação de trabalhadores industriais<sup>371</sup>.

Na emenda do contrato, datado de 30 de junho de 1966<sup>372</sup>, vê-se que Leeds atuava como seu consultor técnico e sua função era dar orientações para o diretor do projeto, para o presidente da Fundação Leão XIII e para a Secretaria de Serviços Sociais. Leeds deveria trabalhar em meio período para dar assistência na reorganização do projeto cujo objetivo era testar a viabilidade de novas abordagens em estudos que provassem a existência de condições sócio-econômicas nas favelas. O período de realização do trabalho fora estendido de um mês e meio para cinco meses e a data final do projeto, prevista para 4 de setembro de 1966.

No contrato original, datado de 4 de abril de 1966<sup>373</sup>, o serviço a ser desempenhado por Leeds era avaliação do projeto BEMDOC, para prover a USAID e a Secretaria de Serviço Social de informações suficientes sobre os métodos usados e os objetivos alcançados pelo BEMDOC. Desse modo, estariam aptos a negociar um projeto mais adequado para testar novas ideias e métodos para o trabalho em favelas.

Sob a supervisão do chefe do escritório de recursos humanos, Leeds deveria fazer as seguintes avaliações: da eficácia dos métodos e técnicas usados pelo BEMDOC no trabalho nas favelas; em que medida esses métodos e técnicas poderiam ser

---

<sup>370</sup> Ibidem.

<sup>371</sup> Azevedo, 2007. Op. Cit.

<sup>372</sup> *Amendement n.2 to contract between United States AID mission to Brazil and Anthony Leeds.* 20/5/1966. 30/6/1966. NAA/Series 5, Subseries General, Box 30 – AID.

<sup>373</sup> *Contract between the United States of America and Anthony Leeds.* 4/5/1966. NAA/ Series 5, Subseries General, Box 30 – AID

transferidos para outras agências atuantes nas favelas da Guanabara; aspectos sociais, psicológicos e econômicos, tais como atitude de auto-ajuda, fortalecimento de relações comunitárias, mudanças na vida da comunidade resultantes do projeto; melhorias na comunidade ou no nível de vida familiar.

Por outro lado, também deveria avaliar internamente o projeto, isto é, a organização, contratação de pessoal e custo de operações. Esta avaliação interna daria suporte à comparação do projeto com outras organizações fazendo trabalho similar. Também deveria dar recomendações específicas para reestruturação e redirecionamento do projeto. Tais sugestões poderiam ser usadas pela USAID e pela Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara na negociação de um novo projeto mais adequado.

Em até seis semanas após os cinco meses do contrato, Leeds deveria fazer um relatório final a ser submetido à USAID. Todos os relatórios e outros dados seriam de propriedade da USAID e não poderiam ser publicados por Leeds, nem por qualquer pessoa fora do país cooperante, ou da USAID, sem o consentimento desta agência. Toda e qualquer informação sobre as condições operacionais e econômicas no país cooperante deveriam ser confidenciais.

A USAID não se comprometia a pagar ou reembolsar taxas de passaporte, de visto e custos médicos, nem em caso de acidentes. O único reembolso previsto pelo contrato referia-se a chamadas telefônicas de longas distâncias, telégrafos, postagem de cartas e reprodução de relatórios.

Nesse período, Leeds fora solicitado pela Escola de Serviço Social da PUC, na pessoa de Maria Josephina Albano, para dar aula de Desenvolvimento e Organização de Comunidade – DOC, em 20 de maio de 1966<sup>374</sup>. Também fora solicitado pela Divisão de Serviço Social da COHAB a dar assessoria técnica às assistentes sociais nos estudos das famílias residentes nas vilas da COHAB em 4 de julho de 1966<sup>375</sup>.

---

<sup>374</sup> Carta de Josephina Albano para Leeds. 20 de maio de 1966. NAA/Series 5, subseries general, Box 30 – AID. Posteriormente, em 1967 e 1968, Leeds e Albano trabalharam juntos na Ação Comunitária do Brasil e no projeto *CENPHA-Columbia*, respectivamente. Essas colaborações serão apresentadas mais adiante.

<sup>375</sup> Carta de Maria Lucia Monnigo para Leeds. 4 de julho de 1966. NAA/ Series 5, subseries general, Box 30 – AID.

Durante o ano de 1968, Leeds se ocupou de uma pesquisa a ser feita pelo Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais – CENPHA em conjunto com o Instituto de Ambiente Urbano<sup>376</sup> da Universidade de Columbia, envolvendo Maria Josephina Albano, Chester Rapkin, Lawrence Salmen, assistente de Rapkin, Claudio Arenas e Theo Crevenna. Albano integrava os quadros da Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica e, na ocasião, ocupava o cargo de diretora do CENPHA. Cláudio Arenas, Chester Rapkin e Lawrence Salmen estavam vinculados à Universidade de Columbia e seu Instituto de Ambiente Urbano. Theo Crevenna estava vinculado ao Departamento de Relações Sociais da União Pan Americana.

O conjunto de cartas trocadas entre estes sugere que a pesquisa fora realizada, a despeito de todas as complicações, tais como pagamento da equipe, indicação de profissionais brasileiros e sua disponibilidade<sup>377</sup>, recursos materiais envolvendo cartões IBM para a guarda de dados coletados, entre outros aspectos de ordem prática. Todas estas ocorrências contribuíram para que a pesquisa não fosse feita nas favelas de Brasília e Recife, originalmente planejadas, tampouco nas de Belém, Recife e Fortaleza, como consta no planejamento posterior. Tudo indica que somente três favelas do Rio de Janeiro foram contempladas: Jacarezinho, Alto Solar e Ruth Ferreira<sup>378</sup>. A seguir, será apresentada a pesquisa propriamente dita, os contratemplos e ruídos na comunicação institucional que levaram ao relativo fracasso da pesquisa.

Segundo carta de Lawrence Salmen para Chester Rapkin, datada de 15 de abril de 1968, o estudo *Formação de Capital para Habitação no Brasil* teria três objetivos básicos: determinar a natureza do processo pelo qual os moradores das favelas estariam ajudando a si próprios a adquirir melhor moradia e padrão de vida; dar sugestões de estímulos a esse processo para o governo; e treinar estudantes brasileiros nos métodos de trabalho de campo visando à continuidade desse tipo de pesquisa no futuro. Para tanto, Leeds solicitava uma equipe de quatro supervisores de campo experientes e vinte trabalhadores de campo de tempo integral, que seriam estudantes<sup>379</sup>. Estes estudantes e

---

<sup>376</sup> Insitute for Urban Enviroment

<sup>377</sup> Dentre estes, Leeds recomenda Luiz Antônio Machado, Ina Dutra Savage e Josildeth Gomes Consorte para a supervisão de campo.

<sup>378</sup> BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>379</sup> BR RJ COC LE DP IC 01

seus supervisores de campo seriam pagos com recursos do BNH através do CENPHA<sup>380</sup>.

Leeds seria o consultor do projeto, contratado pela Universidade de Columbia, e receberia a metade de seu pagamento durante a execução do projeto e a outra metade após a entrega da monografia final<sup>381</sup>. De acordo com a carta de Josephina Albano, outros custos operacionais, tais como impressão de questionários, punched cards e custos de computação também seriam custeados pelo CENPHA<sup>382</sup>. Além disso, todo o material coletado no survey retornaria para o centro de documentação do CENPHA após o término da monografia<sup>383</sup>.

Segundo carta de Leeds encaminhada para Josephina Albano, do CENPHA, datada de 8 de maio de 1968, dentro do orçamento feito por ele, foram feitas estimativas máximas para os recursos destinados a custos operacionais. Leeds estimou uma amostragem de 3.000 questionários, dos quais 760 seriam aplicados no Rio de Janeiro, nas favelas Barreira do Vasco, Jacarezinho, Tuiuti e Ruth Ferreira, e o restante em Belém, Recife, Fortaleza e Salvador. A escolha de coletar maior número de dados no Nordeste se deu por não haver estimativas do tamanho do universo de pessoas a serem entrevistadas nas cidades do Nordeste e também porque tinham melhor conhecimento qualitativo e quantitativo sobre o Rio de Janeiro. No argumento de Leeds, um número maior de questionários aplicados no Nordeste controlaria a variação em habitação, formação de capital, locação, entre outros aspectos. Assim, seriam destinados 1.100 ou 1.200 questionários para cada uma das duas cidades nordestinas. Leeds calculou o custo de cada questionário na ordem de 7 e 8 dólares, com base no custo aproximado nos Estados Unidos, sem incluir viagem ou diárias. Ainda segundo seu raciocínio, o custo relativo seria menor para os pesquisadores brasileiros. Nesta mesma carta, Leeds apresenta o cronograma de atividades da pesquisa<sup>384</sup>.

---

<sup>380</sup> Carta de Lawrence Salmen para Chester Rapkin. 15 de abril de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>381</sup> Carta de Chester Rapkin para Leeds. 18 de abril de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>382</sup> Carta de Josephina Albano para Leeds. 3 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>383</sup> Carta de Chester Rapkin para Leeds. 18 de abril de 1968. Carta de Josephina Albano para Leeds. 3 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>384</sup> Carta de Leeds para Albano. 8 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

DATA	ATIVIDADE
24 de maio a 1 de junho	Reuniões no CENPHA e no BNH; seleção de candidatos ao trabalho de campo; finalização da versão preparatória do questionário.
1 a 15 de junho	Pré-teste do questionário em favelas do Rio de Janeiro não incluídas na pesquisa; treinamento de 10 entrevistadores; elaboração da versão final do questionário.
15 a 25 de junho	Início do trabalho de campo no Rio de Janeiro, com 2 supervisores e 10 entrevistadores.
25 de junho a 7 de julho	Viagem a Recife, Belém e Fortaleza – Leeds e um supervisor do Rio de Janeiro; seleção de 5 trabalhadores de campo; adaptação do questionário conforme as especificidades locais; pré-teste dos questionários com treinamento dos entrevistadores.
7 a 16 de julho	Início das entrevistas. Chegada de Elizabeth Leeds ao Rio de Janeiro.
17 a 31 de julho	Seleção e treinamento de 5 entrevistadores, adaptação de questionário, pré-teste e amostragem em Salvador. Isso seria feito por Leeds, o outro supervisor do Rio e o supervisor que trabalhara em Recife, Belém e Fortaleza.  Os outros dois supervisores iriam para a Bahia e 5 dos entrevistadores/estudantes do Rio iriam para Recife, Belém e Fortaleza.

Agosto	Finalização das amostras do Nordeste pelos 4 supervisores e pelos 20 trabalhadores de campo. Retorno dos Leeds para o Rio de Janeiro para análise dos questionários e elaboração do relatório final.
4 de setembro	Retorno dos Leeds aos Estados Unidos.

Nessa mesma carta, Leeds apresenta um orçamento dividido em três itens. O primeiro item, intitulado despesas operacionais, prevê o gasto com 3000 questionários de 20 páginas cada um, 10.000 cartões IBM, verificação dos cartões perfurados (punch cards), programador, tempo de computação, secretária, remessa de protocolos, totalizando \$2.200<sup>385</sup>. No segundo item, *despesas pessoais A*, incluem-se os gastos com secretária durante o período de trabalho de campo, os quatro supervisores e os vinte estudantes, somando um total de NCr\$23.500 ou US\$7,344. No terceiro item, *despesas pessoais B*, estão as despesas referentes ao filme, isto é, o pagamento de Rita Kourrus por dois meses e a compra de filme Tri-X 16mm, cujo total seria de US\$2.900<sup>386</sup>.

Um detalhe importante a ser destacado é fato de Leeds registrar no documento o seu desejo de fazer a elaboração da versão final do questionário em conjunto com os trabalhadores de campo e os residentes das favelas. Outro fato relevante é que nesse momento Lawrence Salmen estava fazendo um estudo quantitativo sobre casas de cômodo, cuja coleta de dados de campo seria orientada por Leeds. Ele queria utilizar tal estudo para fazer comparações com a situação da favela<sup>387</sup>.

Mais outro ponto a se frisar é a intenção pedagógica da pesquisa, uma vez que Leeds priorizava os estudantes para fazer o trabalho de campo. No argumento de Leeds, o fato de ter planejado a pesquisa de modo que os 4 supervisores e os 10 entrevistadores do Rio se movessem para as cidades do Nordeste permitiria que pudessem dar suporte aos outros 10 estudantes menos experientes do Nordeste, bem como conhecer mais

<sup>385</sup> Não está especificada, nesse item, a moeda utilizada, se Dólar ou Cruzeiro Novo.

<sup>386</sup> *Budget*. Anexo à carta de Leeds para Albano. 8 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>387</sup> Carta de Leeds para Albano. 8 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

intimamente outra parte do Brasil. Estes estudantes deveriam trabalhar aos sábados e domingos, considerados dias de vida caseira, quando os moradores poderiam ser encontrados com maior facilidade e a maior parte das entrevistas poderiam ser feitas. Dos sete dias da semana, seis seriam em campo e um dia de folga. Uma das noites da semana seria destinada a seminários de campo para discutir resultados, atitudes e problemas técnicos. Como incentivo para atrair estudantes, Leeds aventou a possibilidade do período de trabalho de campo ser revertido em crédito universitário<sup>388</sup>.

As qualidades que Leeds buscava nos estudantes candidatos ao trabalho de campo eram a capacidade de sentir pela outra pessoa; simpatia, empatia e habilidade para ver dentro e através das mentes de pessoas de outras subculturas, valores, classes sem ter suas próprias concepções e preconceitos; por fim, o interesse e a sensibilidade para a variedade dos dilemas e valores humanos. Entre os pesquisadores que gostaria de colocar na supervisão desses pesquisadores de campo, Leeds cita Ina Dutra Savage, Luiz Antônio Machado, Josildeth Gomes Consorte, Anthony Knopp, Maria Bracy e Ana Maria Sant'Anna<sup>389</sup>. Josildeth Gomes Consorte havia sido assistente de pesquisa do projeto Bahia-Columbia, tendo assessorado Marvin Harris e Anthony Leeds<sup>390</sup>.

Após explicitar a questão do processamento de dados, os materiais necessários disponíveis para tanto, incluindo computadores IBM 6600 e punch-cards, Leeds ressalta novamente a necessidade de uma assistência de secretaria. Este profissional seria responsável pelo gerenciamento dos dados a serem computadorizados nos Estados Unidos, bem como pela inserção dos dados qualitativos que os entrevistadores porventura tivessem colocado nos questionários. Afinal, como assinalara anteriormente na carta, Leeds encorajava os entrevistadores a inserir suas observações de natureza qualitativa no questionário sempre que se julgasse necessário. Além disso, esse profissional de secretaria também faria a datilografia dos rascunhos da monografia. Desse modo, prevê as despesas de pagamento do profissional de secretaria, do profissional de computação e de materiais de uso cotidiano, tais como papel, os cartões e outros. Uma vez que o CENPHA solicitava a devolução dos questionários para

---

<sup>388</sup> Carta de Leeds para Albano. 8 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>389</sup> Carta de Leeds para Albano. 8 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>390</sup> Consorte, 1999. Op. Cit; Consorte e Pereira, 2010. Op. Cit.

ficarem sob a sua guarda, Leeds também incluiu no orçamento o transporte destes, do Brasil para os Estados Unidos e vice versa<sup>391</sup>.

O questionário achado em seu arquivo, em cujo cabeçalho se registra a Universidade de Columbia, a Universidade do Texas e o CENPHA, tem como título *Pesquisa sobre Economia Domiciliar*<sup>392</sup>. Muito provavelmente, este questionário faz parte dessa pesquisa, embora seu título não seja o mesmo do projeto - *Formação de capital nas favelas*. De todo modo, cabe aqui minimamente expor o conteúdo do questionário. Ainda que haja pouca possibilidade desse questionário não fazer parte da pesquisa, cabe colocá-lo aqui. Esse questionário tinha 651 questões a serem respondidas pelos entrevistados e fora dividido nas seis partes descritas a seguir<sup>393</sup>.

I- Controle da entrevista, contendo dados sobre o entrevistado, se o entrevistado estava sozinho, se a entrevista era ou não estudo de caso e se informante deu ou não dados sobre outros casos.

II - Dados sobre domicílio, onde o entrevistador devia, antes de qualquer pergunta, desenhar a estrutura de domicílio.

III – Dados sobre socialização, migração e trabalho, dividido nos seguintes itens e subitens: Primeiro estudo de caso – dados sobre socialização e migração; história profissional, selecionado os empregos mais importantes; trabalho atual, incluindo emprego, biscate, autônomo, etc; trabalho secundário do informante do primeiro estudo de caso; biscate, suas características e condições de trabalho; autônomo, incluindo a possibilidade do informante ter algum negócio na favela; desempregado, não incluindo encostados, nem aposentados, tendo perguntas específicas para esses casos no final dessa parte; vida associativa, incluindo não só o pertencimento a clubes ou outras associações, mas também questões a respeito do perfil eleitoral e político do entrevistado, tais como a pessoa que mais admirava na vida política da época e sobre contatos com políticos ou deputados. No segundo estudo de caso, segue o mesmo roteiro do primeiro estudo de caso.

---

<sup>391</sup> Carta de Leeds para Albano. 8 de maio de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>392</sup> *Questionário. Universidade de Columbia e Texas. Centro de Pesquisas Habitacionais. Pesquisa sobre economia domiciliar.* BR RJ COC LE DP RA 06.

<sup>393</sup> *Questionário. Universidade de Columbia e Texas. Centro de Pesquisas Habitacionais. Pesquisa sobre economia domiciliar.* BR RJ COC LE DP RA 06.

IV – Domicílio: informações relevantes ao orçamento domiciliar, subdivididas nos seguintes itens: tamanho e pessoas trabalhando; rendas domiciliares além das receitas dos ECs (estudo de caso) regulares; rendas domiciliares extraordinárias – loteria, jogo do bicho, heranças; presentes e doações recebidas pelo domicílio – casa, terreno, material de construção, dinheiro, aparelhos domésticos e elétricos, roupa ou tecidos, comida, educação, trabalho e serviços; outras fontes de renda extraordinária: natalidade etc – indenizações, totais das rendas extraordinárias; despesas do domicílio – comida, tabela de comidas, localização das compras de comida, roupa, médicos/remédios/consultas/tratamentos/etc, educação, manutenção da casa; índice do padrão de vida, envolvendo cálculo a ser feito pelo entrevistador.

V – Habitação, construção, capital para a casa, etc., subdividida nos seguintes subitens: informações gerais; inquilinos.

VI – Crises domiciliares: familiar, do emprego, de saúde, habitacional, jurídica, “atos de deus” (incêndio, enchente e desabamento) e “atos de homem” (roubo, homicídio, espancamento, briga, estupro, gravidez inesperada)<sup>394</sup>.

Apesar de o questionário configurar a parte quantitativa da pesquisa, é possível constatar algo de qualitativo nele, dada a abrangência de suas questões e até o fato de incorporar expressões correntes entre os moradores, tais como a diferenciação entre “atos de deus” e “atos do homem”. Percebe-se também a necessidade de um treinamento mais intensivo do entrevistador, uma vez que em várias dessas questões há diversas instruções destinadas ao entrevistador, incluindo cálculos matemáticos para a posterior atribuição de códigos.

Conforme o conjunto documental mostra, a pesquisa não fora realizada tal como o planejado por uma série de fatores. O principal deles foi a falta de recursos financeiros, cuja responsabilidade ficara a cargo do CENPHA. Em diversas cartas, Leeds menciona o fato de pagar do próprio bolso despesas como o pagamento do seu

---

<sup>394</sup> *Questionário. Universidade de Columbia e Texas. Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais. Pesquisa sobre economia domiciliar. BR RJ COC LE DP RA 06.*

assistente de pesquisa, Anthony Knopp; a secretária; a reprodução de questionários; telegramas e ligações telefônicas, entre outras despesas<sup>395</sup>.

Segundo carta encaminhada a Chester Rapkin por Leeds, datada de 19 de junho de 68, Josephina Albano teria deixado o cargo no CENPHA e fora substituída por Thales Memória. Até essa data, não havia sido dada nenhuma resolução para o financiamento da pesquisa. Apesar disso, Leeds resolveu pagar a assistência de Anthony Knopp de seu próprio bolso pela quantia de \$300, valor considerado por Leeds muito baixo em vista do alto custo de vida no Brasil e da situação inflacionária. Além dessa despesa, pagou a secretária e papéis para mimeografar o questionário, cujos custos giravam em torno de \$200<sup>396</sup>.

Além de Knopp, que trabalhava meio período, outros 2 assistentes trabalhavam na pesquisa sem nenhuma supervisão de campo. Somente no mês seguinte uma terceira pessoa se juntaria à equipe em tempo integral. Por conta da demora no recebimento dos recursos financeiros, Leeds propôs eliminar uma cidade do estudo – Salvador – e concentrar a pesquisa em Fortaleza<sup>397</sup>. Em resposta a Leeds, datada de 25 de junho de 68, Rapkin concorda com a escolha de limitar o projeto a uma cidade adicional – Fortaleza – uma vez que era preferível ter resultados significativos de uma amostra menor do que colocar dados incompletos e figurar uma falsa situação<sup>398</sup>.

Diante de tais circunstâncias, Leeds lista o que ele e sua equipe conseguiram fazer em carta encaminhada a Claudio Arenas, datada de 4 de outubro de 68. Com relação à equipe, pagou os irmãos Anthony e Josephine Knopp o total de \$350 de seu próprio bolso para ajudá-lo a administrar os questionários e outras tarefas. Teve também a ajuda de outros dois voluntários inexperientes em meio período. Com isso, o trabalho de campo foi feito em 6 semanas em vez de 2 ou 3 como planejado a princípio<sup>399</sup>.

Apesar do desfalque de pessoal, conseguiram fazer minimamente algumas tarefas. A primeira delas foi a coleta de dados etnográficos para a formação de capital,

---

<sup>395</sup> Carta de Leeds para Rapkin – 19 de junho de 1968; Carta de Leeds para Claudio Arenas – 4 de outubro de 1968; Carta de Leeds para Lawrence Salmen – 4 de março de 1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>396</sup> Carta de Leeds para Rapkin. 19 de junho de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>397</sup> Carta de Leeds para Rapkin. 19 de junho de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>398</sup> Carta de Rapkin para Leeds. 25 de junho de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>399</sup> Carta de Leeds para Arenas. 4 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

reunidos durante as primeiras seis semanas, na ocasião da preparação dos questionários. Completaram 75 questionários escolhidos como amostras aleatórias de duas favelas que não eram as melhores do ponto de vista da formação de capital. No entanto, era o que se podia fazer, dado o tamanho destas, além do tempo e pessoal disponível. Nessas duas favelas, fizeram um survey simultaneamente econômico, demográfico e habitacional. A estes, Leeds adicionou os dados de outro survey feito em 1967 em uma favela grande<sup>400</sup>, cujos dados foram coletados de casa em casa e cujo conteúdo teria informações importantes para a análise da formação de capital. Além desses dados de campo, conseguiram coletar dados impressos sobre as operações do BNH no Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre e sobre as relações do banco com outras instituições que tratavam da habitação proletária. Também colheram dados sobre outros tipos de habitação proletária e suas relações com as moradias em favelas, permitindo dar um quadro mais geral da habitação, pensada dentro da dinâmica de migração e suas relações com capital familiar<sup>401</sup>.

Até a data da carta, 4 de outubro de 68, os questionários ainda não estavam nas mãos de Leeds, não tendo sido, portanto, tratados quantitativamente. Esse tratamento também requereria uma assistência de pesquisa, o que também não estava disponível na ocasião. Logo, só poderia elaborar a monografia em si após a chegada dos questionários e do assistente<sup>402</sup>.

Em outra carta para Arenas, com a mesma data, Leeds queixa-se que nem o CENPHA, nem a Universidade de Columbia, haviam dado a ele qualquer informação sobre a pesquisa. A situação agravara-se, pois além de não dispor de recurso algum, não havia chegado nenhum material do Brasil. Desse modo, reforça: seria impossível sequer iniciar a monografia. Em resposta, Arenas diz, em carta de 7 de outubro de 68, que mandaria para ele os questionários coletados por seus próprios recursos, sem o reembolso da Universidade de Columbia. Tal decisão foi tomada após Arenas tomar

---

<sup>400</sup> Apesar de Leeds não identificar a qual favela se refere nesse documento, em carta 3 de novembro de 1968 para Jo, Virginia e Pee Wee deixa claro que se trata da favela do Jacarezinho.

<sup>401</sup> Carta de Leeds para Arenas. 4 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>402</sup> Carta de Leeds para Arenas. 4 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

conhecimento de que o CENPHA estava esperando receber dinheiro de reembolso do BNH para finalmente poderem enviar os questionários<sup>403</sup>.

Conforme carta de 3 de novembro de 1968 para Jo, Virginia e Pee Wee, os questionários só haviam chegado dez dias antes, isto é, por volta de 24 de outubro de 1968. Como ele pede que Jo envie um recibo para ele e diz ser útil para sua taxa de renda e para lutar contra a Universidade de Columbia, podem-se inferir duas informações: provavelmente estes também integravam a equipe de pesquisa e, mais importante, Leeds pensava em abrir processo jurídico contra a Universidade. Na carta, Leeds solicitava a eles nova aplicação de alguns questionários, devidamente numerados e com os nomes de seus respectivos entrevistados e entrevistadores. Por esta listagem apresentada na carta, vê-se que a pesquisa fora efetivamente feita nas favelas Ruth Ferreira, Alto Solar e Jacarezinho<sup>404</sup>.

Em carta para Lawrence Salmen, datada de 4 de novembro de 68, Leeds menciona que fez protesto documentado em cartas de natureza contratual contra o BNH e que, caso este não desse nenhuma satisfação, pensaria em um processo jurídico. Em carta para Chester Rapkin, de 22 de janeiro de 69, Leeds pede o reembolso de \$522,53 para cobrir os seguintes gastos: o trabalho de Josephine e Anthony Knopp na entrevista; o trabalho de Flávio Romano na preparação dos questionários; o trabalho de Zilda Werneck da Silva na datilografia de estêncil; a remessa de questionários; e os telegramas enviados ao BNH tendo em vista a demora deles<sup>405</sup>.

Em 4 de março de 69, Arenas remete carta para Leeds contando que Rapkin desistira do projeto e enviaria \$1000 para Leeds. Em outra carta de Arenas para Leeds, datada de 18 de março de 69, diz que, apesar de ter enviado a quantia para viabilizar a elaboração da monografia, entendia não ser obrigação do instituto fazê-lo. Em 26 de março de 69, Rapkin diz a Leeds que requisitou \$1000, constituindo a quantia um segundo pagamento sobre o contrato, e pedia informações sobre o andamento da monografia. Leeds então responde para Arenas, em carta de 30 de março, que também não tinha obrigação de pagar de seu próprio bolso. Em seu argumento, se nem o CENPHA, nem o Instituto o pagaram antes, ele poderia ter abandonado o projeto. Para

---

<sup>403</sup> Carta de Arenas para Leeds, 7 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>404</sup> Carta de Leeds para Jo, Virginia e PeeWee. 3 de novembro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>405</sup> Carta de Leeds para Salmen. 4 de novembro de 1968. BR J COC LE DP IC 01.

Leeds, havia uma obrigação moral e legal a serem reconhecidas pelo Instituto. Além disso, se os recursos não chegavam do CENPHA, então parte do contrato já estaria revogado por eles, além de não poder ter responsabilidade sobre os custos. A propósito da elaboração da monografia, Leeds avisava sobre o término da tabulação dos dados referentes à favela Ruth Ferreira na ocasião, bem como previa concluir os dados referentes à favela Alto Solar em meados de abril. Também relembrou Rapkin que havia dados a serem computadorizados, coletados em 67 e em fevereiro de 68, colhidos independentemente do projeto *CENPHA-Columbia*, o que também estava sob sua responsabilidade<sup>406</sup>.

A respeito de outras explicações sobre o relativo fracasso do projeto, para além da falta de recursos financeiros para viabilizar sua realização, há outros aspectos de viés político que devem ser também colocados. Leeds afirma em carta para Rapkin<sup>407</sup> que o descaso com a pesquisa também se explicaria pelo fato do BNH não ser favorável a uma concepção de habitação que envolvesse pessoas, a cooperação entre pessoas, a participação popular e a co-responsabilidade comunitária. Em suma, por considerarem irrelevantes as pessoas nas favelas. Ressaltava o fato dos programas de habitação serem concebidos sob uma perspectiva que não considerava as consequências ou conexões políticas e sociais. Para ele, essa postura se devia ao fato da presença de militares no BNH, bem como ao governo federal autoritário anti-popular. O peso da política interna do CENPHA e do BNH e do governo militar nas pesquisas aparece também em outras cartas<sup>408</sup>.

De acordo com Leeds, a importância da pesquisa se dava pelo fato da formação de capital mostrar-se muito mais complexa do que se poderia imaginar, inclusive o fato dos próprios favelados fazerem esses cálculos. Conforme aponta no documento, o montante de capital envolvido somente em construções, inventários, máquinas, sistemas de água e luz girariam em torno de US\$ 600.000.000 a US\$ 1.500.000.000, em uma

---

<sup>406</sup> Carta de Leeds para Arenas. 30 de março de 1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>407</sup> Carta de Leeds para Rapkin. 19 de junho de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>408</sup> Carta de Leeds para Theo Crevenna – 20 de outubro de 1968; carta de Leeds para Patrick Crooke – 16 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

conjuntura em que o orçamento do estado da Guanabara seria em torno de \$ 400.000.000<sup>409</sup>.

Ainda que não se considere o equivalente atual desse valor em Cruzeiros Novos, moeda vigente na época, só o fato de ultrapassar o valor do próprio orçamento do Estado da Guanabara já destrói alguns mitos frequentes na época sobre as favelas. Se ainda forem consideradas as condições econômicas do país no período, contando a inflação, o difícil acesso ao trabalho estável, a um salário razoável e a escolarização, o montante adquire um valor bem maior. Desse modo, se a pesquisa constataste e se publicasse que nas favelas circulava esse volume de capital, o argumento de que esses locais eram centros de pobreza e miséria seria, no mínimo, questionado, se não completamente derrubado.

Considerando o fato do CENPHA ser uma subsidiária do BNH<sup>410</sup>, certamente o órgão não gozava de nenhuma autonomia, sobretudo dentro de uma ditadura militar e de uma política de habitação extremamente excludente que beneficiava o mercado imobiliário e as empresas de construção civil<sup>411</sup>. Em carta enviada a Theo Crevenna, em 2 de outubro de 1968, Leeds dá algumas pistas sobre os aspectos políticos e internos do CENPHA e do BNH que poderiam explicar o malogro da pesquisa. Conta o fato de Thales Memoria, substituto de Albano na diretoria do CENPHA, não estar sequer ciente do contrato de Leeds pelo projeto *CENPHA-Columbia*. Também atenta para a pouca atuação do órgão, restringindo-se à manutenção de uma biblioteca, a fazer poucas publicações e poucas pesquisas. Ressalta a relação de dependência do CENPHA com o BNH, além de perceber claramente que o órgão era contrário a tudo aquilo que ele teria a dizer, sobretudo quanto aos objetivos do projeto – avaliar os efeitos das políticas habitacionais do BNH na economia brasileira com foco na formação de capital nas favelas<sup>412</sup>.

---

<sup>409</sup> Carta de Leeds para Rapkin. 19 de junho de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>410</sup> VALLADARES, L. do P. 1979. “Introdução”. In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1979.

<sup>411</sup> VALLADARES, L. do P. 1979. “Introdução”. In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1979.

<sup>412</sup> Carta de Leeds para Crevenna. 2 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Quanto à política interna do BNH, ressalta a divisão interna do órgão e o fato de competir com outras instituições, tentado sabotá-las e manobrando os ministros militares da cúpula, principalmente Albuquerque Lima. Afirma ser o BNH sustentado por grupos de militares, por empresas privadas de construção e por companhias financeiras, além de absorver cerca de \$700,000,000 ao ano. Percebe como principal impacto da estrutura de poder do banco a contenção de toda oposição através de decretos presidenciais punitivos<sup>413</sup>.

Neste mesmo documento, Leeds mostra como o CENPHA operava internamente. Seus diretores eram nomeados pelo BNH e pelo reitor da PUC. Também haviam recebido recursos do BID, através do BNH, na ordem de \$400,000 e conseguiam quase todos os contratos vindos do banco. Como Theo Crevenna o havia escrito para sondar possíveis órgãos para desenvolver pesquisas junto com a OEA, em vez de indicar o CENPHA, Leeds ressalta que o único trabalho de pesquisa significativa era feito pela CODESCO<sup>414</sup>. Segundo Leeds, a CODESCO tinha políticas essencialmente contrárias às do banco que, por sua vez, tentava controlá-la e absorvê-la por meio da CHISAM<sup>415</sup>.

Ao que tudo indica, Leeds fora alvo das práticas de protelação usadas pelo CENPHA/BNH. Em duas cartas, ele cita estas práticas identificadas como o “sweet talk-operation”. Em sua análise, essa prática era tão comum aos brasileiros que estes teriam até um termo pra isso: “o homem cordial”<sup>416</sup>. Certamente Leeds se referia à obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Com relação a este comentário, cabe um breve parênteses a respeito de seu significado original, uma vez que parece ter sido mal articulado nesta consideração de Leeds a respeito da prática do CENPHA e, por extensão, a respeito de uma característica dos brasileiros. Nesta menção ao termo feita por Leeds, o termo parece designar somente o modo polido ou mesmo manso de falar ou expressar as coisas, a falta de concisão e a ambigüidade no discurso. No entanto, ao verificar a elaboração de Holanda acerca do termo, vê-se que seu sentido é bem mais abrangente. Apesar de ter

---

<sup>413</sup> Carta de Leeds para Crevenna. 2 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>414</sup> Companhia de Desenvolvimento de Comunidade, criada em 1968 na gestão de Negrão de Lima com proposta de urbanização das favelas em vez da remoção (Valladares, 1978:25).

<sup>415</sup> Carta de Leeds para Crevenna. 2 de outubro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>416</sup> Carta de Leeds para Arenas. 3 de novembro de 1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

articulado de forma restrita o tema do homem cordial, cabe também observar que Leeds não desconhecia a obra de Holanda. Na bibliografia de curso sobre Brasil, feita em 1965, consta *Raízes do Brasil* como leitura obrigatória recomendada por ele<sup>417</sup>.

Antes de explicar o que vem a ser o *homem cordial*, Holanda<sup>418</sup> tece considerações a respeito da postura do brasileiro diante da transformação de uma sociedade patriarcal, pautada pelas relações personalistas e pessoais, para uma sociedade urbanizada na qual prevalece a presença do estado, onde o âmbito público prevalece em detrimento do privado, bem como as relações impessoais em detrimento das relações familiares e pessoais, expressos na oposição entre o estado e a família. Segundo Holanda, no Brasil haveria o predomínio das vontades particulares, típico do ambiente familiar, tendo como efeito em nossa vida social a presença dessas relações domésticas em qualquer composição social, mesmo nas instituições democráticas fundadas em princípios antiparticularistas<sup>419</sup>.

A cordialidade aparece como a contribuição brasileira para a civilização, não somente restrita a hospitalidade e generosidade, traços dos padrões de convívio do meio rural e patriarcal. Ela abrangeria a aversão ao formalismo e ao ritualismo social que o brasileiro tem; o desconhecimento de qualquer convívio que não seja embasado por uma ética de fundo emotivo; o horror às distâncias; o afrouxamento e humanização dos rigores e dos rituais; a quebra da rigidez. Essa cordialidade se manifestaria no uso freqüente do diminutivo com o intuito de dar mais familiaridade com as pessoas e objetos; na omissão do nome de família no tratamento social; no tratamento íntimo que se dá aos santos católicos, tornando-os entes familiares, domésticos e próximos<sup>420</sup>.

Em que pese a má articulação do sentido da cordialidade, tal como fora concebida por Holanda, nas observações de Leeds a respeito dos motivos pelos quais a pesquisa não foi a frente, essa representação demonstra algo além do esforço para o entendimento do episódio. Mais do que isso, transparece mais uma representação da pessoa e do trabalhador Anthony Leeds, não a do antropólogo, em plena atividade de campo, em pleno exercício do olhar científico diante de um sistema. Tais observações

---

<sup>417</sup> NAA /Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries teaching materials, box 25, Brazil and Latin American courses.

<sup>418</sup> HOLANDA, S. B. de. 1995. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 26ª edição.

<sup>419</sup> Holanda, 1995. Op. Cit.

<sup>420</sup> Ibidem.

sobre as causas do fracasso da pesquisa constituem a versão de Leeds, sendo, portanto, necessário uma pesquisa nos arquivos do BNH para verificar as razões do ponto de vista institucional e para tecer um contraponto a essas considerações.

Observando outras análises sobre o BNH, vêm-se algumas informações importantes para pensar o malogro ou mesmo boicote institucional à pesquisa. O BNH fora criado em 1964 para financiar a construção de habitações a nível nacional e passou a receber verba do FGTS a partir de 1967<sup>421</sup>. Segundo Carlos Nelson Ferreira dos Santos<sup>422</sup>, o BNH era um banco sem funções executivas e diretas, tendo somente funções econômicas e políticas. Assim, emprestava dinheiro a agentes que executavam os programas habitacionais ou que transferiam para empresas de construção. Sobre o peso político do BNH na época, Santos afirma que este representava a principal referência para a produção e consumo de moradia no Brasil. Bolaffi<sup>423</sup> ressalta a presença de muitos recursos no BNH e a ausência de autonomia. Ou seja, o banco era totalmente dependente dos ministérios do Planejamento - Roberto Campos - ou da Fazenda - Delfim Neto e Simonsen, que controlavam sua atuação em função da política monetária e do modelo de acumulação e concentração de renda impostos pelo governo federal.

Levando em consideração as informações acima, nota-se que o BNH tinha dinheiro para custear a pesquisa. Tudo isso leva a crer que a realização parcial do que seria a pesquisa se dera por motivos políticos, não somente devido à troca de direção do CENPHA. Os próprios objetivos da pesquisa não estavam de acordo com a orientação política do banco e do governo federal à época. Caso o CENPHA, órgão subsidiado pelo regente da política habitacional nacional - o BNH, constatasse cientificamente a formação de capital nas favelas, o volume de capital e o fato dos favelados fazerem esses cálculos, certamente o BNH teria que mudar os rumos dessa política habitacional, sobretudo para as favelas. Se verificassem uma importância econômica maior para as favelas, para além de ser um local de reprodução da mão de obra, talvez isto pudesse ser um argumento que estremecesse os discursos mais comuns e frágeis a favor das

---

<sup>421</sup> Valladares, 1979. Op. Cit.

<sup>422</sup> SANTOS, C. N. F. 1979. "Velhas Novidades nos Modos de Urbanização Brasileiros". In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

<sup>423</sup> BOLAFFI, G. 1979. "Para uma nova política habitacional e urbana: possibilidades econômicas, alternativas operacionais e limites políticos". In: VALLADARES, L. do P. 1979. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

remoções, quais sejam as habitações anti-higiênicas e a concentração de marginalidade e extrema pobreza nas favelas.

Relembrando os objetivos da pesquisa, está implícito no primeiro – determinar a natureza pela qual os favelados estariam se ajudando a adquirir melhor moradia e padrão de vida – não só o fato de a favela ter moradia e padrão de vida razoáveis, mas o fato de estarem melhorando essas condições. Também está implícita a autonomia dos favelados e sua independência das intervenções governamentais ou mesmo dos órgãos internacionais, uma vez que estariam praticando a ajuda mútua. O segundo objetivo era sugerir modos para o governo estimular isso, certamente algo completamente na contracorrente da política habitacional da época, voltada para as remoções e para o clientelismo dentro das áreas empobrecidas. Constatar a autonomia dos favelados e um melhor padrão de vida estaria em contraste com imagem veiculada de que as favelas eram poços de pobreza e miséria e com imagem de que eles precisariam ser tutelados, ser alvo da caridade das elites, da remoção ou, ainda, da imagem de que favelados eram ignorantes e incapazes de pensarem por si próprios.

#### - LEEDS NO MUSEU NACIONAL: DOCÊNCIA NO FINAL DA DÉCADA DE 1960.

Ainda em meio às reviravoltas da pesquisa com o CENPHA, Leeds recebeu o convite do Museu Nacional, na pessoa de Roberto Cardoso de Oliveira, para ser professor visitante no segundo semestre de 1969, sob o suporte financeiro da Fundação Ford. No conjunto referente à Fundação Ford<sup>424</sup>, constata-se que já em 20 de julho de 1968, data inicial desse dossiê, o processo de contratação de Leeds como professor visitante do Museu Nacional já estava em andamento. Nessa data, Leeds envia para Roberto Cardoso de Oliveira uma lista de sugestões de cursos que gostaria de oferecer para os alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. São eles: Ecologia e estrutura social; Tecnologia, invenção e sistemas sociais; O estudo de sociedades complexas; Antropologia Urbana; Brasil: mudança e estabilidade; Sistemas de significados comparativos; Música, sociedade e cultura;

---

<sup>424</sup> NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

História da teoria antropológica<sup>425</sup>. Dentre estes, Leeds foi contratado para ministrar os cursos de Antropologia Urbana e Ecologia Cultural<sup>426</sup>. A respeito dessa listagem, Leeds alertara Cardoso de Oliveira que já havia dado aulas sobre ecologia e estrutura social várias vezes e que o tema da Antropologia Urbana era o mais recentemente trabalhado e escrito<sup>427</sup>.

Conforme aponta em carta de 3 de janeiro de 1969 para Cardoso de Oliveira, Leeds chegaria em Julho, iria com Elizabeth Leeds para Lima fazer um estudo comparativo nas favelas e viria novamente para o Rio de Janeiro em Agosto reger os cursos. Retornaria aos Estados Unidos no dia 20 de dezembro de 69 para passar o natal com os filhos mais velhos. Nessa época, Elizabeth Leeds esperava o seu primeiro filho, e o quarto de Anthony Leeds, Jeremy, que nascera em 17 fevereiro de 69<sup>428</sup>. Elizabeth Leeds participava da pesquisa em Lima supervisionando exercícios de campo dos estudantes em entrevistas e técnicas de questionário<sup>429</sup>.

Ao final do período letivo, Leeds escrevera uma avaliação sobre o programa de pós-graduação para William D. Carmichael e Harry E. Wilhem, contendo suas observações, críticas e sugestões sob o ponto de vista da resposta dos estudantes e do aprendizado destes<sup>430</sup>. De um modo geral, avalia que os estudantes brasileiros seriam mais dedicados do que qualquer estudante americano que ele tinha observado nos últimos anos. Por outro lado, também coloca o fato dos estudantes brasileiros estarem enclausurados em sua própria cultura e menos sensíveis à variedade de tendências intelectuais vindas de fora. Consequentemente, viam as ciências sociais com um olhar etnocêntrico e ideologizado<sup>431</sup>.

---

<sup>425</sup> *Lista de cursos*. Anexo à carta de 20 de julho de 1968, de Leeds para Roberto Cardoso de Oliveira. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

<sup>426</sup> Carta de Roberto Cardoso de Oliveira para Leeds. 18 de outubro de 1968. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

<sup>427</sup> Carta de Leeds para Oliveira. 20 de julho de 1968. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30, Ford Foundation.

<sup>428</sup> Carta de Leeds para Salmen. 4 de março de 1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

<sup>429</sup> Carta de Leeds para William Gormbley (Manpower Services – Ford Foundation). 14 de fevereiro de 1969. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

<sup>430</sup> Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20 de janeiro de 1970. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

<sup>431</sup> Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20 de janeiro de 1970. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

Para ele, o professor de ciências sociais teria duas grandes tarefas no ensino e aprendizagem de estudantes latino-americanos e, especialmente, brasileiros. A primeira delas seria instruí-los para uma variedade de pensamentos e de abordagens, pois tendiam a rejeitar a maior parte daquilo que não cabia em suas ideias preconcebidas ou do que queriam conhecer nas ciências sociais. Como exemplo, relatou ter sido a Escola de Chicago de Ecologia Urbana percebida como chata e inútil pelos estudantes. Tal fato o levava a julgar estes estudantes inaptos para ver seus usos. A isso se somava o uso da “teoria da marginalidade” ou do marxismo mannheimianizado pelos estudantes no entendimento de uma cidade como Rio de Janeiro<sup>432</sup>.

A segunda tarefa seria mostrar os elos entre dados e teoria. Em seu argumento, a teoria e os dados tratados isoladamente seriam nada mais que um tipo de metafísica analógica sem as devidas regras de inferência e de correspondência. Em seu entendimento, estas tarefas deveriam ser o objetivo do programa inteiro e deveriam constituir parte dos princípios para a seleção da equipe<sup>433</sup>.

Ao considerar o curso de estudos urbanos, Leeds percebeu que seus estudantes já estavam muito impregnados pelas tendências e modismos correntes entre um grupo de sociólogos e economistas latino americanos, sobretudo a da “marginalidade”. Segundo seu relato, isso dificultou o exame de hipóteses alternativas para os mesmos dados e o aprofundamento em outras perspectivas teóricas gerais com melhor valor profético<sup>434</sup>.

Outra crítica feita no documento foi a dependência do programa em relação ao departamento de antropologia de Harvard. Para Leeds, não só ele, mas outros antropólogos dos EUA não consideravam Harvard como a melhor referência em antropologia, uma vez que tinha poucos antropólogos importantes nas últimas décadas e não havia produzido nada cientificamente inovador na vanguarda da ciência. Ou seja, para ele os esforços científicos mais importantes na época não estavam representados em Harvard e, conseqüentemente, estavam sub-representados no Museu Nacional. Assim, sugeriu que o programa trouxesse professores visitantes não só de Harvard, mas

---

<sup>432</sup> Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20 de janeiro de 1970. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

<sup>433</sup> Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20 de janeiro de 1970. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

<sup>434</sup> Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20 de janeiro de 1970. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

da Europa. Curiosamente, sugeriu preferencialmente um profissional da Inglaterra e tirou de cogitação a vinda de um profissional francês, argumentando que os brasileiros tinham um pendor para a metafísica francesa. Dentre os profissionais que menciona como exemplos de bons professores visitantes, estão Remy Bastien, haitiano com experiência em Brasil e Colômbia e Bertram Hutchinson, experiente em Chile e Brasil.

Outra sugestão de Leeds no documento é o envio de estudantes do programa para fora do Brasil com a finalidade de fazer trabalho de campo ou estudar. Tal medida é justificada por Leeds pelo fato dos estudantes brasileiros serem, em sua visão, muito submersos em sua própria cultura e sociedade, de tal modo que os impedia de alcançar a perspectiva externa, tão necessária ao ofício do antropólogo. Para ele, isto traria uma base comparativa para estes estudantes e evitaria que tudo fosse interpretado em termos de Brasil.

No que tange à avaliação administrativa do programa, Leeds destaca a competência administrativa de Roberto Cardoso de Oliveira, muito embora também coloque seu controle excessivo com relação aos professores. Este procedimento, no raciocínio de Leeds interferia no talento e habilidade dos instrutores na condução de seus cursos. Também coloca a naturalidade da preocupação de Cardoso de Oliveira tendo em vista seu esforço em tornar o programa bem sucedido sob as difíceis e ameaçadoras circunstâncias políticas do Brasil, tão hostil à intelectualidade, de um modo geral, e às ciências sociais. Pondera a dificuldade de Cardoso de Oliveira em pensar, simultaneamente, na sobrevivência do programa e no programa em si diante de tal conjuntura<sup>435</sup>.

A influência francesa e da Universidade de Harvard no Museu Nacional podem ser explicados pelos seguintes fatores. Relembrando história institucional do Museu Nacional, e em conformidade com a história das ciências sociais no Brasil, vê-se que o curso de especialização em antropologia já existia em 1960, mas só fora de fato instituído em 1968, impulsionado pelo Parecer Sucupira de 1965. Com muitos membros de seu corpo docente sendo egressos dos cursos de especialização até então existentes, entre eles o do Museu do Índio e da USP, o programa de pós-graduação em antropologia

---

<sup>435</sup> Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20 de janeiro de 1970. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5, Subseries General, Box 30 – Ford Foundation.

social – PPGAS contou com a atuação do antropólogo David Maybury-Lewis, formado pela Universidade de Harvard. Este professor, junto com outros integrantes do programa, sobretudo Roberto Cardoso de Oliveira, que era seu assessor, coordenava desde 1964 o *Harvard Central Brazil Research Project*, dentro do qual levaram a cabo pesquisas sobre estudos indígenas. Apesar de já terem elaborado projeto em 1966, sobre estudo comparado das populações das regiões Nordeste e Centro-Oeste, somente em 1968 a Fundação Ford passou a financiar o projeto *Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional*, visto como um marco do início do programa<sup>436</sup>. Lembre-se que, na época, o apoio financeiro para as ciências sociais era muito incipiente, restrito a CAPES<sup>437</sup>. Além da parceria com Maybury-Lewis ter resultado no doutoramento em Harvard de diversos mestres formados pelo Museu, também resultou na atenção aos trabalhos de Claude Lévi-Strauss que, na década, foram publicados, exercendo grande influência sobre Roberto Cardoso de Oliveira. Igualmente, Maybury-Lewis discutiu em seu doutoramento as propostas de Levi-Strauss sobre as sociedades tribais brasileiras, o que se tornou ponto de partida das pesquisas do Projeto Brasil Central<sup>438</sup>.

Mas o ponto a ser considerado são as ponderações de Leeds. Cabe questionar se não estaria ele sendo, de algum modo, “estadunidês” ao colocar como algo indesejável a influência francesa no Museu Nacional, uma vez que esta é a segunda ocasião em que manifesta que tal posição. Na primeira ocasião, em seu relatório para a OEA, não só chamou atenção para a influência francesa como também frisou que os pesquisadores do CLAPCS muito teriam a ganhar com a influência dos EUA, que chegaria através dessa parceria. Lembre-se de seu comentário a respeito do envio de especialistas franceses da UNESCO a FLACSO, na página 87 desta dissertação.

É possível questionar o modo como descreve a influência da Universidade de Harvard, sem explicitar ou mesmo esclarecer no documento os motivos pelos quais essa influência se concretizou na instituição, até porque passara um semestre na casa e, provavelmente, deveria saber minimamente da história institucional do Museu. Além disso, não considerou as contribuições do trabalho de Maybury-Lewis na instituição, tampouco expõe os problemas de caráter teórico-metodológico dos antropólogos desta

---

<sup>436</sup> Oliveira, 1995. Op. Cit.

<sup>437</sup> Miceli, 1995. Op. Cit.

<sup>438</sup> Oliverira, 1995. Op. Cit.

universidade. Quanto à questão levantada de haver poucos antropólogos de peso formados em Harvard, cabe perguntar por que não considerou a produção de antropólogos como Geertz, egresso dessa instituição.

Com relação a sua observação sobre o marxismo mannheimiano identificado nos alunos do Museu Nacional, cabe observar, primeiramente, que a obra de Mannheim exerceu grande influência entre os sociólogos brasileiros desde a década de 1950. Isto é, desde a primeira publicação brasileira de *Ideologia e Utopia*, traduzida por Emilio Willems<sup>439</sup>. Não só Emílio Willems envolveu-se nas edições brasileiras da obra do autor, mas também outros cientistas sociais, entre eles Florestan Fernandes, da USP, e Moacir Palmeira e Otávio Velho, do Museu Nacional, encarregaram-se da publicação em português de outros livros de Mannheim aqui no Brasil. Chegando aqui em um momento em que se discutia a transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna, ou seja, no âmago do debate sobre modernidade e desenvolvimento, o pensamento de Mannheim encontrou eco aqui no Brasil, sobretudo no que tange ao engajamento político dos intelectuais, à idéia de planificação social, à construção da sociologia como disciplina e de mudança dirigida. Já na década de 1960, com o peso da ditadura sobre os ombros da liberdade acadêmica, o interesse pela obra do autor, sobretudo no campo da educação e da sociologia do conhecimento ganha novos contornos, além de ser percebida como uma leitura substituta da obra de Marx em vista da censura imposta pelo regime militar<sup>440</sup>.

Apesar de não descrever detalhadamente o marxismo mannheimiano identificado nos alunos do Museu Nacional, Villas Bôas oferece um ponto de partida para pensar esta observação de Leeds apresentada em seu relatório. Sendo alvo de críticas em todos os lugares onde sua obra fora publicada, Mannheim recebeu a atenção crítica de Lukács com relação à sua interpretação da teoria marxista. Classificando Mannheim como um sociólogo da Alemanha imperialista, Lukács acusa na interpretação de Mannheim o esvaziamento da centralidade do aspecto econômico na determinação das ideologias. Para ele, esse esvaziamento seria resultado da tentativa de Mannheim de buscar a conciliação de diversas tendências. Desse modo, aponta que a

---

<sup>439</sup> VILLAS BÔAS, G. 2006. *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda.

<sup>440</sup> Villas Bôas, 2006. Op. Cit.

sociologia de Mannheim rejeita o materialismo histórico na medida em que elimina a interação entre economia e ideologia, tornando irracional todo o processo social<sup>441</sup>.

Ainda antes de identificar o marxismo mannheimiano em seus estudantes do Rio de Janeiro, Leeds havia identificado o enclausuramento destes em sua própria cultura, insensíveis às tendências intelectuais estrangeiras. Talvez Leeds não tenha feito uma consideração importante: não devia ser grande o número de pessoas que tinham a oportunidade de estudar fora do país. Provavelmente, havia poucos programas de incentivo ao estudo no exterior, sobretudo se considerarmos a falta de recursos para as pesquisas em ciências sociais na época. Aliás, o envio de estudantes para o exterior foi uma das recomendações feitas para o programa.

#### – LEEDS E AS FAVELAS: NOTAS SOBRE UMA ETNOGRAFIA

Esta parte do capítulo tem como objetivo tratar do trabalho etnográfico de Leeds na favela do Jacarezinho. Para tanto, serão contrastadas as suas reflexões sobre a prática etnográfica, presentes na palestra apresentada no Museu de Arte Moderna em 20 de agosto de 1968, intitulada *Quanto vale uma favela*, e suas notas de campo. Além disso, serão observadas as reflexões sobre a prática etnográfica feitas na época por antropólogos dos EUA. As notas de campo aqui apresentadas referem-se à favela do Jacarezinho. Dentre tantas favelas pesquisadas, esta foi escolhida por reunir maior diversidade e volume de material coletado, além de ter sido onde Leeds morou por mais tempo. Já o conteúdo da palestra, por sua vez, fora divulgada na coluna de Paulo Alberto no jornal *Última Hora* nos dias 22 e 23 de agosto de 68<sup>442</sup>.

Como primeira observação, cabe destacar que um pesquisador não consegue fazer um trabalho de grande envergadura sem o auxílio e a colaboração de outros pesquisadores. Anthony Leeds contou com uma colaboração muito importante desde o ano de 1965 até o fim de sua vida. Neste mesmo ano de 1965, Anthony Leeds conheceu a cientista política, então voluntária do PCV, Elizabeth Rachel Plotkin. Formada pela

---

<sup>441</sup> Ibidem.

<sup>442</sup> BR RJ COC LE DP DR 03.

Universidade de Boston, Elizabeth Leeds<sup>443</sup> chegou ao Rio de Janeiro em janeiro deste ano e foi morar na favela do Tuiuti. Oito meses depois, Anthony Leeds também fixou residência nessa mesma favela, onde se conheceram, iniciando um companheirismo de vida e de pesquisa que não mais se desataria até a sua morte em 1989. Um ano depois, casaram-se e continuaram a fazer pesquisas juntos.

A presença de Elizabeth Leeds nas pesquisas de Anthony Leeds era de extrema importância: era ela quem elaborava conjuntamente os questionários, testava-os, aplicava-os, tabulava os dados, treinava os entrevistadores, além de colaborar nas análises e interpretações dos dados coletados. Em suma, Liz Leeds participava de todo o processo da pesquisa, desde a elaboração do projeto até a publicação dos resultados. O fruto mais conhecido dessa parceria no Brasil é a obra que se tornou clássica nos estudos urbanos, *A Sociologia do Brasil Urbano*<sup>444</sup>, uma coletânea dos resultados das pesquisas desenvolvidas nas favelas do Rio de Janeiro e de outras cidades latino-americanas, como Lima e Caracas. Não só Liz Leeds colaborava nas pesquisas de seu marido, como Anthony Leeds também colaborava nas pesquisas empreendidas por sua esposa.

Em *Sociologia do Brasil Urbano*, Elizabeth Leeds compartilha autoria com Anthony Leeds em três dos seis capítulos. Como afirma Leeds na introdução da obra, todos os capítulos resultam dos materiais coletados em campo conjuntamente pelo casal ao longo de seis anos de pesquisa de campo no Brasil. Além do trabalho de campo, também foram feitas em conjunto a reflexão e a redação da obra. Sua tese de mestrado, defendida em 1972 na Universidade do Texas, intitulada *Forms of 'squattments' political organizations: the politics of control in Brazil* é uma fonte importante para a obra. Além desta, outras duas publicações de autoria de Elizabeth Leeds também constam como referências na obra<sup>445</sup>.

---

<sup>443</sup> BA pela Universidade de Boston, MA pela Universidade do Texas – Austin, PhD pelo Massachusetts Institute of Technology. Fonte: <http://www.wola.org/node/3099>. Último acesso em 5 de junho de 2014. Elizabeth Leeds ainda atua academicamente, realizando pesquisas sobre políticas de segurança pública e direitos humanos no Brasil.

<sup>444</sup> Leeds e Leeds, 1978. Op. Cit.

<sup>445</sup> São elas: *The político: administrative Power in relation to electricity in Rio favelas*, escrito em colaboração com Anthony Leeds e David Morocco, e *Favelas and policy, the continuity of the structure to social control*.

Resultado dos esforços de Gilberto Velho para sua publicação na coleção *Antropologia Social* da Editora Zahar, a obra de Leeds e Leeds reflete esse período de pesquisas sistemáticas em diversas favelas do Rio de Janeiro. Essa coletânea de artigos produzidos pelos Leeds também é enquadrada por alguns autores<sup>446</sup> como uma obra brasilianista. O termo surgiu no Brasil em 1969 na apresentação do livro de Thomas Skidmore *Brasil: de Getúlio a Castelo*, feita por Francisco de Assis Barbosa para designar todo estudioso norte-americano que se interessava pelo Brasil<sup>447</sup>.

Como resultado do impacto das publicações de estrangeiros, em sua maioria oriundos dos EUA, sobre o Brasil, surgiu na imprensa o debate sobre o *brasilianismo*<sup>448</sup>. Denunciando o privilégio de acesso desses pesquisadores a fontes e arquivos, então restritos aos brasileiros pela ditadura militar, a imprensa, junto com alguns intelectuais brasileiros, passou a usar o termo *brasilianista* de modo pejorativo e rotulador<sup>449</sup>.

Apesar de o debate ter surgido no final da década de 1960 e perdurado até o final da década seguinte, alguns autores já classificam como *brasilianistas* obras e pesquisas realizadas anteriormente, incluindo as pesquisas de Wagley na Bahia e de Pierson no Vale do São Francisco<sup>450</sup>. Pontes coloca Leeds nesse grupo de especialistas não só pelo fato de ter pesquisado aqui no Brasil como também pelo fato de ter sido professor visitante do Museu Nacional. Massi<sup>451</sup> enquadra a obra de Leeds como *brasilianista* e expõe como prova a apresentação de Thales de Azevedo.

Thales de Azevedo<sup>452</sup> começa a apresentação distinguindo dois tipos de *brasilianistas*. O primeiro tipo caracteriza-se por fazerem monografias que analisam um objeto bem especificado; o procedimento de aprofundar e decompor em vários elementos para depois concluírem, enfatizando a estrutura, o dinamismo, as funções, efeitos e causas de instituições ou fenômenos sociais, políticos ou históricos; a

---

<sup>446</sup> MASSI, F. 1990. Brazilianismos, 'brazilianists' e discursos brasileiros. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, p-29-4. ; MOREIRA, R. da L. 1990. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, p-66-74.; PONTES, H.A. 1990. Brasil com Z. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, p-45 a 65.

<sup>447</sup> Pontes, 1990 Op. Cit; Massi, 1990. Op. Cit.

<sup>448</sup> Massi, 1990. Op. Cit.

<sup>449</sup> Moreira, 1990. Op. Cit; Massi, 1990. Op. Cit.

<sup>450</sup> Pontes, 1990. Op. Cit.

<sup>451</sup> Massi, 1990. Op. Cit.

<sup>452</sup> AZEVEDO, T. de. 1978. "Apresentação". In: LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. 1978. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar editora.

delimitação de temáticas e interpretações na análise da totalidade da cultura e da sociedade; a recusa às análises globais e generalizações subjetivas, devido ao rigor empiricista de seu indutivismo. A outra gama de *brasilianistas* teria como característica a apreensão global da realidade ou o somatório de dados sobre fenômenos ou conjunturas específicos, sendo autores mais intuitivos e pendendo à integração com o Brasil e seu povo. Apesar de considerar os primeiros como aqueles que mais contribuem pela massa de dados e sistematização de componentes, Azevedo reconhece nos dois tipos vocações intelectuais e epistemológicas importantes na apreensão da fenomenologia humana brasileira<sup>453</sup>.

Apesar de não identificar a obra com nenhum desses dois tipos de obras brasilianistas, Azevedo reconhece ser essa obra de Leeds tributária de ambas as categorias. Desse modo, descreve as qualidades da obra: diversidade de questões; o uso de métodos descritivos e interpretativo, sendo também outras vezes polêmico e crítico; a abordagem sincrônica e diacrônica sobre os mecanismos de controle social; a incidências dessas duas perspectivas sobre a cultura e a organização social; a descoberta de continuidades temporais e existenciais que leva à crítica de conceitos fixados e de métodos aplicados na formação da teoria e análise antropológica; a análise comparativa; a revisão do método do estudo de comunidade; os contrastes entre o poder local e supralocal nas favelas; e, por fim, a retomada dos conflitos de classe no Brasil<sup>454</sup>.

Talvez essas palavras de Leeds expressem o sentido de sua obra:

O problema tratado no nosso trabalho é, na verdade, parte de um muito maior, a compreensão da sociedade total no Brasil. Meu primeiro campo de estudo foi uma *plantation*, uma área de latifúndio da zona monocultora no Sul da Bahia; o segundo estudo envolveu o trabalho em uma série de cidades, o estudo das elites, e o terceiro foi nas áreas da classe trabalhadora urbana. Em outras palavras, trabalhei em vários setores da sociedade tentando obter diferentes perspectivas da estrutura institucional total, escolhendo vários pontos do sistema total.<sup>455</sup>

Nesta citação, Leeds destaca a sua intenção de uma busca pela totalidade através das partes, em conformidade com a concepção holística, na qual todas as variáveis de um sistema devem ser incluídas e analisadas. As partes pelas quais busca essa totalidade

---

<sup>453</sup> Azevedo, 1978. Op. Cit.

<sup>454</sup> Ibidem.

<sup>455</sup> Leeds e Leeds, 1978: 130

referem-se aos seus trabalhos de maior peso e projeção – a tese sobre a Zona do Cacau baiana, o estudo sobre as carreiras brasileiras feitas quando ainda estava na OEA e, por fim, as diversas pesquisas sobre as favelas e habitações de baixa renda no Brasil. Se no debate sobre a definição das obras *brasilianistas* há o critério de análise da totalidade da sociedade brasileira, Leeds deveria, então, ser visto pelo conjunto de sua obra, e não somente por *Sociologia do Brasil Urbano*, muito embora esta reflita ao menos dois dos pontos a que se refere do sistema total.

Essa obra, que condensa boa parte das pesquisas que Leeds fez nas favelas, abrange o período de 61, quando ainda estava na OEA, até a década de 1970. Com relação ao aspecto etnográfico e metodológico, a obra apresenta pontos importantes a serem posteriormente articulados. Como primeiro ponto há que se destacar o uso de categorias nativas, tais como o *cabide* e a *panela* – constituindo unidades sócio-estruturais que criam uma divisão de classe no Brasil - como categorias de análise em seu estudo sobre carreiras brasileiras<sup>456</sup>, o que indica não só a sua originalidade, dada as tendências da época, como também aponta a profundidade que Leeds deve ter alcançado no seu contato com as pessoas com quem interagiu em campo, isto é, a *rapaziada*<sup>457</sup>. Como metodologia apresentada para sua inserção em campo, Leeds apresenta o passeio a pé como técnica no fluxo e transmissão de informação<sup>458</sup>. Ao enumerar as fontes de informação desse mesmo estudo, apresenta não só os recortes de jornal, mas os informantes. Traça então o perfil adequado desses atores: bom relacionamento com a organização econômica, social e política local e com os integrantes destas organizações<sup>459</sup>. Mais adiante, analisando as suas notas de campo e a de um morador, serão vistas algumas aproximações entre o antropólogo e o morador.

Além da importância da obra, e a despeito do debate e da pertinência em enquadrá-la como *brasilianista* ou não, cabe incluir a influência de Leeds na formação da primeira geração de antropólogos urbanos no Rio de Janeiro. Tendo ministrado o primeiro curso de pós-graduação em antropologia urbana, Leeds foi professor de Gilberto Velho<sup>460</sup> quando este cursava o mestrado no Museu Nacional. Ao analisar suas

---

<sup>456</sup> Leeds e Leeds, 1978: 59, 66, 70, 76.

<sup>457</sup> Leeds e Leeds, 1978: 111.

<sup>458</sup> Leeds e Leeds, 1978: 69.

<sup>459</sup> Leeds e Leeds, 1978: 65, 66.

<sup>460</sup> Velho, 2011. Op. Cit.

influências, Velho não só ressalta a importância que teve o curso para a formação desta primeira geração, como também destaca algumas características de seu professor no que tange a sua prática científica.

Como primeira observação, Velho afirma que Leeds era um representante do liberalismo dos EUA situado mais à esquerda, estudioso de Marx e Engels e inclinado para a abordagem ecológica e para o evolucionismo materialista. Destaca como principais características a competência na abertura de frentes de trabalho de campo e seu interesse na questão urbana em suas várias dimensões, sobretudo o tema da habitação. Segundo Velho, sua linha de raciocínio buscava a compreensão da vida nas favelas como expressão de um sistema de relações sociais e nas formas de relacionamento dentro e entre as categorias sociais<sup>461</sup>.

O conjunto de documentos etnográficos de Leeds inclui não só as suas notas, mas também as notas de campo de outros antropólogos que lhe davam assistência em suas pesquisas e os documentos de outros profissionais técnicos que atuavam nas favelas através dos órgãos do poder público, tais como engenheiros e urbanistas da Fundação Leão XIII que faziam mapas, relatórios de visita e orçamentos de obras. Tudo isso originava dados quantitativos e qualitativos de diferentes lados. Nesse ponto, pode-se ver uma semelhança metodológica entre a pesquisa de Leeds e a da SAGMACS.

Aliás, refletindo sobre esta metodologia e os materiais coletados por Leeds, pode-se constatar não só essa aproximação – a combinação de dados qualitativos e quantitativos – mas também outros pontos: importância atribuída à observação na apreensão dos processos sociais, o uso de estudos de caso e valorização da pesquisa empírica – Leeds colheu material de mais de 200 favelas, bem como fez observação direta nestas. Pode-se também refletir acerca da orientação engajada das pesquisas, uma vez que, algumas vezes, sua pesquisa se voltou para sugerir aos governos modos de intervenção que favorecessem os moradores de favelas. Este foi o caso da pesquisa do CENPHA, por exemplo, cujos objetivos eram determinar a natureza da ajuda mútua nas favelas e, partindo disso, sugerir modos para a intervenção do governo para estimular a ajuda mútua nas favelas, uma vez que assim poderiam melhorar seu padrão de vida.

---

<sup>461</sup> Velho, 2011. Op. Cit.

A utilização de mapas, quadros e diagramas para dinamizar os dados quantitativos também é um ponto em comum entre as metodologias da SAGMACS e de Leeds, como bem ilustra carta de David Trubeck, chefe interino da Divisão de Habitação e Desenvolvimento Urbano da AID, a Portella Neto, da Coordenação de Planos e Orçamentos, datada de 19 de julho de 1966. Neste documento, o primeiro solicita ao último disponibilizar para Leeds mapas, fotos aéreas e outros materiais sobre favelas, semelhantes aos da CEDUG<sup>462</sup>. Em todas as favelas em que fizeram observação direta há não só mapas advindos de fontes oficiais, tais como do IBGE ou mesmo da Fundação Leão XIII, como também desenhos feitos pelos próprios antropólogos e por Leeds, explicando a disposição das casas dentro das favelas, localizando as casas de seus entrevistados, de seus vizinhos, ou mesmo especificando os cômodos das casas. De certo modo, evocando o debate travado na imprensa acerca do privilégio dos *brasilianistas* no acesso às fontes, o exemplo de Leeds pode ilustrar a situação, uma vez que obteve, em plena ditadura, cópias de boa parte do material da Fundação Leão XIII sobre as favelas.

As notas de campo produzidas no Jacarezinho vão de 1966 a 1968. No entanto, a documentação produzida pelos moradores e pelos órgãos oficiais tem um recorte temporal maior, abrangendo o período de 1962 a 1968. Isto é, começa antes mesmo de Leeds estar em campo, o que só se dá a partir de agosto de 1965, quando se fixou no Tuiuti em um primeiro momento e depois no Jacarezinho.

Há uma diversidade de assuntos tratados nestas notas, entre os mais frequentes estão as redes de água e luz, as profissões dos moradores, as trajetórias de vida, as religiões presentes na favela, a política interna na favela, destacando a identificação dos atores mais influentes, a política do estado da Guanabara, a acusação de comunismo de uns moradores contra outros e, sobretudo, a circulação de capital. Não raro também se encontra a diversidade de linguagem da favela e seus significados, refletidos nas frases espontâneas e nos termos soltos usados pelos moradores.

De todo modo, é possível identificar a formação e o volume de capital que circula nas favelas em suas notas de campo. Tais aspectos foram temas de alguns trabalhos seus, não só em *Quanto vale uma favela*, mas também em *O empresário nas*

---

<sup>462</sup> Carta de David Trubeck a Portella Neto. 19 de julho de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*favelas do Rio de Janeiro* e na sua pesquisa feita para o CENPHA *Formação de capital nas favelas*. Muitas dessas anotações, tais como o tipo de habitação, a migração dos moradores, porque escolheu a favela do Jacarezinho para morar, de onde veio, entre outras, estão presentes no questionário aplicado para a pesquisa do CENPHA, já apresentado no capítulo anterior.

O texto *Quanto vale uma favela* fora exposto enquanto Leeds ainda colhia mais dados para elaborar a monografia final para o CENPHA. Conforme já dito anteriormente, Leeds juntou os dados colhidos em 1967 e em fevereiro de 1968 com os dados colhidos entre junho e agosto de 1968 para permitir a análise de formação de capital e elaborou este último questionário com base nos anteriores. Ou seja, o aspecto micro-econômico das favelas era parte importante de suas pesquisas e das observações de campo desde o princípio.

Nesse texto, após fazer uma breve explanação sobre a conduta do pesquisador em campo, Leeds apresenta uma série de proposições acerca das favelas, desde o aspecto ideológico em torno destas até o aspecto econômico externo e interno das favelas. A primeira proposição trata da falsidade de expressões que colocam a favela como um problema. Argumenta que o problema em si não é a, nem da favela, mas da mão de obra proletária em uma economia subdesenvolvida. A proposição seguinte mostra o tom de desprezo e o caráter ideológico e distorcionista no uso do termo “favelado”, sobretudo por parte de cientistas sociais e da elite. Para Leeds, o termo indica um estado de ser e não uma condição mais ou menos temporária de vida, resultante de causas externas<sup>463</sup>. Além disso, muitos moradores de favelas já moraram em outros tipos de habitações proletárias, tais como cabeças de porco, parques proletários entre outros. Para estes, a transferência para a favela indica um melhoramento das condições de vida. Assim, indica duas soluções: ou elimina o uso do termo “favelado”, ou passa-se a usar termos como “cabeçado de porco”, “conjuntado”, “vilado”, entre outros<sup>464</sup>.

A terceira proposição mostra que a gama de escolhas habitacionais faz parte de uma gama de outras alternativas, entre as quais se escolhe para qual aspecto de vida

---

<sup>463</sup> LEEDS, A. *Quanto vale uma favela*. BR RJ COC LE DP DR 02.

<sup>464</sup> LEEDS, A. *Quanto vale uma favela*. BR RJ COC LE DP DR 02.

destinarão mais recursos – saúde, educação, lazer, etc. Desse modo, a escolha não seria entre um tipo habitacional ou outro, mas entre um modo ou outro de vida com a finalidade de alcançar metas determinadas. Daí decorrem as duas proposições seguintes: que os moradores de favelas fizeram essa escolha porque permitia satisfazer outros valores; que a favela é uma solução parcial a problemas severos, sobretudo ao empobrecimento do trabalhador dado pelo sistema salarial vigente, pelo fato do governo controlar os sindicatos, pelos custos da educação, entre outros fatores.

Considerando o desenvolvimento das diversas favelas, colocados em termos evolutivos, traça as três últimas proposições. Para as favelas mais adiantadas em sua evolução, propõe o desenvolvimento de um mercado de trabalho, indústria e comércio interno, bem como a organização de seus próprios sistemas de água e luz. Tais fatores favoreceriam a entrada de capitais na favela, que se destinariam ao melhoramento das moradias e da infra-estrutura da favela. Como exemplo de favela mais desenvolvida, Leeds apresenta a favela do Jacarezinho, mostrando um orçamento cuja conta apresenta os seguintes itens: número de edifícios, valor de cada edifício, valor total dos edifícios, sistema de água, sistema de luz, vias de acesso, sistema de esgotos, inventários e estoques, máquinas e implementos, carros e caminhões<sup>465</sup>.

Dando sequência a essa linha de raciocínio sobre o caráter mais ou menos evoluído das favelas, atrela o mercado de trabalho para as mulheres ao desenvolvimento das áreas faveladas. Ou seja, onde há um mercado de trabalho mais favorável às mulheres, as casas são melhores, as áreas são mais desenvolvidas e há maior investimento na favela. A oitava e última proposição refere-se ao volume de capital nas favelas, no qual calcula um valor global de US\$ 600.000.000 na construção das favelas da Guanabara, sem contar os custos de mão de obra, administração, custos de financiamento e planejamento.

Finalmente, conclui que as favelas além de serem respostas a um tipo de sociedade e economia, também são áreas urbanas e de crescimento natural; que representam tentativas de soluções a problemas definidos pela sociedade; que mostram os êxitos irregulares na solução desses problemas; que resolveram os problemas de melhor forma que outras tentativas de habitação proletária, pois são mais adaptadas às

---

<sup>465</sup> LEEDS, A. *Quanto vale uma favela*. BR RJ COC LE DP DR 02.

condições sócio-econômicas externas e às estruturas e necessidades internas dos domicílios<sup>466</sup>.

Retomando suas considerações acerca do desenvolvimento das favelas, cabe observar que o ponto central para qualificar o desenvolvimento ou a evolução das favelas, no caso, colocado em termos de atraso ou avanço, é o capital. Note-se que é visível a aproximação entre a visão de desenvolvimento e a abordagem neo-evolucionista nesse sentido, pois é o volume de capital circulante, a complexidade orçamentária de cada favela que o leva a julgar a favela do Jacarezinho como a mais avançada ou desenvolvida. Mais ainda, a favela entra positivamente dentro do esquema evolutivo, vista como algo natural, adaptada às condições externas e de vida material impostas pela sociedade.

Outro ponto interessante é a articulação, ainda que aparentemente não intencional, entre alguns teóricos do desenvolvimento e as favelas. Hagen<sup>467</sup>, por exemplo, ressalta como uma das circunstâncias necessárias para que um grupo subordinado tenha ímpeto econômico, a ascensão através de empreendimentos econômicos. Leeds também busca estes empreendimentos em suas notas, destaca no texto o capital circulante e, não por acaso, em dezembro de 1967 apresenta a comunicação *Entrepreneur in Rio's favelas* para o encontro anual do AAAS mostrando que grande percentual da população das favelas se encontrava engajada na atividade empresarial<sup>468</sup>.

De outro modo, consonante com a elaboração de Stavenhagen<sup>469</sup>, as favelas se encaixam na lógica de que as regiões subdesenvolvidas seriam abastecedoras de capital humano e de capital real das zonas desenvolvidas. Essa linha de raciocínio assemelha-se à de Leeds quando considera favelas como fornecedoras de mão de obra, bem como quando evidencia o capital circulante nas favelas, isto é, quando evidencia a importância econômica das favelas para a cidade.

De acordo com sua lógica de raciocínio, é o capital que possibilita a mudança no ambiente, ou ainda, na ecologia da favela: melhorias nas vias de acesso, nas habitações,

---

<sup>466</sup> LEEDS, A. *Quanto vale uma favela*. BR RJ COC LE DP DR 02.

<sup>467</sup> Hagen, 1957. Op. Cit.

<sup>468</sup> LEEDS, A. *Entrepreneur in Rio's favelas*. 1967. BR RJ COC LE DP DR 01.

<sup>469</sup> Stavenhagen, 1965. Op. Cit.

nas ofertas de bens e serviços, na infra-estrutura e, sobretudo, no reinvestimento em pequenos empreendimentos e no comércio local. Também chama atenção o papel atribuído às mulheres nesse desenvolvimento ou avanço das favelas, completamente atrelado ao mercado de trabalho voltado para as mulheres, em uma época em que estas ainda estavam conquistando e construindo seu espaço no mercado de trabalho fora do ambiente doméstico.

Mesmo ainda não concluindo a coleta de dados para a pesquisa do CENPHA, percebe-se nesse texto que Leeds já tinha acumulado material e análise suficientes para fazer observações precisas sobre o capital circulante nas favelas, bem como sobre as suas condições de vida, desde os detalhes nos domicílios até o provimento de serviços básicos essenciais, tais como as redes de água e luz. A maior parte das notas de campo refere-se a estes aspectos.

Para começar a análise de sua prática etnográfica a partir do texto *Quanto vale uma favela*, convém chamar atenção para sua parte inicial, quando discorre sobre a conduta do cientista social em campo. Leeds diz:

Uma regra geral de toda ciência: quando observando qualquer sistema, deve-se interferir com aquele sistema tão pouco possível; tanto possível observá-lo como se não fosse presente e o sistema estivesse funcionando in natura com suas próprias regras. No momento em que o observador tem uma interação com, ou age ou interfere nele, cria-se um novo sistema com novas regras que incluem o observador como parte do sistema, com todos os pontos de vista, analisados ou não, todos os preconceitos, etc. do observador como regras também do sistema.

Por isso

- 1) Não pode determinar como é o sistema sem o observador.
- 2) Não pode determinar direções alternativas pelas quais o sistema possa evoluir como resultado de tipos variados de intervenção.
- 3) O observador exclui a possibilidade de escolhas, uma, umas ou a maioria das quais possam ser mais desejáveis do ponto de vista de um certo valor em que se baseia uma política do que a escolha de fato usada numa intervenção ativa.

Resultado dessas considerações:

- 1) como cientista social tenta-se evitar ou diminuir tanto que for possível toda interação com o sistema.

2) intervenções de tipo programático devem ser estritamente evitados durante o período de observação.

3) a ideia de “ação-pesquisa” é uma contradição em termos e metodologicamente

4) uma intervenção de tipo passivo, isto é, a imposição sobre o sistema de ideias e interpretações alheias e não sujeitas a validação empírica maximamente. Qualquer ideia, conceito, premissa, presunção que se baseia intrinsecamente em premissas de valores e que não é neutro no que diz respeito aos dados observados e as análises feitas deve ser evitado.

5) o observador, imperfeito como é, deve tentar controlar suas tendências de distorção por meio de contínuos contrastes e comparações de casos tipologicamente semelhantes e diferentes – e tentar de derivar um modelo geral para todos os casos. Pr ex.:

a. comparar e contrastar outros países com o fenômeno favela (todos países subdesenvolvidos, assim chamados, e capitalistas).

b. outros tipos de habitação popular ou proletária no lugar do estudo.

c. outros casos do fenômeno favela dentro do mesmo país.

d. descobrir a gama inteira de pontos de vista sobre o fenômeno estudado.

Em geral, tentei de observar todas essas regras. Tentei de achar o modelo explicador mais geral para o fenômeno favela. Evito fazer decisões sobre diretrizes ou de política no que diz respeito às favelas<sup>470</sup>.

A despeito da época em que fora escrito e a tendência geral na antropologia da época, a intenção de não interferir no sistema pode não ter sido completamente alcançada por Leeds. Há vários fatores que levam a questionar a não interferência dele no sistema ou mesmo na vida daqueles moradores com quem convivera de modo tão próximo. Ora, se a intenção era não interferir, por que, então, optar por viver na favela, dentro do sistema? Como se consegue não interferir no funcionamento natural e espontâneo do sistema em uma observação que é participante? A própria ação de alugar uma casa requer alguma intromissão dentro do sistema, uma vez que é preciso contactar moradores, pagar o aluguel, conhecer vizinhos, saber seus nomes, etc. Do mesmo modo, a atividade de pesquisa em si requer que se façam perguntas não só abrangentes, mas muitas vezes de foro íntimo, tais como os relatos de histórias de vida, os motivos pelos quais a pessoa fez determinadas escolhas e não outras, a renda individual e familiar,

---

<sup>470</sup> Leeds, A. *Quanto vale uma favela*. BR RJ COC LE DP DR 02.

entre outros aspectos. Para isso, o antropólogo deve ganhar a confiança de seu interlocutor, o que pressupõe a construção de um laço que extrapola os limites da atividade puramente profissional. Outro fator intrigante e que faz refletir sobre essa intenção de não interferir no sistema é o fato de Leeds ter sido sócio contribuinte da associação de moradores, como mostra o recibo de pagamento da associação localizado no dossiê Jacarezinho<sup>471</sup>.

Desse modo, sua prática em campo mostra uma imersão no sistema. É o que se vê, por exemplo, nas seguintes notas, todas colhidas em dezembro de 1965 e entre janeiro e abril de 1966<sup>472</sup>:

1-045. 1/2/66 – D. Maria – Hoje está pagada 500 Cr mensal para água Montenegro went up from 400. Orestes paid 2000 to fix after floods. 1st rede was kept in shepa by workers felt together a chipped in for price. Come from Praia Pequena – Fundação – house the group approach and made arrangement. Limited to 20 socios. Agua of (?) rede is “roubado” first cobrador gathered much \$ and left; now a new cobrador. Had reunião of socios of rede 2 (30+) yesterday. His genro is cobrador. Seu Eurico is creating 2 other redes e ele é chefe. Now opening this at 50,000 each. He sets up the redes, faz ligação and collects mensalidade. A light– man came in ? ? but ? house and clothing as soon had sobrado, refrig, etc. – that’s the way the water buz is tork!

1-049 . Jac. 23/II/66. Manoel Claudinho – bot ice-cream machine 6 mo ago 900,000 (??); pays ? si? Rent for one small room; 10 mil for elec.; buys juices in bottles, sugar, canned milk. Gets water from bica. Hard to make \$ inside favela and needs better coc?t? outside. Lives in R. Vit?a. Spoke almost ?aty (krase/hoase) – but this stuff doesn’t. He does not yet house an alvará. He would get ? as soon as ?ort puts in ?. He thi? No one in favela hás \$. Marianete – want ? w. David - asked to be accompai’d ? Viuva Claudio ? José ? Bela part ? ?. She felt it Day? ? at top of stairs.

1-052. w. prefeitura a maj?one al?y str?t down to river. Part done by M. Genuino was f?d? propt - not ? ? 1966 – 300,000 entrada + 200,000 mens + 500,000 ½ ? + 1000,000 w. s?ys = 66,000,000. 1965 – 100,000 + 30,000 + 50,000/mês + entrega 24 meses = 9,000,000. Thinks chantagem no meio - ? has nonsense in count; KAP. construtora KAP. Will live there, work here – have freguesia – imposto dos ?stis. Likes it here. Pedreiro practed came in, ?hew up plans, made calculations of wts and materials. Wake out –

---

<sup>471</sup> BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

<sup>472</sup> Estas anotações estão agrupadas em seqüência no dossiê. A numeração no lado esquerdo foi colocada para identificação e controle das notas. Os símbolos de interrogação foram colocados quando não estava legível uma ou mais de uma letra das palavras. A mistura de idiomas é original. Todas estas notas selecionadas pertencem ao dossiê BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

1-058. 15/XII/65 – Olivia suggests 4 man cancel circulating c?el cant?. Oswaldo – avoid a diretoria – panelinha - muito democrática. “eu conheço meu povo, gente!”. Oswaldo: fome 1944 – people come to Rio – déficit of houses “Jac”, “Jac”. Povo pouco desenvolvido. Man tried to plan roads – almost open ho?. Without interest. Moreira fez nada (Tião) vereador ? deputado explorou, maior prejuízo.

1-061 . (data provável: 10 de nov de 65) Não devemos estar confiado no governo devemos estar confiado no estado. O homem sem vergonha se mete em política mas o homem com... não se mete a política (get tied up w. J. C.). Flavio said he got w. a friend who called him a lacerdista because he se deu bem com Ramos and Pe. Nelson (Tião said ? ? less lacerdista than ? . Não paga imposto territorial, prédio, comercial – a favela da um prejuízo enorme ao país.

1-065. 3- General Mandin permanent president of estacion rodoviária Novo Rio. Armando H?ings dir. da o?ta? and was pres of comissão estadual de energia – knows Ramos. General Mandin invited by Padre Nelson – came w. Armando to church – He Will put in light if povo helps. So pe. N. says will guarantee(?) – IF ? Ma? Levantamento of moradores - \$ 10,000 from each; Cir a? w. order of putting in. He collected 5 mula(?) – guar?ted 3 – to stifle the incred?. W? was esta t 18,000,000. He then asked for prazo from lei a? for? Them - ? quantee of 10,000,000. 10,000 was for com? Primeira proposta of putting in 4000 whi? Came out of 10,000. Other 6000 to pay 26 ? for ?

1-066. 4- Present value of rede is 40,000,000 and whi? ? house to be paid off. Armando trying to ask(?) in cedag but cant fi? Public ?inded men . Igreja – convenio w. Estado – intend of Ramos. If assoc it would fall ?. If r?t? gets 3% of total arrecadação for adm. Oswaldo – A rapaziada toma conta (do \$) na escola de samba. Bloco NTM grã? ? over others – already união; Unidos going ? – 4 ? ? – no one eles há a chance. Also \$ seems to disappear ? not accounted(?) for ? ther? Retr? Himself. His ala going int w. NTM ?eat ? he’s going ? w. ?. Sarabanda – NTM bot new instruments. Davis – reports that NTM (Mano)

2-009. Jac (march 31/66) 3(?). Movie house started as quitanda. Have poor film and not family atmosphere like in Pe Nelson place which observes respeito can have family there. (as far as I understand) Notes: until stopped showing films prices went up Cr\$10 – 15 – 20 – 40 – 100 – films show arte cut and in bad shape. David watched 2 new water redes going in Jones involved despite cohab. Anferic? – zelador of church. Reports that owner of blue-3-ste?y ?. started real small and is still bouted(?) qu? Owner. Made money e?y to bld house in sta?es. Doesn’t hire(?) there – has its place-use. This to rent out, I understood. Ant. to say that the top stery ? ? may be all

2-010. 2 – there, have 9 room which are rented at 30,000 – 4000/ ? each. Ou? Was going to bld top laje but police turban on gremes(?) that structure not stroy enuf to hold up laje or at least another stery that right be put upo n top of laje. So blt telhado. Ant’s ? complant about cost of life and of l??ical ill? – le?dade. Orestes and Ma – on religion she used to go bapt church – her ? bapt (Brazilian) fa (ver) catholic. Struck from register for non-attendance. But listens to

Baptist h? all the time. Goes once in a while and ? religion. No need to – religion is “purity and heart” says she. General lack of sense of real for fo?l religion by both. Catholics says O, non-observers/dosewe?(?) esp ? protestants

Como se vê, aparecem nas notas uma variedade de assuntos, mas preponderantemente as condições de vida material dos residentes de favelas, sobretudo as redes de água e luz e as práticas de extorção a que estão submetidos (1-045, 1-066). Também é recorrente a identificação de figuras influentes dentro da política interna da favela e suas relações com outros personagens da política do estado Guanabara, sobretudo quando se trata das redes de água e luz, visivelmente mostrada como moeda de troca nas relações entre estes e os moradores de favelas (nota 1-065). Outro aspecto importante é o esforço em captar as representações dos moradores em torno da política, seja ela interna à favela ou referente ao estado da Guanabara, e da religião, de modo a reproduzir as expressões correntes usadas pelos moradores (notas 1-061, 1-065). Outra questão é o empreendimento dentro das favelas, seja o de um comércio ou mesmo da construção de uma casa (notas 1-049, 1-052), bem como o uso de termos nativos. Esse é o caso, por exemplo, dos termos *rapaziada* e *panelinha* (notas 1-066, 1-058).

Chama atenção o fato de na nota 1-061 aparecer a visão de um morador que coloca a favela como algo que dá prejuízo ao país, na contramão do que Leeds pensa. Conforme foi ressaltado no texto *Quanto vale uma favela*, Leeds constatou a circulação de um volume enorme de capital nas favelas. Desse modo, fazem parte de um sistema econômico, constituindo uma resposta ao prejuízo que a sociedade dá ao trabalhador, aos problemas severos que se impõe a estes. Ou seja, não é a favela quem dá prejuízo, mas a estrutura de classes e o sistema salarial vigente são os responsáveis pelo empobrecimento do trabalhador.

Curiosa é a atenção dada ao bloco carnavalesco *Não Tem Mosquito*, que aparece nas notas pela sigla NTM, e à escola de samba Unidos do Jacarezinho (nota 1-066). Esse destaque é coerente com a intervenção que Leeds fez em 1965 na conferência do PCV realizada em Nova Friburgo. Nesse encontro, argumentava que a vinculação institucional com a esfera governamental prejudicava a atuação dos voluntários e limitava as relações com a favela. Foi a partir daí que os voluntários, reforçando o

trabalho de desenvolvimento comunitário, reivindicaram a possibilidade de optar por trabalhar em organismos locais, tais como escolas de samba e associação de moradores. Essa postura de valorização das organizações internas está em conformidade com o uso da concepção marxista de que

Qualquer forma de organização pode ser usada como recurso de poder mesmo na ausência de controle sobre ou de acesso aos meios de produção; controle sobre ou acesso à informação, controle sobre pontos chave de tomada de decisão num sistema social, mobilização de massa com ou sem organização formal, etc. são todos fontes de poder (ver Cap.II).<sup>473</sup>

Certamente, sem estes dados, não haveria como dinamizar os números trazidos pelos questionários aplicados e tabulados. Ou seja, é visível a preponderância dos dados qualitativos no modo de fazer pesquisa de Leeds. Até o fato de haver poucos registros dos questionários aplicados em seu arquivo demonstra a preferência pela abordagem qualitativa. No dossiê referente à favela do Jacarezinho, por exemplo, o que se encontra são resquícios de questionário, folhas escritas de um lado e com parte do questionário impressa do outro. O questionário encontrado, alocado em outro dossiê, refere-se à pesquisa sobre economia domiciliar. Como a pesquisa para o CENPHA fora feita em 1968 e as notas datam de um período anterior, há a possibilidade dessas notas de campo terem sido a base para a elaboração desse questionário que, apesar de quantitativo, possui características qualitativas.

Do conjunto de notas de campo observado no dossiê, há poucas em que se vê a colocação pessoal de Leeds, ou mesmo seu estranhamento em torno daquilo que estava vivenciando. Somente neste grupo aqui reproduzido, pode-se destacar como uma colocação clara de Leeds a respeito de seu entendimento do sistema a nota de número 2-009. Deve-se ter em mente que a própria barreira da língua, sem considerar outras possíveis, já poderia interferir no claro entendimento do que o sistema falava para ele e o que ele de fato entendia nessa interlocução. Na nota seguinte, 2-010, aparece um comentário a respeito de uma lacuna de senso religioso entre os dois moradores com quem interagiu, mas sem dar as razões. A anotação dá a entender que Leeds coloca aí seus juízos de valor, tomando como base o que ele mesmo entendia por senso religioso.

---

<sup>473</sup> Leeds e Leeds, 1978: 16.

Após o contraste entre a primeira parte do texto *Quanto vale uma favela* com as notas de campo e o trabalho etnográfico de Leeds, convém explicar brevemente as reflexões de antropólogos dos EUA, produzidas no período em questão, sobre a prática etnográfica e a observação participante com o intuito de verificar como era colocada a discussão na época. Apesar de ter produzido sua obra na década de 1940, a inclusão de Foote-Whyte<sup>474</sup> nesse panorama se dá pelo fato de ser seu estudo sobre Cornerville uma referência importante para a antropologia estadunidense, sobretudo para aquela voltada para os estudos urbanos.

Constituindo um clássico da antropologia dos EUA e dos estudos urbanos, Foote-Whyte, em seu estudo sobre Cornerville, relata a importância de ocupar um lugar na comunidade estudada, algo que só foi percebido quando pôde transitar sozinho, sem a presença de seu principal interlocutor, Doc. Sua atuação incluiu a participação na criação do clube da comunidade italiana e a criação de laços de amizade com os rapazes do lugar. Relata o fato dos moradores de Cornerville terem criado uma explicação própria para a presença dele – estaria escrevendo um livro sobre o local – e a importância de se buscar apoio de indivíduos chave em grupos ou organizações que estivesse estudando. Nesse ponto, afirma ter procurado sempre as lideranças dos grupos, pois seriam observadores mais perspicazes<sup>475</sup>.

A atuação de Whyte em campo, conforme sua narrativa, voltou-se para a participação cotidiana, de modo que não só aceitara ser secretário do clube da comunidade italiana, o que lhe dava a oportunidade de escrever o relato completo das reuniões, como também emprestara dinheiro para alguns de seus residentes, em uma tentativa de ser útil às pessoas de lá. Essa postura em campo se dera após seguir um conselho de Doc: transitar mais pelo espaço, em vez de fazer perguntas direcionadas, ou entrevistas formais. Na perspectiva de Doc, Whyte teria as respostas a longo prazo, sem precisar fazer perguntas, se ele andasse mais pelo local<sup>476</sup>.

Partindo desse episódio, vê-se a mudança na sua relação com Doc. Não só passara de uma condição de um informante passivo para a condição de um colaborador

---

<sup>474</sup> FOOTE-WHYTE, William. 1943. “Treinando a observação participante”. In: Zaluar, A. (org.) 1980. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora. 2ª edição.

<sup>475</sup> Foote-Whyte, 1943. Op. Cit.

<sup>476</sup> Ibidem.

da pesquisa, mas pôde também direcionar, de algum modo, a condução da pesquisa. Whyte chega, inclusive, a afirmar que algumas interpretações presentes no estudo seriam mais de Doc do que dele mesmo, ainda que não fosse mais possível distingui-las. Por outro lado, o autor também relata a dificuldade que teve de se sentir à vontade em Harvard, uma vez que absorvera os hábitos dos moradores de Cornerville<sup>477</sup>.

Cicourel<sup>478</sup> revê a literatura a respeito da pesquisa de campo, constituída pela observação participante e pela entrevista. Antes mesmo de fazer a revisão, Cicourel já parte do pressuposto de que a pesquisa de campo é um método no qual as atividades do pesquisador exercem um papel crucial na obtenção dos dados. Dentre os autores evocados por Cicourel, estão Benjamim Paul, Schwartz e Schwartz e Raymond Gold.

Partindo do problema dos contatos iniciais entre o pesquisador e a comunidade a ser pesquisada, Benjamim Paul destaca não haver receita certa para entrar em uma nova comunidade. Para o autor, essa entrada dependeria da sofisticação da comunidade e da informação prévia que o pesquisador consegue sobre esta. Ressalta a importância de conseguir uma boa recepção não só entre os nativos, mas também entre administradores e autoridades que controlam a comunidade. Coloca também o fato do papel atribuído ao pesquisador não ser completamente construído pelo próprio, mas pelos nativos. Daí, então, decorreria o problema de se definir em campo um ou mais diferentes papéis para o pesquisador<sup>479</sup>.

Schwartz e Schwartz partem do pressuposto que o observador é parte do contexto sobre observação, modificando e sendo modificado por esse contexto. Assim, alertam para a possibilidade de o pesquisador se tornar tão ativo que se torna um nativo, estabelecendo a diferença entre o observador participante ativo e o observador participante passivo. O observador participante passivo seria aquele que observa através de uma tela, não se deixando ser visto pelos observados. Buscaria, portanto, interagir o mínimo possível com os nativos, interferir menos nas atividades do grupo e possibilitar uma observação natural dos eventos. Contrariamente, os observadores participantes

---

<sup>477</sup> Ibidem.

<sup>478</sup> CICOUREL, Aaron. 1969. "Teoria e método em pesquisa de campo". In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

<sup>479</sup> Cicourel, 1969. Op. Cit.

ativos integram-se efetivamente no grupo estudado, a ponto de sentir-se aceito como um deles, participando como nativo e como cientista simultaneamente<sup>480</sup>.

Raymond Gold distingue quatro tipos de papéis para os observadores participantes: o participante, o participante como observador, o observador como participante e, finalmente, o observador. O participante total se define como aquele que faz as atividades cotidianas e assume funções dentro do grupo, tendo em Foote-Whyte um exemplo desse tipo de observador participante. Apontando como um tipo mais presente nos Estudos de Comunidade, apresenta o participante como observador como aquele que deixa claro que a relação entre o pesquisador e os nativos é meramente de campo. Este tipo de observador teria suas relações com os informantes construídas lentamente, demandando mais tempo e energia na participação do que na observação, além de eventualmente fazer uso de observações informais, tais como a presença em eventos festivos. O observador como participante atua fazendo entrevistas em uma só visita, realizando uma observação mais formal do que informal e constituindo um contato mais curto com o nativo. O autor aponta que nesse tipo de observação pode ocorrer incompreensões recíprocas entre o pesquisador e o nativo. O observador total retira completamente a interação entre pesquisador e pesquisado, de tal modo que os últimos ignoram a observação e o fato de servirem como informantes. Apesar de fazer esta tipificação de observadores, destaca que cada um desses papéis será escolhido pelo pesquisador conforme a situação de sua pesquisa<sup>481</sup>.

Adotando a perspectiva interacionista de Erving Goffman, Berreman<sup>482</sup> questiona o fato de poucos antropólogos explicitarem os métodos pelos quais colheram as informações em campo. Berreman entende que a apresentação do antropólogo, bem como a compreensão e a interpretação dos modos de vida do grupo constituem interações sociais. Sendo assim, tais tarefas envolveriam o controle e a interpretação de impressões mútuas entre o antropólogo e seus sujeitos. Essa interação social, portanto, deve ser analisada do ponto de vista do controle das impressões<sup>483</sup>.

---

<sup>480</sup> Ibidem.

<sup>481</sup> Ibidem.

<sup>482</sup> BERREMAN, Gerald. 1962. "Por detrás de muitas máscaras". In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

<sup>483</sup> Berreman, 1962. Op. Cit.

Sendo a pesquisa etnográfica um sistema de interação social, as impressões que os sujeitos da pesquisa têm do pesquisador determinariam o tipo e a validade dos dados aos quais teria acesso, bem como o próprio sucesso do trabalho. Uma vez que etnógrafos e sujeitos são atores e público simultaneamente, ambos decidem que definição de si mesmos e da situação circundante desejariam projetar. Nessa interação social, etnógrafo e sujeitos teriam objetivos distintos: o primeiro, colher informações mais profundas possíveis e o segundo, proteger seus segredos. Tal como os sujeitos da pesquisa, o etnógrafo se apresenta de certa maneira a seus informantes e oculta deles outros aspectos seus<sup>484</sup>.

Bohannan<sup>485</sup> é o autor que pensa a antropologia pela visão estereoscópica. Pensando o antropólogo como um tradutor, e não como mediador, o autor afirma que este deve estar em constante processo de auto-conhecimento, sendo a essência da antropologia a auto-investigação e a investigação do outro. Segundo a linha de raciocínio deste autor, para que o antropólogo possa conhecer culturas que lhes são estranhas, ele deve entender a sua própria cultura. É através desse processo que se dá a visão estereoscópica.

Ao tratar especificamente da prática etnográfica, Bohannan defende que o antropólogo deve discutir seus resultados com as pessoas do grupo estudado. Coloca a prática etnográfica como uma espécie de aprendizado, a qual possibilita ao antropólogo observar não só a cultura do grupo estudado, mas também a cultura do próprio antropólogo. Essa visão estereoscópica permitiria atentar para o perigo de não deturpar o significado dos dados de um contexto cultural ao “traduzir” para outro. Ou seja, de não cair no erro de examinar outra cultura nos termos da cultura do antropólogo, uma vez que constituem categorias de pensamento distintas<sup>486</sup>.

O etnógrafo é, em síntese, um tradutor de idéias, costumes e coisas desconhecidas para uma linguagem familiar. O perigo será o de empobrecê-las de sua riqueza transformando-as em pálidas cópias de sua própria cultura ou ciência. É através da etnologia, e portanto da análise de diversas culturas, assim como através da disposição em

---

<sup>484</sup> Ibidem.

<sup>485</sup> BOHANNAN, P. 1966. “O progresso da antropologia”. In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

<sup>486</sup> Bohannan, 1966. Op. Cit.

pesquisar sua própria cultura, e seus próprios conceitos científicos, que o antropólogo pode evitar as ciladas da tradução etnográfica<sup>487</sup>.

A antropologia é, como a história ou a ciência, uma ‘atitude’. Esta atitude consiste em desenvolver uma visão estereoscópica das atividades e idéias humanas através de conceitos que foram descobertos no processo de tradução de idéias-chaves organizadoras de um idioma cultural para a linguagem de uma outra cultura, usualmente a nossa, tornando-as, até certo ponto, inteligíveis a todos. (...) <sup>488</sup>.

Se forem consideradas as análises sobre a prática etnográfica anteriormente expostas, a atuação de Leeds talvez pudesse ser enquadrada, dentro do esquema de Schwartz e Schwartz, como o *observador participante ativo*, uma vez que se integra no grupo estudado, sem que deixe de atuar como cientista. No esquema de Gold, talvez Leeds se enquadre mais na categoria *participante como observador*, típico dos estudos de comunidade, como aquele que se atém mais à participação do que à observação, participando inclusive de momentos festivos e comemorações dentro do grupo estudado. Certamente, tais posturas contradizem a intenção de Leeds colocada em seu texto, muito mais parecida com o observador passivo do esquema de Schwartz e Schwartz, bem como o *observador total* do esquema de Gold.

É possível pensar, inclusive, no primeiro momento de contato entre Leeds e os moradores do Jacarezinho, datado de 1 de setembro de 1965 e, posteriormente, de 13 de outubro de 1965, tal como registram as atas de reunião de representantes de rua<sup>489</sup>. Ainda que não tivesse se pronunciado pela primeira vez e que só tenha se apresentado efetivamente, junto com Elizabeth Leeds e David Morocco do PCV, na segunda vez que participara da reunião, alguma interferência na sua presença deve ter causado. Afinal, não era todos os dias que os moradores de uma favela recebiam visitantes estrangeiros, ainda mais dos Estados Unidos, em plena Guerra Fria e ditadura militar. Nesta reunião Leeds se apresenta como pesquisador da Universidade do Texas, não como consultor do PCV, e informa aos moradores que estava fazendo estudo

---

<sup>487</sup> Bohannan, 1966: 252

<sup>488</sup> Bohannan, 1966: 256 e 257

<sup>489</sup> Atas de reunião de representantes de rua. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

comparativo na favela do Tuiuti e no Jacarezinho. Neste momento, frisa não estar ligado a nenhum órgão<sup>490</sup>.

O fato de sua primeira aproximação com a favela se dar através da associação de moradores leva a questionar as razões dessa escolha. Leva a indagar por quais motivos priorizou ter sua entrada através deste órgão associativo em vez do contato através de uma escola, por exemplo, ou mesmo através do posto de saúde, onde o próprio PCV atuava. A falta de registro dos motivos pelos quais se fez essa escolha leva a pensar na discussão levantada por Berreman<sup>491</sup> sobre a não explicitação, por parte dos antropólogos em suas obras, dos métodos pelos quais colheram seus dados, ou mesmo entraram no campo, ou construíram uma relação de confiança mútua entre os membros do grupo estudado. Chama atenção também, nesse momento, o fato de não querer ser identificado com o PCV, uma vez que mantinha em algum nível um vínculo com essa organização.

Considerando o fato de Leeds contar com a participação de voluntários do Peace Corps como assistentes de pesquisa, fazendo observações etnográficas, pode-se pensar que a interferência não era de pouca proporção. Era mais de uma presença interagindo naquele mesmo sistema. Estaria, então, o sistema “in natura”? Como exemplo, há as anotações de campo feitas por Peggy Rockefeller e David Morocco no período entre 10 de janeiro de 1967 a 8 de agosto de 1967. Especificamente entre os dias 20 de junho e 7 de julho de 67, as anotações registram um estranhamento entre estes pesquisadores e os moradores então reunidos na condição de uma comissão eleitoral que organizava a eleição para a associação de moradores do Jacarezinho, realizada em 27 de agosto de 1967. Essa eleição teve grande repercussão na imprensa.

Após discutirem diversos temas, um morador questionou porque a favela do Jacarezinho era tão paralisada e, no momento em que outro morador responde que isso se devia ao fato da favela ser muito grande, à falta de comunicação interna sobre a associação, à desinformação e ao desinteresse por parte dos moradores, Peggy e David se levantaram para sair da reunião. Prontamente, outros dois moradores, um sentado atrás de Peggy e outro atrás de David protestaram e pediram que ela levasse o gravador

---

<sup>490</sup> Atas de reunião do Conselho de Representantes de Rua. 1/9/1965 e 13/10/1965. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

<sup>491</sup> Berreman, 1962. Op. Cit.

em vez de anotar, justamente porque não entendiam o que ela anotava em inglês, mas que ele sabia que tinha visto seu nome na anotação. No relato de Peggy, os moradores queriam saber com que direitos os estrangeiros estavam em uma reunião da comunidade. Conforme a sua observação:

This all occurred because at the beginning of the meeting I took out my notebook and started taking notes. David noticed Zinho looking over anxiously and when Antonio came in, went and talk to him, looking in my direction. Without telling me why, David said I should stop taking notes. About 40 minutes later, I started taking notes again.<sup>492</sup>

Esta ocorrência gerou uma série de conseqüências e instabilidade da reunião que, por sua vez, não seguiu mais tão naturalmente. Fato curioso é que a discussão posterior gerou em torno da democracia – alguns moradores usaram o argumento da democracia para defender os observadores. Após David explicar “*em português claro*” que era pesquisador, que morava no Jacarezinho, que pretendia pesquisar a evolução da favela e “*o modo de viver no morro*”, que seu interesse era puramente acadêmico, e que fora convidado por dois integrantes da reunião, outro morador argumentou que caso fossem dois brasileiros nos EUA, os americanos suspeitariam destes. Peggy então narra uma parte importante do caso:

Finally, Irineu grabbed the floor and said how we’re all talking about democracy but we all know that here in Brazil we have a ‘situação irregular’ – that no one can talk freely in the streets etc. Said we can’t associate the imperialistic policies of the US with this couple here ‘one of whom I have known personally for a long time’. Difference between relationship between government and between people. ‘I know for a fact that he is against the war in Viet Nam’. Said the others have gotten confused. ‘You think he is a spy but he is nothing more than a student and his interests are intellectual’<sup>493</sup>

Para além da própria interferência que a simples presença de outra pessoa que não fosse moradora em uma reunião de moradores, cabe refletir outros aspectos. Se por mais simples que fosse essa reunião, já causaria alguma diferença no sistema, pode-se imaginar a dimensão da situação. Dois antropólogos estadunidenses, em plena Guerra-Fria e ditadura militar, em uma reunião de comissão eleitoral que estava organizando uma eleição tão esperada pelos moradores e pelo poder público vigente. Uma eleição para a associação de moradores da maior favela do Estado da Guanabara na época – o

---

<sup>492</sup> Peggy Rockefeller. 30/06/1967. Jacarezinho: meeting for elections. BR RJ COC LE DP PP 03 V4

<sup>493</sup> Peggy Rockefeller. 30/06/1967. Jacarezinho: meeting for elections. BR RJ COC LE DP PP 03 V4

Jacarezinho. Como manter o sistema ‘in natura’ nestas condições? Por outro lado, é visível o peso da ditadura militar e do regime antidemocrático na atuação em campo e na vida da favela.

Por outro lado, há que se pensar na interferência inversa: partindo do observado para o observador. Tomando este mesmo episódio, pode-se pensar no quanto o constrangimento em campo não teria afetado a observação em si, a sensibilidade do observador ou mesmo aflorado suas pré-concepções ou mesmo suas desconfianças perante os moradores.

Além disso, o episódio leva a pensar sobre a perspectiva interacionista de Goffmann, evocado por Berreman<sup>494</sup>, na qual o controle das impressões, tanto por parte dos antropólogos, quanto por parte dos membros do grupo estudado, determina o sucesso do trabalho. Aqui se vê nitidamente os pesquisadores tentando convencer seus interlocutores de suas intenções acadêmicas, e não políticas. Também se vê a tentativa posterior de desfazer o mal estar por parte daqueles que confiavam nos antropólogos. Vê-se, nesse caso específico, como a interação pode se dar de forma heterogênea em um mesmo sistema social, de modo que foram bem sucedidos no estabelecimento de uma confiança mútua com uma parte de seus interlocutores, e não com outra parte.

Há, porém, outro fato interessante visto entre os recibos de pagamento da rede de luz. Em um deles vê-se o manuscrito “*David, leia esta frase do gato*” e então, a frase impressa no boleto “*o gato é uma invenção do sabido que o tolo paga rindo e paga no vencimento sob pena de corte no dia*”<sup>495</sup>. A frase manuscrita foi feita por um morador bastante conhecido por Leeds e seus assistentes – Flávio Romano, cuja participação nas pesquisas de Leeds será brevemente analisada a seguir. É importante destacar nesse momento o fato de um morador registrar sua observação em um recibo de luz, especialmente dirigido a um antropólogo. É o observado quem aponta para o observador o que ele deve prestar atenção; é ele quem conduz o olhar e a narrativa do etnógrafo nessa situação. O observado passa de uma condição de passividade para uma condição de sujeito ativo na pesquisa - é ele quem observa, não o antropólogo.

---

<sup>494</sup> Berreman, 1962. Op. Cit.

<sup>495</sup> Recibo de pagamento de rede de luz em nome de Flávio Romano. Data: 2/3/1965. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Sem dúvida, essa ocorrência faz, ao menos, questionar até que ponto existe de fato o protagonismo do antropólogo em suas pesquisas. Faz também pensar na questão da autoridade etnográfica tal como colocada por Clifford<sup>496</sup>. Ao considerar o peso da interlocução com os chamados informantes, Clifford enumera trabalhos etnográficos recentes entre 1970 e 1980 que apresentam os processos discursivos da etnografia sob a forma de um diálogo entre dois indivíduos. Um desses, o de Crapanzano, datado de 1980, trata do relato de uma série de entrevistas que rejeita a separação entre antropólogo e interlocutor. Assim, Clifford mostra a possibilidade de colocar a etnografia em um processo de diálogo em que os interlocutores negociam uma visão compartilhada da realidade. Reforça essa visão com o argumento de Crapanzano, de que em qualquer encontro etnográfico há uma construção mútua. No entanto, apesar de afirmar a composição discursiva da etnografia, afirma também que a sua forma textual não será necessariamente a de um diálogo. Mesmo assim, Clifford afirma que qualquer exposição etnográfica contínua inclui uma diversidade de descrições, transcrições e interpretações feita por uma variedade de autores e apresenta como tendência recente na prática e na escrita etnográfica a busca de novos meios de representar a autoridade dos informantes. Aponta a citação dos informantes como a maneira mais comum de expor a produção colaborativa do conhecimento etnográfico<sup>497</sup>. Cabe esclarecer que tais tendências são verificadas bem recentemente, datando das décadas de 1970 e 1980.

Essa discussão é um elemento importante para pensar a prática etnográfica de Leeds, não como uma atitude em que o antropólogo se distancia do grupo estudado, tal como pretendia Leeds e como descrevia como seu ideal em *Quanto vale uma favela*, mas como uma prática de fato dialógica já na década de 1960, expressa não só nessas aberturas dadas aos moradores em sua pesquisa, como também a influência que sua presença em campo exerceu na vida destes moradores.

Na lista de agradecimentos de seu livro *A sociologia do Brasil Urbano*<sup>498</sup>, escrito em colaboração com Elizabeth Leeds, Anthony Leeds menciona o nome de Flávio Romano, morador do Jacarezinho, com quem trocava cartas. Convém lembrar que Romano o ajudara na preparação dos questionários da pesquisa sobre *Formação de*

---

<sup>496</sup> CLIFFORD, James. 2011. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, editora UFRJ. 4ª edição.

<sup>497</sup> Clifford, 2011. Op. Cit.

<sup>498</sup> Leeds e Leeds, 1978. Op. Cit.

*capital nas favelas*, para o projeto *CENPHA-Columbia*. Na parte de seu arquivo depositado na Casa de Oswaldo Cruz, além destas cartas, há também relatórios produzidos por Romano para a Ação Comunitária do Brasil, bem como textos soltos de sua autoria ou mesmo informações dadas por ele e anotadas em folhas separadas das notas de campo. A simples presença desses documentos leva a pensar essa relação de influência mútua entre o antropólogo e o morador. Afinal, se as informações trazidas pelo morador em suas cartas e relatórios não fossem relevantes, para que finalidade, então, guardá-las? Portanto, para além de um personagem presente nas notas de campo, é possível conceber Romano como alguém que extrapola essa relação entre observador e observado. Basta ver o que diz Leeds a seu respeito em dois de seus agradecimentos:

Esta massa de trabalhos não é meramente uma obra minha e de Elizabeth, mas um trabalho em conjunto com inúmeras outras pessoas que contribuíram com idéias, críticas e apoio. É impossível listá-las todas (...), mas gostaríamos de citar os seguintes: (...), o falecido Flávio Romano, que morreu demasiado jovem e cuja grande habilidade nunca foi utilizada devido à estrutura de classes no Brasil, (...).<sup>499</sup>

I have already indicated deep debts and thanks to several people who influenced a whole phase of my life and work: (...) Among the literally hundreds of people who had greater or lesser influence on my thinking about Brazil and wider matters were hat fine intellect and deepest of friends and mentors, (...), the late and much lamented friend, Flávio Roman, ‘Professor of Mockery’ at the ‘University’ of Jacarezinho, the largest squatter settlement in Rio – and endless others.<sup>500</sup>

Do mesmo modo, é possível pensar na importância que teve para Romano a presença de Leeds. No conjunto documental referente à favela do Jacarezinho, não há muitas pistas de quem ele era, qual sua profissão, idade, entre outros dados pessoais. As identidades mais ressaltadas em suas cartas enviadas a Leeds são “*Flávio Favelado*” ou ainda “*Graduate Student of Anthropology – University of Jacarezinho*”, com a observação em seguida “*há, há, há. Gozação*”<sup>501</sup>. No entanto, é possível verificar em alguns documentos a sua inserção dentro da associação de moradores. Romano estava presente em algumas reuniões e, se comparar a menção ou mesmo presença de seu

---

<sup>499</sup> Leeds & Leeds, 1978:22

<sup>500</sup> Leeds, Anthony. *Process, Structure, and Differentiation in Cities and Society*. Mimeo, sd. Pg.8. BR RJ COC LE DP DR 01.

<sup>501</sup> Cartas de Romano para Leeds. 2 e 3 de outubro de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

nome nos documentos da associação de moradores, percebe-se uma maior frequência sua a partir do ano de 1966.

No ano de 1967, Romano participa da Ação Comunitária do Brasil, filial brasileira da agência internacional Acción Internacional/Action Pan American Development Foundation. Esta agência, criada na mesma época do PCV, também se originara nos EUA, sendo uma organização privada composta por empresários paulistas que prestavam assistência aos moradores de favelas para montarem suas organizações, inclusive a associação de moradores onde esta não existia. Leeds também participara da ACB ministrando aulas no curso básico de ação comunal, realizado entre abril e junho de 1967 no Rio de Janeiro e em Caracas. Junto com Leeds, também figuram os nomes de Josephina Albano e José Arthur Rios como instrutores, além do nome do próprio Romano como instrutor assistente<sup>502</sup>.

Romano fazia relatórios de visita para a Ação Comunitária do Brasil – ACB com a finalidade da agência escolher em qual favela trabalhariam. A ACB tinha como política contratar moradores de favelas para assumir o cargo de agente comunitário. No trabalho desenvolvido para a agência, isto é, nos relatórios de visita feitos por Romano, pode-se pensar no quanto da influência de Leeds não estava ali refletida em seus relatórios. Tomando como base um destes, referente à visita à favela Varginha, nas semanas de 13 a 19 de fevereiro de 1967 e de 20 a 26 de fevereiro de 67, percebe-se sua postura enquanto observador, tal como um etnógrafo fazendo observação direta, guardadas as devidas proporções.

Apesar de ser sua função trazer os moradores para o projeto social da ACB, isto é, para montarem organizações de moradores, e de sempre fazer questão de falar sobre os benefícios que trariam para a favela a presença desta agência, Flávio fazia algo semelhante a um trabalho de campo, na medida em que seus relatórios de visita se assemelham a notas de campo organizadas. A seguir, serão apresentadas algumas partes, e não todo, de um mesmo relatório feito por Romano. Foram extraídas somente as partes que interessavam a esta dissertação. Tais trechos, por sua vez, foram reproduzidos *ipsis literis*, sem qualquer interferência ou alteração.

---

<sup>502</sup> Programa de curso básico de ação comunal. BR RJ COC LE DP RA 01. Pg 40 e 42. Público alvo e data não especificados no documento.

Segunda feira, 13/2/67. Perguntava qual os problemas mais importantes que eles tinham, quantos anos eles estavam localizados naquela comunidade, e de que forma conseguiram água, luz e os esgotos, assim sendo eles poderiam conseguir muito mais, tudo dependia deles.<sup>503</sup>

Desta forma, eu fui incentivando os moradores e traçando o rascunho do mapa, conhecendo pessoas e observando o quanto são desorganizados, tomando conhecimentos de ocorrências de tempos passados, como foi elaborado o plano para instalarem a rede de luz, a rede de água, e assim fui descobrindo os que são considerados os líderes local.<sup>504</sup>

(...) e fui chamar o Sr. Manoel Ferreira, e quando cheguei, encontrei a Senhorita Maria de L. de Araújo explicando o que era a nossa organização, que é Ação Comunitária do Brasil. Limitei-me a observá-los, e ao mesmo tempo tomava conhecimentos dos fatos que tinham acontecido anos atrás, e comprovava o que sabia a respeito dos problemas que os moradores tinham me contado, como iniciaram a cabine de luz, como conseguiram água, através de quem, e qual o problema mais importante pra eles.<sup>505</sup>

16/2/67. (...) Fui caminhando em direção ao final da comunidade, que por sinal é de péssimo aspecto, as moradias construídas de madeira coberta de compensado, estive na tendinha do Sr. Osmar e lá encontrei mais duas pessoas (...)<sup>506</sup>

17/2/67. Voltei a Varginha, nesse dia falei com mais pessoas, a primeira pessoa que encontrei foi o Sr. Geninho, convidou a ir a casa dele e para minha surpresa, encontrei a filha dele ensinando um grupo de crianças, entre meninos e meninas, tinha 8 o total. Sr. Geninho e uma pessoa que está recebendo benefício do IAPI, a doença na qual encontra-se impossibilitado de trabalhar e Bico de Papagaio na espinha dorsal e por esse motivo vive de biscate, e a filha o ajuda-o.<sup>507</sup>

Falamos sobre a organização que estava preste a ser ampliada, e ele me disse que o irmão fazia parte como diretor de obras, e neste mesmo dia vim a conhece-lo o Sr. Enoch, falou-me sobre a criação de suínos que para ele era uma pequena renda que tinha e também dos cômodos que alugava a rapazes solteiro, e tinha como profissão um simples cargo de encarregado de obras, mais tarde chegou mais uma pessoa que tem o nome de Sr. Leoncio, também aposentado pelo o IAPI, nesta altura falávamos do canal que existe nos fundos da casa do Sr. Geninho, e o Sr. Leoncio disse o seguinte: a pouco tempo estive

---

<sup>503</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 13/2/1967. Pg1. BR RJ COC LE DP PP 26.

<sup>504</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 13/2/1967. Pg1. BR RJ COC LE DP PP 26.

<sup>505</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 13/2/1967. Pg1. BR RJ COC LE DP PP 26.

<sup>506</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 16/2/1967. Pg3. BR RJ COC LE DP PP 26.

<sup>507</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 17/2/1967. Pg3. BR RJ COC LE DP PP 26.

conversando com algumas pessoas sobre este canal, ali naquele prédio bonito vem pessoas de alto gabarito, e devem olhar para esta beleza, que e um canal e os barracos que dão fundos, e de fora a fora essas casinhas que os moradores usam, sem higiene verdadeira podridão.<sup>508</sup>

20/2/67. Na parte da manhã, fui ao escritório, realizamos uma pequena reunião para tratar o que seria discutido na reunião da favela Varginha, (...). Tive a oportunidade de expor uma tese, que futuramente e terei as resposta, trata-se dos moradores de favelas que estão recebendo beneficio do IAPI, e como o nível social econômico e baixo, e as razões que estes órgão não tomam providencias, ate mesmo contribuindo para o aumento de números de favelas na GB. Baseado no trabalho em Varginha, eu tenho encontrado muitas pessoas nesta situação, positivamente pessoa humildes, chefe de famílias, que lutam com grandes dificuldade, e como tem um salario bem reduzido, são obrigados a morarem nas favelas. Nesta tese que apresentei, a Sta. Maria de L. de Araújo, não esta de acordo, foi quando entramos em debates, para que o Sr. Mark Rogers, entendesse o que estávamos discutindo fui ao quadro negro e fiz uma pequena tabela, que e a seguinte:

a.Salario pago por um dos IAPs ..... Cr\$58,800,

b.Se a mulher trabalha pra fora.....Cr\$30,000,

c.Se ele faz biscate ou pode trabalhar.....Cr\$84,000,

Cr\$172800,

Total: Cr\$172,800

(despesas)

Sendo ele, mulher e quatro filhos para dar o sustento:

Genero de primeira necessidade, (armazém) Cr\$80,000 por mês.

Carne, leite e pão  
Cr\$37,000 por mês.

Cr\$117,000

Não se falando nas despesas aventuais que são despesa de agua, luz, remédios, passagens, sapatos, cigarros e cachaça.<sup>509</sup>

Pelo relatório, percebe-se que Romano possuía algum grau de escolaridade e algum acesso a informação. Cabe ressaltar que fizera treinamento na agência antes

---

<sup>508</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 17/2/1967. Pg3. BR RJ COC LE DP PP 26.

<sup>509</sup> Romano, Flávio - ACB. Relatório de visita a favela Varginha. 20/2/1967. BR RJ COC LE DP PP 26.

mesmo de ir a campo e, não menos importante, tinha inserção na política interna do Jacarezinho, pelo menos na associação de moradores, em cujas reuniões estava presente regularmente. Outro ponto a ser levantado sobre Romano é o fato de ter provavelmente desfrutado de algum tipo de poder durante esse período, uma vez que era através de suas observações em campo que a agência escolheria a favela na qual atuaria. Aliás, apesar da ACB ter como política absorver a mão de obra dos moradores, estes provavelmente deveriam atender a alguns critérios de escolha da agência. Não deveria ser grande o número de moradores que atuavam na agência. Por isso mesmo, pode-se deduzir que o fato de atuar na agência deve ter alterado de alguma forma a sua inserção no Jacarezinho onde morava, nas suas associações e na vida política local.

Como primeira observação das notas de Romano, percebe-se o uso do termo comunidade em vez de favela, em contraposição a Leeds que usava o termo favela ou localidade e não comunidade. O uso de um ou outro termo é tema amplamente discutido entre diversos pesquisadores. Mas o fato é a contradição do uso desse termo por um morador que por vezes assinara suas cartas destinadas a Leeds como Flávio Favelado, dando a entender que talvez pudesse haver uma atitude política nessa auto-referência como favelado, ou ainda, uma afirmação política em relação à favela. Com relação ao uso do termo localidade em vez de comunidade, Leeds afirma:

Pela maioria das definições ou usos comuns, a comunidade, especialmente como um objeto de estudo, é tomada como uma unidade sócio-cultural de algum tipo. Em geral, ela tem sido considerada como uma forma de microcosmo de uma espécie de macrocosmo chamado sociedade total, ou algo equivalente. Sendo assim, os que se dedicam a estudos de comunidade supuseram que estes, por si mesmos, informariam sobre a sociedade total..

Grandes falácias estão envolvidas nessas suposições. Primeiramente, não é auto-evidente que o macrocosmo é estruturado como o microcosmo. (...). Pareceria mais provável axiomáticamente, que os estudos de localidade nos chamados estudos de comunidade constituíssem entidades especializadas, diferenciadas e diversamente inter-relacionadas de uma sociedade total possuidora de mecanismos institucionalizados para uni-las. A partir de tal axioma, fica claro que a organização do microcosmo não pode ser homóloga à do macrocosmo.

Daí se seguiria que o “estudo de comunidade” certamente não pode, em qualquer definição útil de comunidade, dar-nos uma descrição do

macrocosmo, e conseqüentemente que os limites aparentes dos estudos de comunidade estavam sempre deslocados. (...).<sup>510</sup>

(...) Para os objetivos presentes, prefiro o termo localidade a comunidade devido às confusões existentes com relação a este último, usado para designar as etnografias de lugares específicos. (...). O termo “localidade”, todavia, refere-se, no contexto das distribuições geográficas humanas, aos *loci* de organização visivelmente distintos, caracterizados por coisas tais como um agregado de pessoas mais ou menos permanente ou um agregado de casas, geralmente incluindo e cercadas por espaços relativamente vazios, embora não necessariamente sem utilização.(...).<sup>511</sup>

Fica evidente também no registro de sua observação o uso da ironia acerca da “*beleza que e um canal e os barracos que dão nos fundos*”. Não há como saber se o registro desse comentário irônico fora intencional ou se fora resultado de uma vontade de descrever com maior fidedignidade a sua visita à favela. De qualquer maneira, isso conforma um modo de realizar a observação, diferentemente de Leeds. Antes de fazer as visitas, Romano passou um tempo fazendo cursos na ACB, como revelam algumas cartas enviadas a Leeds<sup>512</sup>. Ou seja, recebia alguma orientação antes de visitar as favelas.

Ao ver o relatório, percebe-se que o passeio a pé é usado nos termos de Leeds, isto é, como técnica no fluxo e transmissão de informação. É caminhando livremente que vai encontrando pessoas ao acaso, conhecendo biroscas, associações, casas, famílias, bem como traçando o rascunho do mapa. Também ressalta o registro do fato de ficar observando as pessoas, sobretudo quando outra agente comunitária, Maria de L Araújo, chega antes dele e fala sobre a agência para a qual trabalhavam. Na ocasião, registrou que observava, se informava dos acontecimentos e, ainda, comprovava o que outros moradores tinham anteriormente contando a ele. Também ressalta a identificação dos líderes locais como algo importante.

Ao final do relatório fica clara a vontade de pesquisar ou ainda a construção racional sobre a situação do morador que recebe pensão do IAPI, a ponto de ter elaborado o que chamou de *tese*. Certamente, não era todo morador, ainda mais na década de 1960, que sabia o que era uma tese ou que tivesse ouvido falar no termo, mais usado na linguagem acadêmica e letrada. Supõe-se que esse uso deve ser resultado de

---

<sup>510</sup> Leeds e Leeds, 1978:29

<sup>511</sup> Leeds e Leeds, 1978: 31

<sup>512</sup> BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

seu contato com Leeds ou seus assistentes de pesquisa no Jacarezinho, ou mesmo resultado de seu contato com os integrantes da ACB.

Também é digna de nota a sua autonomia de pensamento e sua atividade na pesquisa ao elaborar a tabela com uma renda familiar hipotética, baseada em suas visitas à favela Varginha. Cabe ressaltar que a elaboração dessa tabela, cujos dados vinham de sua observação em campo, tinha um objetivo: demonstrar que o salário reduzido é um dos motivos pelos quais as famílias vão para as favelas. Ora, esse é um dos aspectos apontados por Leeds em 1968 em seu texto *Quanto vale uma favela*, mais especificamente quando argumenta que a favela é uma solução parcial a problemas como o empobrecimento do trabalhador dado pelo sistema salarial vigente. Em seu questionário produzido para a pesquisa do CENPHA, esse ponto também aparece. Já em suas notas, através de alguns relatos de vida, aparecem mais de qual modo e as razões pelas quais as pessoas foram para as favelas.

Note-se que, na sua atenção para a manutenção da vida material dos moradores estão incluídos como despesas cigarros e cachaça, artigos de uso comum na vida de um morador de classe baixa. Cabe questionar se esses itens figurariam em um orçamento caso fosse feito por algum antropólogo, médico, assistente social, ou qualquer outro profissional, e não por um morador. Isso leva a pensar nos eventuais desencontros entre a observação ou o trabalho do profissional que não vive efetivamente, ou que não compartilha daquelas condições de vida e as demandas reais dos moradores.

Algumas informações semelhantes apresentadas no relatório de visita de Romano também figuram nas notas de campo de Leeds, sobretudo as condições de vida material. Aliás, cabe lembrar que na parte do fundo Anthony Leeds depositado na COC encontram-se vários outros relatórios de visitas de Romano feitos para a ACB, em mais de 50 favelas, espalhados nos dez volumes que compõem o dossiê “*localidades*”. Isto leva a crer que Leeds também usava estes relatórios de visita como instrumentos para a sua pesquisa. Ou seja, havia uma influência mútua entre o antropólogo e o morador, não só no que tange ao relacionamento mais próximo que se consolidara nos anos de pesquisa no Jacarezinho, mas a prática de pesquisa estava presente na vida de Romano e, em alguma medida, o seu olhar sobre as favelas estava presente nos estudos de Leeds.

Provavelmente, fora através de seu contato com Leeds que Romano pôde integrar a equipe da ACB. E, provavelmente, por ter visto nele algum pendor para a pesquisa, que Leeds o colocara em sua equipe no projeto *CENPHA-Columbia* na preparação dos questionários a serem aplicados. O que não há como saber com precisão somente por este material aqui apresentado é se as qualidades requeridas por Leeds para escolher seus assistentes de pesquisa foram vistas desde o primeiro contato com Romano ou se ele foi adquirindo essas qualidades conforme o contato entre os dois foi se estreitando.

De qualquer modo, pode-se pensar não só na interferência do antropólogo sobre o sistema, como também o inverso: a influência do sistema, ou parte dele, sobre o antropólogo ao construir sua narrativa a respeito do sistema que está investigando. Ou seja, a despeito de ter a intenção de fazer uma etnografia na qual a sua presença não interferisse no sistema, pode-se ver a perspectiva interacionista em sua prática científica, tal como fora elaborada por antropólogos dessa linha ainda no mesmo período, tais como Berreman e Goffmann. Mais ainda, é possível ver as brechas abertas pelo antropólogo para que os moradores apontassem o que deveria ser visto com maior atenção, onde o olhar do antropólogo deveria se fixar. Essas brechas se davam não somente nas anotações manuscritas nos recibos de luz e em outros documentos produzidos pelo sistema estudado, mas, sobretudo, nas cartas remetidas, na troca humanitária que extrapola os limites da atividade profissional.

Por outro lado, o fato de se criar um canal de comunicação com os antropólogos, e também o fato de ter atuado em uma agência internacional, exercendo um papel crucial – levar informações para a escolha da favela onde a agência atuaria, deu a Romano outra inserção dentro de seu próprio sistema. Certamente, esse contato e sua atuação na agência, provavelmente fruto desse contato anterior, também deve ter mudado as suas representações sobre a favela onde residia, sobre a política local e sobre as favelas de um modo geral. Logo, a influência do trabalho antropológico na vida desse morador provavelmente extrapola os limites de um laço de amizade, podendo ter mudado a sua subjetividade e as suas representações sobre si e sobre o seu entorno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nesse trabalho procurei estudar a trajetória de Leeds durante a década de 1960, período em que estabelece contatos mais estreitos com cientistas sociais brasileiros e se dedica ao estudo das favelas. Seguindo a metodologia dos círculos concêntricos proposto por Stocking Jr, a contribuição maior desse trabalho é o entendimento dos contextos que conformaram o antropólogo, a construção de sua agenda de pesquisa e de sua atuação nas favelas. Por outro lado, o trabalho mostra a experiência intelectual e profissional que Leeds trouxe para o Brasil na década de 1960 quando estudou as favelas. Mais ainda, dá elementos para compreender o que envolvia e o que significava para um antropólogo norte-americano, com uma carreira já consolidada, estudar as favelas do Rio de Janeiro em um momento marcado pelos debates sobre o desenvolvimento. Este trabalho resulta do cruzamento de dois acervos de um mesmo antropólogo que se encontram custodiados em locais diferentes. Portanto, traz o diálogo desses documentos com a bibliografia sobre os temas que circundam a trajetória de Anthony Leeds durante a década de 1960.

O primeiro ponto a ser destacado nesta dissertação é a identificação do neoevolucionismo como a tradição de pesquisa mais influente nos estudos de Leeds ao longo da década de 1960. Já presente em sua tese de doutoramento, foi a partir dessa linha de pesquisa que se deu a sua crítica aos estudos de comunidade. Ainda que o antropólogo dominasse este método de pesquisa, herança de sua formação culturalista consolidada em Columbia, Leeds reivindicava uma perspectiva relacional para as localidades que estudava e pautava nisso as suas críticas aos Estudos de Comunidade. Será essa perspectiva relacional das localidades, isto é, o estudo de uma localidade em relação a outras localidades próximas, bem como a prioridade dada às condições materiais de vida e ao meio ambiente, os elementos do neoevolucionismo que posteriormente se apresentarão em suas pesquisas nas favelas.

A seguir, foi mostrada na dissertação a mudança de papéis ao longo de sua trajetória na década de 1960. Como se viu, no início da década, por conta de suas atribuições como chefe de estudos urbanos da PAU, era Leeds quem indicava à OEA os centros e projetos de pesquisa que deveriam receber financiamento da agência, além de identificar possíveis bons quadros para trabalhar no órgão. Ao mesmo tempo, também

atuava como elo entre os intelectuais das Américas Central, do Sul e do Norte. Essas atribuições certamente conferiam-lhe maior poder se considerada a situação das ciências sociais no Brasil e na América Latina.

Posteriormente, foi vista a sua atuação de um ângulo oposto, enquanto pesquisador, dentro de uma relação institucional. Isto é, assumindo o outro lado: aquele que elabora a pesquisa, que discute sua orientação teórico-metodológica, que faz a intermediação para a captação de recursos para a pesquisa, que vai a campo coletar os dados para, enfim, dar corpo ao produto final. Nesse sentido, foi importante verificar as possíveis funções de um antropólogo em uma agência internacional, que por sua vez atuava no contexto da Guerra Fria, e o quanto a relação institucional permitia a realização dos projetos de pesquisa. No caso da atuação de Leeds na AID/BEMDOC, ainda que sua contratação como consultor não previsse uma pesquisa propriamente dita, ao menos lhe dava a oportunidade de ter outra porta de entrada nas favelas além daquela já construída nos tempos do PCV.

Por outro lado, a dissertação também mostrou em seguida o quanto as relações institucionais poderiam dificultar ou impor condições de trabalho contraproducentes. No que tange ao caso específico do projeto *CENPHA-Columbia*, coube ressaltar ímpeto produtivo e questionador de Leeds, sobretudo diante do evidente descaso institucional que, se não levou a pesquisa ao completo fracasso, criou fortes obstáculos para a sua realização e para a divulgação de seus resultados.

Na contramão das tendências e dos interesses que regiam as políticas habitacionais da época, a pesquisa de Leeds mostrou um quadro completamente inusitado, ou ao menos inesperado para o BNH e para o governo do Estado da Guanabara. Em tempos de remoção e de estigmatização das favelas, mostrou que elas não eram o celeiro de pobreza, e também constatou a circulação, em cada uma delas, de um capital maior do que o próprio orçamento do estado. Mostrou também o pendor empreendedor de seus moradores, bem como o fato deles próprios terem total controle e autonomia em seus orçamentos. Não deve ter sido com esse intuito que o CENPHA tomou a iniciativa de realizar a pesquisa. Caso os resultados fossem amplamente divulgados pelo órgão oficial que regia as políticas habitacionais, os paradigmas e os

argumentos que viam as favelas como problemas ou como quistos da cidade se desmantelariam.

No terceiro capítulo, a dissertação identifica elementos do neoevolucionismo como modelo teórico de maior influência em Leeds e o debate acerca do desenvolvimento em seus trabalhos sobre as favelas. É o que se vê, por exemplo, quando se compara a perspectiva presente em sua tese sobre a Zona do Cacau e seu texto *Quanto vale uma favela*. No primeiro, Leeds afirma ser a complexidade de demandas de uma localidade proporcional ao seu desenvolvimento, bem como ressalta o caráter relacional destas. Sob a mesma lógica, pensa posteriormente as favelas como lugares que apresentam essa complexidade, daí decorrendo o seu desenvolvimento. As favelas também são pensadas relacionalmente, isto é, são pensadas em suas relações com a cidade e com as outras favelas, e não de maneira isolada.

Provavelmente, poucos teóricos pensavam o desenvolvimento sob uma perspectiva relacional, menos ainda os que viam o potencial de desenvolvimento nas favelas. Lembre-se que a tendência preponderante na época era enquadrar as favelas como modelos do atraso e do subdesenvolvimento, típico das interpretações dualistas.

Partindo da circulação e do volume de capital nas favelas, da complexidade orçamentária e do mercado de trabalho para as mulheres, Leeds percebia diferentes graus de desenvolvimento nas favelas. Sob essa ótica, vê as favelas como algo natural, adaptada às condições externas e de vida material imposta pela sociedade. Parece nítido que, para ele, as implicações do desenvolvimento, isto é, as relações entre as favelas e a cidade, ou entre as favelas, as demandas pela distribuição de bens e serviços era mais importante do que os fatores que impulsionavam o desenvolvimento propriamente dito. Nesse sentido, a originalidade e a contribuição do pensamento de Leeds sobre as favelas, para a época, residem também no modo como ele coloca e vê o desenvolvimento em sua agenda de pesquisa.

Também foi vista, nesta dissertação, a sua etnografia nas favelas, a sua atuação em campo e o modo como fazia sua observação participante em contraste com sua concepção teórica sobre o trabalho etnográfico em si. Cabe destacar, como primeira observação, a influência mútua entre antropólogo e seus interlocutores privilegiados, neste caso, entre Leeds e Flávio Romano. O fato de haver situações em que o observado

indicou ao antropólogo o que deveria ser analisado, ou ainda, a presença de cartas trocadas entre os dois demonstra uma proximidade maior do que uma relação estritamente profissional. Nesse sentido, a atuação de Leeds nas favelas não seguia rigorosamente o que preconizava em *Quanto vale uma favela*. O próprio fato de ter Leeds se associado e contribuído para a associação de moradores do Jacarezinho é algo que demonstra a sua imersão no sistema e também denota alguma interferência neste. Na prática, não só a sua presença em campo, como também a de seus assistentes, eram percebidas e ressignificadas por seus moradores, produzindo algum efeito sobre o sistema. Se ainda for somada a conjuntura histórica e política que viviam as favelas no período, a presença de antropólogos estrangeiros ganhava maior significado para estes moradores.

Vimos não só a imersão do antropólogo no sistema e, naturalmente, uma interferência, como também a influência da presença do antropólogo na vida pessoal e profissional de um morador específico, Flávio Romano. Vimos o quanto a proximidade com Leeds levou Romano a fazer relatórios de campo, a ponto de o antropólogo guardar estes documentos junto com outros relatórios de seus assistentes e com outros materiais referentes às diversas localidades, como um material de pesquisa digno de análise.

No que tange especificamente a Romano, percebe-se a sua presença de forma incomum na pesquisa de Leeds, sobretudo se consideradas as reflexões sobre o trabalho etnográfico feitas na época. Viu-se não só o direcionamento à observação dos assistentes de pesquisa e do próprio Leeds, como foi o caso do recibo da conta de luz, como também a sua participação na pesquisa do projeto *CENPHA-Columbia*. Certamente, não devia ser muito frequente na época esse tipo de abertura dada por um antropólogo para um integrante do sistema observado. Por outro lado, o fato de poder se inserir numa agência internacional que se propunha a realizar projetos de desenvolvimento e organização de comunidade nas favelas, bem como o fato de seus relatórios pesarem na decisão deste órgão sobre onde e como atuariam, certamente conferia a este morador uma posição diferenciada e privilegiada dentro da localidade onde residia e nas outras que visitava.

Ao se considerar todos esses elementos expostos na dissertação, sobretudo aqueles do terceiro capítulo, a obra de Leeds publicada no Brasil *A sociologia do Brasil*

*urbano*, toma uma importância ainda maior. Nesta obra estão condensadas, mesmo não sendo de forma evidente, todas as pesquisas de Leeds feitas ao longo da década de 1960, incluindo as relações institucionais, as condições de trabalho, os percalços em uma de suas pesquisas e a sua etnografia, aqui demonstradas. Reflete, portanto, a sua trajetória profissional, intelectual e pessoal no período.

Não menos importante, a obra também ilustra o que é um casamento completo. Isto é, um casamento no sentido estrito e familiar do termo, como também um casamento científico, sem o qual talvez não fosse possível a elaboração de uma obra de tão grande envergadura. Dito isto, esta dissertação se completaria de fato se fossem analisados os documentos de Elizabeth Leeds, principal colaboradora e companheira de Anthony Leeds, responsável pelo seu renascimento na favela do Tuiuti, bem como pela maturação e refinamento de seus estudos e análises sobre as favelas.

## REFERÊNCIAS/ FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) – Fundo Anthony Leeds.

Arquivo do National Anthropological Archives/Smithsonian Institute – Anthony Leeds Papers.

## INTRODUÇÃO

Inventário – Fundo Anthony Leeds. Fiocruz – Casa de Oswaldo Cruz. Base Arch.

SAAVEDRA, Jacqueline. *Register to the Papers of Anthony Leeds. 1947-1989*. Disponível em <http://www.nmnh.si.edu/naa/fa/leeds.pdf> .

Leeds, A. 1967. *Entrepreneur in Rio's favelas*. BR RJ COC LE DP DR 01.

## CAPÍTULO 1

Carta enviada a Eric Wolf. 7 de outubro de 1965. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general – ethics.

Ementa e bibliografia. Anthropology 1. Winter Semester. September, 1947. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files - undergraduate notes.

Exam. Anthropology 1. 20/10/1947. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files - undergraduate notes.

Midterm examination. Anthropology 1. 12/11/1947. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files - undergraduate notes.

Ementa e bibliografia. Anthropology II. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files - undergraduate notes.

Midterm exam anthropology 2. 19/3/1948. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files - undergraduate notes.

Quiz. Anthropology 2. 19/4/1948. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files - undergraduate notes.

Final examination. 19/1/1950. Anthropology 103. History of Anthropological Theory. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate notes 2 of 4.

Qualifying examination. 23/1/1950. Anthropology 101. General Anthropology. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate notes 2 of 4.

Report for History. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate non anthropology notes 1 of 2.

PhD exam. 18-20/12/1950. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate anthropology notes 4 of 4.

PhD written examination, 10/12/1953. Anthropology. Theory and Concepts. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate anthropological notes 4 of 4.

PhD written examination, 10/12/1953. Physical Anthropology – general. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate notes 4 of 4.

PhD written examination. 11/12/1953. Ethnography – majors. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate notes 4 of 4.

PhD written examination. 11/12/1953. Archeology – Majors. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate notes 4 of 4.

PhD written examination. 11/12/1953. Linguistics – Majors. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – graduate notes 4 of 4.

*Research and problems in the Cacao Zone.* NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 2, subseries Cacao Zone, box 17 - relatories.

*Seminar.* NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4, subseries student files – anthropology notes 2 of 2.

*Process, structures and diferenciation in cities and society.* BR RJ COC LE DP DR 01.

## CAPÍTULO 2

*Memorandum N°20.* May 4, 1962. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

*Report on meeting of the comité director of the CENTRO and FLACSO.* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

*Program of urban development. Annual report for 1962.* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

*Informe sobre diversos asuntos tratados por Palerm en Montevideo, Rio de Janeiro, Lima México, Bogotá y San Juan de Puerto Rico; por Crevenna en Buenos Aires, Santiago y Bogotá.* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

*Draft budget proposal.* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

June 30, 1963. Theo Crevenna. Anthony Leeds. *Quarterly Report, April-June, 1963.* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

*Report on trip to Hillsdale and Alma Colleges.* March 10-15, 1962. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

April 1, 1963. Theo Crevenna. *Talks to Middlewestern Colleges.* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

Carta de Manuel Diegues Jr a Felipe Herrera. 9/11/1961. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

Carta de Anthony Leeds para Manuel Diegues Jr. 3/11/1961. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

*Report on trips (Latin America, November 17-December 22, 1961. Denver, Tucson December 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

Appendix C. *Report on trips (Latin America, November 17-December 22, 1961. Denver, Tucson December 26-January 5, 1962. New York, New York, January 18-22, 1962).* NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 31, OAS.

### CAPÍTULO 3

Leeds, A. 1967. *Entrepreneur in Rio's favelas*. BR RJ COC LE DP DR 01.

*Amendment n 2 to contract between the United States AID mission to Brazil and Anthony Leeds*. 20/5/1966. 30/6/1966. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 30 – AID.

*Contract between The United States of America and Anthony Leeds*. 4/5/1966. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 30 – AID.

Carta de Josephina Albano para Leeds. 20/5/1966. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 30 – AID.

Carta de Maria Lucia Monnigo para Leeds. 4/7/1966. NAA/Anthony Leeds Papers/Series 5, subseries general, box 30 – AID.

Carta de Lawrence Salmen para Chester Rapkin. 15/4/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Chester Rapkin para Leeds. 18/4/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Josephina Albano para Leeds. 3/5/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Chester Rapkin para Leeds. 18/4/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Josephina Albano. 8/5/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Questionário. Universidade de Columbia e Texas. Centro de Pesquisas Habitacionais. Pesquisa sobre economia domiciliar. BR RJ COC LE DP RA 06.

Carta de Leeds para Rapkin. 19/6/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Rapkin para Leeds. 25/6/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Claudio Arenas. 4/10/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Lawrence Salmen. 4/3/1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Jo, Virginia e Pee Wee. 3/11/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Arenas para Leeds. 7/10/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Lawrence Salmen. 4/11/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Arenas. 30/3/1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Theo Crevenna. 2/10/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Patrick Crooke. 16/10/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para Arenas. 3/11/1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

NAA/Anthony Leeds Papers/series 4, subseries teaching materials, box 25, Brazil and Latin American Courses.

Carta de Leeds para Roberto Cardoso de Oliveira. 20/7/1968. NAA/Anthony Leeds Papers/series 5, subseries general, box 30 – Ford Foundation.

Lista de cursos. Anexo à carta de Leeds para Roberto Cardoso de Oliveira. 20/7/1968. NAA/Anthony Leeds Papers/series 5, subseries general, box 30 – Ford Foundation.

Carta de Roberto Cardoso de Oliveira para Leeds. 18/10/1968. NAA/Anthony Leeds Papers/series 5, subseries general, box 30 – Ford Foundation.

Carta de Leeds para Lawrence Salmen. 4/3/1969. BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta de Leeds para William Gormbley. 14/2/1969. NAA/Anthony Leeds Papers/series 5, subseries general, box 30 – Ford Foundation.

Carta de Leeds para W. D. Carmichael. 20/1/1970. NAA/Anthony Leeds Papers/series 5, subseries general, box 30 – Ford Foundation.

Jornal Última Hora. 22/8/1968. BR RJ COC LE DP DR 03.

Jornal Última Hora. 23/8/1968. BR RJ COC LE DP DR 03.

Leeds, A. 1980. *Renaissance*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6, subseries biographical materials, box 33 – Poetry.

Carta de David Trubeck a Portella Neto. 19/7/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Leeds, A. 1968. *Quanto vale uma favela*. BR RJ COC LE DP DR 02.

Notas de campo manuscritas – Anthony Leeds. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Atas de reunião do Conselho de Representantes de Rua. 1/9/1965 e 13/10/1965. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Notas de campo datilografadas. Peggy Rockefeller. David Morocco. 20/6/1968 a 7/7/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Recibos de pagamento de rede de luz em nome de Flávio Romano. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Cartas de Flávio Romano para Leeds. 2 e 3 /10/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Leeds, A. sd. *Process, structure and differentiation in cities and society*. Mimeo. BR RJ COC LE DP DR 01.

Programa de curso básico de ação comunal. BR RJ COC LE DP RA 01.

Relatório de visita à Favela Varginha. Flávio Romano – ACB. 13 a 20/2/1967. BR RJ COC LE DP PP 26.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMAN, S. B. *Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil*. São Paulo, Cortez Editora, 11<sup>a</sup> edição. 2009.
- ARRUDA, M. A. do N. “A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’ ”. In MICELI, Sérgio (org.). 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Volume 2. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1995, pp. 107-232.
- AZEVEDO, C. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. SP, Alameda, 2007.
- AZEVEDO, T. de. “Apresentação”. In: LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar editora, 1978, pp. 7-10.
- BERREMAN, Gerald. “Por detrás de muitas máscaras”. In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1962, pp. 123-174.
- BOHANNAN, P. “O progresso da antropologia”. In: ZALUAR, A. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1966, 1980, pp. 245-257.
- BOLAFFI, G. “Para uma nova política habitacional e urbana: possibilidades econômicas, alternativas operacionais e limites políticos”. In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pp. 167-196.
- BRUM, Argemiro J. *Desenvolvimento Econômico Brasileiro*. Petrópolis, Vozes; Ijuí, Editora Unijuí, 25<sup>a</sup> edição, 1997.
- CASTRO, E. G. de ‘Estudos de Comunidade’: reflexividade e etnografia em Marvin Harris. *Revista da Universidade Rural. Série Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, V.23, n.2, jul/dez. 2001, p195-210.
- CICOUREL, Aaron “Teoria e método em pesquisa de campo”. In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1969, pp. 87-122.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 4ª edição, 2011.

CONSORTE, Josildeth Gomes; PEREIRA, João Baptista Borges. Entrevista com Josildeth Gomes Consorte e João Batista Borges Pereira. TORRES, Lílian de Lucca. *Revista Ponto Urbe* 6. São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana/USP, Ano 4, 2010.

CONSORTE, J. G. “Lembrando Costa Pinto: memória das ciências sociais no Brasil”. In: MAIO, M. C. e VILLAS-BÔAS, G. (org.) *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 1999, pp. 39-48.

CORREA, M. “A Antropologia no Brasil (1960-1980)”. In MICELI, S. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol.2. São Paulo, Ed Sumaré: FAPESP, 1995, pp. 25-106.

DURAND, J. C. G. (org.) *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004, p 29-60.

FIGUEIREDO, R. E. D. *Histórias de uma Antropologia da “Boa Vizinhança”: Um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas interamericanos de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960)*. 291f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, SP, 2009.

FOOTE-WHYTE, William “Treinando a observação participante”. In: Zaluar, A. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora. 2ª edição, 1943, 1980, pp. 77-86.

GERMANI, Gino. “Classes Populares e democracia representativa na América Latina”. In: PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963, 1969, pp. 207-228.

GRACIARENA, Jorge “Pressões internas, instabilidade política e desenvolvimento econômico na América Latina”. In: PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1964, 1969, pp. 121-156.

HAGEN, Everett. 1957. “O processo de mudança”. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1957, 1967, pp. 27-40.

HARRIS, Marvin. Entrevista concedida a Antonio Colaganni. Tradução: Juan Antônio Matesanz e Mario Merlino. *Nueva Sociedad*. Número 79, Setembro/Outubro, 1985. Disponível:

[http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados\\_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9](http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9). Acesso em: 3/6/2013. Também integra capítulo do livro: En: Leviatan: Revista de pensamiento socialista. - [Madrid: Fundación Pablo Iglesias, 1934-2001] = ISSN 0210-6337. - II Época, n. 20 (Verano 1985), p. 65-78

HOLANDA, S. B. de *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 26ª edição, 1995.

HOSELITZ, Bert. “O desenvolvimento econômico na América Latina”. In: PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962, 1969, pp. 229-247.

HOSELITZ, Bert “Os principais conceitos da análise das repercussões sociais da evolução técnica”. In: DURAND, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963, 1967, pp. 41-64.

JOSEPH, Isaac “A respeito do bom uso da Escola de Chicago”. In: VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998, 2005, pp. 93-128.

JOSEPH, Isaac “A Escola de Chicago”. Entrevista concedida a Licia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima. In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, pp. 69-92.

LAHUERTA, Milton “Marxismo e vida acadêmica: os pressupostos intelectuais da crítica uspiana ao nacional-desenvolvimentismo”. In: BOTELHO, A. BASTOS, E.R., VILLAS BÔAS, G. *O moderno em questão. A década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2008, pp. 311-356.

LAMBERT, Jacques “Obstáculos ao desenvolvimento decorrentes da formação de uma sociedade dualista”. In: DURAND, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1960, 1967, pp. 65-72.

LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth A *Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar editora, 1978.

LIMA, Nísia V. T. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro – políticas de estado e lutas sociais*. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1989.

LOPES, Juarez R. B. “A Escola de Chicago ontem e hoje. Um depoimento pessoal.” In: VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, pp. 23-52.

LOUREIRO, Felipe P. Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). *Economia e Sociedade*, Campinas, v.22, n.2 (48), agosto, 2013a, p.547-576.

LOUREIRO, Felipe P. O Plano Trienal no contexto das relações entre Brasil e Estados Unidos (1962-1963). *Revista de Economia Política*, vol.33, n.4 (133), outubro/dezembro, 2013b, p.671-691.

MACHADO DA SILVA, L. A. “A partir do relatório da SAGMACS: as favelas, ontem e hoje”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, pp. 51-64.

MAIO, Marcos Chor *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência Política), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, vol.26, nº3, setembro/dezembro, 2011a, p.521 a 550.

\_\_\_\_\_. Ciências Sociais e saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1950). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011b, pp. 1-13.

MAIO, M. C. e VILLAS-BÔAS, G. (org.) *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 1999.

MASSI, F. Brazilianismos, ‘brazilianists’ e discursos brasileiros. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, 1990, p-29-4.

MENDOZA, E. G. *Sociologia da antropologia no Brasil. A década de 1970*. 342f. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

MICELI, S. (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1995.

MICELI, S. “O cenário institucional das ciências sociais no Brasil”. In: MICELI, S. (org.) 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1995, pp. 7-24.

MOREIRA, R. da L. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, 1990, p-66-74.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de As Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In MICELI, S. (org.) 1995. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Editora Sumaré: FAPESP, 1995, pp. 233-308.

- PATTERSON, Thomas C. *A social history of anthropology in the United States*. Oxford, Berg/Oxford International Publishers Ltd, 2001.
- PERROUX, F. 1962. “O desenvolvimento”. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962, pp. 17-26.
- PINTO, L. A. C. e BAZZANELLA, W. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.
- PONTES, H.A. Brasil com Z. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, 1990, p-45 a 65.
- RANGEL, Tamara e LIMA, Nísia Trindade A capital federal nos altiplanos de Goiás – medicina, geografia e política nas comissões de estudos e localização das décadas de 1940 e 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 24, n° 47, janeiro-junho, 2011, p.29-48.
- RIBEIRO, Darcy *O processo civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural*. São Paulo, Companhia das Letras; Publifolha, 2000.
- RIOS, José Arthur “Aspectos Humanos das Favelas Cariocas – 50 anos: uma avaliação”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, pp. 35-50.
- ROCHA, Dario do Carmo. *A Carta de Punta Del Este: as idéias positivistas nas reformas educacionais e no plano de segurança nacional orquestradas na década de 1960*. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. 13 a 15 de outubro de 2005. UNIOESTE – Campus de Cascavel – PR.
- SANJEK, R. “The holistic anthropology of Anthony Leeds”. In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek, 1994, pp. 27-45.
- SANTOS, C. N. F. “Velhas Novidades nos Modos de Urbanização Brasileiros”. In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pp. 17-48.

SIEBER, R. T. "The life of Anthony Leeds: unity in diversity". In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek, 1994, pp. 3-26

STAVENHAGEN, Rodolfo. "Sete teses equivocadas sobre a América Latina". In: DURAND, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965, 1967, pp. 121-136.

STOCKING Jr., G. W. *Franz Boas. A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto; UFRJ, 2004.

STOCKING JR, G. W. *Glimpses into my own black box. An exercise in self-deconstruction*. Series: History of Anthropology v.12. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 2010.

VALLADARES, L. do P. "Introdução". In: VALLADARES, L. do P. *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pp. 11-16.

VALLADARES, Lícia do Prado *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005a.

VALLADARES, L. do P. "Apresentação". In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005b, pp. 11-22.

VALLADARES, Lícia do Prado "A descoberta do trabalho de campo em 'Aspectos Humanos da Favela Carioca'". IN: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, pp. 65-100.

VELHO, Gilberto "Reflexões sobre a Escola de Chicago". In: VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, pp. 53-68.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, problemas e práticas*, n 59, 2009, p 11-18.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana* 17(1): 161-185, 2011.

VIEIRA, Tamara Rangel. No coração do Brasil, uma capital saudável – a participação dos médicos e sanitaristas na construção de Brasília (1956-1960). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.16, supl.1, julho, 2009, pp.289-312.

VILLAS BÔAS, G. *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2006.

ZALUAR, A. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

## ANEXO

1-053. side favela too w. co's. No ?b, no light direct, no c?iero, no fiscalização na porta – as in último caso – Har to go look for ground, não colégio, nem ambulância, água ilícita, terreno [almost recop?ido] ilícito, luz quase ilícito – para ser explorado, mas sem alegrmt. Meio ?ficulado – Gracinha de Sá, Joaquim Silva. Ma. Do Carmo – Caixa da água w. shower; old bath tub, + 2 concrete tubs, 2 50 gallon tins, bico de água whith fills barrels - # pipes runing around, sink w. fonicot in kitchen. C?ts and pipes are ? loose sections. Chicken in s?ile yard and in back.

1-054. Samuel – caso do homem, presbyterian, tornado preso por ser suspeito haver matado um vigia da casa da banha. S. convencido que é inocente. Mandato de segurança para descobrir onde está. Toda policia esconde – all den?ing knowledge of his coberbants. Could even be dead. Fa?ing. 5 ma?ing protest him O Jornal. Also protest of cost of light and photostat of light's bill contrast w. charges. Go to gov – do it right – refused to consider jallig w. M. Genuino who also wants to protest “I do it right”. Aguinaldo Zinho – member of old assoc w ? and talked w Vargas at NTM ensayo. Genuino”golpe em cima de golpe” – Nelson, Hermes, Aguinaldo – dictator. Cohab conselho died – didn't do anything; ? ?; ass. Soc. coming up to explorer.

1-055. Ramos says that w. 1 of 2 bil Cr\$ COHAB had for Jac he could have already put in the water over all Jac in 500 people d?zing val? ?. dec. 9 1965.

1-062. The light account has sums of \$ contributes to the padres. Methodist. Presbyterian. Assembleia de deus. Congregacional. Catholic. Igreja de Deus. Macumba. Batista. Testemunha de Jeová. (spiritismo sci). Adventista. Sabbatista(?)

2-007. 30/III/66 = Jonas on ? – Jac. COPEG on COHAB + LXIII. Na parte social mais “vos” coordenadno – obras- Ramos, Padre Nelson. Délio arrived to see flagelados from V. Geral cant i?plit -? ? ? - ? about web(?). School in quadra. Meeting b?w. Hortencia, Délio, Nelson, pres. COHAB, Ramos to be l?; date ?et marked. CEDAG dir coming today – but water to be put in w esgotos and both dep? In w?b?g?ts. Flávio – to be f?ine nem hour to pay 10 yea? Of imposto, says Flávio. Cant pay that at once – favelado imposto de campeão – tirar escritura – para traz . Private phone cant have here. “Quer sempre subir, não descer” – s?tech? humanitário e \$.

2-012. Jac. 11/IV/66. Jairo – Someone indicated Nelson's name as candidate – but he thanks, said no, and wants to star w spiritual work. Ca 200 people at meeting at church – credo by Nelson for p?p?. Urubu, NB, Jac, X, Y pres of 5 favelas elected at DRF. Jim asked if compla?ts would be them council a ind. Jairo that ind. Nabo, Ramos, Epitácio, Sebastião [1<sup>st</sup> sec], Vergolino, Jairo Gonçalvez. Nabo or Ramos prdo pres. If Nelson asks church members to vote for Ramos – Hill win. Ma José rep if ?a – part of ? clubs – vice pres candidate w Nabo. Flavio as vice pres com Ramos. Jairo (vp/rep)-Cruz(/rep/vp). Epitácio (rep/vp) – João Turiba (rep/vp). Sebastião(rep/vp) .

2-030. Jairo – Jac – planning to build house – 2 wo story – now leving behind - plans to enlarge store – mabe work room in bach –with costureira to make confecções. Hasn't yet made orçamento – titulo precário – Has no fear of expanding – even tho not legalized. Very much wants legalization despite fact that urrell(?) here(?) to pay taxas – to know that property absolutely his – would how much greater value - \$ wise.

2-031. Flavio. Private casa de saude. Described attempts at getting ambulance for wife to go to maternidade – IAPI – gave him run around, was asked to wait 24 hrs – Flavio says – institutos – Created for those who cant or don't ?a?e time to know rights. O brasileiro não procura o que interesse ele.